

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA MESTRADO PROFISSIONAL

SIMONE MUNIZ DA SILVA

A POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL DA UFRPE:

Uma análise de 1990 a 2005

RECIFE
2023

Simone Muniz da Silva

A POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL DA UFRPE:
Uma análise de 1990 a 2005

Relatório de Trabalho de Conclusão de Mestrado Profissional em História, da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial de desempenho para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Helder Remigio de Amorim

RECIFE
2023

S586p Silva, Simone Muniz da
A política de assistência estudantil da UFRPE: uma
Análise de 1990 a 2005 / Simone Muniz da Silva, 2023.
209 f. : il.

Orientador: Helder Remigio de Amorim
Relatório técnico (Mestrado) - Universidade Católica
de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em História.
Mestrado Profissional em História, 2023.

1. Pernambuco – História - Aspectos sociais.
2. Universidade Federal Rural de Pernambuco - Estudantes.
3. Ensino superior - Aspectos sociais. I. Título.

CDU 981.34

Luciana Vidal - CRB4/1338

FOLHA DE APROVAÇÃO

Simone Muniz da Silva

**A POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL DA UFRPE:
Uma análise de 1990 a 2005**

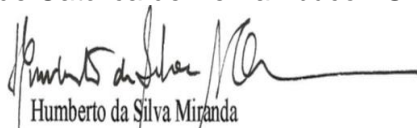
Trabalho de conclusão de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado Profissional da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História

Aprovada em 31/ 03 / 2023

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Helder Remigio de Amorim (Orientador e Presidente da Banca)
Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP



Humberto da Silva Miranda

Prof. Dr. Humberto da Silva Miranda (Membro Externo)
Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE



Prof. Dr. Tiago, da Silva Cesar (Avaliador interno)
Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP

**RECIFE
2023**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que fazem o Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em História (PPGH) - Unicap, pelo respeito e atenção aos discentes.

Agradeço, em especial, ao meu orientador, Prof. Dr. Helder Remigio, por ter escolhido meu trabalho para orientar e pela atenção, educação e paciência de sempre.

Aos professores que aceitaram fazer parte da minha banca, Prof. Dr. Tiago da Silva Cesar e Prof. Dr. Humberto da Silva Miranda.

A todos que colaboraram para a realização deste estudo: meus colegas de trabalho que se dispuseram a ser entrevistados, aos estudantes egressos e ex-residentes das casas de estudante que contribuíram com suas percepções sobre a política.

À minha chefia imediata na UFRPE, pela liberação e entendimento durante a execução dessa pesquisa.

À minha companheira e à família por estarem ao meu lado e me apoiarem sempre.

E a todas as pessoas que, em algum momento, me incentivaram e me apoiaram na produção desse trabalho.

RESUMO

Esta pesquisa trata da Política de Assistência Estudantil na Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. As ações de assistência estudantil foram executadas no ensino superior, desde os anos 70, na UFRPE, pelo Departamento de Assistência Estudantil – DAE. Posteriormente, com a criação do Plano Nacional de Assistência Estudantil – PNAES, a assistência passou a ser responsabilidade da Pró-Reitoria de Gestão Estudantil, em 2006. Atualmente, o PNAES está sedimentado como política nacional em todas as Universidades federais e Institutos Federais de Ensino Superior - IFEs. Desse modo, o objetivo desse estudo foi analisar a constituição da política de assistência estudantil da Universidade Federal Rural de Pernambuco, entre os anos de 1990 e 2005, período anterior ao PNAES. Para tanto, tomamos como procedimentos metodológicos a história oral, na análise das entrevistas, e a técnica de análise de conteúdo (BARDIN) às respostas do questionário aplicado aos ex-usuários das ações de assistência estudantil. Concluímos que a política de assistência estudantil teve sua execução e desenvolvimento fortemente marcados pela conjuntura política econômica, em âmbito nacional, com o neoliberalismo e pela cultural política institucional da UFRPE, através dos ideais conservadores sobre permanência no ensino superior.

Palavras-chave: Política de assistência estudantil; UFRPE; Departamento de Assistência Estudantil.

RESUMEN

Esta investigación trató sobre la Política de Atención al Estudiante en la Universidad Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. Insertadas en la política de educación superior, las acciones de atención al estudiante fueron realizadas, a partir de la década de 1970, en la UFRPE por el Departamento de Atención al Estudiante - DAE hasta la transformación de este departamento en Prorectorado en 2006, como resultado de las primeras iniciativas para la creación del Plan Nacional de Atención al Estudiante - PNAES. Actualmente, el PNAES se encuentra establecido como política nacional en todas las Universidades e Institutos Federales de Educación Superior - IFE. El objetivo de este estudio, sin embargo, fue analizar la constitución de la política de asistencia estudiantil de la Universidade Federal Rural de Pernambuco de 1990 a 2005, período anterior al PNAES, para lo cual tomamos como procedimientos metodológicos la historia oral en el análisis de los entrevistas y la técnica de análisis de contenido (BARDIN) a las respuestas del cuestionario aplicado a ex usuarios de acciones de atención al estudiante. Concluimos que la política de atención al estudiante tuvo su ejecución y desarrollo fuertemente marcado por la coyuntura político-económica a nivel nacional, con el neoliberalismo y por la política institucional cultural de la UFRPE, a través de ideales conservadores sobre la permanencia en la educación superior.

Palabras-claves: Política de Atención al Estudiante, UFRPE, Departamento de Atención al Estudiante.

LISTA DE SIGLAS

DAE	– Departamento de Assistência Estudantil –
DASE	– Divisão de Atividades Socioeconômicas
DATE	– Divisão de Atividades Especiais
FONAPRACE	– Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis
IFES	– Instituição Federal de Ensino Superior
MEC	– Ministério da Educação
PNAES	– Programa Nacional de Assistência Estudantil
PROAD	– Pró-reitoria de Administração
Progest	– Pró-reitoria de gestão estudantil
Progesti	– Pró-reitoria de gestão estudantil e inclusão
RU	– Restaurante Universitário
UFRPE	– Universidade Federal Rural de Pernambuco
URP	– Universidade Rural de Pernambuco

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
1.1. Breve história da UFRPE	15
2. DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA	19
2.1. O Departamento de Assistência Estudantil – DAE e as ações da política institucional de assistência estudantil	22
3. DISCUSSÃO SOBRE O FORMATO	62
4. APRESENTAÇÃO DO PRODUTO	63
5. APLICAÇÃO DO PRODUTO	66
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
7. LISTAGEM DOS ACERVOS E FONTES	69
8. REFERÊNCIAS	70
9. APÊNDICES	76

1. INTRODUÇÃO

O tema da nossa pesquisa é a política de assistência estudantil na Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, compreendida entre os anos de 1990 e 2005. A assistência estudantil no ensino superior brasileiro é concebida por uma política que vem se consolidando enquanto direito a partir de meados dos anos 2000: em 2007, com a criação do Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), por meio da Portaria Normativa nº 39/2007, do Ministério da Educação – MEC, e, depois, por sua regulamentação, com o Decreto nº 7.234/2010.

A Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE seguiu o movimento de criação do PNAES, política de extrema importância para a permanência dos estudantes da graduação que vivem em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

Atualmente, na UFRPE, a política institucional de assistência estudantil é baseada no Decreto nº 76234/2010 e desenvolve ações e programas delineados por normas institucionais específicas, contando minimamente com um corpo técnico de servidores especializados e um orçamento próprio. No entanto, nem sempre essa foi a realidade da assistência estudantil na UFRPE.

Ao ingressar na UFRPE como servidora, no ano de 2008, atuamos, desde então, na assistência estudantil. Enquanto Assistente Social, lidamos diretamente com as ações e programas da política de assistência aos estudantes. Em conversas com funcionários mais antigos da instituição, tomamos conhecimento de que, apesar de a assistência estudantil ter sido instituída como direito em período recente, diversas iniciativas se mostraram presentes em períodos anteriores, surgindo, daí o interesse pelo período e tema estudados.

No momento inicial da pesquisa, sentíamos a necessidade de imergir na assistência estudantil através de um período em que o país vivenciava o seu processo de redemocratização; a saída dos governos ditatoriais e chegada da doutrina neoliberal, por nos parecer um período viável para a realização do estudo, já que dispunha de elementos que certamente vieram a contribuir nas demandas que a sociedade colocava às instituições.

No entanto, em um segundo momento, e começando a entender que aquele quadro histórico dialogava com o período recente brasileiro, conhecê-lo seria também compreender permanências em relação aos desdobramentos atuais, tanto da própria política institucional quanto do quadro político-social do país. Assim, nossa principal questão foi entender como se constituiu a assistência estudantil na Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE e suas relações com o contexto histórico, político-institucional e social da época.

Diante disso, o presente estudo se destinou a analisar a constituição da política de assistência estudantil da UFRPE no período anterior à implementação do PNAES, mais precisamente nos quinze anos que antecederam a criação da Pró-reitoria de Gestão Estudantil-Progest, hoje denominada Pró-reitoria de Gestão Estudantil e Inclusão - Progesti. Da análise da constituição da política na instituição surgiram outros questionamentos: Qual o alcance social dessa política? Como ela poderia ser descrita em sua relação à cultura política institucional? Quais práticas a ela vinculadas?

Por meio dessas questões, fomos orientando nosso estudo e percebendo que estudar a constituição de uma política pública, a princípio, pode parecer algo pragmático, porém não o é; na assistência estudantil, por exemplo, não se lida apenas com a carência de dinheiro do estudante para pagar a passagem, mas com sonhos, projetos de vida, com o enfrentamento da desigualdade social. São os atendimentos diários aos usuários que nos permitem, enquanto trabalhadores da política, refletir sobre a chaga de um país que historicamente relegou à população mais pobre o acesso e permanência no ensino superior.

Pesquisar sobre assistência estudantil é reencontrar com seus desafios. Dentre eles, as necessidades que não cabem em uma legislação ou as demandas tão inéditas quanto as estratégias que podem ser desenvolvidas, trabalhando com as expressões da “questão social”¹: e isso é permanente. E, nesse processo de conhecimento, foi imprescindível localizá-la no espaço temporal, no qual ela se originou da forma que a conhecemos hoje.

Do ponto de vista teórico, orientamo-nos pela relação intrínseca proposta pelo filósofo Paul Ricoeur, entre história e memória, quando dispõe que suas dimensões complementares não se confundem nem se excluem, já que a História, enquanto ciência, age na regulamentação crítica da memória que, por sua vez, remetida pelo testemunho, é fonte que atesta a existência do passado – testemunho atravessado por um tempo histórico, acompanhado pela presença dos sujeitos, indispensável à produção histórica científica.

Teoricamente, fomos orientados também pelo pensamento dos autores François Dosse (2012) e Le Goff (1990).

Ao localizarmos nosso estudo no campo do tempo presente, compartilhamos do entendimento de que “O conceito remete em sua acepção extensiva ao que é o do passado e nos é ainda contemporâneo, ou ainda, apresenta um sentido para nós do contemporâneo não

¹ A questão social é a aporia das sociedades modernas que põe em foco a disjunção, sempre renovada, entre a lógica do mercado e a dinâmica societária, entre a exigência ética dos direitos e os imperativos de eficácia da economia, entre a ordem legal que promete igualdade e a realidade das desigualdades e exclusões tramada na dinâmica das relações de poder e dominação (TELES, 1996, p. 85).

contemporâneo” (DOSSE, 2012, p. 11). A “simples” existência de uma política de assistência estudantil na UFRPE representa questões latentes que perpassam pela instituição e refletem a sociedade na qual está inserida; essa política tem um potencial público-alvo que vivencia desigualdades sociais, ainda duradouras, que dificultam o acesso e permanência ao curso superior.

Além disso, recentemente, as universidades federais vêm sofrendo a ofensiva da política econômica governamental, que reduziu consideravelmente o orçamento das Instituições Federais Públicas de Nível Superior, fenômeno que se observou durante todos os anos 90 e início do anos 2000, esses cortes no orçamento já têm afetado, ao longo dos últimos anos, significativamente a oferta de benefícios da assistência estudantil em âmbito nacional e ameaça as ações desenvolvidas pela UFRPE, realidade que nos remete aos tempos das inflexões iniciais do neoliberalismo² na política e economia brasileira, assumidas também pelos governos atuais.

Em carta aberta no mês de junho de 2022, o Consórcio Pernambuco Universitas³, composto pelo Instituto Federal de Pernambuco e pelo Instituto Federal do Sertão Pernambucano, alertou sobre a ofensiva do governo federal, com o último corte de 14,5% no orçamento na educação superior.

Agrava-se, com os cortes atuais, a já insuficiente capacidade financeira para assistência aos (às) estudantes em situação de vulnerabilidade social e econômica agravada pela pandemia e pelo desemprego que assola o País. A contínua e sistemática política de ataques às Universidades e Institutos Federais compromete não apenas a preservação e manutenção do patrimônio público de infraestrutura física e de equipamentos, forjado ao longo de décadas de esforço coletivo e de investimento em educação, ciência e tecnologia, mas coloca em risco a formação da juventude, a atuação dedicada dos (as) cientistas e da ciência brasileira, ou seja, coloca em risco o futuro do País (UFPE, 2022).

Ao nos direcionarmos na compreensão de uma política institucional, foi imprescindível, como em qualquer estudo, lançarmo-nos à investigação de seus documentos escritos, que orientam e normatizam a organização das práticas.

² Conceito construído para definir o conjunto de projetos econômicos liberalizantes que marcaram os governos Margareth Thatcher (Inglaterra) e Ronald Reagan (Estados Unidos) na década de 1980, o neoliberalismo abarca propostas como equilíbrio fiscal, quebra de monopólios, redução do poder dos sindicatos e da intervenção do Estado na economia, entre outras, e foi sendo gradualmente adotado nos países latino-americanos, principalmente a partir dos anos 1990 (FIORI, 2001 apud FERREIRA e DELGADO, 2018, p. 229).

³ Consórcio Pernambuco Universitas, criado em 2014, é um convênio pioneiro no país, cujo objetivo é promover a cooperação técnica, científica, educacional e cultural entre Universidades e Institutos Federais do Estado de Pernambuco (inicialmente pela UFPE, UPE, UFRPE, UNICAP e UNIVASF e com ampliação em curso incluindo IFPE, IFSertão - PE, UFAPE), visando o desenvolvimento e a execução conjunta de programas e projetos e o intercâmbio em assuntos educacionais, culturais, científicos e tecnológicos (IFPE, 2014. ifpe.edu.br. Disponível em: <https://www.ifpe.edu.br/noticias/Jornada_comemorativa_do_centenário_de_Paulo_Freire>).

Iniciamos pelo Estatuto⁴ e Regimento da UFRPE, que nos direcionaram para a localização legal da assistência estudantil, pois indicaram em seus artigos 88 (Estatuto), 134 e 135 (Regimento) como deveria ser a assistência aos discentes, até então denominados de baixa renda e carentes. Foram nessas fontes, também, que soubemos que o Departamento de Assistência Estudantil - DAE, setor responsável na Universidade pela administração de assistência ao estudante, compunha os órgãos executivos da Administração Geral da UFRPE e que sua constituição e atribuições estavam contidas no Regimento da Reitoria de 1975.

Assim, fomos seguindo os sinais deixados por essas duas categorias de documentação e chegamos às demais, como as resoluções e normativas que envolviam as ações de assistência estudantil, os relatórios de gestão, dentre outros.

Nessa etapa da junção de fontes, destacamos a dificuldade em localizar os documentos escritos específicos da assistência estudantil. Sobre o restaurante universitário, não encontramos nenhum documento recente à época do período estudado que deliberasse sobre seu uso e funcionamento. Os registros oficiais sobre o RU encontrados são dos anos de 1980, com destaque para a documentação mais próxima: Resolução nº30/83, que aprova o Regimento de restaurante universitário da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Enquanto à residência universitária, a resolução nº 92/1990, do Conselho Universitário – Consu, foi a normativa que vigorou até ser substituída pela resolução 327/2008⁵ Consu (aprova o Regimento das Residências Universitárias da Universidade Federal Rural de Pernambuco).

A respeito do parâmetro legal do Programa de Bolsa de trabalho, quem versou sobre essa pauta até a implementação de programa semelhante, em 2007, foi a resolução 191, de outubro de 1991, do Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão - CEPE.

Na inexistência dos relatórios de atividades do antigo DAE, valemo-nos das informações contidas nos Relatórios de Gestão da UFRPE para obtermos a dimensão do alcance social da política entre os discentes.

Toda a documentação normativa mencionada foi consultada nos arquivos da Secretaria geral de conselhos, localizada no prédio da reitoria. Os Relatórios de Gestão foram

⁴ Estatuto é o documento formado por um conjunto de leis internas que disciplina os direitos e deveres de toda comunidade universitária e que irá reger a sua existência. Nele consta toda a estrutura e funcionamento da UFRPE. O atual está em vigor desde 1975, com diversas Resoluções ao longo dos anos, que autorizam as modificações de sua carta magna. (UFRPE. ESTATUINTE. Processo estatuinte UFRPE, 2022. Entenda o que é a estatuinte. Disponível em: <<http://www.ufrpe.br/br/content/processo-estatuinte-ufrpe>>. Acesso em: 10 jun. 2022).

⁵ A criação da “Progest”, em 2006, foi acompanhada não só de mudanças na sua estrutura organizacional, mas da reformulação de normativas das ações e programas, em sua maioria em vigor há mais de dez anos.

disponibilizados pela Pró-reitoria de Planejamento - Proplan da UFRPE.

No antigo DAE, onde desde o ano de 2006 funciona o prédio conhecido como “anexo da Progest”, tivemos acesso aos processos de inscrição da residência, dos quais, os mais antigos datam de 2005, e contêm o instrumental (ficha de inscrição) utilizado pelos funcionários da época para verificação das informações socioeconômicas dos discentes. Foram localizadas, na sala onde funciona a Coordenadoria de Gestão de Residência - CGR, planilhas de análise correspondentes aos processos seletivos de bolsas e residência, o que oportunizou conhecer quais os critérios utilizados para a verificação da condição de vulnerabilidade dos estudantes que pleiteavam tais benefícios. No entanto, esses registros são escassos e descontínuos, cujas planilhas, por exemplo, são do ano de 1998 e 2002, de forma que não encontramos mais nenhum outro registro: sejam eles relatórios, encaminhamentos ou materiais de expediente, que nos dessem condições de aprofundar ainda mais o conhecimento sobre as práticas do DAE. Todos os demais documentos são datados do período posterior à criação da “Progest”.

Assim como o Estatuto e Regimento da UFRPE, os demais documentos que consultamos receberam a luz da concepção trazido por Jacques Le Goff, de que “O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder” (LE GOFF, 1990, p. 546). Quando a Universidade concebe políticas de atenção ao estudante, ela as faz de acordo com as perspectivas político-ideológicas que as rege, dentro das relações de poder construídas. Tanto Foucault quanto Le Goff irão concordar que o documento “não é um material bruto, objetivo e inocente, mas que exprime o poder da sociedade do passado sobre a memória e o futuro: o documento é monumento” (LE GOFF, 1990, p. 10).

A universidade é uma instituição social e como tal exprime de maneira determinada a estrutura e o modo de funcionamento da sociedade como um todo. Tanto é assim que vemos no interior da instituição universitária a presença de opiniões, atitudes e projetos conflitantes que exprimem divisões e contradições da sociedade (CHAUÍ, 2003, p. 05).

O documento reflete e fala sobre a instituição, como se relaciona com o mundo, como se movimenta. Dessas movimentações, procuramos compreender a UFRPE na concepção de espaço habitado de Paul Ricoeur (2007), quando ele traz esse espaço transpassado por múltiplas relações e temporalidades, no qual os sujeitos vivenciam e veiculam suas memórias. A partir deste espaço podemos pensar e estabelecer um diálogo entre história e memória, essa memória relativa às ações de assistência, especificamente ao Departamento de Assistência Estudantil - DAE, que administrava e executava as ações de assistência, e a UFRPE como um todo, que

sobrevivem na presença dos sujeitos que declaram seu testemunho, no caso dessa pesquisa, servidores da instituição, funcionários que atuaram na política de assistência estudantil e ex-usuários da assistência estudantil.

Os servidores começaram a trabalhar na UFRPE no início dos anos 80. Alguns deles atuam na assistência estudantil até hoje. Outros já estão aposentados. Entre os ex-usuários da assistência estudantil entrevistados, estão cinco estudantes egressos da UFRPE que usufruíram do restaurante universitário e, pelo menos, dois discentes, que também foram beneficiários do programa de residência universitária.

Os ex-usuários da política foram entrevistados após o processo de qualificação dessa pesquisa, por sugestão da banca, uma vez que, em um primeiro momento, diante das dificuldades de localização e aceitação em participar das entrevistas, não foi possível entrevistar esse público em momento anterior.

No diálogo entre história e memória, elegemos como procedimento metodológico para a análise das entrevistas realizadas a história oral, que é “um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações” (DELGADO, 2006, p.15). Assim, além dos documentos escritos da instituição e legislações oficiais sobre a temática, foi necessário também recorrer à memória dos sujeitos envolvidos na política institucional da assistência estudantil na UFRPE.

A história oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo (ALBERTI, 2013, p. 24).

A multiplicidade de fontes reflete um enriquecimento na produção do conhecimento histórico. Nesse contexto, “ a história oral tem possibilitado o registro de inúmeras narrativas, que são importantes construções da memória individual e coletiva [...] registros relevantes que podem contribuir para um melhor embasamento da história do tempo presente” (DELGADO e FERREIRA, 2014, p. 82). “Erigimos hoje a memória como objeto da História, como sua matriz” (ROUSSO, 1987 apud DOSSE, 2012, p. 16).

Diante desses procedimentos metodológicos, apreendemos com Halbwachs (1990, p. 58) que “toda memória coletiva tem por suporte um grupo limitado no espaço e no tempo” e que as memórias individuais estão imbricadas à memória coletiva, “uma vez que as lembranças dos indivíduos são, sempre, construídas a partir de sua relação de pertença a um grupo”

(SCHMIDT, 1993, p. 288).

Em decorrência das dificuldades iniciais e complexidade em realizar entrevistas com um quantitativo maior de ex-usuários da assistência estudantil, especificamente ex-moradores das casas de estudante, decidimos – após acesso por meio de um discente o qual tentamos entrevistar – aplicar um questionário para obter minimamente a opinião sobre a política de assistência estudantil desse público específico (moradores das casas de estudantes). Assim, para esse público, o questionário foi disponibilizado pela plataforma Google Docs. e pelo aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas – *WhatsApp* –, para um grupo de ex-residentes⁶.

O questionário é um instrumento compreendido por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante (respondente). Tem como objetivo trazer ao investigador respostas para o estudo de maneira simples e direta (PRODANOV; FREITAS, 2013 apud SOUSA e SANTOS, 2020, p. 1402). É um instrumento de coleta de dados que deve ser respondido por escrito, sem a presença do pesquisador (MARCONI e LAKATOS, 1999, p. 100).

O questionário ficou disponível para respostas por trinta dias, do dia 06 de maio ao dia 06 de junho de 2022, e foi composto por doze questões, sendo seis questões abertas, nas quais os respondentes puderam descrever, a partir do cotidiano, suas impressões sobre a assistência estudantil, e seis questões fechadas, que tiveram como objetivo levantar um perfil sintético dos respondentes. Um total de treze ex-usuários responderam às perguntas, dois quais, quatro foram usuáries dos benefícios no início dos anos 2000 e os demais durante os anos 90, mas dois estudantes não se enquadraram dentro do recorte temporal do estudo. Dessa forma, apenas onze foram objetos de análise.

Diante da utilização desse procedimento metodológico de coleta de dados, fizemos a opção em usar como técnica de análise a proposta de análise de conteúdo de Laurence Bardin (2011), que objetiva analisar o que foi dito em meio a uma investigação, construindo e apresentando concepções em torno de um objeto de estudo (2011, p. 40). Existem diferentes formas de se trabalhar com Análise de Conteúdo: análise lexical, análise da expressão, análise de relações, análise de avaliação ou representacional, análise da enunciação e análise temática (MINAYO, 2014).

Nesta pesquisa, fizemos a opção de operacionalizá-la com a análise de conteúdo temática, que acreditamos ser a mais adequada aos nossos objetivos e referencial teórico. A análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação

⁶ Ex-moradores das casas de estudantes da UFRPE.

cuja presença ou frequência podem significar alguma coisa para o objetivo analítico que é visado (GOMES et al, 2020, p. 5). E seguimos o processo rigoroso frente às fases definidas por Bardin (2011), como: Pré-análise; Exploração do material e tratamento dos resultados.

Neste momento da pesquisa, definimos o conteúdo específico do questionário como sendo o corpus de análise, organizamos os dados e fizemos leituras flutuantes, a fim de identificar os significados das informações dispostas. Na Exploração do material, buscamos uma leitura mais exaustiva, a fim de codificar as falas a partir dos problemas do estudo (qual o alcance social dessa política? Como ela poderia ser descrita em sua relação com a cultura política institucional? Quais práticas a ela vinculada?). Finalmente, no tratamento dos resultados, elencamos as categorias: a) Procedimentos de acesso às Residências Estudantis da UFRPE; b) Percepções dos usuários quanto aos aspectos da assistência estudantil (residência universitária e restaurante universitário); e c) Contribuição para conclusão do curso, a partir dos significados e frequência com que apareceram nas respostas. Como aporte teórico para compreensão e interpretação dos dados fornecidos pelos discentes, seguimos a concepção de Halbwachs (1990) sobre memória coletiva e sua importância na reconstrução do passado, que nos revela que “a memória coletiva não se configura como uma mera expressão do passado, mas uma (re)construção coletiva desse passado elaborado por indivíduos inseridos em uma coletividade” (OLIVEIRA, 2017, p. 28).

1.1. Breve história da UFRPE

A Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE compõe o grupo das quatro universidades federais no Estado⁷ e tem suas origens em duas escolas superiores fundadas em 1912: a Escola Superior de Agricultura e a Escola Superior de Medicina Veterinária.

Criada pelo Decreto Estadual nº 1.741, de 24 de julho de 1947, quando incorporou as Escolas Superiores de Agricultura e de Medicina Veterinária, a Escola Agrotécnica de São Lourenço da Mata e o Curso de Magistério de Economia Doméstica Rural, a UFRPE foi federalizada pela Lei Federal nº 2.524, de 04 de julho de 1955(UFRPE, 2022)⁸, ainda sob a denominação de Universidade Rural de Pernambuco (URP).

Por meio do Decreto nº 60.731, de maio de 1967, a Universidade Rural de Pernambuco

⁷ O Estado de Pernambuco conta com a Universidade Federal de Pernambuco - UFPE (1946), Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE; a Universidade Federal do Vale do São Francisco – Univasf (2002) e a Universidade Federal do Agreste de Pernambuco – UFAPE (2018).

⁸ Disponível em: <<http://www.acessoinformacao.ufrpe.br/br/institucional>>. Acesso em: 24 abr. 2022.

(URP) passa a se chamar Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, integrando-se ao Sistema do Ministério da Educação e Cultural (LEÃO, 2013, p. 4). Até então, a UFRPE integrava o Sistema Agrícola Superior do Ministério da Agricultura.

Atualmente, a instituição conta com 45 cursos de graduação, nas áreas das ciências agrárias, humanas, sociais, exatas e tecnológicas, distribuídos na unidade Sede, bairro de Dois Irmãos, em Recife, e demais Unidades Acadêmicas⁹: Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST), no Sertão de Pernambuco; Unidade do Cabo de Santo Agostinho (UACSA), no litoral sul do Estado; e Unidade Acadêmica de Belo Jardim (UABJ), localizada na zona da Mata Sul; além da Unidade de Educação à Distância (UAEADTec).

A Universidade conta com 42 programas de Pós-graduação, atividades de Extensão e internacionalização. Faz parte, ainda, da UFRPE o Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas (Codai), que oferta Ensino Médio e cursos técnicos. Com exceção do Codai e da UAEDTec, todas as suas Unidades são beneficiárias dos recursos da assistência estudantil advindas do PNAES.

O entendimento sobre essa instituição de ensino começa pelo contexto das origens, à época da criação da Escola Superior de Agricultura e da Escola Superior de Medicina Veterinária, forjadas nos debates sobre a modernização da agricultura e da pecuária nos primeiros anos republicanos no Brasil, que envolveram Estado, Igreja Católica e elites agrárias.

O contexto apresenta acelerado processo de industrialização do açúcar, levando usineiros e fornecedores de cana-de-açúcar a uma maior preocupação com a melhoria das técnicas de produção em suas lavouras, a fim de que o produto alcançasse condições de competir com outras regiões e retomasse a hegemonia econômica perdida para o Centro-Sul, após quase três séculos de primazia. Esse evento levou os proprietários a empenharem seus esforços mais ambiciosos no sentido da modernização tecnológica, período no qual, o ensino agrônômico no país se encontrava em plena efervescência para atender as necessidades nacionais, conforme o Decreto nº13. 028 de 18 de maio de 1918, do Dr. Wenceslau Braz P. Barros, então Presidente da República (SILVA, 2009, p. 450).

A Igreja Católica foi uma instituição fundamental na implementação dos cursos agrários no início do século XX em Pernambuco, com apoio das elites agrárias locais, “no prédio anexo ao Mosteiro de São Bento, as Escolas Superiores de Agricultura e Medicina Veterinária São Bento se instalaram numa comunhão de interesses entre a Igreja, o Estado e a sociedade”

⁹ A primeira expansão universitária da UFRPE para o interior foi a Unidade Acadêmica de Garanhuns (UAG/UFRPE) no ano de 2005, criada com incentivos do “Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), que tinha como principal objetivo ampliar o acesso e a permanência na educação superior”. A UAG, por meio da Lei Nº 13.651, de 11 de abril de 2018, passou a ser Universidade Federal do Agreste de Pernambuco – UFAPE.

(LEÃO, 2013, p. 14)¹⁰.

Desde o decreto nº 119 A, de 7 de janeiro de 1890, que determinou a separação entre Estado e igreja, a Igreja Católica perdia espaço no campo político ideológico social vigente. Dessa forma, o campo educacional pareceu a estratégia ideal de retomada de sua influência

A crescente laicização na política brasileira levou os pensadores da Igreja a dialogar e lutar por seus direitos até conseguirem do Governo uma proposta favorável para a realização de suas atividades pastorais. Apesar dos conflitos vividos entre Igreja e o Estado, nesse momento é importante ressaltar que diante das dificuldades e de acordo com as necessidades recíprocas, uma reaproximação dessas Instituições poderia ocorrer de forma a beneficiar seus interesses, por exemplo: a criação das Escolas Superiores de São Bento (SILVA, 2010, p. 78).

A manutenção das elites agrárias no poder passava também pela perspectiva educacional. Uma perspectiva que a beneficiasse não só na racionalização e modernização da produção agrícola, mas na oferta aos seus descendentes, no caso de Pernambuco, de “um modelo curricular amplo, baseado em congêneres do projeto pedagógico alemão somado aos ideais positivistas” (SILVA, 2010, p. 88), assim como foi com as Escolas Superiores de Agricultura e Medicina Veterinária. É importante frisar, que “eram os filhos da elite rural que formavam o corpo discente das Faculdades de São Bento” (SILVA, 2010, p. 111).

Figura 01 – Alunos, professores e autoridades públicas na ESA de São Bento, após solenidade da aula inaugural da turma, em março de 1917.



Fonte: LEÃO, 2013, p. 18.

¹⁰ Para um estudo aprofundado sobre a fundação da Escola Superior de Agricultura e a Escola Superior de Medicina Veterinária em Pernambuco, ver: SILVA, Denize Siqueira. **Tecendo memória: linhas e entrelinhas da trajetória da Universidade Federal Rural de Pernambuco (1912-1936)**. 2010. 170 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

Essa instituição de ensino superior, pactuada entre Igreja, elite rural pernambucana e Estado, trará consigo os fragmentos da cultura política que a originaram, condutas institucionais que ajudam a entendê-la e localizá-la em âmbito nacional, quanto aos valores sociais da época e subsequentes, a exemplo da implementação da Lei Federal nº 5.465, de julho de 1968, conhecida como a “Lei do Boi”, que reservava 50% das vagas sejam destinadas candidatos agricultores ou filhos destes, em estabelecimentos de ensino médio agrícola e das escolas superiores de Agricultura e Veterinária, mantidos pela União, mas que, na prática, atendeu primordialmente os filhos das elites agrárias¹¹. As características de uma cultura ruralista conservadora, imbuída de patrimonialismo, clientelismo e personalismo ocasionalmente farão parte das relações institucionais.

Porém, compreendemos que uma instituição é composta de pessoas e são essas pessoas que realizam essas práticas, produzindo e reproduzindo uma cultura política que atenda sua ideia de sociabilidade. Assim, “cultura política pode ser entendida como o conjunto de orientações subjetivas de determinada população” (ALMOND 1990 apud RENNÓ 1998, p. 71).

De modo amplo, a cultura política compreende “um conjunto de práticas, hábitos, atitudes e signos ritualizados ou preservados pela tradição, de modo a integrar-se no comportamento daqueles que deram vida a entidades ou instituições, cuja existência sedimentou tais características” (LENA JÚNIOR, 2012, p. 164). E foi desse conceito que compartilhamos quando do entendimento desta instituição.

Destacamos, ainda, que a cultura política é permeada pelo dinamismo social. As dinâmicas nas relações de poder, por exemplo, fomentam mudanças nessa cultura e quase sempre acabam provocando alguma implicação institucional, como entendemos também ocorrer com as políticas públicas das instituições.

¹¹ Apesar de a legislação prevê reserva, anual, “de preferência, de 50% (cinquenta por cento) de suas vagas a candidatos agricultores ou filhos destes, proprietários ou não de terras, que residam com suas famílias na zona rural”, privilegiou a oferta de vagas às elites agrárias, considerando que, “Nos anos 1960, a escolarização no Brasil, mesmo depois de setenta e um anos de governo republicano, ainda era um processo excludente, em que, de cada mil crianças que entravam na escola, no primeiro ano do curso primário em 1960, apenas 96 chegariam ao primeiro ano do ciclo colegial em 1969 (OEI, s/d). O curso superior, então, era algo impensado para quase a totalidade dos jovens, onde chegariam apenas 56 dos mil ingressantes no primário” (CARVALHO, 2021, p. 16).

2. DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

O fazer ciência em história perpassa pela compreensão dos homens ao longo do tempo. Marc Bloch, em sua obra *Apologia da História ou o ofício de historiador*, nos diz que a história, enquanto produtora de conhecimento, não pode ser entendida como o estudo do passado, *mas* como o estudo dos seres humanos no tempo; é sobre como os indivíduos e as sociedades se entendem nas mudanças temporais da humanidade. A história é um esforço para conhecê-lo melhor: por conseguinte, uma coisa em movimento (BLOCH, 2001, p. 44).

A busca pelo conhecimento científico pressupõe erudição acadêmica, técnica e escrita, em outras palavras, e no campo da história, uma operação historiográfica, como definiu o historiador Michel de Certeau¹². No que diz respeito ao “fazer história”, Guimarães Neto (2012) explica

É nesse âmbito que ganha importância a contribuição de Michel de Certeau, sublinhada tantas vezes pelos historiadores, no que se refere ao conjunto de ações designado como “operação historiográfica”, relacionando os procedimentos metodológicos ao lugar institucional da produção do discurso e às regras da escrita. Essa perspectiva permite explorar a produção da escrita da história, demonstrando que as pesquisas e análises aí desenvolvidas carregam as marcas das experiências das quais os textos são resultados. Os pressupostos teóricos e metodológicos, relativos ao *modus operandi* da historiografia, orientam as tarefas com quaisquer fontes utilizadas, sejam escritas, orais, iconográficas, entre outras. Aliás, o documento escrito deixa de ser a referência dominante que justifica o discurso historiográfico, abrindo espaço a uma enorme diversidade de fontes e testemunhos. Essa variedade documental passa, cada vez mais, a receber a atenção redobrada dos historiadores, que procuram legitimá-la, segundo as regras estabelecidas no campo da disciplina da história. (GUIMARÃES NETO, 2012, p. 85).

Nessa perspectiva, buscamos construir esse estudo entendendo primeiramente nosso lugar institucional, tanto de produção quanto de pesquisa, ambos ambientes universitários. Apesar do nosso objeto de pesquisa ser uma política pública institucional, diga-se novamente, com a qual trabalhamos, ela está localizada em um ambiente de ensino superior, o qual tem seus regramentos e ordenamento que lhes são peculiares.

A compreensão preliminar sobre o funcionamento da instituição se mostrou fundamental na identificação e seleção de fontes. Os procedimentos técnicos de separação e análise são práticas científicas das quais o historiador não pode abrir mão no processo do fazer histórico. “Em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em ‘documentos’ certos objetos distribuídos de outra maneira” (CERTEAU, 2002, p. 74).

¹² CERTEAU, Michel. *A Escrita História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

É a partir dessas práticas que a escrita científica é elaborada. Desse modo, “a operação histórica se refere à combinação de um lugar social, determinadas práticas ou procedimentos técnicos e, por fim, a escrita” (MIRANDA, 2019, p.104). Na produção historiográfica, a orientação teórico-metodológica é o que caracteriza a construção de um conhecimento científico. Nesse sentido, é a teoria quem vai oferecer subsídios para o historiador guiar suas interpretações e explicações sobre o objeto pesquisado.

A teoria pode ser entendida como uma mediação entre o pesquisador e a realidade a ser estudada, neste sentido é importante observar que este papel vai permitir que se regule de uma determinada forma a subjetividade do historiador, pois oferece um conjunto de conceitos e categorias que balizam seu trabalho, permitindo que ele pense de forma consistente a realidade na qual vai trabalhar (CANABARRO, 2008, p. 11).

No caso da metodologia, essa estabelece procedimentos de orientação ao historiador de como fazer – ações práticas – e quais caminhos percorrer e empregar na sua investigação. Laville e Dionne (1999) afirmam que “a metodologia representa mais do que uma descrição formal dos métodos e técnicas, indica a leitura operacional que o pesquisador fez do quadro teórico”. É a metodologia, através de ações práticas, que conduzirá o historiador para uma aproximação com os fatos ocorridos no passado.

Iniciando a análise do nosso objeto de estudo, fizemos a opção de buscar o preceito normativo que primeiro abordou a organização e execução da política de assistência estudantil na UFRPE, encontrando, então, no Estatuto da UFRPE, de 1975 (ainda vigente, mas em processo de estatuinte), as características de orientação sobre essa política. Ao versar sobre o corpo discente, o Estatuto traz, em seu art. 88, a previsão de atendimento diferenciado a estudantes potencialmente usuários da assistência estudantil.

Os alunos de baixa renda familiar ou carentes de recursos poderão receber bolsas para moradia, alimentação, pagamentos de taxas acadêmicas e outras despesas semelhantes, obrigando-se em contrapartida a prestação de serviços à Universidade, na forma estabelecida no Regimento Geral e em Resolução dos Conselhos Universitário e de Curadores (ESTATUTO DA UFRPE, 1975, art. 88).

A própria definição de quem seria esse aluno de “baixa renda” e “carente” nos implicou um desafio, pois, a partir da pesquisa documental, não localizamos uma definição objetiva sobre quem poderia ser definido dentro da política por tais termos, apenas através do conhecimento das ações de assistência estudantil e legislações internas podemos estabelecer um paralelo sobre a quem se direcionavam essas ações. Um fato dissonante com a implementação do Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES, que especifica seu público prioritário, o definindo

nacionalmente¹³.

No entanto, compreendemos que, mesmo os termos apresentando divergências temporais, eles convergem para o entendimento de que os discentes que, em algum momento, apresentaram-se para a instituição destituídos de prover as condições básicas de manutenção na graduação seriam então os denominados “alunos de baixa renda ou carentes”. A partir dos relatos orais dos sujeitos envolvidos com a política de assistência estudantil, pudemos traçar seu desenho no período compreendido, pois compartilhamos do entendimento de que

Não é na história aprendida, é na história vivida que se apoia nossa memória. Por história é preciso entender então não uma sucessão cronológica de acontecimentos e de datas, mas tudo aquilo que faz com que um período se distinga dos outros, e cujos livros e narrativas não nos apresentam em geral senão um quadro bem esquemático e incompleto. (HALBWACHS, 1990, p. 43).

Foram entrevistados, de maio a março de 2022, sete funcionários da UFRPE, trabalhadores do Departamento de Assistência Estudantil - DAE que atuaram na política de assistência ao estudante no período compreendido. No mês de janeiro de 2023, foram entrevistados cinco ex-estudantes da Instituição (duas estudantes que moraram na casa de estudante feminina e três egressos da graduação que utilizaram o RU). A técnica de entrevista utilizada foi a semiestruturada, que “está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista” (MANZINI, 1990/1991, p. 154).

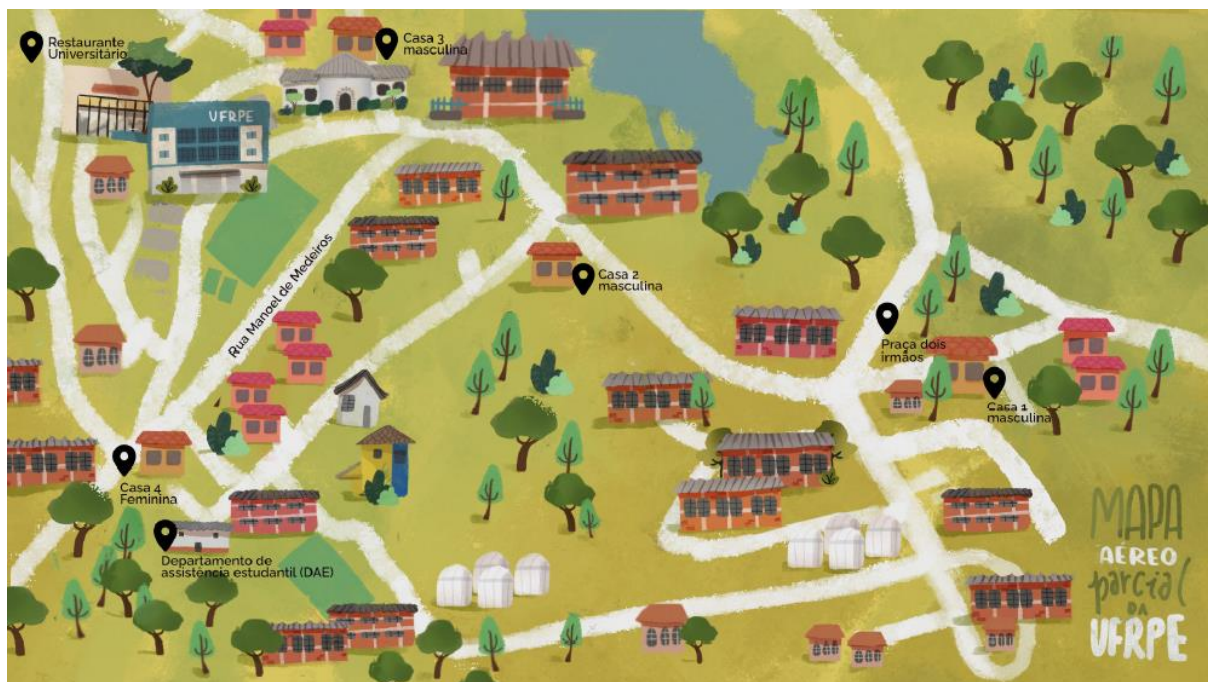
Assim, partimos da abordagem de história de vida, adentramos à história profissional dos entrevistados até chegar às experiências com a política institucional. A partir daí, identificamos três ações contínuas na política de assistência estudantil que dialogam com o presente: a Residência Estudantil (casa de estudante), o Restaurante Universitário - RU e o Programa Bolsa de Trabalho.

As demais ações executadas e recorrentes nas falas dos funcionários do DAE foram a promoção e a organização de festividades, que se traduziam em apoio a calouradas e festa para os discentes residentes e o apoio logístico do DAE na colação de grau. Os cinco ex-estudantes entrevistados focaram suas experiências com a assistência estudantil nas ações restaurante universitário e residência universitária.

¹³ Serão atendidos no âmbito do PNAES prioritariamente estudantes oriundos da rede pública de educação básica ou com renda familiar per capita de até um salário mínimo e meio, sem prejuízo de demais requisitos fixados pelas instituições federais de ensino superior.

Diante dessas informações, nosso direcionamento no estudo se concentrou nas atividades descritas, primordialmente, vinculadas à memória dos envolvidos com essas atividades na UFRPE, pois, como nos lembra Paul Ricoeur (2007), [...] “os lugares habitados são, por excelência, memoráveis. Por estar a lembrança tão ligada a eles, a memória declarativa se compraz em evocá-los e descrevê-los” (p. 59).

Figura 02 – Ilustração de mapa aéreo da UFRPE, com localização dos setores de assistência estudantil



2.1. O Departamento de Assistência Estudantil – DAE e as ações da política institucional de assistência estudantil

O Departamento de Assistência Estudantil - DAE aparece pela primeira vez na estrutura administrativa da UFRPE no Regimento e Estatuto Geral de 1975, após aprovação do Plano de Reestruturação da Universidade Federal Rural de Pernambuco (Decreto nº 76.212/75). A nova organização administrativa da UFRPE (Figura 02) buscava se alinhar às leis que originaram as reformas do ensino superior, no final dos anos 60, estabelecidas pelos governos militares¹⁴. Pontuamos que esse movimento da criação do DAE/UFRPE esteja ligado ao que acontecia em âmbito nacional.

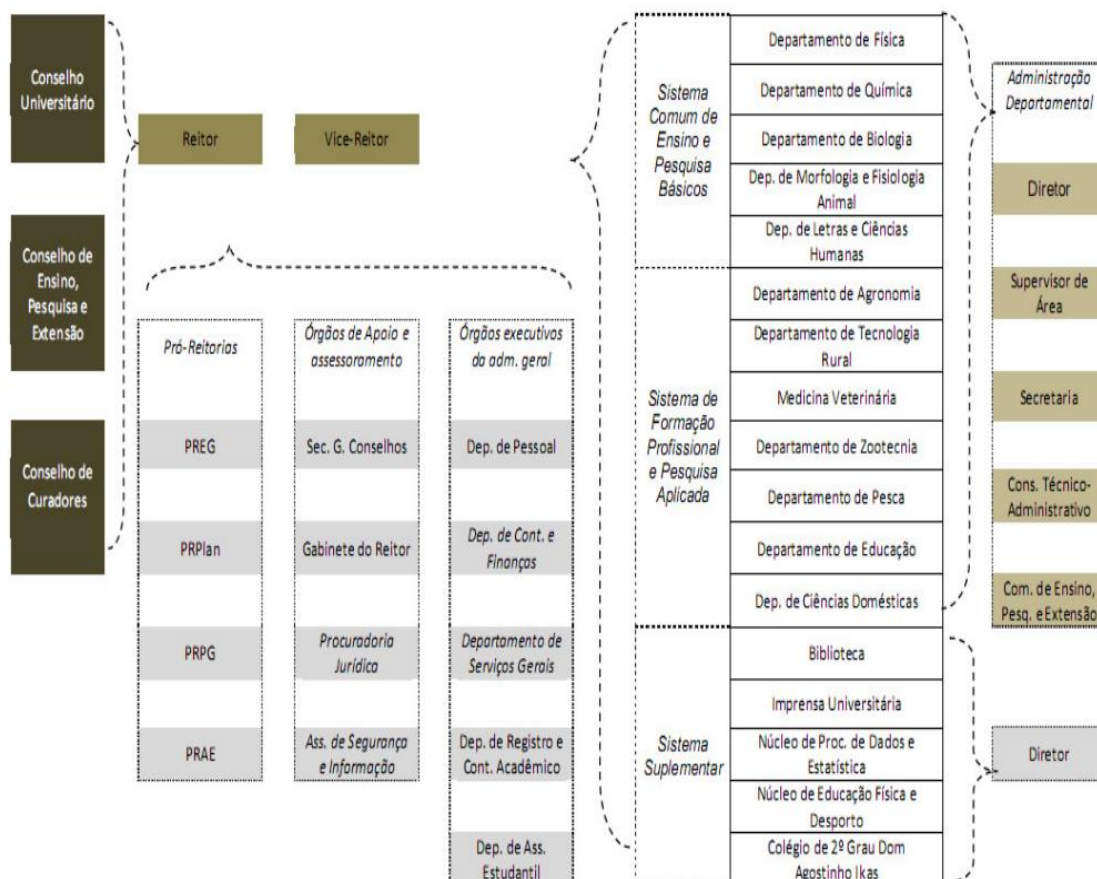
Na década de 1970, foi criado o Departamento de Assistência ao Estudante (DAE),

¹⁴ Decreto nº 76.212, de 4 de setembro de 1975. Aprova o Plano de Reestruturação da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

vinculado ao Ministério da Educação e Cultura, que implantou programas de assistência aos estudantes, como Bolsas de Trabalho, através das quais eram proporcionadas oportunidades de exercício profissional em órgãos ou entidades públicas ou particulares; e Bolsas de Estudo, por meio das quais o estudante recebia uma verba para sua manutenção, sem a realização de atividades em contrapartida. Também eram prioritários programas de alimentação, moradia e assistência médico-odontológica (IMPERATORI, 2017, p. 287).

Todavia, o DAE/MEC foi extinto na década seguinte e, “com a extinção do DAE no fim dos anos 80, as ações de assistência estudantil ficaram fragmentadas e as Instituições Federais de Ensino Superior - IFES passaram a manter programas e ações conforme suas possibilidades” (PALAVEZZINI, 2014, p. 10), como ocorreu na UFRPE.

Figura 03 – Organograma da UFRPE a partir do Estatuto e Regimento Geral de 1975.



Fonte: SANTOS; PACHECO, 2013, p 14.

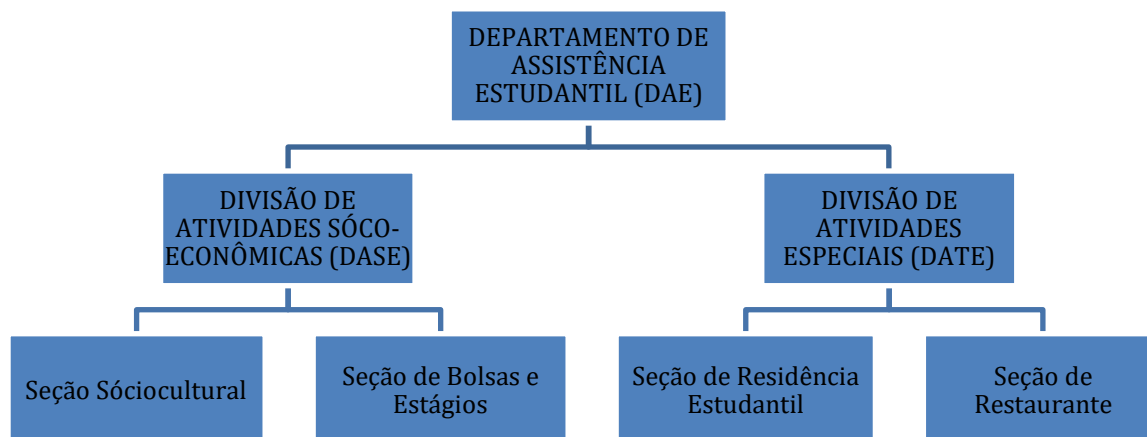
Desde sua criação, o Departamento de Assistência Estudantil - DAE da UFRPE ficou subordinado à reitoria, como órgão executivo da administração geral. Sua organização e

atribuições estão descritas no Regimento da Reitoria, aprovado pela Resolução nº 106/75, do Conselho Universitário.

O DAE tinha em sua estrutura duas Divisões: a Divisão de Atividades Socioeconômicas - DASE e a Divisão de Atividades Especiais - DATE. O serviço de atendimento psicológico, que não aparece no organograma, não estava vinculado a nenhuma dessas Divisões, e acabou se inserindo nas instalações do DAE, como demanda estudantil. “Havia uma certa rejeição dos alunos de ir para o Departamento médico; existia uma certa relação de rejeição de eles irem para o departamento médico e também dos colegas que viam eles saindo do gabinete da Psicóloga” (Entrevista concedida por SILVESTRE, Sirlei Gomes, Recife, 24 de março de 2022).

A composição das Diretorias e seções vigorou até a mudança do DAE para Pró-reitoria. Também houve mudanças nas atribuições dessas Divisões, a exemplo da Seção de Estágio, que ficou como responsabilidade, anos depois, da Pró-reitoria de Ensino de Graduação - PREG. No entanto, a essência da assistência ao estudante oferecida pelo DAE, por meio da DASE e DATE, se estendeu da sua origem até 2006, quando foi incorporado à recém-criada Pró-reitoria de Gestão Estudantil - PROGEST¹⁵.

Figura 04 – Organograma do DAE



Fonte: Elaboração da autora¹⁶

O DAE tinha como finalidade exercer a função de administração de assistência ao estudante, que deveria ser prestada tanto através de atividades integrativas relacionadas ao

¹⁵ Em 2012, após designação de novo Gestor para PROGEST, foi instituído nova nomenclatura e organograma para essa Pró-reitoria por meio da Resolução nº 237/2012 (Aprova alteração da estrutura da Pró-Reitoria de Gestão Estudantil -PROGEST desta Universidade, bem como do seu Regimento Interno e dá outras providências.

¹⁶Regimento da Reitoria, 1975, p. 39-40.

“contexto universitário e a vida social (incentivo a formação cívica, programas culturais, artísticos, desportivos, estímulos às atividades associativas dos estudantes por meio dos DAs e DCE etc.)”¹⁷, quanto ao atendimento específico “aos alunos de baixa renda ou carentes de recursos”(ESTATUTO DA UFRPE, 1975, art. 88).

O DAE era como se fosse uma pró-reitoria antigamente, porque nós chegamos aqui mais de vinte funcionários, que tinha mais de vinte aqui no DAE antigamente. O DAE era muito movimentado na época da prof. ^a Célia, do prof. Inaldo também era muito movimentado. (...)O DAE trabalhava com essa população toda de estudante. A prata, qual é a prata da Universidade? A prata da casa qual é? Qual o interesse da universidade? São os alunos. Então, acho que desde daquele tempo o DAE era para ser uma Pró-reitoria. O DAE era escanteado porque não tinha orçamento para o DAE, não vinha orçamento (Entrevista concedida por ALMEIDA, Rui Ricardo, Recife, 11 de mar de 2022)¹⁸.

Presente na narrativa do entrevistado, o DAE era um Departamento que sempre abrigou um número significativo de atividades ao longo dos anos, justamente por atender a maior parcela da comunidade acadêmica da UFRPE: os discentes.

A maior parte do tempo do período deste estudo, o Restaurante Universitário atendia o público nos três horários, com café da manhã, almoço e jantar, o que demandava uma grande logística e organização de funcionários. Acrescentam-se a isso as Colações de Grau, com as cerimônias de formatura, e as Residências Universitárias, que demandavam acompanhamento diário e contínuos de manutenção.

Na visão de Rui, o status de Pró-reitoria poderia conceder o respeito que o Departamento deveria ter, pois, junto a ele, viriam mais recursos para a implementação de ações mais qualificadas.

Rui Ricardo iniciou seu trabalho no DAE em 1987, a convite da Diretora Célia Marinho da Costa Soares¹⁹, mencionada por quase todos os entrevistados com entusiasmo e nostalgia, devido à maioria deles terem iniciado os trabalhos na assistência estudantil no período de direção dessa Diretora.

Com o perfil diferenciado dos demais entrevistados, em sua trajetória na assistência estudantil e na UFRPE, Rui esteve vinculado ao Sindicato dos Trabalhadores das Universidades Federais de Pernambuco – SINTUFEPE (até 1993 denominado de Associação dos Servidores da Universidade Federal Rural de Pernambuco - ASUFERPE), o que lhe rendeu uma

¹⁷ ESTATUTO DA UFRPE, 1975, art. 85.

¹⁸ Servidor que atuou no DAE de 1987 a 2015, atualmente aposentado.

¹⁹ Célia Marinho da Costa Soares foi Diretora do DAE de meados de 1980 a 1990, quando foi substituída por José Edmar de Lira.

aproximação maior com o diálogo e a noção prática de direitos, cidadania e democracia, presentes em seu cotidiano. Relatou também preconceito pela sua condição de sindicalista, tanto dos colegas de sindicato quanto de alguns gestores. Além de sua atuação sindical, Rui, ao chegar no DAE, ficou responsável pela “Seção Sociocultural”, o que causava desconfiança em ambas as partes, como ele mesmo fala: uns o chamavam de “pelego”(colegas), outros de “preguiçoso”(chefias)²⁰, no entanto, Rui é enfático em sua narrativa ao dizer que nunca misturou as coisas e sempre defendeu os direitos dos servidores, independente da sua função de confiança.

A condição de sindicalista lhe creditou assento no Conselho Universitário da UFRPE e rendeu frutos para a democratização e transparência nos processos seletivos da Residência Estudantil. A proposta de ampliar o número de discentes na comissão que acompanhava o processo de classificação dos discentes candidatos às casas de estudante, denominada comissão de seleção, teve o apoio desse funcionário nas instâncias superiores de deliberação. Antes, apenas um discente acompanhava o processo seletivo para a residência. Com a aprovação da nova proposta, ampliou-se, quanto a representação estudantil, passando a ser: um representante\Diretório Central dos Estudantes - DCE e um representante de cada residência estudantil. Assim, de um representante, cinco estudantes passaram a acompanhar e participar da comissão de seleção.

A proposta não passou sem polêmica, Rui destacou que alguns gestores (maioria composta por professores) e colegas do DAE eram contra a participação dos discentes, mas que, por fim, foram voto vencido e a resolução nº 92/90, do Conselho Universitário, aprovou o regimento das residências, que vigorou de 1990 a 2008, quando foi substituída já com parâmetros mais alinhados ao PNAES. No entanto, a nova resolução manteve a participação discente.

A UFRPE trilhava um caminho que a própria sociedade brasileira reclamava. Tinha-se, desde o período de redemocratização do país, com mais ênfase entre meados e fim dos anos 80, uma conjuntura efervescente do ponto de vista político. Com a abertura democrática e a ampliação das liberdades, as instituições de ensino superior tiveram que repensar seu *modus operandi* diante das suas práticas ultrapassadas e autoritárias – algumas concessões para um novo direcionamento começavam a ser realizadas²¹.

²⁰ Rui afirmou nunca ter sofrido perseguição política por ser do Sindicato enquanto esteve no DAE, mas em outros setores da UFRPE pelos quais havia passado anteriormente.

²¹ As últimas atualizações do Estatuto e Regimento Geral da UFRPE são de 1980; a Resolução nº 04/80 aprovou modificações decorrentes da adaptação desses documentos aos textos da época sobre eleição estudantil e representação do corpo discentes na Administração Universitária, bem como a Resolução 05/80 aprovou normas

A Seção Sociocultural era a que tinha maior contato e integração com os estudantes, pois era responsável pela organização das festas dos residentes, apoio às calouradas, que eram realizadas junto com aos DA's e DCE e a também a colação de grau. A dimensão festiva da assistência estudantil na época do DAE surge nas falas dos demais entrevistados, assim como nas de Rui, como a memória que mais traz satisfação e saudades.

Porque a gente acompanhava as festas que tinha aqui, as calouradas, as jornadas culturais (...), organizava as festas com os alunos; ali quem sabia cantar cantava, quem sabia tocar tocava, quem sabia declamar declamava (Entrevista concedida por SILVESTRE, Sirlei Gomes, Recife, 24 de março de 2022)²².

A gente fazia umas festas aqui para os estudantes e a gente arrumava gente pra tocar, aquele negócio todo e era muito divertido essa época dessas festas, que a gente fazia festa junina, era muito bom. Essas festas a gente se divertia muito, divertia os estudantes, os residentes e se divertia também. Porque a gente trabalhava se divertindo, era uma coisa que a gente trabalhava se divertindo (Entrevista concedida por PEDROSA, Maria Francisca, Recife, 13 de março de 2022)²³.

A gente sempre fazia, todo ano, a festa dos residentes. Aí depois começou a fazer outras festas com os residentes também. A gente inventou uma rifa também, eu inventei uma rifa, na época do prof. Inaldo, que rifa foi essa era para subsidiar as festas dos residentes (Entrevista concedida por ALMEIDA, Rui Ricardo, Recife, 11 de março de 2022).

A promoção de festas está na lembrança dos entrevistados, reconhecidas como fazer coletivo, que considera o lugar ocupado por cada um deles; para um, ganha ares lúdicos expressos na divulgação da arte; para outro, como trabalho e lazer; e, para o outro, como esforço pessoal empreendido para satisfazer o público ao qual eram proporcionadas as festas. O que nos remete ao que diz Halbwachs (1990), na sua obra *Memória Coletiva*

[...] A memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, e que se apoiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia, quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas de natureza social (HALBWACHS, 1990, p. 34).

para escolha dos membros dos Diretórios Acadêmicos e representação do corpo discente, nos órgãos colegiados da UFRPE, ambas aprovadas no Conselho Universitário.

²² Servidora do DAE de 1982 a 2009, atualmente lotada no Departamento de Biologia da UFRPE.

²³ Servidora do DAE desde 1982. Permanece desenvolvendo atividades na Pró-reitoria de assistência estudantil e inclusão até a presente data.

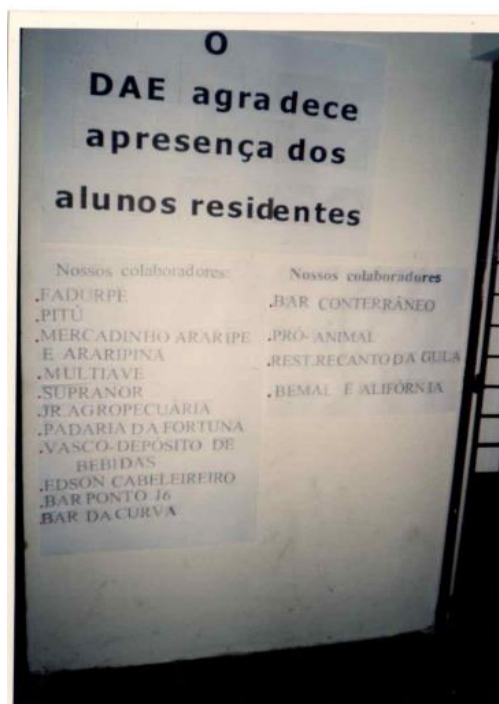
As festas mencionadas pelos entrevistados correspondiam a duas categorias: as desenvolvidas com o apoio que o DAE oferecia, como as calouradas, jornadas culturais, que abrangiam a comunidade discente como um todo, e as festas sazonais para os residentes, como as festas de Natal e ano novo, são João e confraternizações. Ambas faziam parte do leque de ações integrativas entre discentes e Universidade propostas pelo Regimento da Reitoria de 75.

Em sua proposta original, percebemos que o Regimento da Reitoria, nessa promoção integrativa, continha também mecanismos de controle. Uma das competências da Divisão de Atividades Socioeconômica através da Seção Sociocultural era "Oferecer orientação ao estudante no sentido de melhor ajustá-lo à comunidade universitária" (REGIMENTO DA REITORIA, 1975, p. 41). O apoio às festividades originou-se da necessidade de vigiar o divertimento da classe discente, entretanto não podemos afirmar que isso se perpetuou enquanto prática, porém ainda era uma maneira de a gestão superior ter conhecimento de como se processavam as comemorações estudantis dentro da instituição.

No âmbito do DAE, para os funcionários, as festas eram sinônimo de trabalho e diversão e confraternização com os discentes. Era algo que aproximava os estudantes do Departamento e estabelecia laços de empatia dos funcionários com a comunidade discente.

O apoio orçamentário advindo da gestão superior às festividades promovida pelo DAE, na fala dos entrevistados, era ínfimo ou nulo, em relação às associações estudantis. O apoio do DAE se dava mais enquanto logístico do que financeiro. Em relação às festas promovidas para os residentes, o apoio se dava em diversas ocasiões, por meio de parcerias. Apesar das dificuldades de fomento financeiro, existia sensibilidade por parte de alguns diretores do DAE em oferecer, principalmente aos estudantes residentes, um momento de lazer àqueles que deixaram suas famílias, sua cidade, sua região para fazer o curso superior.

Figura 05 – Painel com lista de colaboradores financeiro e logístico da festa dos Residentes (anos 90)



Fonte: RÊGO, Ricardo Gonçalves Pereira do²⁴

Figura 06 – Residente cantando em festa de confraternização de fim de ano (anos 90)



Fonte: RÊGO, Ricardo Gonçalves Pereira do²⁵

Figura 07 – Residentes da casa feminina se confraternizando em festa

²⁴ Acervo particular de RÊGO, Ricardo Gonçalves Pereira do.

²⁵ Acervo particular de RÊGO, Ricardo Gonçalves Pereira do.

promovida pelo DAE (Anos 1990)



Fonte: RÊGO, Ricardo Gonçalves Pereira do²⁶

Nas fotografias, percebemos que as festas representavam momentos de descontração e alegria, desligamento das dificuldades do cotidiano e adversidades da vida de residente; dos conflitos interpessoais, da pressão que a vida universitária estabelecia, promovendo confraternização entre os discentes, o que ajudava no espírito de coletividade.

A maneira que os Diretores e os demais funcionários encontravam para lidar com a falta de orçamento próprio era ir em busca de parcerias fora da Universidade, quando da realização das festas para os residentes, ou apelando internamente para a Pró-reitoria de Administração - PROAD²⁷, nos casos em que a manutenção e implementação das ações se mostravam prejudicadas.

A PROAD, na UFRPE, é a Pró-reitoria responsável pela execução orçamentária. Em uma de nossas entrevistas com um funcionário do DAE, ao questionarmos a alocação de verba para a assistência estudantil, Ricardo Rêgo, que trabalhou de 1998 até 2006 como Diretor da DATE, relatou-nos:

Verba? Nunca teve. Depois de alguns anos de DAE foi que a gente conseguiu esse recurso, com auxílio trabalho, com a bolsa trabalho, foi a única coisa que a gente conseguiu. O DAE, como eu falei, anteriormente, vivia de “cui na mão” pedindo recurso para funcionar, não havia sensibilidade para tratar a assistência estudantil, a verdade é essa, não havia sensibilidade. Era um Departamento que sobrevivia, ele não

²⁶ Ibid..

²⁷ A Pró-Reitoria de Administração – PROAD é um órgão executivo, diretamente vinculado à Reitoria que tem como primeira finalidade “Assessorar a Reitoria nas atividades de gestão orçamentária, patrimonial, documental, de aquisições e contratações, fazendo interface com todos os ambientes organizacionais da UFRPE, viabilizando as ações de suporte à gestão, para que as missões finalísticas voltadas ao ensino, à pesquisa e à extensão sejam realizadas com qualidade” (Regimento interno da PROAD, 2019).

funcionava bem, ele sobrevivia (...) A única parceria que o DAE tinha, na minha época, que eu tenho a lembrança era com a PROAD, dependendo do Pró-reitor que estivesse lá, ele estendia a mão ou não. Graças a Deus, no período que nós ficamos alguns Pró-reitores foram bastante parceiros. Então ajudaram que a gente crescesse enquanto assistência estudantil. Cito alguns: prof. Valderi e o professor, que hoje é vice-reitor, o prof. Gabriel Rivas, foram os Pró-reitores que passaram por lá sensíveis à causa. O prof. Inaldo tinha um certo trânsito com eles e aí conseguiu alguma coisa. (Entrevista concedida por RÊGO, Ricardo Gonçalves Pereira do, Recife, 12 de maio de 2022)²⁸.

Prof. Inaldo tinha um prestígio para arrumar dinheiro, mas às vezes a crise era grande, na época dele era muito grande. Edimar ainda foi bom, porque o reitor dava apoio a ele direto. Teve a eleição, prof. Manoel Francisco, ele apoiou, aí ele dava mais atenção (Entrevista concedida por ALMEIDA, Rui Ricardo, Recife, 11 de março de 2022).

As ações executadas pelo DAE eram provenientes do recurso de custeio da UFRPE. “Os recursos de custeio (correntes) são aqueles aplicados nas despesas com contratos de prestação de serviços, aquisição de materiais de consumo, diárias, passagens, bolsas e benefícios aos estudantes” (TRANSPARÊNCIA UFBA, 2022).

O DAE dividia com o restante da Universidade a verba de custeio e é importante frisarmos que as ações do DAE não estavam ligadas às atividades-fim de uma universidade federal, entendidas como ensino, pesquisa e extensão. Pensamos que daí também advém a falta de predileção pelas ações. O programa Bolsa de trabalho, que era administrado pelo DAE, teve uma média de oferta bem menor em relação às bolsas de monitoria²⁹ vinculadas à Pró-reitoria de Ensino de Graduação - PREG, entre 1990 e 2005. E em alguns anos, a Bolsa de trabalho deixou de ser ofertada por falta de recursos, como disposto nas justificativas dos relatórios de gestão do ano de 2001 e 2002.

Quadro 1 – Tipos de Bolsas

Tipo de bolsas	Nº médio de bolsas ofertadas entre 1990 e 2005
Bolsa de trabalho	48
Bolsa de Monitoria	113

Fonte: Elaborado apela autora.

²⁸ Servidor ingressou no DAE em 1998, permaneceu na assistência estudantil até 2022. Atualmente está aposentado.

²⁹ O programa de Monitoria tem a finalidade de estimular a cooperação do corpo discente com o corpo docente, nas atividades de ensino, pesquisa e extensão, efetuadas em trabalhos de laboratório, biblioteca, de campo, e outras compatíveis com seu nível de conhecimento e experiência nas disciplinas e desenvolver habilidades que favoreçam o aluno na iniciação à docência (UFRPE, Relatório de gestão 2005, p. 20).

Apesar de o servidor entrevistado mencionar que a bolsa de trabalho foi mérito da gestão a qual fez parte, identificamos na nossa pesquisa que ela já existia na UFRPE, em moldes semelhantes aos dos anos aqui estudados, desde a década de 70. Porém, com a finalização do convênio com o MEC, que era de onde advinha o recurso específico, a UFRPE passou a manter as bolsas também com o recurso de custeio. Percebemos, nas respostas deste entrevistado, um trabalho de memória exercitada a subsidiar demandas recentes. As narrativas devolutivas estão sempre ligadas ao que veio a se tornar a assistência estudantil. Vemos nessas falas, “A necessidade de utilizar e reutilizar o conhecimento da memória e de esquecer assim como recordar, força-nos a selecionar, destilar, distorcer e transformar o passado, acomodando as lembranças às necessidades do presente” (LOWENTHAL, 1998, p. 77).

Localizamos nos arquivos da Secretaria Geral de Conselhos uma normativa denominada “Regimento para funcionamento do Programa de Bolsa de Trabalho para alunos carentes do 3º grau (Resolução 191/91)”, do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão - CEPE. Como dizia o próprio nome, era uma bolsa destinada aos “alunos carentes financeiramente”, e pretendia “oportunizar o exercício profissional” por meio de atividades que integrassem a instituição à comunidade e era ligada ao “banco de mão de obra” do DAE. O “banco de mão de obra”, originalmente, era uma espécie de cadastro de reserva no qual os discentes se inscreviam para dar aulas particulares remuneradas em diversos níveis e recebiam uma bolsa para executar essa atividade³⁰. No entanto, em termos práticos, a “Bolsa de Trabalho” não tinha necessariamente ligação com essa atividade de aulas particulares.

Pressupunha-se que, além de critérios acadêmicos para o acesso a Bolsa de trabalho, como matrícula em no mínimo 3 disciplinas, o discente deveria disponibilizar quinze horas semanais do seu tempo para desenvolver atividade laboral dentro da Universidade³¹.

Essa bolsa de trabalho a gente passava também por um processo de seleção, que esse processo de seleção era para ver a questão da situação socioeconômica da família, para poder ter direito a essa bolsa. Claro que também tinham outros alunos que não eram residentes e que tinham direito a essa bolsa, conseguiam receber a bolsa, mas eram poucos, a maioria eram residentes.

Eu passei seis meses, se não me engano, com essa bolsa do DAE, essa bolsa de trabalho, logo em seguida quando terminou o primeiro período, segundo eu consegui uma bolsa de monitoria. A gente não podia acumular, essa bolsa de trabalho com bolsa de monitoria. Tive que abrir mão da bolsa de trabalho e fiquei com a de monitoria, que também, digamos, era o mesmo valor. Mas como eu pretendia seguir a carreira acadêmica, para mim, para o meu currículo seria melhor eu ir para a monitoria

³⁰ Relatório de Gestão da UFRPE de 2000.

³¹ A partir do ano 2000, a carga horária estabelecida para os discentes usuários da bolsa de trabalho passa a ser de vinte horas semanais, apesar da Resolução prever quinze horas, informação verificada nos documentos que compoñham a frequência dos estudantes.

(Entrevista concedida por SANTANA, Daisyvângela Eucrêmia da Silva Lima, Recife, 11 de janeiro de 2023)³².

Previa-se, na legislação, que as condições de carência dos discentes deveriam ser verificadas antes do acesso ao benefício. Os estudantes atendidos pelo programa de residência universitária tinham prioridade nesse atendimento, como foi o caso da entrevistada Daisyvângela Eucrêmia, pois não era ofertado aos moradores das casas de estudante nenhum tipo de recurso financeiro vinculado ao programa de moradia. Assim, os discentes viam na Bolsa de Trabalho uma oportunidade em obter recurso para a manutenção dos gastos acadêmicos.

Na prática, a bolsa de trabalho dizia respeito ao estudante desenvolver uma atividade (nem sempre estava ligada à sua área de formação) em qualquer setor da UFRPE, inclusive em setores administrativos, para cumprir uma carga horária e receber a bolsa.

A lógica meritocrática da assistência está ligada à cultura institucional das IFES, quando se fala em benefício em pecúnia, principalmente bolsas. Essa interpretação de a assistência estudantil, se prestada em decorrência de contrapartida dos discentes, reflete a lógica institucional sobre uma política que não deveria se confundir com as demais iniciativas de concessão de bolsas baseadas em mérito. Essa lógica reforça a compreensão individualista de questões sociais, apagando o reconhecimento da pobreza e da exclusão social como expressões de relações sociais e econômicas (YASBEK, 2003 apud MACHADO e MIRIAN, 2016, p. 479).

Na ação em que o estudante recebia a assistência por meio de benefício em pecúnia, como o Programa “Bolsa de Trabalho”, a prestação de serviço era obrigatória, e desconsiderava-se o fator compensatório que o programa deveria ter. Esse fato perdurou e perdura pelas Universidades brasileiras, mesmo após o PNAES, de forma que a contrapartida laboral de estudantes em vulnerabilidade socioeconômica ainda é uma realidade.

Na UFRPE, a contrapartida em relação à concessão de bolsa de assistência estudantil deixou de ser obrigatória apenas em 2014 e foi extinta enquanto modalidade voluntária em 2017, após auditoria e orientação da Controladoria Geral da União - CGU.

A história das políticas de assistência, segundo Monnerat, Senna, Schottz, Magalhães e Burlandy (2007) acompanha o desenvolvimento do capitalismo desde os séculos XVII e XVIII. Suas ações sustentavam-se em concepções moralistas ou culturalistas da pobreza, como descreve Silva (2010), atribuindo suas causas a falhas individuais ou a culturas inferiores, respectivamente. Decorrem delas ações com caráter punitivo ou modelador de condutas, com exigências de contrapartidas ou de condutas a serem seguidas em troca dos valores ou bens (MACHADO e MIRIAN, 2016, p. 478).

³² Daisyvângela Eucrêmia da Silva Lima Santana foi estudante da graduação na UFRPE e residente da casa de estudante feminina de 1997 a 2004.

Notamos, nas falas dos entrevistados, como a assistência estudantil era executada também a partir de simpatias políticas entre os gestores. Não existiam critérios técnicos: quanto mais aval tivesse o Diretor do DAE com as instâncias superiores, era mais provável que os apoios financeiros às ações de assistência acontecessem, ainda que de forma diminuta. Isto porque, como disse um dos entrevistados, “a crise era grande”, advinda de planos econômicos descontínuos e fracassados, que vinham desde os governos ditatoriais³³ - oriundos do golpe civil militar nos anos 60 - até o mandato de José Sarney de Araújo Costa³⁴, primeiro civil a assumir a presidência, após vinte anos de ditadura.

“O país vivia profunda crise econômica, agravada ainda mais pela hiperinflação e pelas restrições aos gastos públicos, aos investimentos e ao consumo, impostos pelos planos econômicos de combate à inflação e pelos acordos assinados com o Fundo Monetário Internacional” (ANDIFES, 2013, p.17).

Os primeiros governos brasileiros instituídos por eleição direta, após a promulgação da Constituição de 1988, irão assumir posturas políticas e econômicas de aglutinar os ideais de globalização, em andamento na Europa e América do Norte. “Os anos 1990 ficaram marcados pela implementação de políticas econômicas que acompanharam a tendência neoliberal de caráter mundial, de reduzir o tamanho do Estado, privatizar bens públicos e desregularizar as leis do trabalho” (FERREIRA e DELGADO, 2018, p. 212).

Nesse cenário, as instituições de ensino superior federais, quando não atacadas, eram rechaçadas pela política econômica. “O governo Collor³⁵ caracterizou-se pela restrição dos recursos para o ensino e a pesquisa, arrochando o orçamento das universidades públicas e ofertando novas vagas pela expansão das instituições privadas” (FERREIRA et al, 2018, p. 26). Com o impeachment de Collor e assunção de seu vice, Itamar Franco, de acordo com

³³ No final do governo do general Geisel, o Brasil possuía um dos maiores e mais bem integrados complexos industriais entre os países periféricos, mas sofria o choque do aumento nos preços do petróleo e de sua comprida fila de consequências: crescimento lento nas exportações, aceleração nas taxas de juros internacionais, aumento da dívida externa. A inflação seguiu ascendente, chegou a 211% ao ano em 1983, 223% em 1984, no final do governo do general Figueiredo, e bateu forte no bolso e no cotidiano do trabalhador e da classe média assalariada: descontrole nos preços, contas públicas deterioradas, recessão e desemprego (SCHWARCZ, 2015, p. 798).

³⁴ De meados de 1989 até março de 1990, a política econômica do governo limitou-se a tentar evitar a hiperinflação, sem sucesso, por sinal. Em janeiro, fevereiro e março de 1990, últimos meses do governo Sarney, a taxa mensal de inflação atingia inacreditáveis 71,9%, 71,1% e 81,3%, respectivamente (MOURA, 1990; FILGUEIRAS, 2000; apud MACIEL, 2008, p. 322).

³⁵ A administração Collor resultou numa sucessão de catástrofes em nome da proposição de uma agenda neoliberal: planos econômicos despropositados, destruição dos direitos sociais, péssimo relacionamento com o Congresso Nacional e recrudescimento da corrupção. A consequência foi um impeachment inédito (CARVALHO, 2014 apud PADILHA, 2016, p. 85).

Carvalho(2014), o Ensino Superior recebeu especial atenção governamental no curto mandato deste presidente; como a proposta de revisão do processo de distribuição de recursos para as universidades federais (que acabou não sendo bem sucedida); modificação na avaliação Institucional das Universidades, com a criação do Programa de Avaliação Institucional das Universidades Brasileiras (PAIUB); apoio aos *Campi Universitários*, com treinamento e capacitação dos recursos humanos e expansão do crédito estudantil nas Universidades particulares.

No biênio 93/94, as IFES conseguiram alguns recursos para investimentos, graças à verbas repassadas pela Sesu³⁶ e que, aplicadas com critério na ciranda financeira da época (overnight), permitiram, pelo menos, algum nível de investimento num cenário de extrema aridez de recursos (ANDIFES, 2013, p. 36). No entanto, a visão que defendia o “Estado Mínimo” permanecia presente. O então Ministro da Fazenda de Itamar Franco e futuro presidente que governaria o Brasil por oito anos, Fernando Henrique Cardoso - FHC, em dezembro de 1993, “apresentou o Plano de Estabilização Econômica, cujos principais pontos diziam respeito ao ajuste fiscal, a ser perseguido basicamente por meio de cortes radicais nos gastos públicos” (FERREIRA e DELGADO, 2018, p. 227).

Em decorrência das políticas adotadas na década de 90, principalmente pelo Governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC), o Ensino Superior sofreu o impacto do sucateamento das universidades públicas pelos cortes de verbas, a não abertura de concursos públicos para professores e funcionários técnico-administrativos, pela continuidade da expansão do ensino superior privado e das matrículas delas decorrentes, pela destinação de verba pública para as faculdades particulares, pela multiplicação das fundações privadas nas Instituições de Ensino Superior (IES) públicas e por ausência de uma política efetiva de assistência estudantil(SANTOS, 2017, p. 04).

Na UFRPE, as ações de assistência estudantil estavam localizadas como atividades comunitárias, assim como “a assistência à saúde”, a “Biblioteca”, o “Núcleo de Educação Física e Desportos” e o “Hospital Veterinário”, porém não se confundiam, uma vez que a assistência estudantil, apesar de ações mais genéricas, poderia atender um público específico: alunos carentes de recursos e de baixa renda. Como o próprio verbo estabelece, a assistência estudantil na UFRPE estava no campo das possibilidades. Possibilidade, também, de decisão política para os gestores, como as intervenções no Restaurante Universitário – este equipamento que, apesar das reivindicações estudantis ao longo de sua existência, teve oscilações de funcionamento e qualidade. Todavia, talvez tenha sido a ação mais visibilizada do DAE, pois sempre se

³⁶ Secretaria de Educação Superior (Sesu) do MEC.

apresentou como uma política universal para a comunidade acadêmica, mesmo com suas especificidades de atendimento a alguns públicos, como o caso dos residentes das casas de estudantes.

Entre os sete funcionários entrevistados para esse estudo, todos trabalharam em algum momento no RU (seja na época do DAE ou Progest), inclusive os funcionários com mais tempo de serviço no DAE, como os casos de Maria Francisca Pedrosa, Helina³⁷ e Severino José de Santana, que iniciaram sua vida profissional naquele setor que os fizeram lembrar com detalhes seus primeiros anos de UFRPE.

Eu vim trabalhar na Rural por uma colega minha que era funcionária, teve um evento, veio um monte de gente de fora, estavam precisando de dez pessoas. (...) eu fui direto para o restaurante, justamente foi lá que veio o povo de fora (...) eu fiquei, fazia todos os serviços, fiz todo serviço ali; eu trabalhei em tudo, em tudo me botaram para me provar, acho que para provar da minha capacidade(...) meu primeiro dia de trabalho aqui, que foi no dia 1º de julho de 1982(Entrevista concedida por PEDROSA, Maria Francisca, Recife, 17 de março de 2022).

Na rural, quando eu entrei aqui em 84, eu fui para o RU. (...)No RU eu fazia tudo, eu lavava copo, lavava bandeja, cortava verdura, escolhia feijão, eu fazia tudo isso e na hora da refeição eu ia para o balcão ficar também servindo suco para os estudantes. Naquela época era bem mais fácil entrar, não era através de concurso, fui falar com o reitor, fui lá no DP (Departamento Pessoal), porque na época tinha umas quatro, mais de quatro pessoas que entraram igual comigo aqui na Rural. Entreguei os documentos, a documentação, e eles depois me chamaram para começar a trabalhar no RU(Entrevista concedida por HELINA, Recife, 11 de março de 2022)³⁸.

Setenta e cinco a setenta e seis, por aí, eu limpava os matos, lavava umas panelas, eles mandavam eu lavar umas panelas, lavava bandeja. Eu trabalhava no refeitório, fui contratado para ficar recibado. Foi passando o tempo, eu saí do refeitório e me botaram lá para o “Parques e jardins” para limpar os matos, que não tinha quase ninguém, os outros “pessoal” estava tudo velho já, eu trabalhava aqui nesse campo da universidade. (...)Estava dentro do restaurante, ele chegou (o Departamento Pessoal), saiu pegando o documento de todo mundo, mandou levar o documento e a gente levou. A gente trabalhava no restaurante, mas não tinha nada desse negócio de restaurante, o que a gente atendia era auxiliar de parques e jardins, o nome que a gente tinha, quando vinha no papel para a gente... Aí quando veio, quando assinou a Carteira da gente que veio, que passou o primeiro contracheque, veio Auxiliar de Nutrição e Dietética (Entrevista concedida por SANTANA, Severino José de, Recife, 10 de março de 2022)³⁹.

A partir das narrativas dos servidores entrevistados, percebemos a incidência das transformações nos vínculos trabalhistas estabelecidos na UFRPE nos anos 70 e 80, visto que “A memória também transforma acontecimentos públicos em experiências pessoais idiossincráticas” (LOWENTHAL, 1998, p. 79). Durante muito tempo, em compensação à

³⁷ A pedido dessa entrevistada foi lhe denominado um pseudônimo.

³⁸ Servidora do DAE desde 1984, permaneceu na assistência estudantil até 2022.

³⁹ Servidor do DAE desde os anos 70, ainda atua na assistência estudantil.

insuficiência de servidores do regime jurídico da Administração Superior Pública Federal, as instituições públicas brasileiras se utilizaram do art. 111, do Decreto nº 200/1967, mesmo essa normativa tendo vigorado durante pouco tempo e tornando-se inconstitucional, conforme o artigo 104 da Constituição de 1967⁴⁰. Motta (1982, p. 149), vai dizer que, apesar de este Decreto, do ponto de vista legal, ter curto tempo de existência, na prática, acabou deixando fundas raízes. A forma de contratação via recibo, a qual os trabalhadores se autodenominavam “recibados”, consistia na “colaboração de natureza eventual à Administração Pública, de forma de prestação de serviços, retribuídos mediante recibo (g.n.) não caracteriza, em hipótese alguma, vínculo empregatício com o Serviço Público” (BRASIL, 1967).

Diversos funcionários da UFRPE, antes de 1985, ingressaram na instituição dessa forma, e, alguns, após certo período, eram contratados sob o amparo legal da Consolidação das Leis Trabalhistas - CLT. Em 1985, a Administração Pública Federal, por meio de Decreto⁴¹, instituiu a criação, por transformação desses contratos, de cargos efetivos aos órgãos, e, assim, muitos funcionários da UFRPE, como no país a fora, foram incorporados ao Serviço Público.

O Restaurante Universitário sempre foi um lugar que necessitou de um grande quantitativo de funcionários, principalmente antes da implementação da terceirização, quando a gestão do RU era feita exclusivamente pela Universidade. Não é de se estranhar que alguns funcionários do DAE tenham justamente iniciado nesse setor.

Um fato importante sobre antigos funcionários da UFRPE, que se aplica aos funcionários do DAE, é a relação de proximidade familiar e geográfica com a instituição. É comum encontrar funcionários cujos quais familiares e parentes já tenham trabalhado na instituição, de forma que, em alguns casos, foram esses familiares ou parentes que influenciaram ou se articularam institucionalmente para inseri-los nos serviços da Universidade. No caso dos funcionários do DAE, alguns disseram que familiares e parentes tiveram influência com a gestão. Outros só mencionaram quando perguntados sobre a vinculação anterior desses com a UFRPE. Isso explica nossa percepção frente à impressão que tivemos sobre a lealdade com a instituição, que parte dos entrevistados demonstraram, principalmente, quando silenciaram frente a qualquer crítica das formas de gestão.

⁴⁰ Para aprofundamento da discussão sobre os regimes de trabalho na Administração Pública Brasileira consultar: Motta, C. C. P., C. (1982). Terceiro Regime Jurídico. Revista de Direito Administrativo, 147, 7–22.

⁴¹ DECRETO-LEI Nº 2.280, DE 16 DE DEZEMBRO DE 1985(Cria, mediante transformação, empregos na Administração Federal direta e nas autarquias federais e dá outras providências).

Um outro aspecto é a localização de moradia muito próxima à UFRPE. Alguns, inclusive, morando em terrenos pertencentes à União, sob o domínio da UFRPE, a exemplo da comunidade do Sítio dos Pintos, onde mora até hoje uma parcela dos entrevistados.

A comunidade de Sítio dos Pintos começou a ser ocupada, de fato, a partir da chegada da UFRPE em Dois Irmãos, por funcionários e também migrantes do Interior de Pernambuco, que procuravam trabalho naquela instituição de ensino superior baseados na experiência com as atividades de campo. Já na década de 1950(...) alguns funcionários que trabalhavam principalmente nas atividades agropecuárias, receberam a permissão dos primeiros reitores desde a transferência da universidade para o bairro de Dois Irmãos para se instalarem nas imediações (LEÃO, 2012, p. 51).

Com o passar dos anos, as concessões para moradia⁴² passaram a ser menos frequentes e as ocupações irregulares ganharam força na região. As justificativas dos entrevistados para esse contato tão próximo à UFRPE são atribuídas às dificuldades de acesso ao bairro, o que levava as pessoas a terem que morar perto do trabalho. O nível de escolaridade desses funcionários do DAE que começaram a trabalhar no RU nos anos 80 reflete também as características dos trabalhos desenvolvidos por eles. Naquela época, a maioria não tinha concluído o ensino médio e desenvolviam trabalhos braçais, que era a maior demanda de trabalho do RU.

O RU entrou nos anos 90 passando por uma crise originária da década anterior. Em 1989, o RU foi fechado no turno noturno, por não possuir funcionários suficientes para funcionar os três horários, situação que foi contornada com a realocação de servidores de outros setores para que o funcionamento fosse normalizado, ainda que de forma precária. Os relatórios de gestão de 1990 a 2005 atestam oferecimento de três horários das refeições, correspondentes a café da manhã, almoço e jantar, mesmo nos momentos em que ficou exclusivo apenas para os residentes das casas de estudante, com exceção de 1991 e 1992, anos nos quais os dados do DAE demonstram que foram oferecidos apenas almoço e jantar no restaurante.

Ainda em 1989, a UFRPE decretou o fechamento definitivo do RU, pela inviabilidade de fornecer alimentação subsidiada à comunidade discente como um todo. Desse ato, surgiram levantes, o que levou a reitoria a realizar um Plebiscito que previa a consulta sobre a possibilidade de ser instalado no Campus um restaurante particular, no mesmo local do RU, oferecendo alimentação, segundo o reitor da época, a preços módicos.

⁴² Vale ressaltar que não há registros oficiais da concessão de terrenos da União pela UFRPE nos documentos da universidade. Os mais antigos, cujos pais ou avós conquistaram os direitos à moradia na comunidade a partir de 1938, contam que era uma prática comum na época, assim como empregar as pessoas sem concurso público, o que só foi regulamentado recentemente (LEÃO, 2012, p. 52).

O plebiscito foi um fracasso. A comunidade discente organizada, através do DCE, mobilizou-se, boicotou votação. Ainda assim, a oferta de refeições a toda a comunidade acadêmica permaneceu prejudicada após esse período. Os servidores entrevistados afirmaram que o RU manteve-se em funcionamento por um período de tempo apenas aos estudantes residentes. Nenhum dos entrevistados soube precisar o período específico que isso aconteceu. Porém, ao analisarmos os quantitativos de refeições gratuitas fornecidas ao longo da década de 90 e início dos anos 2000, presumimos ter sido entre os dois primeiros anos de 1990, quando os números declarados de refeições são superlativamente menores do que os anos posteriores⁴³. Sirlei Silvestre, funcionária que trabalhou aproximadamente onze anos no assessoramento da gestão do RU, rememorou essa fase.

Eram três refeições: café da manhã, almoço e janta. Com o passar do tempo ficou só almoço e janta. Aí fechou, ficou exclusivo só para residente. Teve muitas greves, reivindicações. (...) Antes de fechar e ficar exclusivo para os residentes, eles faziam as refeições gratuitamente. Quando eles entravam na residência eles já recebiam já a carteirinha de residência, com essa carteirinha eles tinham livre acesso (Entrevista concedida por SILVESTRE, Sirlei Gomes, Recife, 24 de março de 2022).

Além de lugares para satisfazer a necessidade básica de se alimentar, os RU's se caracterizam por serem espaço de socialização, organização e convergência política. São espaços onde os estudantes podem se encontrar, e, enquanto comem, podem conversar e discutir suas demandas. O RU da UFRPE não é diferente, mas a história desse RU também é marcada pelos momentos de ausência dos anos 90 até 2009, já que não foram poucas as vezes em que a comunidade discente se mostrou insatisfeita com a falta do serviço.

Eu fiz parte do Movimento Estudantil de lá, praticamente nos quatro anos em que eu estava lá, a gente estava no Diretório Acadêmico de História e um ou dois anos no Diretório Central. Era muito comum em toda eleição da gente, toda reivindicação, a reabertura do RU.

A gente fez várias campanhas, tanto com doação de feijoada como sopa à noite, vendida a R\$ 1,00. A ideia da gente era provar que se a gente podia vender a comida barata eles também podiam. Era uma forma também de pressionar a reitoria para a reabertura do RU, porque a grande parte de estudantes, principalmente os estudantes da noite eram trabalhadores, passavam o dia no trabalho e já iam direto para a Rural e muitas vezes não tinham tempo de se alimentar, de uma forma interessante e tendo o RU isso facilitava (Entrevista concedida por NETO, José Nunes Cavalcanti, Recife, 12 de janeiro de 2023)⁴⁴.

⁴³ Os números de refeições servidas durante todo o ano de 1990 e 1991 equiparam-se aos do ano de 2006, quando o restaurante funcionou apenas nos quatro primeiros meses e fechou para reforma, já sob o comando da Pró-reitoria de Gestão Estudantil - Progest.

⁴⁴ José Nunes Cavalcanti neto foi estudante da graduação na UFRPE entre 2004 e 2008.

A dimensão política do RU faz parte da vida acadêmica. E, quando o objeto de tensão é a existência desse equipamento, a organização estudantil toma-o como ponto estratégico para a luta por melhores serviços e atendimento. Além disso, diversos estudos concluíram que existe uma ligação direta na utilização do RU com a mitigação da desigualdade social e o problema da evasão escolar dentro das Universidades⁴⁵: “a boa alimentação melhora não só o rendimento acadêmico, como também as condições de vida das pessoas” (FONAPRACE, 1997, apud MOREIRA JR et al, 2015, p. 86).

Os Restaurantes Universitários (RU) assumem um papel de grande relevância na permanência dos discentes em vulnerabilidade socioeconômica, não surpreendendo que em alguns casos este equipamento se torna a única opção de alimentação disponível. Com preços que variam entre regiões e dentro da própria instituição, os RU 's atendem a comunidade acadêmica de forma diferenciada, tendo em vista a política de subsídio que beneficia de forma direta os estratos discentes mais pobres (CARVALHO, 2021, p. 702).

Quando se trata de estudantes que advém de famílias que vivem em condições socioeconômicas desfavoráveis, a permanência na instituição de ensino representa um desafio a mais. Dessa forma, seja porque não havia recursos financeiros suficientes para manter o RU funcionando para toda a comunidade acadêmica, ou seja, porque as instalações físicas precisavam de reparos, também em decorrência da falta de manutenção adequada por questões orçamentárias, a ausência do RU sempre provocava impactos na vida acadêmica.

Figura 08 – Movimento estudantil protesta em frente ao restaurante da UFRPE

⁴⁵ Sobre os impactos psicossociais da insegurança alimentar nas instituições de ensino, Carvalho (2021) cita os estudos conduzidos na Califórnia por Meza, Altman, Martinez e Leung (2019) e no Texas por Henry (2017). Este último estudo concluiu que a insegurança alimentar teve impactos negativos na motivação dos discentes e no sucesso acadêmico, com queda das notas, dificuldade de concentração, falta de energia, além dos impactos na vida social (CARVALHO, 2021, p. 706).



Fonte: DCE Odijas Carvalho, (2010)⁴⁶

Os estudantes da UFRPE só puderam experimentar uma continuidade dos serviços do RU pós-período de redemocratização, após a implementação do PNAES na instituição. Depois da instabilidade do funcionamento, com fechamentos corriqueiros do restaurante por mais de uma década, a reabertura representou uma importante iniciativa institucional para a permanência dos discentes.

Eu lembro muito disso porque muitos estudantes que não tinham condição de se manter na Universidade, principalmente com relação à alimentação, aderiram, iam muito para o RU, inclusive eu fui um dos alunos que frequentou bastante o RU, se eu não me engano, alguns estudantes que eram mais carentes tinham gratuidade total e os demais pagavam uma taxa de valor simbólico, que eu não me recordo agora, não sei se era R\$ 1,50 ou R\$ 2,00, eu não me lembro, que fazia toda diferença para manter o estudante dentro da Universidade e para incentivar com que a gente ficasse lá. Foi muito importante! E a qualidade da comida desde quando ele foi reaberto, o restaurante da Rural teve uma qualidade muito satisfatória (Entrevista concedida por SILVA, Thiago Emanuel Pereira da, Recife, 10 de janeiro de 2023)⁴⁷.

Em 2010, continuou-se com uma política iniciada em 2004 (antes do último fechamento do RU), na qual se concedia alimentação gratuita a uma parcela de discentes que se encontrava em vulnerabilidade socioeconômica, mas que não fazia parte do grupo de estudantes residentes. Essa política foi oficialmente encerrada em 2013, por uma decisão político-administrativa da gestão da assistência estudantil.

⁴⁶ Blog DCE UFRPE – informativo eletrônico do Diretório Central dos Estudantes Odijas Carvalho de Souza (<https://dcerural.wordpress.com/category/atividades-do-dce/page/4/>).

⁴⁷ Thiago Emanuel Pereira da Silva foi estudante da graduação na UFRPE, de 2005 a 2012 (o discente trancou o curso em 2007 e retornou em 2009).

Em contrapartida a essa decisão, a UFRPE baixou os preços das refeições para todos os discentes. Na realidade, o valor das refeições citadas pelo entrevistado, Thiago Emanuel, era de R\$ 3,00 (almoço) e R\$ 2,50 (jantar)⁴⁸, nesta época. Com o encerramento das seleções para a gratuidade no RU⁴⁹, as refeições passaram a ser de R\$ 2,00 (almoço) e R\$ 1,50 (jantar) para toda comunidade discente e assim permaneceram até o ano de 2021.

O Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES imprimiu, na assistência aos estudantes, um outro sentido, que pôde ser sentido por quem vivenciou os dois momentos, antes e após PNAES, como Silvano da Costa Brito, que foi discente de 1993 a 1995 e hoje é servidor do Departamento de Zootecnia da UFRPE.

No início, já existia a assistência estudantil, mas não era como hoje que é mais ampla, tem bolsas e foram ampliadas. No meu período não tinha essa quantidade de bolsas, mas tinha o RU que nós usufruímos. A alimentação do RU naquela época não tinha variedade; era dois tipos de carne e o resto era bandejão, bandejão mesmo, não tinha prato, e o suco, um tipo de suco só. Hoje, essa variedade de alimentos e oferta melhorou bastante. A assistência é fundamental, se ele (discente) não tiver essa assistência, esse aporte, eles vão se evadir e muitos desistem, desistem mesmo porque não têm condições de se manter, tudo caro por aí fora e quando chega aqui tem um aporte financeiro, que são as bolsas, tem o RU, tem as casas em si, tem internet (Entrevista concedida por BRITO, Silvano da Costa. Recife, 18 de janeiro de 2023)⁵⁰.

Figura 09 – Vista interna do restaurante da UFRPE no horário do almoço



Fonte. Arquivo da CCS da UFRPE (anos 90).

Na UFRPE, um público que sempre foi atendido pelo RU de forma diferenciada foi o estudante residente. Esse, durante todo o tempo, teve o acesso gratuito às refeições. O

⁴⁸ Não existe oferta de café da manhã no restaurante da UFRPE desde o ano de 2005.

⁴⁹ A última seleção para a gratuidade no RU da UFRPE foi no ano de 2012.

⁵⁰ Silvano da Costa Brito foi estudante da UFRPE nos anos 90 e é servidor da mesma instituição.

Regimento do Restaurante Universitário, de 1983, instituído pela resolução nº 30/83, da Câmara de Política e Legislação da UFRPE⁵¹, faz menção, em seu parágrafo terceiro, art. 8º, que, em caso de funcionamento do RU nos sábados, domingo e recesso escolar, este aparelho estaria disponível apenas para esse grupo de discentes atendidos pela Residência estudantil, informação que foi reiterada pelos entrevistados, inclusive residentes, como lembra a egressa da casa feminina, Maria Zenia.

A gente tinha a refeição de segunda a sexta, na sexta feira cada estudante recebia uma feira, que era para o café da manhã porque a gente almoçava e jantava. Era o café da manhã e final de semana (Entrevista concedida por TAVARES, Maria Zenia, Recife, 16 de janeiro de 2023)⁵².

“Nessa época, era um problema, porque quando era “feriadão” eles não abriam, porque passou-se a dar uma minifeira para cada aluno residente” (Entrevista concedida pela servidora WANDERLY, Mônica Ramos em 20 de abril de 2022).

No entanto, a relação instituição e residentes não se dava de forma harmoniosa no fim dos anos 90 e início dos anos 2000, quando se vivia o arrocho nas contas públicas, e a Universidade passou a contratar os serviços por meio de licitação, de forma que os residentes viveriam instabilidades no acesso à alimentação, com problemas na qualidade e no espaço onde eram disponibilizados os serviços.

Na minha época, se não me engano, em 1997 eu peguei um período, quando eu cheguei, o restaurante universitário estava passando por uma reforma. Ali próximo ao DQV (Departamento de Qualidade de Vida), por trás do DQV, não sei bem o nome do espaço, tinha como se fosse um galpão, o restaurante universitário funcionava ali porque o RU estava passando por uma reforma. Eu lembro que naquele período em que as refeições eram servidas ali, as refeições não eram de qualidade (Entrevista concedida por SANTANA, Daisyvângela Eucrêmia da Silva Lima, Recife, 11 de janeiro de 2023).

Como mencionado, em 2004 houve a iniciativa de abrir a gratuidade para discentes designados comprovadamente carentes. O processo seletivo era semelhante ao da residência universitária, e os discentes, mesmo da Região Metropolitana do Recife, podiam fazer a refeição de forma gratuita após passar pela seleção da Divisão de Atividades Especiais do DAE. Em 2004, foram servidas, no Restaurante Universitário da UFRPE, 167.957 refeições gratuitas aos

⁵¹ Não foram localizados documentos mais recentes à época estudada para essa pesquisa nos arquivos da UFRPE.

⁵² Maria Zenia Tavares foi estudante da UFRPE entre 1986 e 1996, fez duas graduações Licenciatura e Bacharelado e foi usuária do programa de residência universitária da instituição.

residentes e discentes carentes⁵³, o dobro de refeições que se servia gratuitamente no fim dos anos 1990.

É fundamental perceber como o RU e as Residências Universitárias eram e são importantes ações que colaboram com a permanência dos estudantes no ensino superior. As residências da UFRPE eram constituídas de quatro habitações: a casa 01 (prédio próximo ao Departamento de Agronomia), a casa 02 (perto ao Hospital Veterinário), a casa 03 (ficava no terreno por trás da Biblioteca Central) e a casa 04 (única casa que funcionou exclusivamente para o público feminino – as demais eram habitadas pelo público masculino).

Figura 10 – Vista lateral da casa 01(casa masculina)



Fonte: residentesufrpe.blogspot (<http://residentesufrpe.blogspot.com/2012/05/fotos-da-futura-residencia.html>), 2012.

Figura 11 – Vista lateral da casa 02(casa masculina)

⁵³ Dados do Relatório de gestão da UFRPE.



Fonte: Arquivo da CCS da UFRPE (anos 2000).

Figura 12 – Vista da entrada da casa 03(casa masculina)



Fonte: Arquivo da CCS da UFRPE (anos 2000)

Figura 13 – Vista da casa 04(casa de estudante feminina)



Fonte: Arquivo da CCS da UFRPE (anos 2000).

No ano de 2011, a residência nº 01 foi demolida e construído, em seu lugar, o Condomínio Luiz Gonzaga, prédio constituído de quatro pavimentos, para o qual foram realocados, inicialmente, os discentes advindos das casas 01 e 03 (que também foi demolida). Anos depois, com a reforma da casa nº 02, os discentes dessa casa também passaram a morar no Condomínio Luiz Gonzaga⁵⁴.

Esses investimentos na área de moradia estudantil na UFRPE são decorrentes do repasse de orçamento único referente ao PNAES. A garantia de reserva de recursos públicos específicos às Instituições Federais de Ensino Superior para a implementação das ações de assistência estudantil só foi possível com a implantação do PNAES (ALVES, 2002 apud Brito, 2015, p. 30).

Anteriormente, o que se via na UFRPE e nas demais IFES eram programas de moradia estudantil sobrevivendo ao sucateamento aos quais eram submetidos pela falta de comprometimento político e orçamentário das Universidades. O acesso e permanência à política de Residência Universitária da UFRPE foi disciplinado pela resolução nº 92/1990 do Consu, até 2008.

⁵⁴ Em 2021 a casa nº 02, após reforma, passou a atender as discentes residentes da casa feminina nº 04. Atualmente a casa 04 encontra-se em reforma, enquanto a casa 02 é exclusiva para o público feminino. A casa 02 passou a se chamar Samyr Pessoa, em homenagem a um estudante atuante do movimento estudantil da instituição, morto em decorrência da Covid 19.

A seleção dos candidatos se dava através da DASE, a quem cabia indicar a Seção de Residência e a Seção de Restaurante Universitário os classificados que ocupariam uma vaga em uma das casas de estudantes. A gestão das residências era permeada por percalços, devido às dificuldades orçamentárias em mantê-las enquanto espaços de moradia qualificados para atender os discentes “carentes de recursos”, oriundos do interior do Estado de Pernambuco e também de outros estados do Brasil. A partir de um questionário aplicado a ex-residentes da UFRPE, pudemos ter acesso às memórias daqueles que foram beneficiários dessa ação.

A memória é um importante instrumento de (re)construção do passado,

[...] segundo Halbwachs, uma ou mais pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso (HALBWACHS, 1990, p. 31 apud SILVA, G. F, p. 249).

Dessa maneira, um grupo de ex-usuários da assistência estudantil (ex-moradores das casas de estudantes) foram provocados a consultar suas lembranças quanto à constituição da assistência estudantil no período em que foram beneficiados na UFRPE. Por meio de respostas em questionário aplicado, os discentes puderam expressar suas opiniões e relatar suas memórias sobre as ações pelas quais eram atendidos, ajudando-nos a construir uma escrita histórica sobre essa política institucional.

O questionário teve como respondentes aptos 11 (onze) discentes, ex-usuários das residências estudantis. Por meio de perguntas fechadas, pudemos mapear um sucinto perfil dos respondentes, que compreendeu: sexo, grau de escolaridade, formação versus trabalho, ano de ingresso no programa e tipo (s) de benefício (s) por qual (is) era atendido.

As perguntas aplicadas por meio de questionário aos ex-usuários das residências estudantis (casas de estudantes) foram:

1. Nome completo
2. E-mail
3. Escolaridade
4. Trabalha na área em que se formou na UFRPE
5. Por qual (is) ação (ões) do Departamento de Assistência Estudantil - DAE era atendido (a)?
6. Ano de ingresso no programa de residência da UFRPE (ex.: 20/05/1990 ou apenas o ano ex.: 1990)

7. Fale um pouco como foi sua seleção para a residência, como foram os procedimentos de ingresso na casa e o atendimento por parte dos profissionais do DAE que lhe atenderam (pode detalhar o quanto achar necessário)
8. Fale um pouco sobre os aspectos positivos em ter sido um (a) residente da casa do estudante da UFRPE (pode detalhar o quanto achar necessário)
9. Fale um pouco sobre os aspectos negativos em ter sido um (a) residente da casa do estudante da UFRPE (pode detalhar o quanto achar necessário)
10. Da sua época de residente, o que a UFRPE poderia ter feito pelos residentes que a instituição deixou a desejar (pode detalhar o quanto achar necessário)
11. Sobre a alimentação para os residentes, você achava satisfatório os serviços (fornecimento, qualidade, recurso financeiro etc.)
12. Na sua avaliação, qual a principal reivindicação dos estudantes residentes da sua época (pode detalhar o quanto achar necessário)
13. Caso você seja citado (a) no estudo gostaria que seja citado:
 - () fosse utilizado meu nome verdadeiro
 - () fosse destinado a mim um nome fictício
14. () Ao preencher e encaminhar este formulário concedo a SIMONE MUNIZ DA SILVA plenamente autorização para utilizar as informações fornecidas no todo ou em parte em seu Trabalho final do mestrado profissional em História, editado ou integral, inclusive utilizando-o também em artigo científico.

A partir das respostas dos ex-moradores das casas de estudantes que preencheram o questionário, obtivemos os seguintes resultados.

Quadro 02 – sexo dos respondentes

Mulheres	Homens
3	8

Fonte: Elaborado pela autora

O público feminino das residências estudantis no período pesquisado sempre representou 16% da totalidade de atendidos. De 1990 a 2005 o número oficial de meninas moradoras da casa 04 (feminina) era sempre de 22 estudantes. Até o ano de 2012, a Universidade contava com uma casa de estudante feminina e três casas de estudantes

masculinas. A reivindicação de aumento de vagas para o público feminino só ganhou força com a construção do Condomínio Luiz Gonzaga. Atualmente, esta habitação abriga maior número de residentes e foi construída com recursos do PNAES.

Quadro 03 – Ano de ingresso dos respondentes no programa⁵⁵

1989	1990	1991	1992	1993	1994	1998	2002	2003
1	1	1	1	1	2	1	1	2

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 4 – grau de escolaridade dos respondentes

Superior completo	Pós-graduação (especialização)	Doutorado
3	4	4

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 05 – Formação x trabalho dos respondentes

Exercer trabalho na área de formação	
sim	não
8	3

Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados dos quadros 04 e 05 contém elementos significativos para mensurar o alcance da política por meio dessa ação: a maior parte dos respondentes deram prosseguimento aos estudos. Da mesma forma, a maioria desses discentes exercem trabalho na mesma área na qual teve formação, o que demonstra a importância desse apoio institucional. A casa estudantil faz parte da assistência universitária, definida como um dos instrumentos facilitadores da política educacional, além de ser uma ação de inclusão social e direito de cidadania (BARRETO, 2002, p. 1 apud SOUZA, 2009, p. 5).

⁵⁵ Como critério de participação na pesquisa, o respondente deveria ter vivenciado a experiência com a assistência estudantil entre 1990 e 2005. De acordo com dados do questionário aplicado, os estudantes respondentes permaneceram em média três anos e meio na residência estudantil.

Quadro 6 – Benefício (s) pelo(s) qual(is) foi atendido

Residência estudantil e restaurante universitário	Residência estudantil, restaurante universitário e bolsa trabalho
9	2

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao serem incorporados à residência estudantil da UFRPE, a esses discentes, automaticamente, eram concedidas refeições gratuitas no restaurante universitário, como é feito até hoje. A fim de ratificar essa informação, perguntamos por qual(is) benefício(s) o discente era atendido. Acrescentamos o benefício “Bolsa de trabalho”, que não tinha ligação direta com o programa de residência ou com o restaurante universitário, no entanto estava entre as ações do DAE, cujos procedimentos de acesso a bolsa trabalho, após 1998, eram semelhantes ao da residência; por meio de investigação social, anteriormente, não temos informações. Entre os respondentes, dois estudantes confirmaram receber essa bolsa: um com ingresso na residência em 1994 e outro em 2003, o que nos faz compreender que os discentes residentes poderiam ter mais de um benefício da assistência estudantil, além daqueles já inseridos, mesmo que isso acontecesse de forma pontual.

Para analisar as categorias, como já mencionado, utilizamos técnica de análise de conteúdo. A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 42). E para as questões abertas estabelecemos as categorias expostas no Quadro 7:

Quadro 07 – Categorias de análise

TEMA	CATEGORIAS
1. Ingresso	a) Procedimentos de acesso às Residências Estudantis da UFRPE.
2. Permanência	b) Percepções dos usuários quanto aos aspectos positivos e negativos da assistência estudantil.
3. Resultados	c) Contribuição para conclusão do curso.

Fonte: Elaborado pela autora.

Categoria A) - Procedimentos de acesso ao Programa de Residência Estudantil da UFRPE

Os procedimentos de acesso às residências estudantis da UFRPE são as formas de como a Universidade organizava e deliberava o atendimento dos discentes por essa ação, procedimentos definidos previamente por critérios e requisitos que o discente deveria atender⁵⁶. 100% dos respondentes afirmaram ter passado por uma investigação social, que, na narrativa dos estudantes, traduziu-se em preenchimento de formulário, apresentação de documentação (das condições de renda e moradia), avaliação da comissão de seleção formada por integrantes do DAE e residentes veteranos e entrevista com a equipe do DAE. A resolução nº 92/90 do Conselho Universitário, que aprovou o regimento das residências, a qual os respondentes eram atrelados, estabelecia esses procedimentos:

Art. 10 – A seleção dos candidatos às Residências Universitárias far-se-á semestralmente, de acordo com o número de vagas, através de uma comissão com a seguinte composição:

I – O Diretor da Divisão de Atividades Sócio-Econômicas (DASE) do DAE;

II – Um representante indicado pelo DAE;

III – Um representante do Diretório Central dos Estudantes;

IV – Um representante de cada Residência Estudantil.

(...) Parágrafo 3º: O candidato deverá anexar a ficha de informações, documentos comprobatórios do seu local de residência, estado de carência, bem como os relativos salários e números de dependentes da pessoa da qual depende financeiramente.

A investigação social consistia em analisar as informações dispostas pelos discentes, em formulário, e apresentadas em cópias de documentação, a fim de saber se os requerentes tinham perfil para ingressar na residência, que era direcionada aos “estudantes regularmente matriculados na UFRPE e residentes no interior do Estado ou em outros Estados da Federação” (resolução nº 92/90, UFRPE). Até o ano de 1998 não há mais registros de como se processavam essas etapas, porém, a partir de 98, localizamos documentos que indicavam a maneira de se fazer a seleção: em duas planilhas impressas, uma de 1998 e outra de 2002, identificadas como “candidatos inscritos para residência estudantil”, nas quais encontramos as variáveis de análise que correspondiam a renda, origem (domiciliar), histórico (coeficiente de rendimento), período e inscrição (número de vezes que se inscreveu). Acima das respectivas variáveis, observamos que eram estabelecidos pesos para cada uma, dando-se a entender que existia um score que originava um cálculo, podendo-se, assim, ranquear a classificação dos discentes.

No entanto, isso é apenas uma suposição, uma vez que não encontramos nenhum

⁵⁶ Os processos seletivos da assistência estudantil tradicionalmente expõem normas complementares via editais dos programas tomando como parâmetro suas resoluções. Infelizmente não tivemos acesso (não conseguimos localizar na nossa pesquisa) nenhum edital da época.

documento que confirmasse essa suspeita. Baseamos esse entendimento na nossa experiência atual⁵⁷, pois a comissão de seleção ainda existe no processo seletivo de residência, com configuração e critérios, quanto às variáveis, um pouco diferentes, no entanto com a mesma lógica de classificar os discentes⁵⁸.

Os discentes ainda mencionaram com frequência a avaliação psicológica e médica, entretanto, o Art. 10 da resolução nº 92/90 versava sobre etapa do processo de avaliação apenas com o profissional de psicologia. A passagem pelo serviço médico da instituição se dava posteriormente ao ingresso e tratava-se de um acolhimento, não como etapa eliminatória.

Parágrafo 7º: Os candidatos serão submetidos a uma avaliação individual, consistindo na análise dos aspectos sócio-econômicos referentes à carência e a uma avaliação psicológica, onde serão caracterizadas as condições de adaptação e relacionamento interpessoal em uma comunidade estudantil. Os resultados terão um critério global e serão publicados pela DASE.

Um fato interessante quanto à categoria “Procedimentos de acesso ao Programa de Residência Estudantil da UFRPE” correspondeu à narrativa de 3 (três) estudantes que afirmam terem estado na casa de estudante na condição de “penetras”, de acordo com o relatado, sob conhecimento do DAE.

Inicialmente fiquei de penetra na casa dois, nesse período (um mês) só tinha direito ao almoço e jantar no RU, porém os xepeiros eram solidários e nos emprestavam as carteiras de acesso ao RU e Jessé o porteiro do RU fazia vista grossa e tínhamos acesso ao café da manhã. Após o período de seleção, que constava de investigação social e entrevista com a equipe do DAE e uma comissão de xepeiros veteranos fui classificado e morei por seis anos na casa dois (Respondente do questionário 04)⁵⁹.

Eu fiquei de penetra até sair o resultado, o pessoal do DAE sabia e deixou, mas não consegui, tentei de novo e da segunda vez consegui (Respondente do questionário 05).

Morei como penetra, pois na época eu já tinha uma formação universitária, porém estava desempregada”(Respondente do questionário 08)⁶⁰.

⁵⁷ Um funcionário que trabalhou no processo seletivo entre 1998 a 2012 nos confirmou essa informação por meio de entrevista.

⁵⁸ A mudança mais significativa nos processos seletivos da assistência estudantil da UFRPE diz respeito à inserção da figura do profissional de Serviço Social (em 2007) na análise das condições socioeconômicas dos discentes inscritos para os programas. Porém, o Programa de Residência ainda mantém a comissão de seleção, a qual o Serviço Social não faz parte por motivos éticos, assim, após análise e verificação da situação do discente, nesse processo seletivo específico, o Serviço Social encaminha apenas as pontuações para que sejam trabalhados no score e a comissão estabelece a ordem de classificação.

⁵⁹ A maioria dos discentes que responderam ao questionário fizeram a opção de não ter seu nome revelado ao ser citado, assim, como padrão neste relatório, ao citarmos as respostas destes discentes utilizaremos como padrão “Respondente do questionário” e uma numeração para diferenciar a pessoa citada.

⁶⁰ Além das demais condições para ingressar no Programa de residência, o discente não poderia estar enquadrado no Parágrafo 4º do art. 12: Não terá direito à Residência Universitária, o estudante ingresso como portador de diploma de 3º grau, bem como o estudante-convênio.

Até meados dos anos 2000 era comum essa narrativa por parte dos discentes da UFRPE de que existiam “penetras” morando nas casas de estudantes. Era a estratégia desenvolvida por estudantes que geralmente tinham amigos ou parentes moradores das casas. Assim, esses ajudavam aqueles a ocuparem um espaço nas residências, principalmente durante o processo seletivo. Enquanto a permissibilidade do DAE variavelmente se dava pela simpatia (como benesse) ou por questões de cunho político, traduzindo um pouco a cultura política praticada.

Fiquei morando de penetra porque quando cheguei para morar na casa falei da minha situação financeira e o diretor do DAE da época me permitiu ficar. Quando terminou a gestão desse diretor, começou minha saga de perseguição. O novo diretor que assumiu o DAE (...) fazia questão de jogar na minha cara que eu só estava na casa porque quando ele chegou já me encontrou lá. A minha sorte foi que eu me envolvi com o movimento estudantil junto com algumas meninas da casa, aliás foram elas que me levaram para morar de penetra, e assim durante todo o tempo elas me protegem (Respondente do questionário 08).

A legislação que versava sobre a residência universitária (resolução nº 92/90) nada dizia sobre a potencial ocorrência de penetras. Subentendia-se que só teriam acesso às dependências da casa e usufruíram dos benefícios atrelados à residência (gratuidade no restaurante universitário) apenas os candidatos classificados no número de vagas ofertadas. Em 25 de outubro de 2000, período posterior relatado por dois dos três respondentes, que afirmaram terem sido “penetras”, o DAE baixou o que chamou de “Resolução nº 01/00: Normas aos residentes visando assegurar a ordem, disciplina e boa convivência nas residências estudantis⁶¹”. De acordo com o próprio documento, o DAE elaborou e deliberou essa normativa em concordância com as diretorias das respectivas residências universitárias. Dentre as inúmeras proibições previstas, dizia a alínea f): “Fica expressamente proibida a estadia, alojamento, ou moradia na Residência Estudantil de pessoas que não sejam residentes autorizadas pela administração do DAE”.

A condição de irregularidade no programa de assistência estudantil deixava o discente ainda mais vulnerável, ao mesmo tempo em que ratificava aspectos da cultura do favor e do autoritarismo

A sociedade brasileira é fortemente hierarquizada: nela, as relações sociais e intersubjetivas são sempre realizadas como relação entre um superior, que manda, e um inferior, que obedece. As diferenças e assimetrias são sempre transformadas em desigualdades que reforçam a relação mando-obediência. O outro jamais é

⁶¹ Este documento foi deliberado no âmbito do Departamento de Assistência Estudantil-DAE e não teve passagem pelos Conselhos da Universidade.

reconhecido como sujeito nem como sujeito de direitos, jamais é reconhecido como subjetividade nem como alteridade. As relações, entre os que se julgam iguais, são de cumplicidade; e, entre os que são vistos como desiguais, o relacionamento toma a forma do favor, do clientelismo, da tutela ou do cooptação, e, quando a desigualdade é muito marcada, assume a forma da opressão (CHAUI, 2005, p. 74).

Categoria B) - Percepções dos usuários quanto aos aspectos positivos e negativos da assistência estudantil

Esta categoria tratou de agrupar as descrições das experiências dos discentes com as ações da assistência estudantil, no que eles entenderam como positivo e negativo. Ter sido oportunizado aos respondentes em fazer parte de um programa que oferecia moradia e alimentação gratuitas foi a principal referência de positividade relatada, continuando-se com os demais aspectos, como otimização do tempo de estudo, maior acesso às atividades curriculares e extracurriculares e interação social dentro da instituição.

Morar dentro da universidade aumenta significativamente as chances de interação extracurriculares. Tinha maior acesso aos professores e funcionários que muito me auxiliaram, acesso à biblioteca aos sábados (Respondente do questionário 01).

(...)pessoas como eu que vinham do interior não teria condições de estudar numa capital se não fosse a casa do estudante e a alimentação que recebíamos. Eu sempre lutei pela casa estudantil, pois acreditava que assim como eu, ainda viria outros estudantes que precisariam dela (poderia até ser um filho meu a precisar) (Respondente do questionário 05).

Após sair da Rural fui fazer uma pós em Viçosa-MG (com uma bolsa de estudos) e lá passei a ter uma vida de estudante de república, residindo fora do Campus. Tive, então, a noção do quão importante foram as políticas de assistência estudantil que me atenderam enquanto morei na residência da Rural. Destaco o i) menor gasto de tempo ao longo do dia por não precisar me deslocar por meio de ônibus conseguindo, então, desempenhar outras atividades como monitoria e iniciação científica com mais empenho do que meus colegas não moradores da residência estudantil; ii) convívio com colegas de turma, também moradores da residência, o que permitiu uma rotina de estudo e troca de experiência mais intensa acerca do conteúdo visto; e iii) a tranquilidade de saber que teria garantido o teto e a comida até o fim do curso. (Respondente do questionário 06).

A dimensão objetiva da vida dos moradores das casas de estudante, ou seja, ter “teto e comida” garantidos sem que isso fosse uma preocupação, desdobrava-se na dimensão educativa que foi a experiência de morar em coletividade. Viver em uma residência estudantil também é aprendizagem. O acesso a outras formas de ver o mundo, por meio do contato com os mais diversos perfis de estudantes, de regiões diferentes do país e do Estado – o desenvolvimento da alteridade. E a aprendizagem com as contradições que o convívio coletivo também oferece, como a questão da tolerância, do respeito ao diferente e as adversidades do dia a dia, com

conflitos de interesse e éticos, próprios aos seres humanos viventes em sociedade, ou como descreveu um respondente: “Escola da vida. Aprendizado sobre como conviver com pessoas diferentes e estratégias de sobrevivência” (Respondente do questionário 11).

Dividir o espaço de moradia com pessoas, a princípio, desconhecidas e diversas tem lá suas ambiguidades. Porém, quanto aos aspectos negativos descritos pelos respondentes, destacamos, em maior proporção, as más condições de infraestrutura das casas de estudante e a qualidade das refeições servidas no restaurante universitário. Como em todo ambiente de moradia, as casas precisavam constantemente de manutenção e, de acordo com os discentes, a conservação das residências e a estrutura oferecida pela UFRPE deixava a desejar. Assim relatam as necessidades:

Único aspecto negativo era a precariedade da residência, sempre precisando de reformas (Respondente do questionário 01).

As instalações sanitárias e a sala de estudo necessitavam de uma reforma (Respondente do questionário 04);

Morei na residência estudantil masculina 02. Na época em que estive lá carecíamos de uma boa sala de estudos e de banheiros melhor estruturados (Respondente do questionário 06);

Quando morei na casa precisava muito de melhoria na estrutura (Respondente do questionário 09).

Condições ruins das casas na época, eram muitas pessoas por quarto (Respondente do questionário 10);

As residências estudantis eram administradas pelo DAE, com assessoramento das Diretorias das casas, mas, cabia ao DAE, dentre outras atribuições “I – Traçar diretrizes para o funcionamento e manutenção das Residências Universitárias e IV – Os serviços de limpeza e manutenção das Residências Universitárias” (resolução nº 92/90).

A Proplan – Pró-reitoria responsável pela integração, compatibilidade, coordenação, programação, controle, acompanhamento e avaliação das ações provenientes dos planos, programas e projetos da UFRPE –, a partir do ano de 1991, estabeleceu um quadro de acompanhamento das ações e disponibilizou os relatórios gerais da instituição, em cujos dados há descrições sobre obras ou melhorias nas residências estudantis em 1994 (reforma da calçada da casa de estudante e em 2004 (reformas nas casas masculinas nº 01 e nº 03).

No restaurante universitário, o único relatório de gestão que faz referência à reforma é o de 2005. Pensamos que se houve, durante esse tempo, mais alguma melhoria nestes equipamentos, as informações foram relegadas.

Quanto às refeições no restaurante universitário, os relatos são unânimes em informar sobre a qualidade da alimentação disponibilizada em períodos específicos. Sobre a quantidade oferecida, segundo os ex-usuários, a maioria afirmou ser satisfatória, porém as críticas se concentraram, principalmente, na qualidade da alimentação do RU, que não apresentava excelência quanto ao sabor e preparo, porém com as devidas ressalvas.

A alimentação era adequada, sempre que precisava de “melhoras” os encarregados nos atendiam muito bem. Às vezes éramos atendidos e às vezes não (Respondente do questionário 01).

Na minha época funcionou um Restaurante Universitário, no qual a comida era de péssima qualidade. Acho que a maior reivindicação era melhorar a qualidade da alimentação fornecida pelo restaurante universitário, principalmente aos finais de semana. A comida era toda aproveitada do dia anterior. Muitas vezes com cheiro de estragado. (Respondente do questionário 02)

Na época teve o Sr. João que fornecia no início era até bonzinho, mas depois o negócio ficava feio. Caía a qualidade, eles achavam que era favor que nos faziam. Teve algumas brigas para melhorar (Respondente do questionário 05).

Quando houve a terceirização do RU, as empresas que entravam sempre começavam com um bom atendimento e ótima qualidade de alimentos. Entretanto, pouco tempo depois, o atendimento piorava e a qualidade da comida também (...) (Respondente do questionário 06).

Evidenciamos que a época descrita pelos discentes trata-se do início da ofensiva neoliberal na política e economia brasileira. O primeiro presidente civil eleito por voto direto, Fernando Collor de Melo, após o processo de redemocratização do país, implementou “um programa que previa uma profunda alteração do papel do Estado (...) seu governo marca o início de um ciclo de reformas liberais, que se aprofundarão nas administrações seguintes” (FERREIRA e DELGADO, 2018, p. 108). Dentro do pacote de políticas públicas afetadas por essas decisões do governo central estava a educação brasileira.

As metas do Estado neoliberal que visam antes de tudo à estabilidade econômica e à disciplina orçamentária foram estabelecidas no chamado Consenso de Washington (1990), cujas decisões repercutiram na política dos países periféricos. Isso porque, ao pedirem empréstimos ao Fundo Monetário Internacional (FMI), esses países obrigavam-se a seguir as normas impostas pelo Banco Mundial (Bird) para o controle das políticas domésticas — inclusive na educação, além, evidentemente, de acelerarem o processo de endividamento, que, por sua vez, tem reforçado a dependência (ARANHA, 2006, p. 582).

Sem recursos não é possível construir nem manter uma política pública. De 1990 até a implementação do PNAES, as ações e programas da assistência estudantil UFRPE tinham como fonte orçamentária a verba de custeio. Se já era difícil manter a assistência aos estudantes dessa forma, com a inserção pujante da teoria neoliberal no Brasil, tornou-se quase insustentável.

Nos anos 90 a educação foi direcionada pelo modelo político econômico do governo de Fernando Henrique Cardoso. Nesse as instituições de ensino superior e a sociedade foram atacados no contexto educacional e assistencial vez que houve defasagem salarial, corte de verbas para manutenção, desenvolvimento de pesquisa e mudanças dos professores da universidade pública para a privada (MARTINS et al 2019, p. 894)

Em 02 de julho de 1992, o Conselho Universitário da UFRPE manifestou-se através de uma nota contrária à Emenda Constitucional Nº 56-B, que, dentre outras previsões arbitrárias – como ataques a autonomia universitária e aos direitos assegurados aos servidores públicos das IFES – indicava a desobrigação do financiamento básico das Universidades federais, obrigando-as a buscar recursos externos para a sua manutenção, inclusive por meio de cobrança de mensalidades, ferindo, assim, o princípio da gratuidade do ensino. Eram tempos difíceis para as políticas sociais. “As ações do Estado brasileiro, ao longo dos anos 90, foram no sentido de atender às reformas exigidas pelo mercado e pela competição internacional” (FERREIRA e DELGADO, 2018, p. 194) e em meio aos ajustes estruturais e fiscais empreendidos por aqueles governos restou às Universidades o progressivo sucateamento.

Categoria C - Contribuição para conclusão do curso.

Essa categoria diz respeito à repercussão final da política na vida do discente. Independente das dificuldades enfrentadas, seja no acesso ao Programa de Residência, seja na permanência nele, as respostas concedidas pelos estudantes continuamente explicitaram a importância dessa ação no processo de conclusão do curso. Os respondentes, mesmo quando insatisfeitos com qualquer aspecto da política, não deixaram de atrelar a conclusão do curso à participação nas ações da política de assistência estudantil.

Sem essa residência, não teria terminado o curso (Respondente do questionário 09)

Sem a residência estudantil eu não teria condição de estudar em outra cidade ou outro estado, no meu caso. A residência estudantil me proporcionou uma garantia de me formar no curso que escolhi fazer (Respondente do questionário 10).

(...) se não tivesse conseguido ser atendido pelas políticas de assistência estudantil não teria terminado meus estudos e não estaria onde estou hoje: sou professor associado/pesquisador de uma universidade federal e contribuo para formação de novos profissionais e para o avanço do conhecimento. Deixo aqui meu profundo agradecimento e meu reconhecimento pela ajuda recebida (Respondente do questionário 08)

A exposição dos respondentes nos confirma que “para que o aluno possa desenvolver-se em sua plenitude acadêmica, é necessário associar, à qualidade do ensino ministrado, uma

política efetiva de assistência, em termos de moradia, alimentação, saúde (...), entre outras condições” (FINATTI et al.2007, p. 248 apud IMPERATORI, 2017, p. 290). E que o capital despendido na área da assistência estudantil, outrora entendido como gasto, representa um investimento imensurável do ponto de vista qualitativo do alcance social dessa política, principalmente no grupo de estudantes das classes menos favorecidas. Não podemos desconsiderar que a pobreza é fator dificultador e recrudesce desigualdades que limitam não só o acesso, mas a permanência no ensino superior.

Vencer essas etapas e concluir o curso, para estudantes que não compunham o imaginário popular de universitário (classe média e abastado), passava pela inserção de políticas compensatórias⁶². É importante pontuar que estamos falando dos anos 90 e início dos anos 2000, época em que o ensino superior gratuito era ainda mais inacessível à população pobre brasileira, no entanto, isso não quer dizer que uma parcela dessa população não estivesse resistindo nos bancos das universidades públicas em todo país⁶³.

No ano de 2004, em mais uma tentativa de subsidiar a construção de uma política nacional de assistência estudantil, o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis – FONAPRACE – realizou a “II Pesquisa do Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das IFES⁶⁴”, à época, sobre a condição socioeconômica dos discentes. A pesquisa concluiu que

Os dados apresentados demonstram que as IFES têm um contingente expressivo de estudantes (65%) que necessitam de algum tipo de apoio institucional para sua permanência e conclusão dos cursos. São aqueles estudantes pertencentes às classes B2, C, D e E, que têm renda média familiar mensal variando de R\$ 207,00 a R\$ 1.669,00 (FONAPRACE, 2004, p. 10).

Nos anos seguintes, esse percentual só aumentou; considerando os dados das IFES, na última pesquisa realizada pelo Fonaprace (V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES), foi revelado que “o percentual de estudantes pertencentes a famílias com renda mensal per capita de “Até 1 e meio SM” tenha saltado de

⁶² As políticas compensatórias, de modo geral, são ações do governo com objetivos de minimizar carências nas condições e nas especificidades de vida das pessoas, as mesmas vistas como prejudicadas ou discriminadas socialmente pelo padrão dominante de distribuição da riqueza social, o que inclui os programas de assistência e de transferência de renda, além de educação gratuita, previdência e seguridade social (SILVA, 2010 apud BORTOLANZA, 2020, p. 82).

⁶³ Para maiores informações sobre a primeira pesquisa amostral do perfil dos estudantes das IFES em meados dos anos 1990 consultar: <http://www.prace.ufop.br/sites/default/files/i_perfil_socioeconomico_e_cultural_dos_estudantes_de_graduacao_das_universidades_federais_brasileiras.pdf>.

⁶⁴ Disponível em: <<https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2021/07/II-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioeconomico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES.pdf>>

44,3%, em 1996, para 66,2% em 2014, alcançando 70,2% em 2018, o maior patamar da série histórica (FONAPRACE, 2018, p. 48).

Fatores como a criação de políticas públicas para o acesso ao ensino superior, a exemplo da lei 12.711 de agosto de 2012⁶⁵, que objetivou reservar vagas para estudantes de escolas públicas e estabelecer critérios de renda para o ingresso desse público, também “possibilitou o acesso de grupos discriminados, como por exemplo, negros, indígenas e pessoas com deficiência, nas Instituições de Ensino Superior Federal, pois parte das vagas é reservada para esses grupos” (GARCIA et al, 2018 p. 7).

Em âmbito local, os dados da “I Pesquisa do Perfil Socioeconômico dos Estudantes da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE”, realizado em 2021, com 77% dos estudantes dessa Universidade, “revelou que 86,22% dos estudantes da UFRPE respondentes se encaixam na faixa de até 1,5 salário mínimo, que demandam políticas de permanência” (PROGESTI, 2021, p. 6), em conformidade com o decreto PNAES de 2010.

Inferimos das respostas dos ex-usuários da assistência estudantil que, quanto à ação residência estudantil e ao restaurante universitário, essas foram imprescindíveis para a permanência desse público. Do ponto de vista do alcance social, podemos perceber que, de forma qualitativa, as ações representaram um fator decisivo na permanência dos discentes atendidos, principalmente por oportunizar a realização do curso sem preocupações cotidianas básicas, como se alimentar e contar com uma moradia gratuita oferecida pela instituição de ensino.

Quanto aos estudantes atendidos, podemos concluir que, ao longo dos anos, a UFRPE não investiu na ampliação das ações de assistência; mesmo com o aumento progressivo do número de matrículas⁶⁶, o quantitativo de estudantes atendidos pelas residências universitárias manteve-se estável.

Quadro 08 – Número de estudantes residentes X número de estudantes matriculados

Ano	casa 01 (masculina)	casa 02 (masculina)	casa 03 (masculina)	casa 04 (feminina)	Total de residentes	Estudantes matriculados
------------	--------------------------------	--------------------------------	--------------------------------	-------------------------------	--------------------------------	------------------------------------

⁶⁵ A Lei de Cotas (Lei 12.711, de 2012) prevê que 50% das vagas em universidades e institutos federais sejam direcionadas para pessoas que estudaram em escolas públicas. Desse total, metade é destinada à população com renda familiar de até 1,5 salário mínimo per capita. A distribuição das vagas da cota racial e deficiência é feita de acordo com a proporção de indígenas, negros, pardos e pessoas com deficiência da unidade da Federação onde está situada a universidade ou instituto federal, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (BAPTISTA, 2022).

⁶⁶ Com exceção dos anos de 2004 e 2005, quando houve um declínio no número de estudantes matriculados na Unidade Sede, localizada no bairro de Dois Irmãos - Recife.

1990	44	44	24	22	134	7185
1991	44	44	24	22	134	6961
1992	44	44	21	22	131	7687
1993	s/informação	s/informação	s/informação	s/informação	s/informação	8738⁶⁷
1994	44	44	24	22	134	9887
1995	43	44	24	22	134	10789
1996	44	44	24	22	134	11246
1997	44	44	24	22	134	11531
1998	44	44	24	22	134	11904
1999	s/informação	s/informação	s/informação	s/informação	s/informação	s/informação
2000	s/informação	s/informação	s/informação	s/informação	s/informação	13346⁶⁸
2001	44	44	24	22	134	13602
2002	44	44	24	22	134	13013
2003	s/informação	s/informação	s/informação	s/informação	s/informação	13077
2004	44	44	24	22	134	12902
2005	44	44	24	22	134	12256⁶⁹

Fonte: Relatórios de Gestão dos respectivos anos; Informativos Nº 29, 32, 33 e 34 (Proplan/UFPE); UFRPE em número de 2004 a 2011 e SIG@ (Sistema de Informações e Gestão Acadêmica).

Em relação ao restaurante universitário, seguimos a mesma linha de entendimento do seu alcance social, com a ressalva de que essa ação, mesmo disponibilizada de forma contínua, entre 1990 a 2005, fornecendo alimentação gratuita exclusivamente aos residentes, até o ano de 2004⁷⁰, passou por oscilações quanto à qualidade do serviço e tipos de refeições⁷¹, o que acabou numa variação do número de refeições consumidas pelos usuários.

⁶⁷ Informativo nº 32 - Dados estatísticos 1990/1994.

⁶⁸ O relatório de gestão de 2000 que tivemos acesso estava incompleto, sem as páginas dos dados da assistência estudantil.

⁶⁹ Os dados de matrículas da graduação presencial são apenas da Unidade Sede. Em 2005 a UFRPE inaugurou uma Unidade Acadêmica na cidade de Garanhuns, no entanto, nosso campo de estudo está delimitado na Unidade Sede.

⁷⁰ A partir de 2004, o restaurante universitário passa a fornecer gratuitamente refeições também a discentes não residentes comprovadamente carentes, conforme Relatório de gestão do respectivo ano.

⁷¹ De acordo com dados dos relatórios de gestão de 1991; 1992 e 1998, nesses anos eram fornecidas por meio do restaurante universitário apenas o almoço e o jantar.

Quaro 09 – Número de refeições do RU por ano

Ano	Número de Refeições servidas pelo RU da UFRPE
1990	28.626
1991	45.278
1992	117.197
1993	133.334 ⁷²
1994	149.912
1995	122.151
1996	87.057
1997	93.765
1998	81.063
1999	s/ informação
2000	s/ informação
2001	92.367
2002	128.141
2003	s/ informação
2004	167.957
2005	176.767

Fonte: Relatórios de Gestão dos respectivos anos e informativos N° 29, 32, 33 e 34(Proplan/UFPE)

Dessa maneira, não podemos deixar de perceber que as ações não eram compreendidas na sua devida importância. As dificuldades orçamentárias vivenciadas pela UFRPE serviam de justificativa para o não investimento na política, porém demonstrava também a falta de vontade política por parte da gestão no enfrentamento das demandas dos residentes, seja na atenção às melhorias de infraestrutura, seja no restaurante universitário, postos as respostas dos respondentes e os dados institucionais apresentados.

⁷² Informativo n° 32 - Dados estatísticos 1990/1994.

3. DISCUSSÃO SOBRE O FORMATO

O trabalho de conclusão do Mestrado Profissional em História da Universidade Católica de Pernambuco é composto de Relatório Técnico e Produto Final para divulgação da pesquisa. Inicialmente, pensamos em confeccionar um *site temático*, no entanto, as dificuldades técnicas de manipulação das ferramentas que compõem um sítio eletrônico, bem como nossa experiência com a elaboração de um *Revista* na disciplina “Educação, memória e patrimônio histórico” do mestrado nos fez repensar e decidir por escolher a Revista como produto disseminador da história da política de assistência estudantil da UFRPE. Entendemos que este formato corresponde a um instrumento de divulgação acessível à sociedade acadêmica e ao público em geral.

O período escolhido para o estudo nunca antes havia sido visitado para conhecimento do objeto de pesquisa compreendido nesta pesquisa (a política de assistência estudantil da UFRPE). Assim, chegamos à conclusão de que tratar de um tema com aspectos tão diversos e complexos seria mais interessante se abordado por um *Revista*, que, apesar de conter atributos informativos, pode ser construída em linguagem leve e acessível a todo o público.

A *Revista* a qual elaboramos pretendeu unir o rigor científico, que se relaciona a utilização das fontes e a abordagem teórico-metodológica, que a pesquisa não pode se desvencilhar, à praticidade e leveza da escrita de um periódico. O público-alvo da revista será, prioritariamente, a comunidade acadêmica universitária, mas também o público em geral que acesse as bibliotecas, as quais serão disponibilizados exemplares do produto. Dessa maneira, serão oferecidos exemplares impressos às bibliotecas das principais universidades de Pernambuco, bem como à biblioteca pública do estado de Pernambuco. Acreditamos que a doação de um exemplar à biblioteca do estado será importante, na medida em que atingirá um público que, talvez, ainda não tenha acessado o espaço universitário: jovens estudantes do ensino médio, por exemplo, que poderão conhecer, através da historiografia presente na *Revista*, os processos históricos pretéritos que perpassam pela (re)construção e resistência das políticas públicas no ensino superior direcionadas à permanência de jovens das camadas menos favorecidas nas instituições federais públicas.

Destarte, acreditamos que uma revista se configura como algo inovador, na medida em que esse formato está culturalmente sedimentado como difusor de informações e conhecimentos e que contribui com a construção historiográfica das políticas públicas.

4. APRESENTAÇÃO DO PRODUTO

A revista “A política de assistência estudantil da UFRPE: uma perspectiva histórica (1990 a 2005)” foi elaborada com a intenção de levar ao público leitor uma abordagem informativa, a partir de uma investigação científica sobre a configuração da assistência estudantil no período compreendido e sua relação com a conjuntura institucional e nacional.

O material compreendido no produto levou em conta as narrativas dos sujeitos envolvidos com a política institucional ao longo dos anos; desde funcionários, gestores e estudantes, problematizando as iniciativas de promoção das ações de assistência estudantil, as limitações institucionais frente às demandas postas pelos discente, público alvo dessas ações, bem como as percepções dos ex-usuários diante da instituição e gerenciamento da política estabelecida pela UFRPE.

O produto é composto de quatro artigos: O primeiro, intitulado “O antigo DAE”, versará sobre a memória dos funcionários do Departamento de Assistência Estudantil - DAE, setor responsável pela execução das ações de assistência ao estudante; o segundo – “Residência Estudantil” – trará a perspectiva dos ex-residentes das casas de estudantes sobre os desafios enfrentados enquanto usuários da política; no terceiro artigo, “Restaurante Universitário”, será difundida a importância de um restaurante universitário dentro de uma instituição pública como a UFRPE e seus processos de instabilidades quando da ausência desse equipamento nos anos 90 e início de 2000. Em “A gente não quer só comida”, a dimensão festiva do DAE ganha visibilidade a partir de fotografias da época.

Por fim, utilizamos uma das entrevistas realizada durante a pesquisa para trazer na íntegra a perspectiva de uma usuária das ações da política de assistência estudantil da UFRPE para ratificar a dimensão histórica que contém essa política pública de permanência, inserida dentro de uma instituição de ensino superior pública federal.

Os pensamentos dos participantes do estudo são estampados como forma de resistência e reafirmação de que os investimentos em políticas públicas de permanência representam o enfrentamento das desigualdades sociais que ainda permeiam os ambientes universitários e como a cultura política institucional, por meio de decisões políticas e econômicas, seja em âmbito local ou federal, podendo transformar situações historicamente estabelecidas, mas possivelmente modificáveis.

Figura 14 – Capa da revista



Figura 15 – Índice da revista



Índice

- 6 O "ANTIGO" DAE:**
Memórias dos funcionários da
Assistência Estudantil da UFRPE
- 11 RESIDÊNCIA ESTUDANTIL:**
Entre os desafios e possibilidades
em ser residente da UFRPE
- 15 RESTAURANTE
UNIVERSITÁRIO:**
Presença e ausência na
vida acadêmica.
- 22 "A GENTE NÃO QUER
SÓ COMIDA"**
A dimensão festiva
do departamento de
assistência estudantil.
- 26 ENTREVISTA**

5. APLICAÇÃO DO PRODUTO

Realizados os devidos ajustes, após a defesa pública do Trabalho final de conclusão do Mestrado Profissional em História da Unicap. Dessa forma, disponibilizaremos nosso produto – Revista – às seguintes bibliotecas: biblioteca da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE; Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP; Universidade Federal de Pernambuco - UFPE; Universidade de Pernambuco - UPE e Universidade Federal do Agreste Pernambucano - UFAPE.

Por outro lado, será oferecido um exemplar à reitoria da Universidade Federal Rural de Pernambuco, bem como será disponibilizado para a Pró-reitoria de assistência estudantil e inclusão da UFRPE, para compor os respectivos arquivos setoriais. Pretendemos, ainda, realizar apresentação do produto no seminário interno anual da assistência estudantil de 2023, o qual tem em sua composição os funcionários e gestores da assistência estudantil da UFRPE, como forma de devolutiva àqueles que colaboraram na construção do estudo.

A todos os que colaboraram com o estudo, por meio da concessão de entrevistas ou respondendo ao questionário aplicado (ex-residentes), será disponibilizado um exemplar em formato digital, que será encaminhado via e-mail.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desse estudo, buscamos imergir mais intensamente na história da política de assistência estudantil da UFRPE. A partir da análise de suas ações, compreendemo-la enquanto uma política pública, vinculada à educação superior, que tem rebatimentos político-sociais, através de seu alcance social, com ímpeto de promover uma educação mais democrática e equitativa. Pensamos que as ações de assistência estudantil, mesmo antes dos tempos em que não havia um ordenamento legal em âmbito nacional que fomentasse sua manutenção e existência, sempre representou um diferencial no enfrentamento das desigualdades dentro da Universidade, principalmente para os discentes oriundos das classes menos favorecidas, ou seja, a população de jovens universitários de famílias pobres.

Entendemos que, na UFRPE, a política de assistência estudantil aplicada entre 1990 a 2005, através do Departamento de Assistência Estudantil – DAE, deu-se de duas formas: por meio das ações mais universais e genéricas, como nos casos do fornecimento de alimentação subsidiada à toda comunidade discente; na questão do apoio logístico às festividades das organizações estudantis (DA's e DCE) e os eventos direcionados à comunidade universitária, como a colação de grau. A outra forma de implementação da política se deu por meio de ações direcionadas a um público específico, definido pela UFRPE como “alunos de baixa renda e carente”, os quais eram atendidos pela Residência Estudantil (casa de estudante); pela realização de refeições gratuitas no Restaurante Universitário e pelo Programa “Bolsa de trabalho”.

Em todas as ações, identificamos, por meio dos documentos, que o gerenciamento da assistência estudantil não era realizado dentro do padrão de qualidade esperado pelos usuários da política, seja pela falta de recursos financeiros próprios, como surgiu nas narrativas dos entrevistados, seja pela disposição política institucional em oferecer soluções aos problemas de manutenção das ações, com nos relatos os ex-usuários.

Pensamos que a política de assistência estudantil da UFRPE executada entre 1990 a 2005 e inserida na conjuntura histórica das inflexões do neoliberalismo, implementado pelos primeiros governos pós processo de redemocratização no país, enfrentou os desdobramentos que esse projeto econômico e político provocou nas universidades públicas brasileiras, que teve, dentre seus efeitos, o sucateamento dos serviços públicos. Por outro lado, as ações de assistência estudantil, nesse período, nunca foram encarados como prioridade dentro da Universidade, uma vez que representavam, para a gestão superior, muito mais gastos do que investimentos, isso atrelado ao entendimento conservador e elitista que perdurou durante séculos dentro dessas

instituições, acostumados a ter um ensino superior historicamente ocupadas pelas classes abastadas. Esses entendimentos, somados, promoveram, ao longo de anos, ações de assistência estudantil pulverizadas e assistencialistas, as quais o direito à política nunca esteve em primeiro plano.

Por fim, acreditamos ter aberto leques de possibilidades de pesquisas, já que a política de assistência estudantil é amplamente diversa. Dentro desse estudo, enxergamos projetos específicos, como o enfoque nas ações em si (Residência estudantil, Restaurante Universitário, Programa Bolsa de trabalho etc.), além de que, dentro desses nichos investigativos, poderíamos problematizar muitos outros.

A revista que produzimos traz um pouco de cada ação, a partir do que nos foi possível acessar por meio dos documentos produzidos e coletados. Assim, esperamos contribuir com a divulgação dessa política essencial ao ensino superior público.

7. LISTAGEM DOS ACERVOS E FONTES

7.1. Sites e afins (visão geral panorâmica)

AGÊNCIA SENADO. Lei de Cotas tem ano decisivo no Congresso. **Senado Federal**. 11 de fev. 2022. Disponível em: <[https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/02/lei-de-cotas-tem-ano-decisivo-no-congresso#:~:text=A%20Lei%20de%20Cotas%20\(%20Lei,5%20sal%C3%A1rio%20m%C3%ADnimo%20per%20capita](https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/02/lei-de-cotas-tem-ano-decisivo-no-congresso#:~:text=A%20Lei%20de%20Cotas%20(%20Lei,5%20sal%C3%A1rio%20m%C3%ADnimo%20per%20capita)>. Acesso em: 04 ago. 2022.

ANDIFES. **Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior**. 2022. Disponível em: <<https://www.andifes.org.br/>>. Acesso em: 06 fev. 2022.

Comer para aprender, criar e produzir: analisando a eficiência econômica dos Restaurantes Universitários das universidades. **Revista Meta: Avaliação**, Set./2021. Disponível em: <<https://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/view/3556>>. Acesso em: 07 set. 2022.

DCE UFRPE – **Informativo eletrônico do Diretório Central dos Estudantes Odijas Carvalho de Souza**. Disponível em: <<https://dcerural.wordpress.com/category/atividades-do-dce/page/4/>>. Acesso em: 21 jan. 2023.

História do tempo presente e Historiografia. **Revista Tempo e Argumento**, 20/06/2012. Disponível em: <<https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180304012012005>>. Acesso em: 14 jul. 2021.

MEC. Reestruturação e Expansão das Universidades Federais. **O que é o Reuni**, 25 de mar 2010. Disponível em: <<https://reuni.mec.gov.br/o-que-e-o-reuni>>. Acesso em: 01 maio 2022.

PLANALTO. **Decreto nº 7.234 de 19 de julho de 2010**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm>. Acesso em: 20 ago. 2022.

PROGESTI. **Publicações**. I Pesquisa do Perfil Socioeconômico dos Estudantes da UFRPE. Dez./2021. Disponível em: <<http://www.progesti.ufrpe.br/sites/www.progesti.ufrpe.br/files/PERFIL%20ECONO%CC%82MICO%20DOS%20ESTUDANTES%20DA%20UFRPE%20EM%202021.pdf>>. Acesso em: 04 out. 2022.

UFPE. Carta aberta em defesa das universidades e institutos federais contra os cortes orçamentários. **Agencia de notícias**, 03/06/2022. Disponível em: <https://www.ufpe.br/agencia/noticias/-/asset_publisher/dlhi8nsrz4hK/content/carta-aberta-em-defesa-das-universidades-e-institutos-federais-contras-os-cortes-orcamentarios/40615>. Acesso em: 15 jul. 2022.

UFRPE. Acesso à informação. **Institucional**, 2022. Disponível em: <<http://www.acessoainformacao.ufrpe.br/br/institucional>>. Acesso em: 24 abr. 2022.

8. REFERÊNCIAS

ANDIFES. **Andifes e os rumos das universidades federais**. Brasília, 2013.

_____. Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Universidades Federais Brasileiras. **Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis** (FONAPRACE). Brasília, 1997.

_____. Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Universidades Federais Brasileiras. **Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis** (FONAPRACE). Brasília, 2004.

_____. Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Universidades Federais Brasileiras. **Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis** (FONAPRACE). Brasília, 2011.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

BAPTISTA, Rodrigo. Lei de cotas tem ano decisivo no congresso. **Agência Senado**, 2022. Disponível em: <[https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/02/lei-de-cotas-tem-ano-decisivo-no-congresso#:~:text=A%20Lei%20de%20Cotas%20\(%20Lei,5%20sal%C3%A1rio%20m%C3%ADnimo%20per%20capita/>](https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/02/lei-de-cotas-tem-ano-decisivo-no-congresso#:~:text=A%20Lei%20de%20Cotas%20(%20Lei,5%20sal%C3%A1rio%20m%C3%ADnimo%20per%20capita/>)>. Acesso em: 04 ago. 2022.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BORTOLANZA, Inédia Adriani. **As políticas compensatórias e seus impactos na educação: o caso de Três Barras do Paraná**. 2020. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel – PR, 2020.

BRASIL. **Decreto Lei n. 200**, de 25 de fevereiro de 1967. Dispõe sobre a organização da Administração Federal, estabelece diretrizes para a Reforma Administrativa e dá outras providências.

_____. Decreto nº 2.734, de 19 de julho de 2010. Dispõe sobre o programa nacional de Assistência Estudantil – PNAES. **Diário Oficial da União**. Brasília (DF), 20 jul. 2010.

_____. **Estatuto da Universidade Rural de Pernambuco** - aprovado na sessão de 04/11/1975. Brasília, DF: MEC, 1975.

CANABARRO, I. S. Teoria e Métodos da História I. **Coleção educação à Distância**, (Série livro texto). Ijuí/ Rio Grande do Sul: UNIJUI, 2008. v. 1, 98 p.

CARVALHO, Camila Regina; VIANA, Francisca Diana Ferreira; RODRIGUES, Lásara Fabrícia. Comer para aprender, criar e produzir: analisando a eficiência econômica dos Restaurantes Universitários das universidades federais brasileiras. **Revista Meta: Avaliação**,

[S.l.], v. 13, n. 40, p. 700-723, set./2021. Disponível em: <<https://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/view/3556>>. Acesso em: 07 set. 2022.

CARVALHO, Thaís Carneiro (2021). A Universidade Federal de Viçosa e a Lei do Boi (1968-1985): política de acesso ou política de exclusão? 2021. 95 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2021. Disponível em: <<https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/28777/1/texto%20completo.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2022.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: DE CERTEAU, Michel. **A escrita História**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 65-119.

CHAUÍ, Marilena. Cultura política e política cultural. **Estudos Avançados [online]**, v. 9, n. 23, 1995, p. 71-84. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-40141995000100006>>. Acesso em: 28 jul. 2022.

DELGADO, L. A. N. & FERREIRA, M. M. (Orgs.). **História do Tempo Presente**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo e identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DOSSE, F. História do tempo presente e Historiografia. In: History of the Present Time and Historiography. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 4, n. 1, 2012, p. 05-22. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/217518030_4012012005>. Acesso em: 14 jul. 2021.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). O tempo da Nova República. Da transição democrática à crise política de 2016. Quinta República (1985-2016). **Coleção O Brasil Republicano**, vol. 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

FERREIRA, L. P.; WEBER, Ricardo Basílio; ROMÊO, C. I. M. A construção social: O Ensino Superior no Brasil. De que forma começamos e como estamos hoje? **(SYN)THESIS**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 22-30, 2017.

FIGUEIREDO, E. S. A. de. Reforma do Ensino Superior no Brasil: um olhar a partir da história. **Revista da Universidade Federal de Goiás**. a. 7, n. 2, dez. 2005.

GARCIA, D. R. N. S.; MACIEL, C. E.; GIMENEZ, F. V. O Acesso à Educação Superior no Brasil. In: SEMINÁRIO DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO DA ANPAE CENTRO-OESTE, 10., 2018, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande - MS: ANPAE, 2018.

GOMES, Almiralva Ferraz, et al. As contribuições da Análise de Conteúdo e do Discurso para os estudos em Administração/The contributions of the Content Analysis and the Discourse Analysis for the studies in managment. **Revista FOCO**, v. 13, n. 1, anual 2020. Disponível em: <link.gale.com/apps/doc/A688507371/IFME?u=anon~d71385ae&sid=google Scholar&xid=ef690a3c>. Acesso em: 26 jul. 2022.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Historiografia: (in)certos diálogos. In: BARBOSA, Cibele (Org.). **Teoria da História e Historiografia: Debates Pós-68**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2012, p 85-97.

IMPERATORI, Thaís Kristosch. A trajetória da assistência estudantil na educação superior brasileira. **Serv. Soc. Soc. [online]**, n. 129, 2017, p. 285-303. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.109>>. Acesso em: 26 jul. 2022.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em Ciências humanas. Trad. Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LE GOFF, J. (2003). **História e memória**. 5. ed. Campinas, SP: Ed. Unicamp.

LEÃO, Renata Sá Carneiro. As representações sociais dos moradores de Sítio dos Pintos sobre as políticas de extensão da Universidade Federal Rural de Pernambuco para o desenvolvimento local. 2012. 112 f. Dissertação (Mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento Local) - Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2012.

_____. **O livro dos 100 anos**: memorial fotográfico da UFRPE. Recife: UFRPE, 2013.

Lena Júnior, Hélio. Uma reflexão acerca do conceito de cultura política. **Confluências**, Niterói: PPGSD-UFF, v. 12, n. 1., p. 155-176, out./2012.

MACHADO, Jardel Pelissari; PAN, Miriam Aparecida Graciano de Souza. Direito ou benefício? Política de assistência estudantil e seus efeitos subjetivos aos universitários. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 21, n. 4, 2016, p. 477-488. Disponível em: <<https://doi.org/10.5935/1678-4669.20160046>>. Acesso em: 12 jun. 2022.

MACIEL, David. **De Sarney a Collor**: reformas políticas, democratização e crise (1985-1990). 2008. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2008.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MARTINS, P. F. DE M.; GAMA DA SILVA, E.; MAURICIO, N. M. M. A História da Assistência Estudantil no Ensino Superior Brasileiro: programa nacional de assistência estudantil e o aumento das classes “D” e “E” nas universidades federais. **Revista Observatório**, v. 5, n. 6, p. 886-911, out./2019.

MIRANDA Robson. A história como “logos do outro”: Michel de Certeau e a operação Historiográfica. **Temporalidades Revista de História**, v. 11, n. 2., 2019.

MOREIRA JUNIOR, F. de J., PAFIADACHE, C.; LOOSE, L. H.; PIAIA, R.; SCHER, V. T., PERIPOLLI, A.; PALM, B. Satisfação dos Usuários do Restaurante Universitário da Universidade Federal de Santa Maria: uma Análise Descritiva. **Revista Sociais E Humanas**, n. 28, v. 2, p. 83–108, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.5902/2317175814891>>. Acesso em: 02 jun. 2022.

MOTTA, C. C. P., C. Terceiro Regime Jurídico. **Revista De Direito Administrativo**, n. 147, p. 7–22, 1982. Disponível em: <<https://doi.org/10.12660/rda.v147.1982.43480>>. Acesso em: 02 jun. 2022.

OLIVEIRA, J. C.; BERTONI, L. M. . Memória e Representações sociais sobre o consumo de drogas e suas implicações nas práticas de Educação em Saúde do CAPS AD. In: SIMPÓSIO ESTADUAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E EDUCAÇÃO. 6.; SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E SUBJETIVIDADE. 1., 2017, Salvador. **Anais...** Salvador: SIERS, 2017.

PALAVEZZINI, Juliana. Trajetória da Assistência Estudantil no Ensino Superior do Brasil, [Revista Eletrônica], 2014

PROGESTI. Publicações. **I Pesquisa do Perfil Socioeconômico dos Estudantes da UFRPE**, 2021. Disponível em: <<http://www.progesti.ufrpe.br/sites/www.progesti.ufrpe.br/files/PERFIL%20ECONO%CC%82MICO%20DOS%20ESTUDANTES%20DA%20UFRPE%20EM%202021.pdf>>. Acesso em: 04 out. 2022.

RENNÓ, Lúcio. Teoria da Cultura Política: vícios e virtudes. **BIB**, Rio de Janeiro, n. 45, p. 71-91, 1998.

REUNI. **Reestruturação e Expansão das Universidades Federais**. O que é o Reuni, 2010. Disponível em: <<https://reuni.mec.gov.br/o-que-e-o-reuni>>. Acesso em: 01 maio 2022.

SANTOS, D. G. DOS; PACHECO, R. DE A. De escola a universidade: o desenvolvimento institucional da UFRPE e a legislação do ensino superior no Brasil. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. **Anais...** Natal: UFRN, 2013. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364844675_ARQUIVO_Deescolauniversidadeodesenvolvimentoinstitutionaldaufrpeealegislacaodoensinosuperiornobrasil.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2022.

SANTOS, L. G. G.. Considerações sobre a universidade pública brasileira e as iniciativas de sua (contra) reforma. In: JORNADA INTERNACIONAL POLÍTICAS PÚBLICAS, 8., 2017, São Luíz. **Anais...** São Luíz: Editora UFMA, 2017, p. 01-11.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 4, n. 1-2, p. 285-298, 1993. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771993000100013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 jun. 2022.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVA, Denize Siqueira.; ALMEIDA, M^a das Graças A. A. de. Tecendo memória: linhas e entrelinhas da trajetória da Universidade Federal Rural de Pernambuco (1912-1936). 2010. 170 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2010.

_____. Virando as páginas: revisitando a memória e resgatando a gênese da UFRPE (1912-1936). **Anais do Museu Paulista (Impresso)**, v. XXV, p. 444, 2009.

SILVA, G. F. A memória coletiva - **Revista Aedos**: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2016 (Resenha).

SOUSA, J. R. de; SANTOS, S. C. M. dos. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. **Pesquisa e Debate em Educação**, v. 10, n. 2, p. 1396–1416, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.34019/2237-9444.2020.v10.31559>>. Acesso em: 02 jun. 2022.

SOUSA, Livia Mesquita de; SOUSA, Sônia Margarida Gomes. Significados e sentidos das casas estudantis e a dialética inclusão-exclusão. **Psicol. cienc. prof.** [online], v. 29, n.1, p. 4-17, 2009.

TELLES, Vera da Silva. Questão Social: afinal do que se trata? **São Paulo em Perspectiva**, v. 10, n. 4, p. 85-95, out-dez/1996.

UFBA. **Transparência UFBA**, 2022. O que significa recursos de custeio e recursos de capital. Disponível em: <[https://transparencia.ufba.br/o-que-significa-recursos-de-custeio-e-recursos-de-capital#:~:text=Recursos%20de%20custeio%20\(correntes\)%20s%C3%A3o,bolsas%20e%20benef%C3%ADcios%20aos%20estudantes](https://transparencia.ufba.br/o-que-significa-recursos-de-custeio-e-recursos-de-capital#:~:text=Recursos%20de%20custeio%20(correntes)%20s%C3%A3o,bolsas%20e%20benef%C3%ADcios%20aos%20estudantes)>. Acesso em: 22 ago. 2022.

UFPE. Carta aberta em defesa das universidades e institutos federais contra os cortes orçamentários. **UFPE**, 2022. Disponível em: <http:https://www.ufpe.br/agencia/noticias/-/asset_publisher/dlhi8nsrz4hK/content/carta-aberta-em-defesa-das-universidades-e-institutos-federais-contr-os-cortes-orcamentarios/40615>. Acesso em: 15 jul. 2022.

UFRPE. Acesso à informação, 2022. **Institucional**. Disponível em: <<http://www.acessoa informacao.ufrpe.br/br/institucional>>. Acesso em 24 abr. 2022.

_____. Pró-reitoria de Planejamento. **Informativo nº 29(dados estatísticos) 1987 a 1991**. Recife, 1993.

_____. Pró-reitoria de Planejamento. **Informativo nº 32(dados estatísticos) 1990 a 1994**. Recife, 1995.

_____. Pró-reitoria de Planejamento. **Informativo nº 33(dados estatísticos) 1991 a 1995**. Recife, 1996.

_____. Pró-reitoria de Planejamento. **Informativo nº 34(dados estatísticos) 1992 a 1996**. Recife, 1997.

_____. Pró-reitoria de Planejamento. **Relatório anual de Gestão 1998**. Recife, 1998.

_____. Pró-reitoria de Planejamento. **Relatório anual de Gestão 1997**. Recife, 1997.

_____. Pró-reitoria de Planejamento. **Relatório anual de Gestão 1996**. Recife, 1996.

_____. Pró-reitoria de Planejamento. **Relatório anual de Gestão 1995**. Recife, 1995.

_____. Pró-reitoria de Planejamento. **Relatório anual de Gestão 1994**. Recife, 1994.

_____. Pró-reitoria de Planejamento. **Relatório anual de Gestão 1993**. Recife, 1993.

_____. Pró-reitoria de Planejamento. **Relatório anual de Gestão 1992**. Recife, 1992.

_____. Pró-reitoria de Planejamento. **Relatório anual de Gestão 1991**. Recife, 1991.

- _____. Pró-reitoria de Planejamento. **Relatório anual de Gestão 1990**. Recife, 1990.
- _____. Pró-reitoria de Planejamento. **Relatório anual de Gestão 2006**. Recife, 2006.
- _____. Pró-reitoria de Planejamento. **Relatório anual de Gestão 2005**. Recife, 2005.
- _____. Pró-reitoria de Planejamento. **Relatório anual de Gestão 2004**. Recife, 2004.
- _____. Pró-reitoria de Planejamento. **Relatório anual de Gestão 2002**. Recife, 2002.
- _____. Pró-reitoria de Planejamento. **Relatório anual de Gestão 2001**. Recife, 2001.

9. APÊNDICES

9.1. Lista de pessoas entrevistadas

Nome dos(as) entrevistado(as) e sua relação com a assistência estudantil da UFRPE	Data da entrevista e ferramenta utilizada para gravação	Local da entrevista
Severino José de Santana - Auxiliar de Nutrição e Dietética do Restaurante Universitário	10 de março de 2022, gravação realizada por meio de aplicativo gravador de voz no aparelho SMARTPHONE SAMSUNG A30S	Sala da Coordenação do Curso de Lic. Biológicas /Prédio da Biologia/UFRPE
Rui Ricardo de Almeida - Assistente em Administração (aposentado), ex-gestor da Seção Sociocultural do Departamento de Assistência Estudantil - DAE	11 de março de 2022, gravação realizada por meio de aplicativo gravador de voz no aparelho SMARTPHONE SAMSUNG A30S	Sala do Serviço Social/Progesti anexo(antigo DAE)UFRPE
Maria Francisca Pedrosa - Auxiliar de Nutrição e Dietética do Restaurante Universitário	17 de março de 2022, gravação realizada por meio de aplicativo gravador de voz no aparelho SMARTPHONE sony Xperia E5	Sala da Pedagogia/Progesti anexo(antigo DAE)UFRPE
Helina - Auxiliar em Administração do Departamento de Assistência Estudantil - DAE	23 de março de 2022, gravação realizada por meio de aplicativo gravador de voz no aparelho SMARTPHONE sony Xperia E5	Progesti anexo (antigo DAE) UFRPE
Sirlei Gomes Silvestre - Economista Doméstica, desempenhou a função de auxiliar da Nutricionista no Restaurante Universitário e gestora da Divisão de Residência do Departamento de Assistência Estudantil - DAE	24 de março de 2022, gravação realizada por meio de aplicativo gravador de voz no aparelho SMARTPHONE sony Xperia E5	Sala da Coordenação do Curso de Lic. Biológicas/Prédio da Biologia/UFRPE
Mônica Ramos Wanderley - Assistente em Administração do Departamento de Assistência Estudantil - DAE	20 de abril de 2022, gravação realizada por meio de aplicativo gravador de voz no aparelho SMARTPHONE SAMSUNG A30S	Sala da Coordenação de Cultura Lazer e Esporte - Progesti anexo(antigo DAE)UFRPE
Ricardo Gonçalves P. do Rêgo	12 de maio de 2022, gravação realizada por meio de aplicativo gravador de voz no aparelho SMARTPHONE SAMSUNG A30S	Sala da Coordenação de Gestão de Residência - Progesti anexo(antigo DAE)UFRPE
Thiago Emanuel Pereira da Silva	10 de janeiro de 2023, gravação de áudio e vídeo, aplicativo google meet.	Plataforma online Google Meet
Daisyvângela Eucrêmia da Silva Lima Santana	11 de janeiro de 2023, gravação de áudio, aplicativo google meet.	Plataforma online Google Meet
José Nunes Cavalcanti neto	12 de janeiro de 2023, gravação de áudio e vídeo, aplicativo google meet.	Plataforma online Google Meet
Maria Zenia Tavares da Silva	16 de janeiro de 2023, gravação de áudio e vídeo, aplicativo google meet.	Plataforma online Google Meet
Silvano da Costa Brito	18 de janeiro de 2023, gravação realizada por meio de aplicativo gravador de voz no	Sala da Coordenação de Gestão de Residência -

	aparelho SMARTPHONE SAMSUNG A30S	Progesti anexo(antigo DAE)UFRPE
--	-------------------------------------	------------------------------------

9.2. Roteiro de perguntas aos entrevistados

Identificação

Qual o seu nome?

Qual sua idade?

Qual o seu grau de escolaridade?

Qual seu cargo/ função na UFRPE?

Questões pessoais e relacionadas à assistência estudantil

Como foi que você começou a trabalhar na UFRPE?

Como era o trabalho na assistência estudantil?

Em quais ações você desempenhava suas funções?

Como eram as relações com os estudantes, colegas de trabalho e gestores?

Quais as principais dificuldades e facilidades na execução das ações de assistência estudantil?

Quais as principais diferenças entre antes do PNAES (quando era DAE) e depois do PNAES (quando instituído a Pró-reitoria)

9.3. Perguntas aplicadas por meio de questionário aos ex-usuários da assistência estudantil

1. Nome completo
2. E-mail
3. Escolaridade
4. Trabalha na área em que se formou na UFRPE
5. Por qual(is) ação(ões) do Departamento de Assistência Estudantil - DAE era atendido(a)
6. Ano de ingresso no programa de residência da UFRPE (ex.: 20/05/1990 ou apenas o ano ex.: 1990)
7. Fale um pouco como foi sua seleção para a residência, como foram os procedimentos de ingresso na casa e o atendimento por parte dos profissionais do DAE que lhe atenderam (pode detalhar o quanto achar necessário)
8. Fale um pouco sobre os aspectos positivos em ter sido um (a) residente da casa do estudante da UFRPE (pode detalhar o quanto achar necessário)
9. Fale um pouco sobre os aspectos negativos em ter sido um (a) residente da casa do estudante da UFRPE (pode detalhar o quanto achar necessário)
10. Da sua época de residente, o que a UFRPE poderia ter feito pelos residentes que a instituição deixou a desejar (pode detalhar o quanto achar necessário)
11. Sobre a alimentação para os residentes, você achava satisfatório os serviços (fornecimento, qualidade, recurso financeiro etc.)
12. Na sua avaliação, qual a principal reivindicação dos estudantes residentes da sua época (pode detalhar o quanto achar necessário)
13. Caso você seja citado (a) no estudo gostaria que seja citado:
14. Fosse utilizado meu nome verdadeiro
15. Fosse destinado a mim um nome fictício
16. Ao preencher e encaminhar este formulário concedo a SIMONE MUNIZ DA SILVA plenamente autorização para utilizar as informações fornecidas no todo ou em parte em seu Trabalho final do mestrado profissional em História, editado ou integral, inclusive utilizando-o também em artigo científico.

9.4. Transcrição das entrevistas

10. 11ª Entrevista : Sessão I – 18/01/2023
Nome do entrevistado: Silvano da Costa Brito
Nome da entrevistadora: Simone Muniz da Silva
Local da entrevista: Recepção do Prédio anexo da Progesti(antigo DAE)
Projeto de pesquisa: A Política de assistência estudantil da Universidade Federal Rural de Pernambuco: uma análise de 1990 a 2005.

Entrevistadora: Recife, 18 de janeiro de 2023, a entrevistadora é Simone Muniz, a entrevistada é Silvano, egresso da graduação da UFRPE.

Essa entrevista trata do Projeto de pesquisa “A Política de assistência estudantil da Universidade Federal Rural de Pernambuco: uma análise de 1990 a 2005. ”, do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Católica de Pernambuco. Vou conversar agora com Silvano Egresso da graduação da UFRPE.

Entrevistadora: Bom dia, Silvano! Gostaria que você me confirmasse seu nome completo e ano que você começou como aluno na UFRPE.

Entrevistado: Bom dia, Simone! Meu nome é Silvano da Costa Brito e eu entrei em 1991 no curso de Zootecnia da UFRPE.

Entrevistadora: Fala um pouco sobre o seu início na Rural, como eram as coisas quando você chegou como estudante.

Entrevistado: No início, já existia a assistência estudantil, mas não era como hoje que é mais ampla, tem bolsas e foram ampliadas. No meu período não tinha essa quantidade de bolsas, mas tinha o RU que nós usufruímos, mas pagávamos um percentual baixo, mas tinha.

Entrevistadora: Como foi essa tua chegada na Rural, como você foi acolhido enquanto estudante?

Entrevistado: Tinha uma recepção, mas era para os poucos alunos dos cursos, o Coordenador e Diretor do curso vinham e acolhiam a gente, mostravam as instalações do curso e parava nisso. Não tinha visita a biblioteca, a gente não tinha um conhecimento mais amplo da Universidade. Era mais do curso.

Entrevistadora: Você já falou que já tinha RU, me diz um pouco como era a dinâmica, como faziam para se alimentar.

Entrevistado: Eu morava já próximo aqui a Universidade, às vezes almoçava em casa, às vezes almoçava no RU, quando eu tinha aula logo cedo, preferia almoçar no RU porque já estava dentro da Universidade. Depois, com o tempo, melhorou muito, melhorou bastante a questão da alimentação.

A alimentação do RU naquela época não tinha variedade; era dois tipos de carne e o resto era bandejão, bandejão mesmo, não tinha prato, e o suco, um tipo de suco só. Hoje, essa variedade de alimentos e oferta melhorou bastante.

Entrevistadora: Você vivenciou na Rural alguns momentos, como estudante de Zootecnia e depois você retornou como estudante, de novo?

Entrevistado: Em 1995 concluí o curso de Zootecnia e acho que no ano de 98, 99, entrei como portador de diploma no curso de Agronomia, para fazer o curso de Agronomia, mas eu não concluí o curso, para melhorar a oportunidade, porque o curso de Zootecnia é muito restrito, quase não tem oferta de emprego aqui, tem que ir para longe, nas capitais quase não tem. Então, Agronomia abria mais um leque, mas não concluí o curso. E depois eu fiz especialização em Gestão Ambiental, aqui na própria Universidade.

Entrevistadora: Quando você retornou para fazer Agronomia, mesmo não concluindo, a política de assistência estudantil, como era.

Entrevistado: Ainda era parecida com o começo de 91, não tinha mudado ainda, era o mesmo padrão de 1991.

Entrevistadora: Você conhecia alguém que assistência estudantil, que chegava a conversar com você sobre isso?

Entrevistado: Alguns alunos da casa, que estudavam comigo e eram de outro Estado e tinha assistência da residência e do ru. Eles eram bem assistidos, na época já existia internet, incipiente, mas tinha.

Entrevistadora: Como eles falavam dessa assistência?

Entrevistado: Veja, por pouco comentário que eles falavam era boa, estava suprindo as necessidades, a Universidade ofertava o que eles precisavam, a casa a alimentação, já tinha máquina de lavar, geladeira, eram bem assistidos.

Entrevistadora: Você pegou algum período em que o RU fechou?

Entrevistado: Alcancei o RU fechar e teve um movimento do DCE, na época, que bateu em cima, os DAs, porque não era possível uma Universidade do porte da Universidade Rural ter o RU fechado por conta de falta de verba federal, não lembro qual foi o ano, mas foi Fernando Henrique Cardoso. Fecho porque não tinha verba.

Entrevistadora: O tempo fechado?

Entrevistado: Quase dois anos a dois anos e meio, nessa faixa aí.

Entrevistadora: Porque nesse período assim, anos 90, início de 2000, a gente tem muitos relatos de que o Ru abria, fechava, depois abria só para residente e tal.

Entrevistado: Teve uma época que nem residente, nem residente. Os residentes recebiam a bolsa para se manter, teve um aporte de bolsas para eles terem alimentação também.

Entrevistadora: Qual o foi o ano que você começou a trabalhar na assistência estudantil?

Entrevistado: Foi em 2009, eu trabalhava na Zootecnia, não, no Cegoe. Do Cegoe eu fui transferido para a Progesti, por intermédio da professora Lúcia Maia, era Coordenadora da CAAP. Ela foi minha professora da Zootecnia na graduação. Eu estava saindo do Cegoe, pedindo uma transferência e ela perguntou se eu queria trabalhar e ela disse: – então venha simhora!

Em 2009 eu cheguei na assistência estudantil, fui para secretaria da CAAP e fui fazer as bolsas dos residentes e dos alunos que entravam no programa de assistência estudantil.

Entrevistadora: Quando você chegou na assistência estudantil era o que você imaginava?

Entrevistado: Eu gostei muito do momento que eu cheguei, uma coisa nova, trabalhar administrativamente. No Cegoe foi administrativo, mas era mais burocrático de fazer levantamento de produtos que tinham, para limpeza do Cegoe e lá na Progesti foi uma coisa mais administrativa de trabalho burocrático mesmo de inserir o aluno na assistência mesmo.

Entrevistadora: A partir daí você passou a conhecer mais a assistência estudantil, não é?

Entrevistado: Foi. Trabalhando dentro que você vê o leque de ofertas que a Progest tinha.

Não era Progesti, era...

Entrevistadora: Só não tinha o I,

Entrevistado: Era! Progest sem o I, professor Valberes na época.

Entrevistadora: A gente chegou na mesma época, eu 2008 eu fui para Garanhuns e 2009 eu vim para cá.

Mas voltando, quando você passou esse tempo na assistência estudantil, quando você olha para trás, anos 90, neoliberalismo entrando com tudo no Brasil, nas instituições e depois para frente.

Qual a avaliação que você faz da assistência estudantil hoje e para trás?

Entrevistado: Houve um aumento de suporte para a assistência estudantil, melhorou muito, os alunos tiveram mais oportunidades, abriu um leque para as pessoas que tinham um poder aquisitivo abaixo, assistência psicológica, social, odontológica, o RU e as bolsas em si. Melhorou muito, bastante.

Entrevistadora: A gente sabe que hoje, depois da lei de cotas, um público de condições menos favorecida está dentro das Universidades, principalmente depois da lei de cotas porque abriu 50% de vagas para estudantes de escolas públicas. Mas na tua época, você conseguia observar um público, mesmo menor que precisava de assistência estudantil?

Entrevistado: Tinha gente, mas não era aberto. Nos anos 90 era mais fechado. Depois de 2000 abriu muito.

Entrevistadora: E a divulgação dos programas?

Entrevistado: A partir dos anos 2000 esse programa aumentou, ampliou o leque, antes, como eu disse era mais restrito, não tinha muita divulgação. Como eu disse, a Progest foi ampliando, foi ampliando e hoje está bem melhor. Eu acredito que seja o governo federal “soltando o cofre” para a assistência estudantil, para a educação mesmo.

Entrevistadora: Os investimentos?

Entrevistado: Os investimentos na política educacional.

Entrevistadora: Voltando para o RU, a gente tem muitos relatos do RU tanto bons quanto ruins, se tu fosse avaliar o RU na tua época de estudante, como tu avalia?

Entrevistado: A época como eu falei era restrito, era uma bandeirão, não tinha oferta de alimentos como hoje tem, você tem vegetariano, tem mais opções. Diversificou bastante, naquela época era só um prato, na sexta feira tinha feijoada, mas pronto. Hoje você tem de peixe a frango, várias opções.

Entrevistadora: E a qualidade?

Entrevistado: A qualidade totalmente diferente, na minha época como estudante, 91 a 95, tinha gente que achava pedra no feijão. Hoje melhorou muito, entrou uma equipe boa e melhorou.

Entrevistadora: Em relação a residência, você teve algum amigo residente?

Entrevistado: A residência, como eu falei, na época supria as necessidades porque o pessoal vinha de áreas tão carentes que quando chegou aqui na capital tinha um suporte que atendia as necessidades deles, mas eu creio que hoje essa necessidade melhorou bastante, quando eu trabalhei na Progesti eu vi a melhora, internet, melhorou a oferta de casas de leitos.

Entrevistadora: Sem falar das reformas, né?

Entrevistado: Reformas. Aulas práticas, aulas práticas quase não existia.

Entrevistadora: Para encerrar eu gostaria que você falasse como vê hoje a assistência estudantil.

Entrevistado: A assistência é fundamental, se ele não tiver essa assistência, esse aporte, eles vão se evadir e muitos desistem, desistem mesmo porque não têm condições de se manter, tudo caro por aí fora e quando chega aqui tem um aporte financeiro, que são as bolsas, tem o RU, tem as casas em si, tem internet, a biblioteca bem equipada, tem a setorial que aumentou, só tinha uma biblioteca, hoje tem mais de uma.

E se não fosse esse apoio da Progesti, muitos alunos não terminavam o curso.

Entrevistadora: Silvano, muito obrigada! Se quiser encerrar com mais alguma fala, fique à vontade.

Entrevistado: Obrigado, Simone, por contribuir com sua pesquisa, sucesso e vá para frente e faça o Doutorado.

Entrevistadora: Obrigada você, por participar da minha pesquisa, eu fico muito honrada porque você é uma pessoa que vivenciou a assistência estudantil, como estudante da Universidade e para mim é uma honra tê-lo no meu trabalho.

10ª Entrevista : Sessão I – 16/01/2023

Nome do entrevistado: Maria Zenia Tavares da Silva

Nome da entrevistadora: Simone Muniz da Silva

Local da entrevista: Aplicativo Google meet

Projeto de pesquisa: A Política de assistência estudantil da Universidade Federal Rural de Pernambuco: uma análise de 1990 a 2005.

Entrevistadora: Recife, 16 de janeiro de 2023, a entrevistadora é Simone Muniz, a entrevistada é Maria Zenia, egressa da graduação da UFRPE.

Essa entrevista trata do Projeto de pesquisa “A POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL DA UFRPE: Uma análise de 1990 a 2005”, do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Católica de Pernambuco.

Entrevistadora: Maria Zenia, confirma para mim o nome completo e o grau de instrução, por favor.

Entrevistada: Maria Zenia Tavares da Silva. Doutorado.

Entrevistadora: Você está de acordo que essa entrevista está sendo gravada, não é?

Entrevistada: Sim.

Entrevistadora: A gente pode conversar um pouco sobre se você exerce trabalho dentro da sua área de formação.

Entrevistada: Eu sou graduada em Economia Doméstica e trabalho como professora. Inicialmente no curso de Economia Doméstica e agora no Curso de Ciências do Consumo. Na questão da profissão, quando eu terminei, fiquei um tempo trabalhando em relação à profissão e muitos trabalhos com Movimentos Sociais que tem a ver com Economia Doméstica, também faço parte.

Entrevistadora: A gente pode, então, começar a falar um pouco, Maria, naquele teu início lá na Rural, quando você começou a graduação. Como foi essa tua chegada, dizer o ano que você ingressou e como foi um pouco aquele início do curso lá da graduação.

Entrevistada: Eu sou do interior, sou do Agreste de Pernambuco, sou de Limoeiro. Eu não conhecia o curso de Economia Doméstica, foi uma professora lá de Limoeiro, do Ensino Médio, Segundo Grau na época, ela me falou desse curso, achei interessante, eu tinha intenção de trabalhar com as famílias rurais, a questão da Extensão. Ela explicou o que era o curso, fui fazer o curso e entrei na Rural em 1986.

Inicialmente, eu fiquei na casa de parentes e depois acessei a casa estudantil, a casa 04. Nem me lembro o ano, não sei se foi 87 ou 88 que entrei na casa, sei que não foi em 86 logo não, foi depois. Mas aí cursei Economia Doméstica, eu digo que a Rural é minha casa. Era o dia todo lá, a semana toda; de início eu viaja para o interior na sexta, voltava na segunda, mas depois fui ficando e foi mais escasso a ida para o interior. Mas sempre estava visitando a família.

Como estudante, depois mais ainda como estudante residente usufruí do restaurante universitário. E durante minha trajetória estudantil, fui bolsista de monitoria, extensão, de pesquisa.

Eu também fazia parte, que antes na Exposição de Animais, os estudantes iam para lá, como se fosse fazer a recepção, que os estudantes da casa, os residentes tinham uma prioridade. Como era estudante carente, estudante que tinha menos recurso, eu participei muito naquela recepção da Exposição de Animais. Eu acho que vivenciei a Universidade, fiquei o tempo todo na monitoria, na extensão, na pesquisa, várias outras questões que tinha eu estava ali participando. Fiz parte do DA, não fiz parte do DCE, mas indiretamente enquanto DA, o Diretório Acadêmico de Economia Doméstica, estava ali junto. Desde 86 a gente estava voltando a questão da redemocratização, que eu estou nas ruas, na luta, para melhorar para mim e para todo mundo, principalmente para a universidade pública.

E as políticas de assistência estudantis são importantíssimas, eu digo por experiência própria, porque eu sou filha de agricultores, que saíram do sítio para morar na rua, na cidade para que os filhos tivessem acesso à escola. Meus pais são analfabetos e não tinham condições, não tinha condição de jeito nenhum de sair de Limoeiro para vir para Recife bancar. Então, a residência, o restaurante, todas as políticas que favoreceu a permanência do estudante na casa, eu usufruí. Usufuí tanto que hoje sou professora da casa.

Entrevistadora: Você ficou de 86 até que ano?

Entrevistada: Por ter períodos de muitas greves, acho que eu coleí grau em 90, 91. Mas aí eu terminei a Licenciatura em Economia Doméstica, quando eu estava na Licenciatura, já terminando, começou o Bacharelado em Economia Doméstica e depois quando terminei, eu fiquei concluindo algumas disciplinas, concluindo para ficar com a Licenciatura e o Bacharelado em Economia Doméstica. Acho que devo ter ficado até 94.

Entrevistadora: Durante todo esse tempo você ficou na residência?

Entrevistada: Fiquei na residência, de início, como falei, fiquei na casa de parentes, mas depois como era uma casa pequena e tinha essa possibilidade de ir para casa de estudante, eu fui. Fiquei na casa de estudante que contribuiu muito para a permanência na Universidade.

Entrevistadora: Sobre a residência, foi difícil ingressar, como foi o processo? Tinham muitas vagas?

Entrevistada: Eram 28 na casa das meninas, se não me engano. Os meninos tinham três casas, as meninas só uma. Acho que era entre 24 e 28, é! Acho que era 24! Eram poucas vagas. Demorou um pouco, por isso que acho que não entrei em 86, mas aí depois eu consegui.

Quando eu estava na casa, eu percebia que tinham algumas estudantes que não conseguiam, elas ficavam a gente chamava de penetra, mas eram acolhidas por nós. Eu mesma acolhi algumas colegas que a gente dividia lá, dormia no chão, em um colchão. Mas eram poucas.

Depois quando eu terminei a Licenciatura, eu precisava continuar porque não tinha arrumado emprego ainda, nesse momento foi mais difícil para permanecer mais um tempinho na casa, mas aí eu consegui também.

Quando eu saí da Universidade eu ingressei como professora do Ensino Fundamental, porque no Segundo Grau, Ensino Médio, eu fiz Magistério, que antes não exigia a graduação. Quando eu estava terminando, eu fiz o concurso e passei doze anos, acho, no Estado como professora, então saí da Universidade e já ingressei no trabalho.

Mas como eu não queria ficar como professora de criança, mas também ensinei da primeira série até jovens e adultos, não queria ficar no Ensino Fundamental, continuei estudando e fiz o Mestrado em Nutrição, logo após fiquei como professora substituta na Universidade.

Entrevistadora: Foi na UFPE?

Entrevistada: O Mestrado foi na UFPE. Eu fiquei como substituta na Rural, um tempo depois abriu concurso. Eu entrei na Rural em 2005 como professora, em janeiro de 2005.

Pelos meus cálculos, acho que o ano que vem posso me aposentar, se eu não perder alguma coisa.

Entrevistadora: Olha! Olha, que isso é um privilégio hoje em dia. Naquele momento que você chegou na Rural, você olhando para trás, você entende que a Universidade foi acolhedora com os estudantes? Ela se mostrava uma instituição acolhedora?

Entrevistada: Acho que agora, não sei se é porque eu estou ali dentro, acho que agora estão escutando mais os alunos. Muita coisa fui descobrindo sozinha. No Departamento de Economia Doméstica foi tranquilo, como estudante, teve uma relação mais próxima com os alunos e alunas, mas eu não senti dificuldade não.

Na casa de estudante, eu achei estranho no início, apesar da minha família ser grande, sempre muita gente. Mas na casa era um monte de estranho, para mim foi difícil isso aí, foi difícil morar com muita gente estranha, me lembro que eu chorava um bocado de noite. Por isso que toda sexta feira eu ia, depois foi que foi mudando, fazendo amizades, ampliando as relações e fui me acostumando. Por isso que eu digo, a gente sofria, mas a gente gozava também; tinham as dificuldades, tinham as alegrias: as amizades que a gente fez, dentro da casa, na Universidade foi tranquilo. Agora, na casa foi um pouquinho difícil, acho que como era um monte de estranha junto.

Entrevistadora: Se você pudesse pontuar as principais dificuldades de morar na casa de estudante, naquela época, quais eram?

Entrevistada: Eu achei a questão do individualismo, tinha umas meninas que não se davam bem, brigavam. Uma coisa que me chamou muita atenção quando eu cheguei, me lembro que a gente recebia um colchão novo, eu lembro que logo quando eu entrei, uma menina que nem me conhecia nem nada, fez logo uma cara feia. Não foi assim um acolhimento. É como se fosse assim, mais uma estranha.

Tinham umas meninas que ficavam falando de uma e de outra. Eu pensei, meu Deus se eu for escutar o que cada uma fica falando. É porque eu posso ser amiga de uma e a outra não pode ser, eu não gostar de uma e a outra gostar. Eu disse assim, não vou escutar ninguém, eu vou construir minha relação aqui e vejo como é que fica.

Foi bom para mim, porque a gente se aproxima mais de alguns do que de outros, mas não tive inimizade com ninguém não, mas também tinham umas que eu não tinha aproximação e nem fazia questão e nem elas faziam. As coisas boas foi que conheci outras pessoas, fiz amizade que até hoje continua e o que falei no início, a oportunidade que a casa deu para que eu tivesse condições de fazer outras coisas, que com certeza, mesmo que tivesse entrado na Universidade, se eu não tivesse tido apoio não teria condições de continuar, como ainda hoje acontece.

Entrevistadora: É verdade.

Entrevistada: A gente está vendo com a pandemia como alguns estudantes estão ou desistindo ou trancando ou fazendo alguma coisa porque não tem condições de permanecer dentro da Universidade. E em relação à alimentação.

Entrevistadora: Eu ia justamente perguntar sobre isso.

Entrevistada: Quando eu entrei, a gente tinha a refeição de segunda a sexta, na sexta feira cada estudante recebia uma feira, que era para o café da manhã porque a gente almoçava e jantava. Era o café da manhã e final de semana. Nem sei se hoje é assim, manhã, tarde e noite.

Entrevistadora: Não, hoje é só almoço e jantar.

Entrevistada: Então voltou ao período que era, porque quando eu estava saindo da Universidade era manhã, tarde e noite, toda a refeição era lá. Acho que também final de semana, nem me lembro mais.

Tinha refeição que eu até chamava atenção, porque o pessoal tem o gênero alimentício, podia fazer uma comida melhor e não faz. A gente vê que é o interesse do profissional.

Tinha uma amiga que dizia (ela não está mais aqui), quando eu ficava irritada com algumas coisas, isso já como professora na Universidade, quando as colegas não faziam o que tinha que fazer, como qualquer profissional, ela dizia: - Zenia, compromisso não se delega, ou a pessoa tem ou não tem.

Pensando nessa questão da alimentação, fazer uma comida boa é também ter à vontade, o interesse ou então faz de qualquer jeito. Mas não era ruim não, eu digo não era péssimo; eu não esqueço um ovo frito boiando no óleo, com batata doce (risos).

Entrevistadora: Eita (risos)! Tem essas coisas da qualidade, que variava?

Entrevistada: É, a qualidade. Mas deu para passar. E também a gente vai aprendendo novos hábitos de alimentação.

Entrevistadora: A história do RU na Universidade Rural é uma história de presença e ausência, como era para vocês residentes quando precisava, por exemplo, reformar o RU?

Entrevistada: Eu não peguei esse momento de reforma, a reforma que eu peguei foi da casa que eu morava, a gente teve que sair da casa para ir para uma casa alugada lá em Apipucos e a gente recebia lá a questão da alimentação. Mas do RU eu não peguei, mas lembro que a gente fazia muito movimento quanto a qualidade da alimentação e quando começou a questão de cobrar uma taxa.

O que eu acho que deve ser igual as escolas, não é para cobrar taxa de nenhum aluno. Não é para só quem tem menos condições financeiras, mas para todos eles terem, como na escola pública, todo mundo recebe a alimentação e não paga por ela, não paga diretamente, a gente sabe que os impostos pagam. Então, acho que a Universidade poderia ser assim também.

Entrevistadora: Você fala em pagamento da taxa dos estudantes como um todo, por que vocês enquanto residentes em algum momento chegaram a pagar?

Entrevistada: Não! A gente não pagava, porque a gente precisava. Para os estudantes residentes, a gente nunca pagou não. Teve um momento, que os alunos receberam uma bolsa, uma ajuda de custo, acho que foi no momento de reforma, mas eu não estava lá mais. Todo período em que passei na casa, era no RU ou na casa a questão da alimentação.

Mas o que quero chamar atenção é que a gente fez muita mobilização para não ter taxa, para melhorar a qualidade da alimentação. A gente vê que hoje, comparando com antes, a

alimentação está bem melhor, tanto é que é comparado como uma referência na alimentação nas Universidades. É uma pena porque cobra por isso. Eu estou chamando atenção para isso, porque mesmo que seja uma taxa pequena, nem todo estudante tem. Como os meninos podem estudar de manhã e à tarde, tem estudante que manda mensagem para o WhatsApp dizendo que não vai poder ficar porque não tem dinheiro para comprar almoço e nem para lanche.

A gente vê que não é o fato de entrar na Universidade que consegue continuar, por isso chamo atenção. O preço, a gente vê que, comparando com a qualidade do alimento é um preço bom, não é um preço ruim não, mas nem todo mundo pode pagar. O ideal seria pagar quem é de fora, ou funcionário, técnicos, docentes, quem é de fora pagar, mas os estudantes não deveriam ter essa cobrança para eles.

Entrevistadora: Você falou agora do RU, mais recentemente existe esse discurso cristalizado que o RU da Rural é um dos melhores do país, você até já falou um pouco sobre isso. Como você vê esse discurso?

Entrevistada: Eu concordo, porque de vez em quando eu almoço lá, só não vou mais porque a fila é muito grande, e também para evitar comer muito, querendo ou não a gente fica enchendo aquele prato, mas quando a gente leva de casa, já leva aquela coisinha e come com limites.

Mas eu concordo, é uma refeição boa, melhorou bastante, tem dias que não é muito bom, até na nossa casa também é assim, não é?! Tem dia que está melhorzinho, tem dias que não está, mas no geral é uma refeição boa. Aquele suco geralmente eu não tomo, não sei se é artificial, poderia mudar.

Eu já falei várias vezes para o reitor, cada vez que tenho a oportunidade de falar com ele; professor, a gente tem a lei da alimentação escolar que 30% é da Agricultura familiar, vamos ver a Rural. Porque também tem em hospitais públicos, tem a instituição militar também procura comprar. Ele diz: a gente está tentando, existe a dificuldade. Eu sei também porque eu faço parte do Fórum e já fiz parte também do Conselho de segurança alimentar e nutricional, uma das lutas nossas é garantir que os agricultores tenham condições de produzir e comercializar. Não é só a Universidade querer compra, mas será que o agricultor tem? Para o agricultor ter o produto tem que ter uma assistência técnica, uma assessoria técnica, aí é uma questão estrutural. Mas ele sempre diz: a gente está tentando, professora. Não só eu, mas outros colegas da Universidade estamos tentando. Isso como uma forma de permitir que a agricultura familiar permaneça e que a economia circule no local.

Entrevistadora: Maria Zenia, enquanto a estrutura das casas, da casa que você morava, tem como falar alguma coisa?

Entrevistada: A casa que eu morava, morei no quarto, de início, que tinha oito pessoas, depois eu mudei para o outro quarto com seis pessoas. A gente tinha na casa uma sala de televisão, tinha uma mesa que era para estudar, mas era muito movimentado, não dava para estudar direito. Tinha uma sala que era os armários, os banheiros coletivos, uma cozinha bem pequena, porque a gente comia mesmo no Restaurante, era mais para o café da manhã e almoço final de semana, muita gente ia embora no final de semana.

A estrutura poderia ser melhor; a gente não tinha uma sala para estudo, uma sala que ficasse isolada para estudo, o que tinha era uma sala que todo mundo que entrasse na sala tinha que passar por ela. Recentemente eu estive lá na casa, está tendo reforma, eu até disse: - eu morei aqui! O pedreiro: - espero que faça uma boa avaliação. Pelo que eu vi, estava bem; estão fazendo um espaço lá atrás, onde estão fazendo o espaço para estudo, era de início essa proposta, mas não tinha condições, não dava condições para a gente ficar lá, não era confortável, não estou falando luxuoso, mas um ambiente adequado para estudo.

Entrevistadora: Era sempre aquela questão de adaptar uma casa e tal.

Entrevistada: E muita gente estudava no quarto, cada quarto tinha suas regras, lá tinha gente que 22h apagava as luzes do quarto, quem fosse dormir entrava no escuro, no outro dia às 8h, acho, poderia acender as luzes. A gente se adaptava porque tinha que respeitar quem dorme cedo e quem acorda um pouquinho mais tarde. É um espaço coletivo.

E muitas vezes, cada quarto tinha uma mesinha de apoio para estudo do lado da cama, acho que tinha para cada um, nem me lembro mais, mas tinha uma mesinha de apoio.

Entrevistadora: Essa questão da estrutura da casa, principalmente da casa feminina, que a gente enquanto mulher não tem como não se envolver, a Coordenadora de residência me convidou e a gente foi fazer uma visita a obra, eu disse a ela que até fiquei emocionada quando vi os espaços como estão ficando, porque eu lembro como as meninas moravam, como era difícil.

Eu penso que a instituição deve oferecer não só um local, mas um local adequado, assim como você falou, com qualidade, que dê uma certa liberdade para as pessoas, que as pessoas preservem sua individualidade. Quando eu ainda estava na execução da política, porque hoje estou em função de coordenação, mas eu ia muito para reunião lá com as meninas, inclusive muitos conflitos advinham de a casa ser daquela forma.

Entrevistada: Você falando em reunião, eu lembro que a gente também tinha reunião uma vez por mês, acho, para as regras da casa, a gente tinha uma reunião entre a gente, em cada casa e às vezes as quatro casas. A gente tinha também a questão dos quartos, nos quartos cada semana uma ficava responsável para fazer a limpeza geral dos quartos. Pelo menos no quarto que eu morava, quarto 01. O pessoal dizia: - Esse quarto é o quarto mais organizado! A gente procurava

respeitar a individualidade de cada uma, mas manter o lugar adequado para todas. E no nosso quarto parece que tinha duas pessoas penetras, duas pessoas que a gente acolhia; seis mais duas pessoas. Teve uma que foi residente, mas ela ainda passou um tempo, um grande tempo lá que ela precisava de apoio.

Realmente, a casa está bem melhor do que antes, eu fiquei o tempo todo dizendo: - ah, como está bonito! Coisa boa! Porque, realmente, não é? A gente vê melhorar. Já é ruim sair da nossa casa, geralmente é do interior, sair da nossa casa do interior, mesmo que seja “fraquinha” a família, essas coisas todinhas, mas é o nosso lugar. Depois chega para morar com um monte de estranho, sem ter conforto.

Não sei como é agora, mas quando a gente estava lá, a gente tinha um armário, dentro do armário a gente guardava roupa, livro, comida e panela. Mas parece que agora na cozinha vai ter um lugar para guardar.

Entrevistadora: Vai, vai ter. A Coordenadora está em cima, de em quando ela vai lá e cobra essas coisas.

Entrevistada: E lá na casa tem uma área muito boa. Aquela casa ali é muito bem localizada, o que é muito bom; perto de parada de ônibus.

Entrevistadora: É, aquele espaço ali é fantástico, aquela casa ali é uma casa de resistência, assim como a casa 02 também.

Entrevistadora: E enquanto aos atendimentos por parte dos funcionários, como vocês se sentiam, enquanto estudantes residentes? As demandas que vocês levavam.

Entrevistada: Você trabalha no Departamento de Assistência estudantil?

Entrevistadora: Eu trabalho hoje na Progesti (Pró-reitoria de assistência estudantil e inclusão), o prédio que hoje é anexo da Progesti é o antigo DAE, que era da sua época.

Entrevistada: Não, o pessoal do DAE, meu Deus do céu, sempre me ajudou bastante, sempre foi muito acolhedor. Tanto é que fiz amizade com eles, para mim foi bom, foi muito bom, sempre foram muito legais comigo, todos eles. Só um Diretor, que nem me lembro o nome dele, não foi muito legal, mas passou. Passou tanto que nem me lembro o nome dele. E parece que ele nem está mais na Rural.

Entrevistadora: Os atendimentos, quando a gente pergunta aos estudantes sobre os funcionários, não têm muita reclamação, realmente é mais em relação aos Diretores.

Entrevistada: É, os funcionários muito legais. Uma outra coisa na Universidade, que é bom para os estudantes, é a questão dos médicos. Tem obturação aqui que foi feita na época em que eu era estudante na Rural. Essa questão do Dentista, Ginecologista, dos Médicos foi uma coisa muito boa, é uma coisa muito boa que a Universidade oferece para os estudantes.

Entrevistadora: Os estudantes de uma forma geral, não é?! No DQV.

Entrevistada: É. Na época que estava, claro que precisava de uma coisa ou outra, hoje também precisa e hoje a gente sabe que está bem melhor porque teve muitos avanços, apesar dos retrocessos nos últimos quatro anos, seis anos, mas a gente espera melhorar.

Chamando atenção a questão da casa, do restaurante, médico, o DAE, tudo isso muito importante para o aluno que necessita dessas políticas. Todos os alunos precisam, mas tem uns que precisam de mais.

Entrevistadora: Dentro da Universidade você viveu uma época em que a assistência estudantil não tinha uma grande abrangência, mas ainda assim você conseguiu ser usuária da residência, da gratuidade do RU, hoje você consegue, enquanto professora, visualizar a assistência estudantil, ter conhecimento sobre a assistência estudantil ou você acha isso um pouco relegado?

Entrevistada: Eu escuto as colegas, porque nunca assumi cargo de Direção, nem de Coordenação de curso, mas elas falam que os meninos e as meninas estão tendo hoje mais apoio na questão de bolsa, para se manter. A Universidade fazendo o maior esforço para que os alunos continuem na Universidade, isso é uma coisa bastante positiva, que são as bolsas que ajudam. Deixa eu só chamar uma atenção às bolsas, que quando eu estudei, acho que foi uma das primeiras turmas a ter o PIBIC. A gente enquanto estudante da casa, me lembro que a gente era muito mobilizado para garantir a melhoria para os estudantes como um todo, porque quando você falou das dificuldades chamei atenção para o individualismo, porque era assim, como eu tinha a bolsa, assim, eu posso comer em outro lugar, se o restaurante não está boa a comida. É o paliativo, não continuar na luta para todo mundo, mas eu garantindo o meu está tudo bem. As bolsas são importantes, mas a luta também é importante, você é Assistente Social e sabe disso.

Entrevistadora: Sim, essa mobilização pela coletividade há uns anos está um pouco fragilizada. Já estamos há uns anos sem DCE.

Entrevistada: A dificuldade de formar um DA, um DCE. Quando eu estava na Universidade, saindo, o pessoal já estava dizendo que já estava fragilizando. A gente lutou um bocado e teve muito mais luta pelo pessoal que vivenciou a Ditadura. Mas isso está na sociedade como um todo, nós, enquanto classe trabalhadora, perdemos tantos direitos e poucas pessoas vão para a luta.

Entrevistadora: É verdade! A gente quer cobrar dos estudantes, mas a gente está fazendo o quê?

Entrevistada: A gente vê pelo nosso Sindicato, o meu de docente que são as mesmas pessoas que estão ali e o seu Sintufepe, nem sei como está. Mas a gente sabe que está tudo frágil.

Entrevistadora: É uma pena o movimento estudantil estar assim, porque ele é uma balança, se não tem ninguém olhando, questionando, a Universidade acha que está fazendo a maior maravilha do mundo.

Entrevistada: e eu sempre digo aos estudantes, se vocês não falarem alguma coisa, para a gente vai estar tudo bem, final do mês tem o nosso salário. Mas é isso, a gente tem que lutar para melhorar para todo mundo. É a continuidade, não é só para a gente agora, no caso eles, não é só agora, mas para quem vem depois, quem vem depois também precisa porque o mundo não vai acabar com a gente.

Entrevistadora: Se você quiser, você pode complementar e encerrar.

Entrevistadora: Eu queria só reforçar, que acho que na minha fala toda já coloquei a importância, que para mim é importantíssima essa política, tanto a residência, como o RU, as bolsas para pesquisa, ensino e extensão, a questão médica, tudo isso é importante para a permanência do estudante na Universidade. Alguns já tem garantido, alguns que já vem de família que já tem condições, mas nem todo mundo tem, e a gente vê que é a educação que melhora qualquer país no mundo. Nunca na minha vida, que eu filha de analfabeto, agricultor pequeno, ia estar, ter condições de estar onde estou hoje se não tivesse tido o apoio da política de assistência estudantil. E é bom ressaltar que não é nenhum favor, a gente escuta que Lula e Dilma fizeram várias coisas, mas eles não fizeram nenhum favor, fizeram mais que a obrigação, mas eles tiveram a sensibilidade de fazer. E a luta tem que continuar porque eles não fizeram do jeito que a gente queria, se tivesse feito a gente não tinha sofrido o que sofreu.

Entrevistadora: Sempre pode melhorar.

Entrevistada: Melhorar porque é bom para todo mundo. Quando o país diminui a desigualdade é bom para todo mundo, ou quando não tem desigualdade, mas é difícil não ter. Acho que é isso aí.

Entrevistadora: Muito obrigada!

9ª Entrevista : Sessão I – 12/01/2023

Nome do entrevistado: José Nunes

Nome da entrevistadora: Simone Muniz da Silva

Local da entrevista: Aplicativo Google meet

Projeto de pesquisa: A POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL DA UFRPE: Uma análise de 1990 a 2005.

Entrevistadora: Recife, 12 de janeiro de 2023, a entrevistadora é Simone Muniz.

Essa entrevista trata do Projeto de pesquisa “A POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL DA UFRPE: Uma análise de 1990 a 2005”, do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Católica de Pernambuco. Eu vou conversar agora com José Nunes, egresso da graduação da UFRPE.

Bom dia, José!

Entrevistado: Bom dia!

Entrevistadora: José, você me confirma seu grau de instrução

Entrevistado: Eu concluí o Mestrado recentemente.

Entrevistadora: Você exerce trabalho dentro da sua área de formação?

Entrevistado: Sim; sou docente da área de História e sou Técnico em Assuntos Educacionais também, que exige a Licenciatura.

Entrevistadora: José, você pode falar um pouco do seu começo na Rural, quando você ingressou, como foi sua chegada, o ano, como foi o início enquanto estudante de graduação.

Entrevistado: Eu entrei na Rural em 2004, acho que era uma Instituição um pouco diferente do que é hoje, a Rural cresceu bastante; tem novos cursos, quantitativos de alunos aumentou um bocado. Eu entrei antes do processo do Reuni. Houve a criação de outros departamentos, o próprio curso de História cresceu bastante, foi o curso que eu fiz, cresceu com a criação das Pós-graduações, Mestrado, Doutorado, a quantidade de professores aumentou também um bocado. A gente percebe que houve um investimento.

Naquela época, a gente imaginava as coisas um pouco iniciais, mesmo. Você percebia que estava ocorrendo um movimento de reestruturação do curso, com a chegada de professores efetivos, a gente ainda tinha muitos professores que eram contrato temporário. Mas a gente percebeu que estavam chegando e isso trouxe uma modificação bem grande para o curso também.

Eu acho que a turma da gente marcou uma “virada de chave” no público que acessava a Licenciatura à noite, a gente percebia, não só no curso de História, mas em outros cursos à noite que era um público formado por trabalhadores, que não necessariamente queriam exercer aquela profissão, mas viam, por conta do horário de trabalho, uma oportunidade de cursar um curso superior.

Independente, se era Licenciatura em História, se era Ciências Sociais, se era em Economia, acho que a intenção maior não era vocacional, mas a questão de ter esse curso superior para almejar uma melhora no mercado de trabalho.

A turma da gente é uma das primeiras turmas que entra com o perfil de, realmente, ter a vocação, de buscar uma Licenciatura. A gente já tinha umas pessoas que já lecionavam, principalmente

na educação infantil porque já tinha feito o curso médio de Magistério, pessoas que tinham contato com educação, mas não em sala de aula e algumas pessoas que eram mais jovens e estavam querendo entrar no mercado de trabalho a partir da Licenciatura. E aí eu acho que foi um diferencial, que realmente, juntando com esse período que eu falei de reorganização do curso.

Os contatos que a gente teve com outros estudantes, que eram mais antigos, colocam que tiveram mais dificuldades do que a gente teve lá na Rural; com relação a professores, falta de professores, estrutura e outras questões.

A gente pega essa mudança de chave da Universidade, com também uma perspectiva diferente com o interesse dos estudantes da turma da gente, com relação à História.

Entrevistadora: Naquele momento você sentiu que a Instituição foi acolhedora com os estudantes, assim que você ingressou? Como você avalia hoje aquele momento?

Entrevistado: Olha, eu acho que a gente teve um pouco também de sorte, talvez uma perspectiva diferente por conta do curso de História. Dava para ver que existia uma diferenciação, o curso da gente foi um curso onde a gente teve algumas pessoas, pessoas da Instituição onde a gente era bastante acolhido.

Eu observava alguns outros cursos onde você não tinha esse acolhimento tão fácil assim, mostra que não era uma política sistêmica da Instituição, mas sim daquele curso.

Eu trabalho hoje em uma instituição de ensino, também de nível federal, e percebo que o trabalho que a gente faz, se for comparar com a forma que a gente foi recebido naquele momento tem um pouco de diferença. A gente costuma acolher um pouco mais do que naquele momento a gente foi acolhido. Então, esse acolhimento não foi tão legal.

No curso de História, a gente tinha uma perspectiva diferente; a gente tinha uma semana chamada semana do calouro, onde eram apresentados os professores, linhas de pesquisa, temáticas, isso ajudava muito a quem estava entrando naquele momento, como funcionava o Departamento, quem eram as pessoas do Departamento, isso contribuía um bocado para quem é calouro e está chegando é importante.

Entrevistadora: E as políticas de atendimento ao discente, mais especificamente as políticas de assistência estudantil, você chegou a ter conhecimento sobre as políticas de assistência estudantil ou conheceu alguém que teve?

Entrevistado: A gente sabe que agora o último período que a gente passou foi um período meio complexo, principalmente para a área de assistência estudantil, para a área de assistência como um todo e para a assistência estudantil nem se fala. Então, a gente viveu um momento muito ruim, mas se a gente for comparar um período, vamos dizer assim, por volta de 2014 por aí com

o período que eu entrei em 2004, a gente vai ver uma diferença gigantesca; as políticas de assistência abrangiam um número muito pequeno de estudantes, a gente não tinha uma divulgação muito grande de o que fazer, como funcionava, quais os trâmites, existia uma burocracia muito grande também.

Por serem um quantitativo muito grande de alunos que precisavam daquelas políticas, você ter um recurso muito pequeno, então, o filtro também era muito grande, tinha um número de exigências razoável para você ser atendido, por questões muito simples de assistência que um pouco mais para frente, alguns anos depois daquilo dali, ficou muito mais fácil, facilitou um bocado.

Entrevistadora: Uma das políticas da Universidade, direcionada aos estudantes é a questão do restaurante universitário, assim como a casa de estudante, que são os pilares da assistência estudantil. Como era a questão da alimentação na Rural durante os anos que você esteve lá?

Entrevistado: Eu peguei o RU antes da reforma, alguns meses, logo quando eu entrei fechou. Como a reforma demorou, eu passei quatro anos e meio lá, o curso tem quatro anos e meio, e nesses quatro anos e meio ele só veio abrir no último semestre, foram quatro anos de reforma. O atendimento para alimentação era muito restrito, você tinha que se virar se alimentando ali naquelas barraquinhas que ficam em frente da Rural, que não é o melhor local do mundo para se alimentar.

Com relação à casa do estudante, também existia uma dificuldade muito grande de acesso, nunca cheguei a tentar porque eu morava em Recife, não tinha muito problema com relação à moradia. Mas os colegas de sala que tentaram, na minha eram quarenta, apenas uma estudante alcançou e dentro do curso de História eram pouquíssimos estudantes que acessavam a casa do estudante.

E os relatos que a gente tinha com relação a estrutura, segurança, eram que a conjuntura era bem precária, você não tinha uma estrutura interessante, necessária para desenvolvimento de atividades educacionais.

Entrevistadora: Não era um serviço qualificado, não é?

Entrevistado: Não.

Entrevistadora: Então você passou a sua graduação inteira sem restaurante universitário.

Entrevistado: Isso. Eu tive, acho que somando os dois períodos, o antigo RU e o novo, acho que não chega a um semestre.

Entrevistadora: Era uma reivindicação grande dentro da Universidade, por parte dos estudantes? Você conseguia perceber isso?

Entrevistado: Era uma pauta constante. Eu fiz parte do Movimento Estudantil de lá, praticamente nos quatro anos em que eu estava lá, a gente estava no Diretório Acadêmico de História e um ou dois anos no Diretório Central. Era muito comum em toda eleição da gente, toda reivindicação, a reabertura do RU.

A gente fez várias campanhas, tanto com doação de feijoada como sopa à noite, vendida a R\$ 1,00. A ideia da gente era provar que se a gente podia vender a comida barata eles também podiam. Era uma forma também de pressionar a reitoria para a reabertura do RU, porque a grande parte de estudantes, principalmente os estudantes da noite eram trabalhadores, passavam o dia no trabalho e já iam direto para a Rural e muitas vezes não tinham tempo de se alimentar, de uma forma interessante e tendo o RU isso facilitava.

Do mesmo jeito, a gente tinha no primeiro período, eu tinha Laboratório de Arqueologia pela manhã e estudava à noite, alguns dos colegas passavam o dia inteiro, manhã, tarde e noite na Rural, aí tinham que se virar com alimentação. Então, o RU sempre foi uma reivindicação constante.

Entrevistadora: Depois do Programa nacional de assistência estudantil, que foi regulamento pelo Decreto 7.234/2010, não sei se você conhece, mas o Programa nacional de assistência estudantil nasceu por meio de uma portaria normativa do MEC em 2007. Esse programa destina um recurso próprio para as universidades e institutos federais especificamente para a assistência estudantil, além disso define algumas áreas de atuação, como moradia, alimentação dentre outras. A partir dessas áreas as instituições vão realizando suas políticas.

Esse Programa nacional de assistência estudantil foi um grande diferencial para as instituições de ensino, passou recentemente por alguns problemas, devido a conjuntura política que a gente vinha enfrentando, mas, eu não sei se você tem conhecimento, mas novamente com a reabertura do restaurante, depois de outra reforma em 2010, se cristalizou um discurso na Universidade Rural que a alimentação que se oferece lá é uma das melhores do Brasil, quiçá a melhor.

Você chegou a ter acesso a essas informações e como você avalia esse discurso?

Entrevistado: Eu cheguei a me alimentar logo no comecinho da reabertura e algumas vezes, por alguma atividade em que fui fazer na Rural, me alimentei no RU e achei a comida razoável, mas o espaço muito pequeno para o porte da Universidade Rural. Precisava ter um espaço bem maior para atender o quantitativo de estudantes que tem lá.

Sempre existiu essa fama, até uma brincadeira comparativa, entre o RU da Rural e o RU da Federal (UFPE), de que o RU da Rural seria melhor do que o RU da Federal.

Eu não posso falar tanto da qualidade porque o período que passei lá foi muito pequeno, com RU. Mas a história realmente existe.

Entrevistadora: Está certo, José. Nos momentos em que o RU estava aberto, você se alimentou gratuitamente no RU ou sempre teve aquela taxa para os estudantes?

Entrevistado: Não, sempre houve uma taxa.

Entrevistadora: Sobre a Política de assistência estudantil, eu vou deixar esse momento para que você possa falar, se quiser, sobre alguma coisa que a gente não dialogou aqui, fique à vontade, também se quiser encerrar, fique à vontade.

Entrevistado: Não, só dizer que antes da Política nacional de assistência estudantil, ela praticamente inexistia, era extremamente insuficiente.

Eu já peguei a Política nacional de assistência estudantil não como discente, mas como servidor do IFPE e você percebe o quanto é importante para a manutenção do estudante dentro da instituição. Tem estudantes que se não tiver a assistência, ele não tem como se deslocar de casa para a instituição. A gente passou agora por esse período meio tenebroso, que a gente teve vários cortes, não existia uma segurança no orçamento, aquele orçamento podia ser simplesmente suspenso ou ser retirado, esses últimos momentos de 2022 a gente passou por isso.

O que a gente espera é que essa mudança de governo também traga uma mudança na perspectiva da assistência estudantil. Que a gente tenha mais verba, que a gente possibilite o acesso de mais estudantes, com qualidade, porque não tem como fazer educação sem garantir assistência aquele estudante, principalmente, atingindo um público que a gente espera que esteja na Universidade, que é o público que trabalha, os filhos dos trabalhadores.

Entrevistadora: Perfeito, José. Muito obrigada mais uma vez.

1ª Entrevista : Sessão I – 11/01/2023

Nome do entrevistado: Daisyvângela Eucrêmia da Silva Lima Santana

Nome da entrevistadora: Simone Muniz da Silva

Local da entrevista: Aplicativo Google meet

Projeto de pesquisa: A Política de assistência estudantil da Universidade Federal Rural de Pernambuco: uma análise de 1990 a 2005.

Entrevistadora: Recife, 11 de janeiro de 2023, a entrevistadora é Simone Muniz, a entrevistada é Daisyvângela Eucrêmia da Silva Lima Santana.

Essa entrevista trata do Projeto de pesquisa “A Política de assistência estudantil da Universidade Federal Rural de Pernambuco: uma análise de 1990 a 2005. ”, do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Católica de Pernambuco.

Entrevistadora: Eu vou conversar com Daisy, egressa da graduação da UFRPE.

Bom dia, Daisy!

Entrevistada: Bom dia, Simone!

Entrevistadora: Só para a gente confirmar, você autorizou essa gravação?

Entrevistada: Sim, autorizei, está autorizadíssimo.

Entrevistadora: Daisy, me confirma o teu nome completo e grau de instrução.

Entrevistada: Meu nome é Daisyvângela Eucrêmia da Silva Lima Santana; tenho Mestrado em Nutrição, fiz o curso de Economia Doméstica na Rural, entrei no primeiro semestre de 1997 e finalizei a graduação em fevereiro de 2002. Se não me engano, porque o período de greve, acho que passei por dois períodos de greve na Universidade.

Como eu queria participar de um processo de seleção de Mestrado e que publicação sempre foi algo que contou, então eu preferi estender um pouco mais, esperar um pouquinho mais para concluir a minha graduação, por isso terminei em 2002. Logo em seguida entrei no Mestrado, Nutrição na Federal e atualmente estou concluindo o meu curso de Doutorado na Universidade do Minho, lá é Doutoramento e aqui é Doutorado.

Entrevistadora: Então você exerce trabalho dentro da área da sua formação, não é?

Entrevistada: Isso, exerço. E durante esse período que estive na Universidade Rural, de 1997 a 2002, eu fui residente na casa do estudante feminina da Rural, aquela casa que fica ali próxima ao que era antes o Departamento de Ciências Domésticas e hoje é Departamento de Ciências do Consumo, aquela que vai para o CEGOE. Que agora está passando por uma reforma.

Entrevistadora: Acredito até que você tenha respondido um questionário que encaminhei para alguns estudantes.

Entrevistada: Não, não lembro. Não tenho lembrança, desculpa.

Entrevistadora: Não, tudo bem. É porque esse questionário foi encaminhado para um grupo de ex-residentes, mas aí não tem problema não. Que bom que estou conversando com você agora.

Entrevistada: Como meu e-mail mudou um pouco, passei um tempo um pouco afastada, aí não sei se recebi.

Entrevistadora: Tudo bem! Fala um pouco daquele teu começo lá em 1997, quando você ingressou na Rural, como foi essa chegada, como foi o acolhimento, fala um pouco desse período.

Entrevistada: Antes de vir para a Universidade Rural, eu já tinha vindo visitar a Universidade, porque eu tinha vindo de uma Escola Agrotécnica, a escola Agrotécnica de Vitória de Santo Antão que na época tinha o curso técnico em Economia Doméstica.

No final de 1996, antes de fazer o que na minha época era o vestibular, essa escola trouxe os alunos para visitar o Departamento, a Universidade Rural.

Eu conheci a Universidade através dessa escola, a Escola Agrotécnica de Vitória de Santo Antão. Então, com relação ao acolhimento a gente teve no primeiro dia, que na época a Coordenadora era a professora Fátima Santiago e a secretária da Coordenação era Sônia. Nesse período, na primeira semana elas nos receberam, recebeu a turma de Economia Doméstica, nesse dia houve uma conversa, um diálogo com os alunos e alunas da turma e eu lembro bem, que na época, a gente tinha colocado que não só eu, mas outras colegas, que nós morávamos no interior; eu em Limoeiro, tinha outra colega que morava em Escada, outra em Vitória de Santo Antão, Maria Farinha já é região metropolitana.

Entrevistadora: Apesar de ser distante.

Entrevistada: Distante, por isso que estou citando aqui, porque essa minha amiga também queria participar do processo de seleção e entrar na residência, só que como não podia por causa da distância, então, digamos que ela ficou de fora.

Mas eu lembro que nessa semana de acolhimento, a Coordenação explicou para a gente quais eram as normas da Universidade. A gente até recebia uma pastinha com matriz curricular, as informações necessárias.

A gente teve esse apoio da Coordenação para que a gente pudesse se inscrever no que na época era o DAE, para a gente fazer a inscrição lá no DAE para a residência feminina.

Eu fui, me inscrevi através de um formulário, porque tudo antigamente era manual e presencial. Fiz essa inscrição com essa minha colega de Escada e fui selecionada para morar na residência. Mas foi bastante difícil, porque eu lembro que naquela época a gente não tinha nenhum recurso, nenhum auxílio da prefeitura, de transporte.

Você imagina aí; minha mãe professora, meu pai na época estava desempregado, minha família era uma família numerosa, ou seja, comigo são sete filhos, todos estudando ainda, tinha alguns ainda na escola, então eu estava bem ansiosa para conseguir a residência porque ia ser uma despesa a menos para a minha família.

Eu consegui a residência, acho que na época, não lembro, talvez o Diretor do DAE fosse o professor Inaldo.

A residência me ajudou bastante a permanecer na Universidade, porque se não fosse a residência, eu acho que não conseguiria terminar o curso porque a despesa naquela época, como eu tinha falado, a gente não tinha esse auxílio da prefeitura. Hoje eu tenho conhecimento que a prefeitura de Limoeiro já disponibiliza transporte para trazer os estudantes aqui para Recife, mas naquela época a gente não tinha.

Foi muito bom porque eu pude aproveitar bastante a Universidade, tudo que a Universidade podia me oferecer eu estava ali; - vou fuçar aqui. E sem falar que quando você é residente, você

tem mais tempo para se dedicar aos estudos, eu digo mais tempo porque a gente não gasta aquele tempo com relação ao deslocamento; da Universidade para casa e depois voltar. Parece que hoje essa situação está pior.

Era algo gratuito, eu não tinha despesa com nada, toda a alimentação, tudo era custeado pela Universidade, sem falar que durante o período que eu fui residente, eu passei seis meses com aquela bolsa que acho que era bolsa do DAE, o valor da bolsa na época, se não me engano, era quase como se fosse o valor de um salário mínimo atualmente. Isso possibilitou ainda mais a minha permanência na Universidade.

Eu também sei de histórias de outros estudantes que puderam permanecer na Universidade, não era só a moradia e alimentação, mas também tinha essa bolsa de trabalho.

Entrevistadora: Era isso que eu ia perguntar, Daisy, além da moradia, quais os outros benefícios que você tinha?

Entrevistada: Além da moradia, a gente tinha a gratuidade, eu acredito que naquela época nenhum aluno pagava alimentação, era gratuita.

Essa bolsa de trabalho a gente passava também por um processo de seleção, que esse processo de seleção era para ver a questão da situação socioeconômica da família, para poder ter direito a essa bolsa. Claro que também tinham outros alunos que não eram residentes e que tinham direito a essa bolsa, conseguiam receber a bolsa, mas eram poucos, a maioria eram residentes. Eu passei seis meses, se não me engano, com essa bolsa do DAE, essa bolsa de trabalho, logo em seguida quando terminou o primeiro período... segundo eu consegui uma bolsa de monitoria. A gente não podia acumular, essa bolsa de trabalho com bolsa de monitoria. Tive que abrir mão da bolsa de trabalho e fiquei com a de monitoria, que também, digamos, era o mesmo valor. Mas como eu pretendia seguir a carreira acadêmica, para mim, para o meu currículo seria melhor eu ir para a monitoria.

Mas foi a bolsa de trabalho que, na época, me ajudava. Hoje não, porque com a tecnologia aí, digamos que o material hoje o professor posta em uma sala online e se tem ali à disposição. Antes a gente tinha que tirar xerox, isso me ajudou bastante (bolsa), ou seja, pagar as despesas com relação à xerox, poder me manter mesmo na Universidade, sem precisar sobrecarregar minha família para que ela pudesse me manter.

Para mim foi muito bom, porque era tipo a primeira independência financeira, que eu podia arcar com minhas despesas sem comprometer alguma coisa na minha casa, para os meus irmãos, por exemplo.

Essa bolsa de trabalho me ajudou nesses seis meses, porque depois veio a questão da monitoria. Não só a mim, mas também a outros estudantes, porque a gente também trabalhava; o bom era

que não era só ajuda financeira, mas você trabalhava, era locado para desenvolver trabalhos com os professores do seu departamento, naquela área que você tivesse mais afinidade, então, para mim foi muito bom isso.

Entrevistadora: Vamos falar um pouquinho da alimentação, como se dava a questão da alimentação?

Entrevistada: No período que eu cheguei, de 97 até 2002, a gente tinha direito a três refeições; café da manhã, almoço e jantar. As refeições eram produzidas, servidas no restaurante universitário.

Na minha época, se não me engano, em 1997 eu peguei um período, quando eu cheguei, o restaurante universitário estava passando por uma reforma. Ali próximo ao DQV, por trás do DQV, não sei bem o nome do espaço, tinha como se fosse um galpão, o restaurante universitário funcionava ali porque o RU estava passando por uma reforma.

Eu lembro que naquele período em que as refeições eram servidas ali, as refeições não eram de qualidade. Mas tinha direito as três refeições; café da manhã, almoço e jantar.

Depois que saiu daquele espaço e foi para o prédio central, quando a reforma acabou, a qualidade das refeições melhorou. Era de segunda a segunda as três refeições, que funcionava para os residentes.

Nos finais de semana, se não me engano, as refeições eram só para os residentes, durante a semana abria para os não residentes também, para funcionários, enfim.

Entrevistadora: Para todo o público, toda comunidade acadêmica.

Entrevistada: Isso! Eu não sei se por causa do espaço, mas depois que o restaurante universitário começou a funcionar no prédio central, a qualidade das refeições melhorou. Claro que, se a gente for considerar esse período que eu entrei, com hoje em dia a gente vai ver que houve uma melhora substancial porque a gente tem ali, por exemplo, a parte vegana hoje, para quem quer uma dieta mais natural, a gente vê isso. Naquela época era o trivial mesmo, mas mesmo assim atendia as nossas necessidades calóricas, proteicas, energéticas diárias.

Entrevistadora: Já vindo um pouco mais para frente, não sei se você estava na Universidade nessa época, em 2009 o restaurante passou por outra reforma, em 2010 ele foi reaberto e aí se cristalizou um discurso que o RU da Rural é um dos melhores, ou senão, o melhor do Brasil, dito pelos próprios estudantes. Ele vem se destacando no oferecimento dos serviços, principalmente na qualidade da alimentação, na diversidade oferecida, que você já falou.

Como você observa esse discurso?

Entrevistada: Eu acho que isso não é só de 2010 para cá, eu digo isso porque enquanto aluna, eu estive em algumas Universidades participando de congressos e, a gente utilizava os

restaurantes universitários das outras universidades. Então, assim, a nossa alimentação sempre foi melhor do que as outras universidades que eu frequentei. Já estive em Viçosa – eita! Não posso falar não, né? – Enfim, estive em outras universidades e mesmo antes da reforma, nossa alimentação se destacava. Alguns alunos, que vinham fazer alguma atividade na Universidade, os alunos de fora, sempre colocaram isso.

Claro que, atualmente, a alimentação, em termos de qualidade..., Mas a qualidade a gente tem que levar também em consideração, se eu for pegar pelo aspecto técnico mesmo, eu vou pegar – Será que esses produtos são comprados da agricultura familiar de base ecológica?

Quando a gente fala de qualidade, a gente tem que também entender que essa qualidade está relacionada a alimentos isentos de agrotóxicos.

Em termos gerais, eu acredito que a Universidade oferece uma alimentação adequada, saudável, para os estudantes e toda sua comunidade.

Existe uma diversidade e existe um respeito com relação à cultura alimentar; você chegar em uma restaurante universitário que não é servido só pão, mas você encontrar uma macaxeira, um inhame, um cuscuz, ter um feijão no horário do almoço, então para mim isso é fantástico. Eu já estive em restaurante universitário que mesmo recebendo o mesmo valor, não sei, talvez, ou mais não tinha a mesma qualidade.

Entrevistadora: Você como ex-usuária da assistência estudantil, em tempos mais difíceis, como você observa atualmente a assistência estudantil na UFRPE?

Entrevistada: Se a gente for analisar atualmente, fazendo essa relação da época que eu entrei para os dias atuais, a gente vê o quê; na época que eu estudava, a gente tinha acesso à assistência estudantil. Eu hoje como professora, converso com meus alunos sobre ter acesso de fato a Universidade, porque o acesso não é só através do Enem, mas de que forma a Universidade vai possibilitar a continuidade desse aluno no ensino.

A política de assistência estudantil é muito importante, na forma como isso está sendo efetivado. Atualmente, a gente deve considerar que houve um desmonte das políticas públicas, o governo não repassou o recurso, mas se eu for considerar a época que eu ingressei, que eu permaneci ali, sendo assistida pela Universidade, considerando não só a assistência que foi prestada para mim enquanto estudante, mas eu penso de uma forma coletiva, naquelas pessoas também que não tinham condições também, porque eu citei o caso de uma colega que morava em Maria Farinha, ela não tinha condições de permanecer, que a Universidade conseguiu acompanhar essa estudante.

Eu observo que, embora no papel a gente tenha lá que o aluno tem direito a alimentação, moradia, inclusão digital e outras coisas mais, isso não está sendo efetivado na prática.

Para mim é difícil encontrar um aluno hoje, que recebe, por exemplo, uma bolsa de monitoria de R\$ 350,00 e por ele não ser residente paga uma taxa para poder ter direito à alimentação. Esse aluno às vezes precisa pagar o almoço e jantar, eu sei que a taxa é uma taxa pequena, mas é uma taxa pequena para quem?

No meu ponto de vista seria importante, já que essa questão da alimentação é um direito e está lá Constituição Federal, se a alimentação é um direito e a gente tem aí também a Lei de segurança alimentar e nutricional que diz que a questão da alimentação é um direito de todos e todas. Então, o que que a Universidade está fazendo para que o aluno tenha esse direito garantido hoje?

A gente encontra, por exemplo, eu sei que não sou a única no Departamento, nem na Universidade que por exemplo se depara com o aluno que diz – *Eu não posso ficar para determinada atividade porque eu não vou conseguir, professora, porque eu estou com fome.* Porque tem a taxa que tem que pagar.

É uma realidade que a gente hoje tem se deparado com bastante frequência, com relação aos nossos estudantes. Não é fácil para quem está passando por essa situação, eu acho que você tem que ter uma certa aproximação com o estudante, ele tem que adquirir uma certa confiança para ele chegar e dizer – *Professora, eu não consigo ficar porque eu não tenho dinheiro para pagar pela refeição, não posso ficar nesse horário para fazer essa atividade.*

Alguns professores do Departamento, não só professores, mas também estudantes, fazem cota para poder o aluno ter direito, para ao meu ver, deveria ser gratuita porque na época em que eu era estudante, essa alimentação aí para os estudantes, acho que era gratuita para todos.

Entrevistadora: Perfeito, Daisy! Muito obrigada mais uma vez, se você quiser falar mais alguma coisa sobre esse período na Universidade fique à vontade.

Entrevistada: Não, era mais no sentido de reforçar a importância dessa política de assistência estudantil, o quanto é importante a Universidade estar mergulhada nisso. Mergulhada em que sentido? Fazer com que os estudantes continuem, permaneçam na Universidade até a conclusão do curso.

Às vezes, não é porque o estudante não mora no interior que ele tem condições de arcar com as despesas do curso presencial. Ter um trabalho coletivo, não só preocupado com a questão financeira, mas também com a questão psicológica, pedagógica desse estudante. Na minha época, no DAE e também no Departamento um setor de orientação psicopedagógica. Foi fundamental para fazer esse acompanhamento.

Entrevistadora: Estar atento às outras demandas que surgem dos estudantes.

Entrevistada: Isso! A questão quando a gente fala da saúde, alimentação é primordial, mas a gente também tem que se atentar a outras questões. Se o aluno conseguir ou não uma residência, ele sai de casa 5h, eu tenho aluno que sai de casa 3h da manhã, para estar na Universidade às 7h, que a gente dá aquele limite de 7h15 para ele assistir a aula. Então a Universidade não oferece e esse aluno não tem direito a um café da manhã.

Eu não sei hoje, como isso está posto, mas se você vem encontrar um aluno 7h da manhã com uma coxinha e um refrigerante. Então, é uma coisa de doer.

Se o restaurante fosse aberto para todos os estudantes, oferecendo as três refeições, acho que a gente conseguiria ter uma maior permanência desses estudantes na Universidade. E que a permanência envolvesse também a bolsa de trabalho, esse acompanhamento psicológico, pedagógico. Eu sei que a Universidade vem fazendo isso, mas com pouco recurso e pouca gente para trabalhar, fica um pouco complicado. Mas vamos pensar que a situação pode melhorar.

Entrevistadora: Sempre!

Entrevistada: A gente sempre utiliza aquela palavra *esperançar*, que é diferente de você ficar esperando de braços cruzados, mas que a gente possa fazer algo para que essa situação possa ser diferente, a gente possa ter um olhar mais atento para essas questões porque se a gente não tiver, a gente vai acabar comprometendo o ensino presencial.

Entrevistadora: Verdade! E não cumprindo a função social da Universidade.

Está certo Daisy, muito obrigada por colaborar com minha pesquisa.

Entrevistada: Eu que agradeço.

8ª Entrevista : Sessão I – 10/01/2023

Nome do entrevistado: Thiago Emanuel Pereira da Silva

Nome da entrevistadora: Simone Muniz da Silva

Local da entrevista: Aplicativo Google meet

Projeto de pesquisa: A Política de assistência estudantil da Universidade Federal Rural de Pernambuco: uma análise de 1990 a 2005..

Entrevistadora: Recife, 10 de janeiro de 2023, a entrevistadora é Simone Muniz, o entrevistado é Thiago Emanuel Pereira da Silva.

Essa entrevista trata do Projeto de pesquisa “A Política de assistência estudantil da Universidade Federal Rural de Pernambuco: uma análise de 1990 a 2005”, do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Católica de Pernambuco. Eu vou conversar com Thiago, ex-estudante da UFRPE.

Entrevistado: Meu nome é Thiago Emanuel Pereira da Silva, comecei a estudar na Rural em 2005, no segundo semestre, no curso de Licenciatura Plena em Química.

Entrevistadora: Thiago, qual o teu grau de instrução?

Entrevistado: Doutorado completo. Eu fiz Mestrado em Engenharia Química na UFRPE e Doutorado em Engenharia Química também na UFPE.

Entrevistadora: Tu desenvolves alguma atividade referente a formação da Rural?

Entrevistado: Sim, projetos de pesquisa na área de Química.

Entrevistadora: Você autorizou a gravação dessa entrevista?

Entrevistado: Sim, autorizo.

Entrevistadora: Fala um pouco para a gente do ano em que você ingressou na Rural e como foi a tua chegada lá?

Entrevistado: Em 2005, era uma época em que a Universidade era muito restrita ainda, tinha muita dificuldade com relação à acesso, com relação à biblioteca; a quantidade de livros para pegar na biblioteca, não havia restaurante universitário, não havia programas de assistência estudantil, não que eu conhecesse. Então tinha uma dificuldade muito grande com relação a divulgação dos programas que existiam. Você chegava na Universidade e a única coisa que você sabia era que tinham as disciplinas para cursar.

Entrevistadora: Como você avalia, então, essa chegada na UFRPE? Ela pareceu uma instituição acolhedora ou não?

Entrevistado: Foi uma instituição acolhedora, entretanto, alguns programas que é sabido que existem hoje, de assistência estudantil, como o restaurante universitário, como acesso a livros na biblioteca, como outros programas de incentivo de participação em Congressos, a publicação. Com relação ao estudo, a pagar disciplinas a Universidade foi muito acolhedora, entretanto, nesses outros aspectos não existia nenhum tipo de incentivo ou informação para os alunos que poderia desenvolver outras atividades, atividades como pesquisa e também extensão. Naquela época eu não consigo afirmar nem se existia, porque esse tipo de informação não chegava para os alunos.

Entrevistadora: Você chegou a conhecer alguma iniciativa, seja através da Universidade ou mesmo dos colegas, alguma iniciativa de assistência estudantil, seja casa de estudante, restaurante universitário, ou bolsa para estudante carente, alguma coisa nesse sentido?

Entrevistado: Na época que eu entrei, em 2005 não. Não conhecia nenhum tipo de programa, não existia o restaurante universitário, esses programas de assistência estudantil eu não tinha e meus colegas de turma também não tinham, não sabia que existia, se existia ou não.

Posteriormente, alguns anos depois foi algo que foi mais difundido ou criado, não posso afirmar, mas foi perceptível que existiram alguns incentivos para os estudantes. Mas da época que eu entrei, do meu conhecimento, não.

Entrevistadora: Você mencionou que não existia restaurante universitário, mas como vocês, você e seus colegas, faziam com a questão da alimentação?

Entrevistado: A alimentação da gente era, trazia lanche de casa, quem pudesse, quem não pudesse não trazia, quem tinha um pouco mais de condição comia nas barraquinhas que ficam na entrada da Universidade, entretanto não tinha muito o que fazer não, ou trazia de casa ou se virava sem ter comida.

Entrevistadora: Eu não sei se você sabe, acredito ser um momento posterior a sua estada na Rural, você pode até falar um pouco sobre isso, após 2010 o RU foi reaberto e vem se destacando pela melhora no atendimento, pelo oferecimento dos serviços, principalmente na qualidade da alimentação. Como você observa essa mudança, você tem conhecimento que houve essa mudança?

Entrevistado: Tenho conhecimento, eu lembro muito disso porque muitos estudantes que não tinham condição de se manter na Universidade, principalmente com relação à alimentação, aderiram, iam muito para o RU, inclusive eu fui um dos alunos que frequentou bastante o RU, se eu não me engano, alguns estudantes que eram mais carentes tinham gratuidade total e os demais pagavam uma taxa de valor simbólico, que eu não me lembro agora, não sei se era R\$ 1,50 ou R\$ 2,00, eu não me lembro, que fazia toda diferença para manter o estudante dentro da Universidade e para incentivar com que a gente ficasse lá. Foi muito importante! E a qualidade da comida desde quando ele foi reaberto, o restaurante da Rural teve uma qualidade muito satisfatória.

Entrevistadora: Na tua avaliação, porque você viveu dois momentos; um momento em que não tinha RU e um momento em que tinha RU e funcionava bem, qual a tua percepção quanto ao alunado? Lá atrás quando não se tinha nem esperança que houvesse RU e depois com o restaurante, você pode falar um pouco sobre alguns comentários que vocês teciam em relação à alimentação?

Entrevistado: Quando foi previsto que o RU ia ser reaberto e tal, não tinha nenhum otimismo da classe universitária, pelo menos das pessoas que eu convivia, de que esse restaurante realmente ia sair do papel e depois que ele saiu dava para observar que a grande maioria de estudantes que frequentava o RU eram pessoas que não tinham condições de pagar uma alimentação, não tinham condições de se manter na Universidade.

Não só necessariamente de alimentação, mas também para material, cópia, em 2005 era muito difícil você ter dinheiro para pagar a quantidade de material e às vezes você tinha que escolher determinada disciplina que ia tirar a cópia ou não. O acesso à internet também, tinha um rodízio muito grande nos computadores, os computadores também quebravam muito, então era difícil.

Não só a implementação do RU, mas algumas outras políticas como os centros de informática que facilitavam muito o acesso à informação, à pesquisa, incentivo a estudantes que não tinham condições, porque muitos não tinham condições, nem computador em casa.

Eu lembro que nessas salas o horário para você marcar era muito difícil para conseguir, então foi uma democratização digital que facilitou muito o acesso ao computador e a internet. Isso para as pessoas que realmente não tinham condições de ter computador em casa, como eu.

Entrevistadora: Tu lembras onde acessavas essa internet?

Entrevistado: Tem um lugar sempre que eu ia; no prédio central, onde fica o Departamento de Química, fica no segundo corredor ao lado do Salão Nobre, só não me recordo o nome da sala, mas aí eu lembro que nessa sala tinham 10 computadores, geralmente funcionava entre 5 ou 6 e tinha horário reservado o tempo todo, cada aluno poderia ficar até 1h, caso não tivesse fila de espera você poderia ficar um pouco mais, mas geralmente era isso.

Entrevistadora: Essa oferta de inclusão digital foi no ano que tu ingressasses ou foi depois de 2010?

Entrevistado: Existia no ano que eu entrei, porém era muito limitado, mas em 2009 e 2010 foi onde teve uma maior disponibilização de computadores nessas salas de informática para os alunos, não tinha necessidade de você ficar nem em fila de espera para poder acessar o computador para fazer pesquisa, fazer trabalhos acadêmicos. Mesmo para época, muitos professores pediam os trabalhos impressos. Além de você não ter computador em casa, ter essa dificuldade para fazer, tinha que imprimir, também era custo. E essas salas de informática cobravam um preço bem abaixo para impressão, 0,5 centavos, 10 centavos um preço bem acessível.

Entrevistadora: Existe um discurso de que a Universidade sempre foi um local da classe média, o público que frequentava a Universidade era da classe média e a gente sabe que esse discurso pode ter se cristalizado ao longo dos anos, mas que os jovens das famílias pobres, mesmo que de forma minoritária, com todas as dificuldades, conseguiam acessar. Quando você ingressou na Universidade foi antes da Lei de Cotas, você é anterior a Lei de Cotas que é de 2012. Tu percebias, dentro do teu convívio, da tua sala, que existiam alunos tanto da classe média quanto da classe mais pauperizada da sociedade?

Entrevistado: O que eu percebia era que a maioria dos alunos, pelo menos da minha turma, eram de escola particular. Os demais, acredito que em torno de 20% da turma eram de colégio público, entretanto, mesmo de colégio público alguns ainda tinham condições financeiras.

O que eu vi no decorrer do tempo, principalmente entre 2010 e 2012, é que foi havendo uma mudança no perfil desses alunos, não sei se coincide com dados estatísticos, mas pelo menos

assim; das turmas que eu frequentei e das turmas que eu observei, das novas, tinha uma quantidade muito maior de pessoas que não tinham recursos financeiros, mas que tinham acesso facilitado para poder entrar na Universidade. Não só acessar, como se manter com as políticas públicas.

Esse perfil de turma foi mudando no decorrer do tempo.

Entrevistadora: Thiago, é isso! Muito obrigada pela sua contribuição. Se você quiser falar alguma coisa a mais sobre as políticas de assistência estudantil, se você complementar...

Entrevistado: Sim, só para complementar; como eu vivenciei esse momento de transição dentro da Universidade, eu observei muito a criação de alguns projetos, como Conexões dos Saberes, que eu cheguei a participar posteriormente, que é um projeto para alunos que vieram de escola pública para desenvolver programas e aulas em colégios públicos também, outros incentivos a maior acesso de estudantes à casa estudantil, auxílio financeiro de transporte.

Foi real e foi possível observar sim essa mudança e essa oportunidade que foi gerada para estudantes menos favorecidos economicamente. Então, é um registro que é muito importante, principalmente porque foi transicional, entretanto eu acredito que são projetos que até hoje se mantêm.

Entrevistadora: Se mantêm sim, Thiago. Graças ao Programa Nacional de Assistência Estudantil, que pode oferecer uma assistência estudantil mais qualificada tentando minimizar essas desigualdades, após o ingresso dentro da universidade.

Ainda não está em um patamar ideal, mas acreditamos que com o tempo, e se a conjuntura política ajudar, isso melhora. Muito obrigada!

Entrevistado: Eu que agradeço e fico disponível a qualquer outra contribuição que eu possa vir a fazer.

7ª Entrevista : Sessão I – 12/05/2022

Nome do entrevistado: Ricardo Gonçalves Pereira do Rêgo

Nome da entrevistadora: Simone Muniz da Silva

Local da entrevista: Sala da Coordenadoria de Gestão de Residência-Prédio da Progesti Anexo(antigo DAE)/UFRPE

Projeto de pesquisa: A Política de assistência estudantil da Universidade Federal Rural de Pernambuco: uma análise de 1990 a 2005..

ENTREVISTADORA: Recife, 12 de maio de 2022, essa é a 7ª entrevista do Projeto de Pesquisa “A Política de assistência estudantil da Universidade Federal Rural de Pernambuco: uma análise de 1990 a 2005”. Essa é uma pesquisa para o Programa de Pós-graduação em História da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP. Eu vou conversar com Ricardo Gonçalves

Pereira do Rego, Ricardo é Assistente em Administração na Pró-reitoria de assistência estudantil e inclusão e fez parte do grupo de funcionários do Departamento de Assistência Estudantil - DAE.

Ricardo, obrigada por participar da minha pesquisa, para iniciar eu peço que você fale um pouco do início do seu trabalho na Rural e também do início do trabalho na assistência estudantil.

ENTREVISTADO: Certo. A princípio, Simone, não há o que agradecer, é um prazer tentar colaborar com quem é envolvido e com quem briga pela assistência estudantil das universidades brasileiras.

A respeito da minha carreira aqui na Rural, eu entrei na Universidade Rural em 1984, inicialmente no Departamento de Educação Física que na época se chamava Núcleo de Educação Física e Desportos, era conduzido na ocasião pela professora Ivanise Barbosa, passei lá doze anos. Em seguida foi transferido para o Departamento de Serviços Gerais, onde trabalhei no protocolo da Universidade, aí já sob o comando do professor Inaldo Galdino de Menezes, que era o Diretor do Departamento de Serviços Gerais, que, posteriormente, em 1998 veio assumir o Departamento de Assistência Estudantil - o DAE - e ao vir para o DAE ele me convidou, juntamente com Elizama, que era na época da PROAD; ele nos convidou para a gente integrar a equipe dele aqui na assistência estudantil, quando a gente começou, quando eu comecei na assistência estudantil em 1998, daí para cá venho nela já há algum tempinho.

ENTREVISTADORA: Quando eu comecei a conversar com os outros funcionários aqui do DAE, Ricardo, eles me relataram uma estrutura diferente, um organograma diferente, e eu queria ver com você como era essa estrutura. Falou-se que existia O Diretor; a secretária do Diretor, tinha uma Direção de Atividades Especiais - se não for isso por favor me corrija - tinha uma Divisão de Atividades Socioeconômica; uma Divisão de Residência; uma seção de Restaurante e uma seção sociocultural e o setor de Psicologia.

ENTREVISTADO: Era isso! A estrutura era essa.

ENTREVISTADORA: Você pode me dizer um pouco sobre cada uma, qual a função de cada uma?

ENTREVISTADO: Veja só, quando eu cheguei aqui existiam as divisões, era diretoria DATE; DASE e a Psicologia. A DATE era conduzida por Sirlei Silvestre; a DASE, quando cheguei aqui eu assumi a DASE e a Psicologia era conduzida pela Dr^a Jacira. Então, basicamente a estrutura era essa. A DATE tratava muito mais a questão do Restaurante Universitário; DASE era a residência estudantil e a Psicologia era o atendimento da Psicologia com a Dr^a Jacira. A secretária, na época, como já falei, o professor Inaldo trouxe Elizama para assumir a secretária. A estrutura era muito incipiente ainda, era assim, digamos artesanal, todo mundo começou a

aprender com a assistência estudantil, a gente partiu praticamente do zero, era muito pouca coisa que existiu em termos de assistência estudantil na Rural e a gente começou a tentar melhorar essa coisa aí.

ENTREVISTADORA: Essas seções de restaurante e sociocultural tinha alguma subordinação às divisões?

ENTREVISTADO: Tinha! O restaurante era subordinado a DATE, que era conduzida por Sirlei; a sociocultural era uma seção, não era instituída uma diretoria, era uma seção que ficava subordinada a minha, que era DASE e daí se organizava eventos com os residentes, com os funcionários, uma coisa maior que precisasse de uma organização, como colação de grau e por aí ia. Entendeu?

ENTREVISTADORA: Entendi. Existia um documento que organizasse essa estrutura?

ENTREVISTADO: Não, não tinha nada. Era como eu falei, tudo muito incipiente, muito inicial, a coisa foi feita muito empiricamente. A coisa era feita muito empiricamente. Posteriormente, depois de alguns anos, foi que o Departamento de Assistência Estudantil foi virando o que hoje é a Pró-reitoria, foi se criando corpo para se formar Pró-reitoria. Professor Inaldo conduziu a coisa toda para se criar não só aqui na Rural, mas nessa época existia um movimento muito grande de a Assistência Estudantil se tornar Pró-reitoria em todas as Universidades, algumas já existiam enquanto Pró-reitoria, a Rural foi trabalhada pelo professor Inaldo para ser feito isso e foi feito. Mas na hora de assumir o Pró-reitor não foi o professor Inaldo, infelizmente.

ENTREVISTADORA: Uhum!

ENTREVISTADO: Na minha opinião, há um erro histórico da Universidade na formação dessa Pró-reitoria de Gestão Estudantil.

ENTREVISTADORA: Porque se trabalhou muito nesse movimento, não é?!

ENTREVISTADO: Eu diria que a cama foi feita e forrada e outro deitou para dormir. Sem culpa nenhuma dessa pessoa que chegou para deitar e dormir, mas foi o que aconteceu. Infelizmente foi isso que aconteceu.

ENTREVISTADORA: Aqui, Ricardo, nas conversas, entrevistas e pesquisas que eu fiz lá na secretaria dos Conselhos Superiores, eu identifiquei que existiu uma bolsa trabalho. Você pode falar um pouco sobre essa bolsa trabalho?

ENTREVISTADO: Simone, vê bem; isso aí era quando a gente buscava por um tipo de ajuda para o alunado e não existia nada. O professor Inaldo conseguiu junto ao Pró-reitor de Administração Estudantil da época, se não me engano era professor Valderi Ribeiro, sensibilizou o Pró-reitor que a gente precisava de alguma coisa, isso aí é a semente do que hoje é o PNAES, porque a coisa gerou-se a partir dessas iniciativas, não só do professor Inaldo, mas

de outros diretores e Pró-reitores que já existiam pelo Brasil, então, nessa busca por recursos, não existia um recurso destinado a assistência estudantil, se buscava no recurso da Universidade uma “fatiazinha” por menor que fosse para tentar ajudar a assistência estudantil e aí criou-se essa bolsa. Eu me lembro que, quando a gente muito atingiu, conseguiu atingir oitenta alunos e o valor era ínfimo, não dava, eu acho, nem para passagem de ônibus dos meninos, não dava, mas já era alguma coisa. Era a criação do que hoje vem ser todos esses programas de bolsas na Universidade Rural.

ENTREVISTADORA: E como era o ingresso?

ENTREVISTADO: o aluno preenchia um questionário com uma adaptação de um questionário da UFMG, que ele foi feito tanto para a residência estudantil, era um questionário muito complexo, muito grande e daí a gente fez uma adaptação, eu junto com o professor Inaldo, fizemos uma adaptação para usá-lo tanto na seleção de residência quanto na seleção para essa bolsa. Já que a gente não tinha nenhum critério, não existia nenhum critério para a seleção nem de residência nem de bolsa, a coisa era feita assim; muito pela simpatia, sei lá, pela empatia com o aluno aí classificava. Quando eu cheguei, quando nós chegamos aqui e começamos a fazer seleção e aí uma coisa muito importante que aconteceu nesse momento foram as visitas para identificar as carências desses alunos que pleiteavam a residência estudantil na Universidade. Não sei, talvez eu esteja me adiantando, talvez você chegue lá nesse ponto.

ENTREVISTADORA: Não, tudo bem, pode continuar.

ENTREVISTADO: Já que você perguntou como era a seleção para essa bolsa, era mais ou menos isso, Simone; a gente criou, adaptou um modelo de formulário que existia na UFMG e usamos tanto para a seleção de residência quanto para a seleção dessa bolsa. Inicialmente a gente olhava o critério renda familiar, carência, condição de vulnerabilidade socioeconômica, era o critério definitivo e decisivo para a seleção do aluno.

ENTREVISTADORA: Era por solicitação de professor, quando existia qualquer tipo de bolsa? Algum professor tinha um projeto, então solicitava?!

ENTREVISTADO: Se respeitava a demanda do professor; o professor que apresentasse um projeto, ele encaixaria uma coisa com a outra, então dentro da possibilidade socioeconômica aqui do aluno, a gente tentava encaixá-lo dentro do programa que já existia, a gente sugeria ao professor aqueles nomes, ele aceitava ou não, e a gente quando aceito a gente mandava o aluno para lá.

ENTREVISTADORA: Parece um pouco o que veio a se tornar a “bolsa de permanência” com a Progest do começo

ENTREVISTADO: É isso!

ENTREVISTADORA: Os residentes tinham alguma prioridade na bolsa trabalho?

ENTREVISTADO: Não!

ENTREVISTADORA: era outra coisa?

ENTREVISTADO: Outra coisa completamente diferente.

ENTREVISTADORA: Quando você fala que vocês foram à UFMG e eu percebo que mesmo não tendo profissionais que trabalhassem diretamente com a questão socioeconômica, observo que existia uma preocupação por parte, principalmente da época do professor Inaldo, de se ofertar uma assistência estudantil mais profissionalizada. Como vocês faziam para ter acesso a esse material, a esses instrumentais?

ENTREVISTADO: A gente participava, e o professor Inaldo me deu a oportunidade de participar com ele várias vezes do Fonaprace, porque em sendo criado o Fonaprace isso ajudou muito na troca do conhecimento. Então a gente passou a buscar conhecimento dentro das reuniões do Fonaprace das outras Universidades, a práxis deles como era. E trouxemos para cá, é fato esse questionário mesmo, é fato categórico disso que eu tô falando, que a gente conseguiu trazer uma experiência de profissionais capacitados da área em outras Universidades, já que nós não tínhamos e era uma briga incessante nossa de buscar um profissional de Serviço Social para trabalhar aqui com a gente, certo. Não havia quadro, não havia oportunidade de fazer seleção e tal, mas a gente tentava buscar em outras Universidades esse conhecimento. A Universidade Federal da Paraíba foi uma parceira muita boa nessa situação porque na época o professor Kleber Salgado, que era Pró-reitor de Assistência Estudantil de lá, pois lá já era Pró-reitoria, ajudou muito, foi muito parceiro nosso, tanto nessa questão do Serviço Social, porque lá na época ele já tinha oito Assistentes Sociais, e nós não tínhamos nenhuma.

ENTREVISTADORA: Isso lá no final dos anos 90?

ENTREVISTADO: Isso, quando eu cheguei aqui já era final de 90, eu cheguei em 98. Isso eu digo lá no início de 2000. O professor Kleber foi muito importante em toda política da assistência estudantil, tanto aqui na Rural como no Brasil inteiro. Esse cara é um ícone na assistência estudantil do Brasil. Se você for perguntar quem trabalha com assistência estudantil no Brasil vai fazer referência. Ele foi presidente do Fonaprace, foi muito importante nesse processo todo. Nos ajudou muito nesse sentido.

Essa preocupação que você citou, de a gente tentar fazer a coisa profissional, foi a seriedade trazida pelo professor Inaldo ao sistema de assistência estudantil da Rural; a base de toda assistência estudantil da Rural foi se profissionalizando nesse momento, se profissionalizou ao ponto de se tornar Pró-reitoria de Gestão estudantil que hoje existe.

ENTREVISTADORA: Já falando um pouco da residência, o regimento que vigorou até o de 2008 era o 92/1990 ou você tem conhecimento se teve um depois?

ENTREVISTADO: Quando a gente chegou existia realmente um regimento, mas que a gente foi moldando e modificando de acordo com as necessidades, a coisa acontecia por demanda. Não me lembro se a gente chegou a registrar um regimento novo. Acho que eram mais notas normativas que se soltava, alguma coisa assim.

ENTREVISTADORA: Eu trouxe essas normas (mostra ao entrevistado as normas do ano 2000), e percebi que essas normas foram construídas com os residentes. Pegando esse gancho, como era a relação do DAE com os residentes?

ENTREVISTADO: Quando a gente assumiu havia o compromisso de partilhar as decisões da assistência estudantil com os alunos, a gente trazia eles para as reuniões aqui, tanto de seleção quanto de decisões normativas da assistência estudantil do DAE, a gente passou a ouvir o aluno, coisa que eu acho que não era feita anteriormente, talvez eu esteja sendo injusto em dizer isso, mas a prática, a experiência, a vivência aqui dentro me mostrou isso. Eu entendo que não havia esse diálogo que passou a existir na gestão do professor Inaldo. A gente trouxe o aluno para participar da seleção de residência, trouxe o aluno para participar de seleção de bolsa trabalho, trouxe o aluno para participar de todo evento da Universidade, para ajudar na Colação de grau, participar efetivamente das Colação de grau. Então, toda atividade que a gente tinha dentro do DAE, a gente sempre participava conjuntamente com o alunado, prioritariamente o aluno residente, para dar a oportunidade a ele de ter alguma coisa a mais, já que na época não existia nenhum tipo de auxílio financeiro como hoje existe. Só existia a residência com café, almoço e jantar e pronto, que no nosso entendimento era muita coisa já, era o bastante para o aluno ter a condição de fazer um bom curso aqui dentro.

ENTREVISTADORA: Isso era uma coisa que eu ia perguntar também; o Auxílio Manutenção só foi instituído em 2009?

ENTREVISTADO: Não lembro.

ENTREVISTADORA: Benefício em pecúnia, você acha que antes de 2009 o residente não tinha antes de Pró-reitoria?

ENTREVISTADO: Não tinha, antes de Pró-reitoria não existia isso aí de certeza. Até porque não era pensamento nosso dinheiro na mão do aluno. Eu, Ricardo, nunca concordei com ajudar o aluno com dinheiro.

ENTREVISTADORA: O aluno residente?

ENTREVISTADO: O aluno residente! O bolsista é outra coisa, ele está dando uma contrapartida para a Universidade; colaborando com o ensino, com a pesquisa ou com a

extensão, aí tranquilo, remunerá-lo por isso, mas por ser um aluno residente, eu Ricardo, nunca concordei com isso e o professor Inaldo acho também que nunca concordou é tanto que nunca buscou esse tipo de ajuda.

ENTREVISTADORA: Por que você acha que depois de instituído foi mais difícil retirar? Porque eu acredito que foi instituído enquanto uma substituição da alimentação enquanto o restaurante fechou, não foi?

ENTREVISTADO: Isso, foi!

ENTREVISTADORA: Porque esse Auxílio Manutenção não foi retirado?

ENTREVISTADO: Simone, eu te digo o seguinte: aqui na Universidade Rural existe uma sensibilidade política em fazer, aí quando você consegue uma benesse, qualquer que seja, para o aluno, você retirá-la não é politicamente interessante para quem concedeu. O dano político é muito maior do que sustentar essa situação, entende?

ENTREVISTADORA: Tem esse impacto político.

ENTREVISTADO: É o ônus político que ninguém nunca quis assumir, entende! É isso, basicamente é isso. Por isso não se tentou retirar porque haveria uma “grita”, digamos assim, por parte do alunado e aí ninguém quis assumir esse ônus.

ENTREVISTADORA: Teve uma época que o restaurante fechou, não é, inclusive para os residentes, não é isso?

ENTREVISTADO: Isso!

ENTREVISTADORA: Na época que ele fechou a alimentação era 100% subsidiada para os residentes?

Entrevistado: Sim, se entregava feira para eles.

ENTREVISTADORA: Da sua época no DAE para cá, eles sempre fizeram alimentação gratuita ou pagaram alguma vez?

ENTREVISTADO: Não, nunca pagaram não.

ENTREVISTADORA: Você lembra quem era subsidiado, porque existia uma seleção, não era? Uma refeição, duas refeições...

ENTREVISTADO: Era. Mas acho que isso aí já era Pró-reitoria. Na época do professor Inaldo o restaurante funcionou, mas só o aluno residente que tinha direito, salvo engano. Essa era a parte de Sirlei, não sei se você já conversou com ela. Eu acho que era isso, só os residentes. Quando passou a ser Pró-reitoria é que as coisas passaram a ser tratadas diferentemente; foi na reabertura do restaurante, já era empresa terceirizada que explorava e a por aí foi.

ENTREVISTADORA: Existia muita reclamação da qualidade da alimentação do restaurante, por parte dos residentes, quando era só para eles?

ENTREVISTADO: Existia!

ENTREVISTADORA: Era uma prestação de serviços?

ENTREVISTADO: Veja, quando era só para eles era uma prestação de serviços da própria Universidade para os alunos, não era uma empresa terceirizada, ainda não. Passou a ser depois quando reabriu o restaurante. E aí reabriu com o “Recanto da Gula”, se não me engano era o nome da empresa que começou a explorar; tinha uma parte para o público em geral e a parte do alunado.

ENTREVISTADORA: Você já falou, Ricardo, do Fonaprace, da preocupação que vocês tinham em entrar em contato com outras Universidades, através do Fonaprace e conhecer as políticas que estavam sendo implementadas. Nas minhas buscas, eu achei esse documento, que achei muito interessante - ENTREVISTADORA MOSTRA DOCUMENTO SOBRE O DAE AO ENTREVISTADO - mais interessante ainda que ele é batido à máquina, não sei se é da sua época, mas ele não tem data. Esse documento você acha que é fruto dessa época? Porque trata de um chamamento de defesa da assistência estudantil e do DAE.

ENTREVISTADO: Não, acredito que esse documento não é da nossa época porque ele está pedindo a reativação do DAE. Não é da nossa época não, até porque quando era o DAE ele era ativo. Não sei de que época é esse documento. Mas é interessante esse documento. Acho que não é da nossa época, mas devemos ter chegado aqui posteriormente a isso.

ENTREVISTADORA: Ele faz um chamamento à defesa da assistência estudantil, faz a defesa do DAE, chama a comunidade universitária para conhecer as ações.

ENTREVISTADO: Por ele ser um chamamento interno eu não vincularia ele ao Fonaprace, entende. E a ativação do DAE, o DAE quando eu cheguei para cá ele era ativo. As políticas muito pequenininhas, eram muito iniciantes, mas o DAE era um Departamento ativo.

ENTREVISTADORA: Na sua compreensão, você acha que o DAE não tinha uma grande visibilidade ou eu estou enganada?

ENTREVISTADO: Não, você está certa. O pessoal entendia, as gestões anteriores, os mais antigos, isso antes do professor Valmar (ex-reitor), acho que era o Dr. João Batista, havia um pensamento que a assistência estudantil era gasto, quando entendemos nós que é investimento. Essa pequena diferença que é enorme fez toda diferença, ela faz toda diferença no sentido de abrir os olhos e enxergar que a assistência estudantil é investimento, daí a disponibilidade, a disposição em fazer. Antes, entendo eu, que não existia essa disposição em fazer, era gasto, “vamos deixar de lado”, é tanto que não existia um recurso destinado a assistência estudantil. A assistência estudantil vivia de “cuia na mão” pedindo, implorando por um recurso mínimo que fosse para tentar auxiliar o alunado. Era muito complicado trabalhar sem dinheiro, sem

apoio nenhum. Simone, na gestão do professor Emílio Cantídio, nós começamos a fazer as visitas às residências em carro próprio, a Universidade não disponibiliza nem o combustível para a gente fazer, mas a vontade de fazer superava tudo isso, as dificuldades a gente superava com a vontade de fazer e fazia da forma certa e honesta. A gente caía em campo no carro, no carro do professor Inaldo, formava comissão, fazia visita e tal, no intuito de errar o mínimo possível em uma seleção, fosse ela para trabalho, fosse ela para residência. Eu acho que basicamente foi isso que a gente começou a fazer a coisa andar aqui e se fazer notar. Porque esses alunos começaram a dar retorno. Quando a gente tinha uma seleção bem feita, de um aluno que você via, que também era um dos critérios para a residência; era coeficiente de rendimento do aluno, quando esse aluno tinha um coeficiente de rendimento bom, uma condição socioeconômica vulnerável, a gente selecionava, colocava na casa e esse aluno dava retorno quatro, cinco anos depois, esse aluno estava laureado de turma, isso fazia que a gente enxergasse que o trabalho que a gente fez anteriormente fez valer a pena.

ENTREVISTADORA: E mostrava para a Universidade que era um investimento importante.

ENTREVISTADO: Isso! Um investimento considerável e significativo. A Universidade apresentava resultado com isso. É assim que a gente entende a assistência estudantil.

ENTREVISTADORA: De 1998 para cá, no seu entendimento, quais os aspectos e práticas que eram importantes e não existem mais?

ENTREVISTADO: Vê só, eu entendo que o quê nós fazíamos só foi ampliado, muito ampliado.

ENTREVISTADORA: E o que necessariamente não existe mais, mas os aspectos positivos.

ENTREVISTADO: Simone, tudo que a gente fazia está hoje superdimensionado, hiperdimensionado, então hoje há uma folga muito grande para fazer, então eu não vejo alguma coisa que a gente fizesse que deixou de ser feita ou que é deixado de lado. Não enxergo nenhuma coisa não. Enxergo que, academicamente, empiricamente a gente colocou a semente e essa semente germinou e ficou, acho que foi isso que aconteceu aqui na Rural.

ENTREVISTADORA: Sobre a melhor fase DAE, qual a tua avaliação?

ENTREVISTADO: Eu diria que foi quando a gente entregou e virou Pró-reitoria, o último momento, o último instante DAE, quando a gente realizou Fonaprace aqui em Recife. Caso você não saiba, o PNAES foi criado aqui em Recife, numa reunião, num hotel em Boa viagem, o deputado Severino Cavalcanti - quem quiser que fale mal dele - mas em termos de assistência estudantil esse homem botou o projeto debaixo do braço e guerreou junto com a professora Therese (Therese Hofmann Gatti Rodrigues da Costa) da UNB, guerrearam lá em Brasília e fizeram aprovar essa lei. Eu acho que o melhor momento do DAE foi no momento que nós criamos o PNAES; nós assim, eu me superdimensionando, porque lá existiram Pró-reitores

existia o Diretor do Departamento de assistência estudantil da Rural, mas eu também sou parcela pequena da criação da coisa porque eu estava lá presente, eu discuti, eu debati também, ajudei um pouco.

ENTREVISTADORA: E a pior fase?

ENTREVISTADO: A pior fase foi quando a gente chegou aqui, não existia nada, a gente saiu criando.

ENTREVISTADORA: Verba disponível?

ENTREVISTADO: Verba? Nunca teve. Depois de alguns anos de DAE foi que a gente conseguiu esse recurso, com auxílio trabalho, com a bolsa trabalho, foi a única coisa que a gente conseguiu. Porque o DAE, como eu falei, anteriormente, vivia de “cuia na mão” pedindo recurso para funcionar, não havia a sensibilidade para tratar a assistência estudantil, a verdade é essa, não havia a sensibilidade. Era um Departamento que sobrevivia, ele não funcionava bem, ele sobrevivia.

ENTREVISTADORA: Existia alguma parceria com as Pró-reitorias ou outros Departamentos?

ENTREVISTADO: Não. A única parceria que o DAE tinha, na minha época, que eu tenho a lembrança era com a PROAD, dependendo do Pró-reitor que estivesse lá, ele estendia a mão ou não. Graças a Deus, no período que nós ficamos alguns Pró-reitores foram bastante parceiros. Então ajudaram que a gente crescesse enquanto assistência estudantil. Cito alguns: prof. Valderi e o professor, que hoje é vice-reitor, prof. Gabriel Rivas, foram os Pró-reitores que passando por lá sensíveis a causa. O prof. Inaldo com eles tinha um certo trânsito com eles e aí conseguiu alguma coisa.

ENTREVISTADORA: Desde o começo da entrevista, você falou bastante dessa transição do DAE para a Pró-reitoria. Então como última questão de discussão, e aí você pode aprofundar, como foi essa transição para você?

ENTREVISTADO: Simone, eu falei tanto nessa coisa aí porque para mim isso é uma coisa muito mal resolvida, eu enquanto servidor desta Universidade acho que foi aí que foi feita a maior injustiça nesses 38 anos de Universidade que eu tenho, foi a maior injustiça praticada aqui nessa instituição foi essa transição de Departamento de assistência estudantil para Pró-reitoria. Houve uma injustiça, vou repetir e repito todas as vezes que for perguntado, houve uma injustiça tremenda no momento da transição. Porque o Diretor do DAE era o Pró-reitor, entendo eu, naturalmente isso aconteceria. Aí por política da Universidade Rural não foi ele que assumiu, foi um outro professor que também não tem culpa nenhuma na história, a culpa é da gestão superior, da ingratidão que foi feita, do erro que foi feito, do erro estratégico que foi feito, porque para mim houve um erro estratégico. Eu ajudei a iniciação do Pró-reitor, enquanto

servidor da Universidade, cumprindo as minhas funções, procurei ajudá-lo, procurei inteirá-lo das políticas estudantis da Universidade nesse primeiro momento, porque ele chegou “cego”, ele não conhecia nada de assistência estudantil. A forma como foi feita essa transição foi de uma ingratidão ímpar. É por isso que eu falo tanto, me incomoda essa situação; eu vou sair da Universidade Rural, provavelmente esse ano, vou me aposentar esse ano, vou sair com essa mágoa tremenda da minha instituição, da qual eu nasci e fui criado aqui dentro, tenho 38 anos como servidor da Universidade, mais 59 de campus universitário, literalmente eu nasci no campus da Universidade Rural, entende?! Então eu saio dela com uma mágoa muito grande por conta dessa transição que foi feita de uma forma erradíssima para mim.

ENTREVISTADORA: Você sentiu se isso atingiu os outros funcionários também?

ENTREVISTADO: Não, não senti assim não! Porque aquela coisa; vamos continuar. Houve alguns comentários de que alguns tinham ficado sentido e tal. Eu entendo que muito sutilmente houve um incômodo porque foi uma coisa abrupta, ninguém esperava. Acredito que tenham sentido também, talvez nem tanto quanto eu porque eu me magoei demais com essa história. O próprio Diretor que foi injustiçado não tem a mágoa que eu tenho, sabe? Ele não tem a mágoa que eu tenho, digamos que eu seja um cara rancoroso, eu me reconheço que sou.

ENTREVISTADORA: Eu imagino! Você fica tão indignado com a injustiça com o outro que às vezes atinge mais você mesmo

ENTREVISTADO: A dor alheia eu senti e sinto.

ENTREVISTADORA: O que você acha que a UFRPE deixou de fazer pelo DAE e pelos funcionários do DAE?

ENTREVISTADO: Eu sou um cara muito resignado, eu acho que a Universidade Rural fez o que enxergava ser o correto, as gestões que passaram, como já falei aqui na sua entrevista, enxergavam que a assistência estudantil era gasto, despesa. Então na visão deles, a coisa vinha sendo conduzida corretamente. Nós é que tivemos de “gritar” e nos fazer mostrar para sermos reconhecidos. Era aquela história, resultado apareceu então vamos lá. Isso foi uma coisa que se tornou unânime, equânime entanto Brasil, em um mesmo momento a insurgência foi grande e a coisa aconteceu. Hoje a assistência estudantil no Brasil é uma realidade muito forte, apesar do governo que a gente vive hoje, que trabalha muito contra a educação, as Universidades públicas no geral, mas a assistência estudantil hoje no Brasil é uma realidade consolidada por demais. O que sofre a assistência estudantil hoje na Universidade, sofre toda a Universidade, não só a assistência estudantil; um governo que não enxerga a educação como investimento, mas como gasto.

ENTREVISTADORA: As principais mudanças do DAE para Progesti?

ENTREVISTADO: Eu vejo um crescimento enorme em relação DAE x Progesti; o aporte de recurso fez com que a coisa explodisse, sem recurso não se trabalha, é muito difícil. Com o advento do PNAES, a coisa fluiu de forma absurda, irreal para quem trabalhava na realidade DAE. Era inatingível a gente pensar o que veio a ser a Pró-reitoria; a gente não pensava nunca que fosse estourar do jeito que estourou. Houve um entendimento que era investimento e passou-se a investir massivamente na coisa, a grande diferença foi essa. A coisa se resume a recurso financeiro.

ENTREVISTADORA: Está certo, Ricardo. Agora só para finalizar mesmo, o que representa hoje a UFRPE para você?

ENTREVISTADO: A Universidade Rural para mim significa a minha vida quase inteira, como já disse, passei 38 anos aqui dentro, enquanto funcionário. Nasci aqui dentro, infelizmente não fiz nenhuma graduação aqui porque não coincidiu, meus interesses não eram coincidentes com a linha de estudante da Universidade, mas significa para mim muita coisa; significa de onde eu criei meus filhos, da onde eu sobrevivo, da onde eu criei amizades, eu criei relacionamentos muito bons. Tenho essa mágoa que vou carregar para todo sempre além, mas só levo coisa boa da Universidade, inclusive uma tatuagem que está aqui no braço. A Universidade Rural é minha vida, com certeza.

ENTREVISTADORA: Muito obrigada, mais uma vez!

ENTREVISTADO: Simone, disponha sempre, eu hoje estou saindo aposentado porque vou em busca de outras coisas, outros horizontes me chamam e eu vou embora. Lamento muito ter que sair da Universidade, mas vou em busca, para mim, financeiramente melhores. Porque a Universidade é uma boa remuneração, mas eu tenho que buscar o melhor, o maior. O maior! não o melhor, porque melhor que a Universidade Rural não existe, eu tenho que buscar algo maior.

E aí fica minha mensagem, Simone, agradecendo muito a você por estar preocupada na assistência estudantil das universidades brasileiras. Você está fazendo um trabalho que eu acho de uma importância muito grande e espero que você tenha sucesso no seu trabalho e faça com que isso se multiplique muito e muito e muito. Boa sorte!

ENTREVISTADORA: Está Ricardo, Obrigada!

6ª Entrevista : Sessão I – 20/04/2022

Nome da entrevistada: Mônica Ramos Wanderley

Nome da entrevistadora: Simone Muniz da Silva

Local da entrevista: Promoção de Saúde, Esportes, Lazer e Cultura, da Progesti(prédio anexo – antigo DAE)/UFRPE

Projeto de pesquisa: A Política de assistência estudantil da Universidade Federal Rural de Pernambuco: uma análise de 1990 a 2005..

Entrevistadora: Recife, 20 de abril de 2022, a entrevistadora é Simone Muniz, a entrevistada é Mônica Ramos Wanderley. Mônica é Assistente em Administração na UFRPE, trabalhou no antigo DAE, Departamento de Assistência Estudantil, e atualmente funcionária da Progesti. Este trabalho corresponde a pesquisa de Mestrado, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Católica de Pernambuco sobre a política de assistência estudantil na UFRPE. Mônica, muito obrigada pela entrevista e falar um pouco sobre a assistência estudantil. Eu gostaria de saber logo de início como foi o seu trabalho, no começo, aqui na UFRPE?

Entrevistado: Na UFRPE, eu não comecei na assistência estudantil, eu comecei na Pró-reitoria de Extensão, mas naquela época a gente era “recibada”, certo! Eu não fui concursada e trabalhei mais de ano na Pró-reitoria de Extensão, depois eu saí, eu queria sair, minha mãe era funcionária daqui, e ela estava trabalhando no DAE.

Entrevistadora: Uhum!

Entrevistado: Então, a Diretora do DAE na época, professora Jonilda Accioly, ela me resgatou para o DAE, aí eu fiquei no DAE, acredito que 79, 80(ano), certo! Nessa faixa. E eu sai em 80. Porque minha mãe se aposentou em 1980 quando meu irmão colou grau, ele terminou Agronomia aqui. Então em 79 eu fui para o DAE, aí eu ajudava o pessoal a carimbar as senhas do R.U(restaurante universitário), que era tudo senha, a gente carimbava para ninguém falsificar, todos os dias a gente tinha aquela quantidade de senha a carimbar; a gente mandava, a gente cuidava dessa parte do R.U, que o R.U tinha funcionários da casa, a colação de grau também era feita por nós, pelo DAE, e a Residência, eram essas três áreas que o DAE abrangia. As residências eram residência 01, que era lá em Agronomia; 02 que é essa de Veterinária, que agora é Samyr Pessoa; 03, que era lá por trás da biblioteca e 04, que era essa daqui da frente do nosso prédio.

Entrevistadora: Já existia a casa 04 nos anos 80?

Entrevistado: Já tinha! E nisso a gente tinha uma quantidade reduzida de residentes, que nessa época não se “abraçava” pessoas de outros estados, era só do interior de Pernambuco, tivesse mais de 50km teria direito a concorrer, fazer a análise social para ele concorrer à vaga na residência. A colação de grau era realizada na quadra coberta, aqui; que hoje faz parte do DEFIS (Departamento de Educação Física), então era tudo lá para você ter uma ideia como era, não tinha a quantidade de cursos que tem hoje, que depois foi que foi aumentando e hoje tem um leque imenso de cursos aqui na Universidade. E é isso, Simone, você quer mais algum detalhe sobre isso?

Entrevistadora: Não, naquele início era isso, não é? Inclusive, você disse o nome de uma Diretora....

Entrevistado: Jonilda Accioly!

Entrevistadora: Ela era antes da professora Célia Marinho?

Entrevistado: Antes da professora Célia Marinho! O prédio que funcionava a assistência estudantil ficava aqui nessa área desse jardim que hoje é o CEGOE.

Entrevistadora: Então não era aqui.

Entrevistado: Não era aqui, aqui era a Proplan, Pró-reitoria de Planejamento. O pró-reitor era Humberto Carneiro e o DAE era um prédio que tinha aqui que dava para Economia Doméstica (curso) e que depois passou a ser a creche. Quando o DAE saiu de lá e veio ocupar aqui porque a Proplan foi para o prédio Administrativo que foi construído, então o DAE veio para cá, porque lá era muito apertadinho, onde funcionou de início, e Jonilda era uma professora de Educação Física e na época em que eu fui para lá era ela a Diretora do DAE. Responsável pelo restaurante, colação de grau e as residências. A gente não trabalhava, assim, com uma quantidade de assistência financeira de bolsas, porque a gente não tinha, não existia recursos, o que a gente tinha era bolsa de trabalho, como sempre teve, mas era uma coisa muito reduzida. O residente não tinha ajuda de custo nenhuma, também a gente fornecia refeição de domingo a domingo, café da manhã, almoço e janta, eram as três refeições.

Entrevistadora: E até final de semana?!

Entrevistado: Até no final de semana abria o R.U, os funcionários vinham, porque aí se trabalhava dando depois folga, mas funcionava; sábado, domingo e feriado.

Entrevistadora: Isso até 80 quando você estava?

Entrevistado: Até 80, foi quando eu me chateeí, aí fui resgatada de novo pela Pró-reitoria de extensão. Sai de um canto para o outro, na pró-reitoria de extensão trabalhei nove anos, aqui foi uma passagem, eu ia me bora. Eu disse “Não mamãe, eu me aborreci lá do outro lado”, Pessoas que acham... porque tinha nível superior achava que poderia pisar na gente que era “recibado”. E eu nunca baixeí minha cabeça, sempre tive ela erguida, porque eu não estava fazendo nada ilícito, nem ilegal nem imoral, como diz a história, mas eu estava dentro das normas que todo a universidade estava. Se você for levantar as pessoas da minha época muita gente já saiu, que eu também já poderia ter saído, mas foi muita gente que entrou nessa leva de recibado e foi aproveitado dentro da instituição, sem concurso público, nós fizemos só uma “provazinha”, uma besteira internamente, não foi público, concorrência nacional não.

Entrevistadora: Não era uma realidade, na época (concurso)?

Entrevistado: A realidade era essa; você ficava trabalhando, você era terceirizado, então quando começou logo não saiu nem todo mês o pagamento no nome da gente, porque na realidade eu comecei aqui na Rural em 1976, aí resultado, eu fiz trabalho para o que hoje é Progepe, antigamente era DP – Departamento Pessoal – eu fiz um levantamento para eles, e eu fiz o extrato acumulado das disciplinas dos alunos, quem fez isso aqui fui eu, para o DRCA. Então era aqueles computadores imensos da IBM, e era um negócio, trabalhei seis meses no DRCA. Como a quantidade de alunos era bem menor do que é hoje, aí eu fiz a junção de tudo, por isso que hoje você todo o histórico escolar do aluno, você vê toda a vida dele. Mas antigamente não era, a gente via por parte. E outra coisa, era tudo mais manual, estava se introduzindo a informática na universidade.

Entrevistadora: Até desse processo da chegada da tecnologia você também passou aqui na Rural?

Entrevistado: Passei aqui; porque era máquina manual ou elétrica, trabalhei muito com máquina manual e elétrica aqui.

Entrevistadora: Teve esse momento que você veio para o DAE e depois saiu do DAE, por quais departamentos você passou?

Entrevistado: Aí eu saí do DAE e voltei para extensão, quando o pró-reitor ia se aposentar, eu disse “eu não vou ficar aqui”, porque não vai dar para mim. Aí o reitor na época, professor João Batista de Oliveira Santos, ele me resgatou para reitoria, me levando para reitoria, eu sempre tive um temperamento muito forte, eu não sou de dizer nada por trás de ninguém, eu sempre digo a pessoa, então ele sabia que em certos locais não ia dar para eu trabalhar, por conta das pessoas que existiam, aí ele me colocou na secretaria geral dos conselhos; eu ficava auxiliando a secretária geral. Daí foi quando surgiu uma oportunidade, Economia Doméstica precisava de uma secretária, aí ele disse “é uma boa experiência para Mônica”, aí me chamou: “Minha filha, tudo na vida é uma experiência, a gente deve enfrentar”. Eu disse que tudo bem, mas eu nunca secretariei nada e eu já tinha feito meu curso superior, que eu sou Secretária Executiva.

Entrevistadora: Nesse meio tempo você se formou.

Entrevistado: Eu estudava a noite, saía daqui e ia direto para a faculdade, na ESURP- Escola Superior de Relações Públicas. Aí ele disse: “Vá minha filha, tudo na vida é uma experiência e cada dia a gente aprende”. Eu disse está certo e vim; foi a professora Edmeia Nunes que me trouxe para cá e trabalhei com uma professora, que ela até já faleceu, não sei nem de quê, porque ela também voltou porque ela era do Sul, Rita Zandoval, ela era Diretora na época, trabalhei com ela, e concluí quase os quatro anos de mandato dela, quatro anos que digo porque era o tempo do reitor. Quando eu saí de lá, fui para o DSG (Departamento de Serviços Gerais),

trabalhei no DSG, fui presidente da licitação um ano, quando sai da licitação por questões políticas e de você não fazer o que o reitor quer – aí eu disse - “Eu não faço o que o senhor quer, mas o que a lei me ampara”.

Entrevistadora: Uhum!

Entrevistado: Eu disse, eu sei quando eu terminar meu mandato eu não vou ficar aqui, dito e feito; quando eu terminei, ele me tirou e me colocou para falar com o professor Emídio Cantídio, que era Pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação. Falei com professor Emídio e disse a ele, “Estou vindo, mas não estou de livre e espontânea vontade”. Porque eu gostava do DSG, você toma uma noção, Simone, do que é a Universidade Rural.

Entrevistadora: Como um todo!?

Entrevistado: Como um todo. Você só conhece se você passar por lá, se você não passar pelo DSG você não conhece a Universidade toda. Até porque mexia com tudo, transporte, vigilância, limpeza, tudo, tudo, tudo, patrimônio, almoxarifado, tudo! Resultado; eu fui e ele (Emídio) me colocou no Mestrado em Administração Rural, que fica aqui embaixo, nisso, eu já havia sofrido um acidente com meus 16 anos de idade, fracturei a perna, eu nunca fiz fisioterapia e comecei a sentir problemas nas minhas subidas das escadas, eu subia dois lances de escadas. Eu procurei o médico e o médico me disse que eu tinha uma atrofia. Eu disse “ Dr. diga o que eu não posso”, ele disse que eu não podia estar subindo escadas, não podia passar muito tempo em pé, não podia caminhar muito, eu pedi por escrito, eu trouxe e sai do Mestrado e fui para Contabilidade. Por que não tem aquela história; meus brios! Então não queriam que eu voltasse para o DSG, que ainda era o mesmo reitor, tudinho. Aí eu fui para Contabilidade, que era vizinha, trabalhei na Contabilidade, mais de ano e na Contabilidade eu era muito ociosa, não tinha trabalho para mim.

Entrevistadora: Já era no Prédio Administrativo?

Entrevistado: No prédio do Apoio Administrativo, já era lá. Resultado... voltando, quando eu fiz um levantamento para o Departamento Pessoal; o Departamento Pessoal era nessa praça que tem aqui, certo?! Ficava o Serviço de transporte de frente e do outro lado ficava o DP, que depois passou a ser o prédio do patrimônio. Aí eu fiquei na Contabilidade, nisso, professora Maria José de Sena, ela era da CPPD (Comissão Permanente de Pessoal Docente) e nessa comissão ela estava sem ninguém para ajudar ela a fazer as atas, essas coisas. Aí ela foi, a gente se dava muito bem – se dava não, me dou com ela ainda muito bem, só a distância que separa, você não fica vendo sempre – Aí ela disse, “Tu topas? ”. Eu topei e ainda tem lá uma ata escrita com minha letra, eu ainda não era de lá, mas eu fui para ajudar.

Entrevistadora: Era na mão?

Entrevistado: Tudo na “munheca”. Eu fui e nisso ela abriu um processo para eu sair da Contabilidade e ir para a CPPD, mas foi época que ela saiu, entrou outra professora e tinha outra pessoa que queria ir para lá, foi época que o reitor saiu e Inaldo, que foi Diretor do DAE, ficou como Diretor do DSG, que era professor Valderi Ribeiro, Valderi saiu, passou a ser Pró-reitor Administrativo e Inaldo passou a ser Diretor no DSG – que ele era Diretor da DAG (Divisão de Administração Geral), dentro do DSG; a DAG era responsável por “parques e jardins”, “vigilância” e “transporte”. Na DAG a supervisão direta era dele, acima dele era o Diretor do DSG. Aí Inaldo perguntou se eu queria voltar, eu disse “Quero, porque eu gosto muito do trabalho do DSG”. O menino que havia ficado lá não queria ficar como secretário, então eu fui assumindo uma gratificação de secretária. Mas eu disse “tem um processo andando” e ele “deixe que eu resolvo tudo”. Ele resolveu tudo e eu fiquei como secretária dele quatro anos e meio, mais ou menos.

Entrevistadora: Isso foi em mais ou menos que época, Mônica?

Entrevistado: Isso era em noventa e [pensando].

Entrevistadora: Anos 90?

Entrevistado: Nessa faixa; quando ele saiu de lá, ele veio para cá, ele veio como Diretor do DAE, por questão também política tiraram ele e colocaram ele como Diretor do DAE. Os meninos gostavam muito dele, os alunos, os residentes. Lá ficou o professor Samico no DSG e eu continuei lá e ele me indicou a Samico para eu ficar como Diretora do Patrimônio, eu fui Diretora do Patrimônio, viajei muito nessa época... Era nos anos 90 já, agora 95, 98, nessa faixa. Viajei muito regularizando o patrimônio de toda a Universidade, que a Universidade “abraçou” todo o patrimônio do IAA (Instituto do Açúcar e do Alcool), que foi extinto e como era um órgão público, então todo patrimônio um outro órgão ele “abraça”. Os equipamentos, os móveis, tudo do IAA a Universidade abraçou, tinha tudo, tudo, tudo, tudo.

Entrevistadora: Veio para cá?

Entrevistado: Veio para cá uma parte, mas aquela estação de cana de açúcar que tem em Carpina era o IAA, aí nós também ficamos com ela. Tem a de Cana de açúcar e tem a de pequenos animais. Fiquei, depois eu saí do Patrimônio, aí já era portaria, já tinha esse pessoal trabalhando em portaria, é uma coisa bem mais recente, entre aspas, não é, porque já tem mais de dez anos (risos).

Entrevistadora: (risos)

Entrevistado: Eu fiquei responsável pelas portarias, nisso eu estava de férias quando recebi uma ligação do professor Samico querendo falar comigo, no outro dia eu vim, ele se reuniu com o professor Luciano de Azevedo, que era Pró-reitor de Administração, e nós tivemos uma reunião.

Ele disse “ Mônica, a gente quer sua ajuda”. Que eu sempre fui para ajudar e tapar buraco, sabe! Sempre tive muito isso aqui na Rural. Eles estavam com problemas no setor de Manutenção e perguntaram se eu topava ficar como chefe da Manutenção. Falaram “Porque a menina vai fazer uma cirurgia, não sei que, e a gente está precisando de uma pessoa, e a gente sabe que você tem fibra”. Daí interromperam minhas férias e eu vim, eu disse “está certo, eu tô aqui para trabalhar, eu tô aqui para ajudar”. E nisso eu fui pegando a situação, foi horrível, horrível! Foi bom porque eu aprendi muita coisa, mas essa passagem não foi tão boa, porque eu não fui bem aceita pelo pessoal. Eu não fui bem aceita, certo. O pessoal já me conhecia na instituição e eu não fui bem aceita, aí resultado, depois de quinze dias, vinte dias, eu disse eu vou falar com o Pró-reitor porque eu precisava de uma posição deles, eu fui lá em cima e falei “ professor, me diga uma coisa, eu vou só passar uma chuva ou eu vou ficar como chefe? ” Porque não valeria nem a pena a gratificação, muito pequena, muito, muito, muito! Era irrisório

Entrevistadora: Não valeria a pena o desgaste.

Entrevistado: O desgaste que você tinha, passei três anos lá sem poder tirar férias que ninguém queria substituir. Resultado, ele disse “não, você vai ficar! ” Porque tinha acontecido uns problemas com uma ex-chefe, não sei o quê. Aí eu disse, na minha vida nessa Universidade foi só para tampar buraco e consertar a “merda” dos outros[risos].

Entrevistadora: [risos].

Entrevistado: Então eu disse, eu posso fazer na minha concepção de administração, porque só uma chuva eu não vou me indispor com ninguém. Não tem sentido, né?! Conversei com ele, conversei como Diretor, que era o professor Samico e ele disse, “não, Mônica, você é quem vai administrar”. Está certo! Até ameaçada eu fui e eu fiquei sob guarda da polícia federal. Tinham invasões aqui dentro, roubavam energia da Universidade e eu tinha que cortar, porque o reitor não queria saber, ele não ia botar a cabeça dele na história, já era professor Valmar, o reitor. Mas ele queria que fizesse.

Entrevistadora: Mas esse pessoal que tentava era o pessoal que morava aqui próximo, era?

Entrevistado: Dentro da Universidade.

Entrevistadora: Dentro da Universidade tinha moradia?

Entrevistado: Aqui atrás, Simone, do DLCH tinha uma moradia; tinha uma oficina de carro. Aí em um belo dia, eu trabalhava tanto com gente da Rural como terceirizado, e eu nunca deixei eles irem só, eu sempre fui de frente, porque eu tinha que saber o risco para pedir a uma pessoa para fazer aquele trabalho. Aí eu ia, a gente ia, cortava o fio, arrastava toda fiação e eu passava para a segurança da Rural, eu não ficava com esse fio. Passava para segurança e a chefe da

segurança na época, que parece que era Socorro, ela quem resolvia, levava para a Polícia Federal e tudo.

Quando foi um belo dia, ele parou a caminhoneta, que a gente tinha uma Toyota, o motorista, eu e os meninos, o fio nos meus pés, eu tremia que só “vara verde” e ele “não porquê...” eu disse olhe, os meninos cumprem ordem e a gente recebeu ordem lá de cima, então o senhor procure, vá atrás de quem direito. Ele disse “É, tanto faz a pessoa está viva hoje como tá morta amanhã”. Eu disse: com certeza! Porque eu nunca baixei minha cabeça. Eu fui, conversei com o Diretor, e como a Polícia Federal já tinha vindo, porque ele fazia desmanche de carro, era uma confusão. A Polícia Federal foi conversar comigo, conversou comigo e disse “olhe, dona Mônica, a senhora é servidora pública e não é para passar por essas coisas”. Me deixou contato, me deixou tudo, toda semana, no final do expediente eles passavam lá na sala, eles vinham tudo à paisana, carro particular para não “dar bandeira”, me perguntavam e falavam “olhe, ele não pode dizer assim que a senhora é feia”

Entrevistadora: Uhum!

Entrevistado: Então eu passei esse período assim, Simone, tanto licitação como manutenção era um suspense, porque eu não sabia. Então teve um belo dia que eu cheguei, para você ver como o povo é, encontrei o setor arrombado, jogaram fezes, acho que botaram numa meia, fezes de animal, estava tudo melado.

Entrevistadora: Para intimidar?

Entrevistado: É, para intimidar. Levaram um aparelho telefônico. Eu chegava muito cedo aqui, chegava eu e o menino que trabalhava comigo, Aluízio. Quando eu cheguei que eu vi, sabe aquele negócio que você entra e sai de ré? Pronto, eu fiz. Me encontrei com ele (Aluízio) fora e pedi para ele não entrar. Eu vou para casa de Ednalva, que era uma menina que trabalhava, de lá eu vou ligar e articular, que nem aqui eu estou em condições de ficar. Peguei meu carro e fui embora. Foi um dia sem trabalhar, esperando Polícia Federal, tudinho, tirar as fotos e isso e aquilo e aquilo outro. Mais ou menos já se sabia quem tinha feito essa presepada. Quando foi depois quebraram o para-brisa da Toyota e de outros carros, para não dizer que só era da manutenção. No mesmo dia que o Diretor chegou mandou trocar o para-brisa. Eu disse: professor, vai ficar essa história, toda semana a gente trocando para-brisa? Ele disse “Não, estou autorizando você a mandar o motorista levar o carro para casa, porque o carro vai dormir final de semana na casa dele, então ninguém vai na casa dele quebrar nada”. E aqui é um lugar que a pessoa entra e ninguém vê, porque que está aqui na frente não vê quem tá aqui atrás.

Entrevistadora: Mônica, essas pessoas já estavam aqui antes ou não, a Universidade que invadiu o espaço delas ou elas que ocuparam a Universidade?

Entrevistado: Ela que ocuparam a Universidade.

Entrevistadora: A Universidade permitiu.

Entrevistado: A Universidade foi se acomodando, como você vê, ainda não tiraram, aquele pessoal de “Zootecnia” ali é tudo invasão. Entendeu? Porque aqui mesmo existia casas para os funcionários, esse pessoal da avenida, as casas são da Universidade, mas quem moravam eram os funcionários daqui. Aqui mesmo, nesse prédio (Progesti anexo) era a casa do Dr. Humberto Carneiro, que foi Pró-reitor na época depois que virou Proplan, mas aqui era uma residência, por isso que é assim tão diferente. Só que essas portas não abriam para esse corredor, abria para dentro.

Entrevistadora: As pessoas moravam aqui na Universidade por quê?

Entrevistado: Morava gente aqui, morava gente ali, não tem o memorial? Atravessando não tem uma casa lá em cima?

Entrevistadora: Tem sim.

Entrevistado: Ali era a casa de outro funcionário.

Entrevistadora: Por que as pessoas moravam aqui? Era o acesso que era ruim?

Entrevistado: Não sei Simone. Mas o acesso era péssimo; aqui a estrada era de barro, antigamente, eu morei aqui sete anos, ali em frente a Zootecnia,

Entrevistadora: Você também morou perto?

Entrevistado: Sim, meu pai era professor daqui e minha mãe também, funcionária daqui. Aqui era horrível, quando a gente vinha da escola de noite não tinha nem energia na rua, quando eu era menor. Resultado, era boiada passando por aqui, Simone. Hoje é uma grade ali no prédio central, antes era uma cerca; que a gente ficava segurando na cerca, eu e meu irmão, para poder a boiada passar porque a gente só via os olhos do boi no escuro, porque ele clareia, para a gente não ser pisoteado, porque o terminal do ônibus era no horto.

Entrevistadora: Então de lá para cá era Deus quem trazia.

Entrevistado: E mamãe ficava em casa rezando, porque nessa época ela não tinha carro, não dirigia, não tinha nada disso. Eu conheço a Universidade antes de eu começar a trabalhar aqui. Completando o início, de como eu comecei, eu entrei “recibada”, aí depois em 1982, com Figuerêdo (presidente), ele baixou uma lei que quem tivesse recibo no nome em março desse ano, ele ia aproveitar, por isso que entrou essa leva de gente todinha; 82 e 84 e retroagiu o contrato a 09 de julho de 1981, então eu digo que foi um presente que ele me deu que é a data do meu aniversário[risos].

Entrevistadora: [risos]

Entrevistado: Depois disso, a gente ficou como celetista, depois veio outra leva que a gente fazia opção, se ficaria como celetista ou passaria para estatutário, eu preferi para estatutário porque pensei “ninguém vai mexer mais comigo”. Hoje eu sou servidora pública federal estatutária por conta dessas aberturas que o governo fez.

Entrevistadora: Das mudanças nas legislações.

Entrevistado: Sim. Daí eu saí da manutenção, mudou reitor, mudou diretor e eu disse “eu não vou ficar aqui”. É difícil você assumir um setor sem você ter o total apoio de quem está acima de você. Então eu tinha do Diretor e tinha do Pró-reitor, os dois iam sair e eu? E Inaldo já estava como Diretor aqui no DAE, e disse “olhe Mônica, eu não sei se vou ficar, mas as portas estão abertas pode vim”. Ele já me conhecia, já tinha trabalhado com ele anos atrás. Eu vim, vim a segunda vez para o DAE, voltei para a assistência estudantil e já era o quê 2004, 2005, nessa faixa. Voltei para cá, ajudava um, ajudava outro, não tinha nada definido. Eu fiquei com eles aqui trabalhando, quando foi próximo ao final do ano ou foi no início de 2006 ele chegou com a notícia dizendo que ia sair e quem vinha para cá, ia ser criada uma Pró-reitoria, e quem vinha para cá era prof. Valberes. Ele foi o primeiro pró-reitor. Foi quando eu conheci Valberes, porque eu conhecia de vista, toda a velha guarda da Rural eu conheço muita coisa de vista, gente eu tenho aproximação e outras não, eu conheço só de vista. Foi quando Inaldo saiu, eu disse “bom, eu vou ficar por aqui! ”. Foi quando Valberes me chamou, Anísio, eu vim conhecer Anísio aqui. As meninas já conheciam porque Anísio foi residente, aí ele foi Coordenador de residência e depois passou a ser Coordenador da CAAP.

Entrevistadora: Quando eu vim para Rural Recife ele ainda era da residência, em 2009.

Entrevistado: Na CAAP era ele quem substituía Valberes. Ele me colocou aqui, me pediu para eu ficar fazendo compras, solicitando material do almoxarifado para que eu controlasse isso para não deixar faltar, compras para as residências, tudo isso era eu quem fazia, eu codificava e solicitava a compra. Tanto é que aqui, quando Valberes saiu ficou muita coisa de manutenção, nessa época a gente podia comprar, hoje a gente não pode comprar mais. Eu já procurei saber e disse “É Camila (atual Coordenadora da CGR) é uma época difícil”. A gente tem que depender do setor de manutenção.

Entrevistadora: Tudo é feito por lá hoje em dia?

Entrevistado: Tudo! Eles é quem pode comprar, a gente pode solicitar a eles, mas eles é quem tem que comprar. Ou ele manda fazer, porque ele tem o pessoal, e se a gente tiver quem faça ele manda o material.

Entrevistadora: Quando você retornou, lá na época de Inaldo, mesmo tendo sido pouco tempo, você lembra como era a estrutura, o organograma? Porque as pessoas que entrevistei falaram de umas divisões que existia, divisão de residência...

Entrevistado: Eu não me recordo o nome, Simone, mas tinha a divisão que cuidava do R.U, porque Sirlei cuidava do R.U, já Rui e Ricardo da colação de grau. Não existia esporte, aqui era uma sala de informática; essa sala que hoje é a Copselc era uma sala de informática. O ruim era você manter, manter uma coisa de informática sem você ter nenhuma pessoa especializada naquela área. Resultado, foi ficando difícil, caótica a coisa e computador que também não tinha, como criaram aí no CEGOE os alunos passaram a ocupar as salas do CEGOE e aqui se desativou. Os computadores foram quebrando e pronto.

Entrevistadora: A sala de informática foi da época de Inaldo?

Entrevistado: Foi, foi Inaldo que criou. Quando Valberes entrou, logo no início de Valberes essa sala se desativou. Foi desativada porque tinha aí no CEGOE e a gente precisava de espaço. Porque ele (Valberes) era um cara que tinha uma visão assim muito ampla, para a gente ter tudo e não estar dependendo de ninguém. Aqui tinha tinta, aqui tinha tudo, furadeira, escada, tudo foi comprado para manter as casas. Tinha uma pessoa que trabalhava com a gente, que era Jair. Jair que tinha esse material e mantinha as casas, depois foi passado algumas coisas, não sei a furadeira se está lá pelo condomínio (Luiz Gonzaga), mas as escadas passaram para a manutenção, porque eles tinham uma necessidade maior e hoje a gente não pode mais comprar. Isso aqui, quando foi desativado virou um depósito.

Entrevistadora: Qual a principal mudança que você percebeu do DAE para a Progesti?

Entrevistado: A mudança foi que houve uma ampliação de assistência; criou-se, já com Valberes, uma coordenação que não era Copselc, não me lembro agora o nome, mas era vinculado a esporte, mas não tinha bolsa, não tinha nada e depois criou-se a Copselc que já foi, acredito, com professor Júnior. Tem isso, teve também, da época de Inaldo, quando se tirou o R.U porque não tinha mais funcionário para poder trabalhar no R.U, a gente não podia terceirizar, Brasília cortou a remessa de dinheiro para se comprar a matéria prima para ser feita, aí foi quando se passou a ser feita a fazer licitação contratando os serviços. Nessa época era um problema porque quando era “feriadão” eles não abriam, porque passou-se a dar uma minifeira para cada aluno residente. Olhe, café, naquela época do leite em pó que ficou aquela escassez, oxe! A gente comprava porque a gente comprava direto, né. Vinha caixas e mais caixas para o almoxarifado, isso vinha para cá para daqui ser distribuído para os alunos; café, leite, eles vendiam. Eles vendiam, minha filha. Aí tinha sardinha, essas coisas mais práticas para que eles se alimentassem nesses dias porque final de semana não abria mais. Aí foi quando se criou a

primeira bolsa para os residentes, já foi na época de Valberes, porque o residente precisava de dinheiro para tomar café da manhã, final de semana e feriado. Eu acho que o quê melhorou foi isso.

Entrevistadora: A ampliação?!

Entrevistado: A ampliação da ajuda de custo e hoje é que tem mesmo, auxílio digital, auxílio menstruação, quer dizer, se ampliou mesmo.

Entrevistadora: Você acha que mudou o perfil do estudante?

Entrevistado: Veja bem, mudou, com certeza mudou. Só que minha concepção, certo, quanto mais você faz pelo estudante mais ele quer. E não existe um freio e eu acho que tem que existir um freio porque ele não tem isso onde ele mora, principalmente hoje que vem gente de outros Estados, vem de não sei de onde, faz certas coisas aqui e fica por isso mesmo. Não existe uma cobrança, pronto; a palavra é essa. Você faz, faz, faz, mas você não cobra. Que eles melhoraram muito, isso com certeza, mas é isso que eu digo “quanto mais você faz, mas eles querem”.

Entrevistadora: Existe essa falta de resposta do estudante para o serviço que é oferecido para ele.

Entrevistado: Isso, como às vezes eu fazia, agora não que estou sem acesso ao SigAA, mas quando eu fazia o levantamento do aluno semestralmente, como ele estava se saindo no ensino, nas disciplinas, chega me dava uma dor; o aluno ser reprovado por falta. Um aluno morando aqui dentro, eu acho isso inadmissível tendo tudo que se dá a ele. E a Universidade que mais faz pelo aluno é a Universidade Federal Rural de Pernambuco, a Federal (UFPE) não faz, a Federal não faz metade do que a gente faz, isso aí eu sei, o IFPE não faz, porque eu conheço pessoas que trabalham.

Entrevistadora: Ôh Mônica, voltando para as mudanças, você percebeu que as pessoas daqui os trabalhadores se chatearam, sentiram muito essa questão da mudança?

Entrevistado: Muito!

Entrevistadora: Você acha que foi em relação a pessoa ou a estrutura mesmo?

Entrevistado: Não foi a estrutura, foi a pessoa, porque o pessoal aqui – eu já era a segunda vez que estava voltando para cá – eu fui altamente rejeitada, que na época até a Psicóloga que estava aqui, Jacira me chamou para conversar, eu disse “Professora, eu não vim aqui para tomar o lugar de ninguém, porque eu não quero! ”. Simone, Valberes fez tudo, me trancou numa sala, eu, ele e Anísio para eu assumir a residência, eu disse “não quero! ”. Eu não tenho perfil para isso porque eu sou muito estourada, eu me conheço, eu não vou aguentar desaforo de aluno, eu também não vou poder entrar em atrito com o aluno se eu sou uma pessoa que está trabalhando em função disso. Existiu, existiu uma resistência muito grande porque era assim, uma grande

família. Inaldo, os funcionários.... Quando se disse, vem fulano, menino foi um auê! Eu disse “vou deixar chegar para ver como é que fica”. Também eu sempre fui muito clara, muito objetiva, nunca usei de subterfúgio não, de jeito nenhum. Na época que Valberes entrou, minha mãe já estava precisando de cuidados, e eu disse a ele “professor, eu preciso que o senhor me ajude, porque eu preciso levar minha mãe para as fisioterapias” E ele nem me conhecia, não conhecia assim, porque muita gente me conheceu por conta da manutenção, muita gente na Universidade. Professor Reginaldo mesmo me conheceu porque eu trabalhei na manutenção, eu vivia em todo lugar com os meninos. Resultado, eu senti que o pessoal sentiu e era assim, sabe, é assim até hoje, eu não digo vocês que chegaram depois; Você, Cida, Fábria, Pedro, Juliana, as Assistentes Sociais das outras Unidade. Da antiga mesmo só tem eu, Pedrosa, Maria Carlos e Icinho. Então foi assim, eu digo “minha gente, vamos conhecer, vamos se adaptar, vamos ver, quem sabe”. Amanhã tu vais dizer, eita eu era feliz e não sabia! Entendeu? [Risos]

Entrevistadora: [risos]

Entrevistado: Quando você não conhece, tem gente que não quer conhecer o desconhecido.

Entrevistadora: A mudança assusta, né?

Entrevistado: Assusta, e muito! E veio o professor Júnior, que foi outra “rebuzinho”

Entrevistadora: Demoramos a nos acostumar.

Entrevistado: Exatamente.

Entrevistadora: Durante seu tempo na UFRPE, tanto no DAE quanto nos outros departamentos, como era tua relação com as chefias?

Entrevistado: Graças a Deus, eu sempre tive um bom relacionamento com as chefias, porque eu sou a pessoa da seguinte maneira, Simone, se eu estou com você eu tenho que comungar na mesma pia batismal, eu tenho que comungar igual com você, se eu não aceito o seu jeito eu vou procurar outro lugar, para que ali eu tenha condições de comungar com aquela pessoa. É como diz a história, ou você veste a camisa ou você não veste. No início mesmo, com o professor Júnior, foi a pior fase da doença da minha mãe, aí eu sofri um bocado, não sei se pressionavam ele, eu sei que ele vivia me chamando, falando do meu horário, eu disse “olhe professor, eu não vou abandonar minha mãe”, mas ele já me conhecia, Júnior me conhece há muitos anos, há muitos anos eu precisei dele quando eu era do patrimônio, ocupei um espaço lá em cima que era ele o Diretor da Biologia, e eu consegui. Quer dizer, ele sabia que eu não era disso ou daquilo outro, tanto é que tudo que ele me pede, quando eu tenho condições de fazer eu faço. Também isso foi só com ele mesmo porque eu trabalhei aqui no DSG, professor... ele era Médico Veterinário, o pessoal dizia, “Eita que ele é um senhor de engenho! ”. Desde o meu

primeiro chefe que eu escuto isso aqui, eu trabalhei com Expedito Corseiro, o povo dizia: ele é um senhor de engenho, eu dizia seja o que Deus quiser.

Entrevistadora: Porque tu achas que o povo dizia isso?

Entrevistado: Sabe o que era? Porque ele exigia horário e permanência no local de trabalho, porque tinha gente, Simone, que passava o dia desfilando de mini saia com o decote lá embaixo na Universidade, na sala de um e de outro. E eu, eu nunca fui de estar saindo, eu me sentia prejudicada, desde da época da Extensão que um dia eu conversei com o Pró-reitor, Dr. Expedito. Eu disse “Dr. Expedito, a partir de hoje eu não vou mais fazer serviço para tal Coordenação porque lá tem funcionário e eu estou acabando com minha saúde. Era da datilografia. Eu disse a partir de hoje eu não faço mais, “porque fulana é secretária de fulana, então fulana tem que fazer o serviço de fulana, eu só tenho obrigação de fazer daqui, da secretaria geral da Pró-reitoria”. Campanha da Acerola? Eu estava de frente com ele, no final do ano foram oitenta mil cartas que a gente respondeu, a Kombi levava na minha casa, final de semana em vez de eu estar em lazer, brincando, bebendo, eu estava trabalhando.

Entrevistadora: Essa prática da Rural, acho que a gente tem até hoje. Por que você acha que algumas pessoas são preferidas e outras preteridas e isso acaba sobrecarregando uns e outros não, se todo mundo é funcionário e todo mundo tem as obrigações?

Entrevistado: Exatamente, mas eu acho que a culpa é da pessoa que faz. Se você se impor, como eu me impus, como eu disse a ele “ A partir de hoje eu não faço mais”. Aí ele chegou e foi pedir, mas eu disse que não fazia, e ele disse que ela não sabia fazer e eu disse “sabe”. Meu primeiro emprego foi esse aqui e hoje eu sei fazer as coisas, por que hoje eu sei fazer? Porque eu me interessei, porque eu procurei, porque eu fui para os arquivos “filar” como é que se fazia, como era a estrutura que gostavam que fizesse. Agora, ela faz errado e eu faço certo, quem vai ficar fazendo sempre sou eu. Manda ela fazer uma vez, duas, três, dez vezes, ela aprende.

Entrevistadora: Até dar certo.

Entrevistado: Até ela aprender. E assim foi, eu acho que a culpa é da gente que faz.

Entrevistadora: Também, né?

Entrevistado: E do Administrador que ele tem que saber cobrar de cada pessoa.

Entrevistadora: Tu podes falar de uma melhor época do tempo que tu passasses no DAE?

Entrevistado: Eu vou dizer, Simone, a atual.

Entrevistadora: Que já é Progesti.

Entrevistado: Porque, na realidade, na época de Inaldo, a escassez financeira era muito grande. Para você ter uma ideia, foi com Inaldo que começou a colação de grau no Centro de Convenções, então era um sufoco. Inaldo botava dinheiro do bolso dele, a gente saia da colação

de grau meia noite, uma hora da manhã. O que é que ele fazia, para agradar a gente, ele dava um “dinheirinho” a gente, que não pagava - porque você passar o dia todinho no Centro de Convenções, tomar banho lá, se trocar para ficar para a solenidade, era “barra” – Aí ele parava ali no “Galeto”, na Avenida Norte e a gente jantava, depois o carro ia deixar a gente em casa. A melhor época eu ainda acho, o PNAES, começou com Valberes, era bem menos dinheiro, ele veio crescer com professor Júnior. Então é uma época boa; agora!

Entrevistadora: A pior fase?

Entrevistado: A pior fase na época de Inaldo porque não tinha recurso, nenhum. Ele vivia da verba de custeio, a verba de custeio é para a instituição toda, hoje o PNAES é só da assistência estudantil, mas antigamente não era, a pior fase foi de DAE, desde a época de Jonilda.

Entrevistadora: A questão do financeiro impactava muito.

Entrevistado: E na época de Jonilda, pessoal, porque uns ganhavam e não trabalhavam, que até hoje eu acho que não trabalha um deles, ainda está por aí.

Entrevistadora: Mônica, os funcionários mudaram muito depois que você retornou a assistência estudantil?

Entrevistado: Na realidade, quando eu voltei para o DAE não tinha nenhum funcionário da minha primeira fase. Porque quando eu trabalhei logo no início era Aberlardo; Marco Acioly, que hoje ainda está por aí, era irmão de Jonilda; tinha Cláudio Ubirajara e esse pessoal daqui nenhum deles trabalhavam aqui. Era eu, minha mãe, mas ninguém trabalhava aqui.

Entrevistadora: Tua mãe se aposentou no DAE?

Entrevistado: Se aposentou no DAE!

Entrevistadora: E as atividades dela?

Entrevistado: Era justamente a parte da colação de grau, que era feita na quadra coberta, e como ela disse “ como meu filho vai se formar, eu vou cuidar da colação de grau até a colação de grau dele e depois eu saio”. Ela já tinha tempo, ela saiu com trinta e quatro anos de trabalho e eu já estou com quarenta e três.

Entrevistadora: Uma avaliação geral do DAE, você pode fazer?

Entrevistado: Geral? Eu acho assim, sabe, uma coisa que atrapalha muito é a política, porque antigamente não tinha a política que hoje tem, a política ela atrapalha um bocado. Porque a pessoal mistura política partidária com políticas públicas e outras coisas, eu acho que a política no geral ela atrapalha, um bocado.

Entrevistadora: Os Diretores que passaram eles tinham apoio para desenvolver as atividades ou o DAE era um “primo pobre” da Universidade?

Entrevistado: Não, eles tinham apoio, primeiro que vinha verba para o R.U, não vinha para a residência, mas o R.U era bem assistido, a COBAL vinha deixar os gêneros alimentícios aqui. Apoio eles sempre tiveram, mas volto a dizer, o financeiro, porque eles dependiam da verba de custeio e a verba de custeio não era só para o DAE, era para tudo, serviços gerais, manter a Universidade em bom funcionamento, compara equipamento, tudo era verba de custeio.

Entrevistadora: Manter as casas que geram todos os dias demandas?

Entrevistado: Não tinha uma pessoa específica para as casas, antigamente era pior por isso, porque é muito interessante você ter uma pessoa exclusiva para as residências, é como a casa da gente; hoje tá tudo em ordem, amanhã quebra um sifão, quebra uma torneira, falta gás, um interruptor quebra, uma lâmpada queima, então tem que ter alguém a disposição para fazer. A gente ficava dependendo do pessoal da manutenção que era um pessoal da casa (Universidade), não existia terceirizado na primeira leva que eu trabalhei aqui, tudo era funcionário da casa; pedreiro, eletricista, encanador, tudo era da casa, depois se passou a terceirizar essas categorias.

Entrevistadora: Está certo, Mônica, muito obrigada mais uma vez.

Entrevistado: Nada, Simone, qualquer coisa.

Entrevistadora: Eu vou transcrever a entrevista, te apresentar e depois a gente assina o termo.

Entrevistado: Está certo.

5ª Entrevista : Sessão I – 24/03/2022

Nome do entrevistado: Sirlei Silvestre

Nome da entrevistadora: Simone Muniz da Silva

Local da entrevista: Sala da Coordenação do curso de Lic. Biologia/Prédio de Biologia/UFRPE

Projeto de pesquisa: A Política de assistência estudantil da Universidade Federal Rural de Pernambuco: uma análise de 1990 a 2005..

Entrevistadora: Recife, 24 de março de 2022, a entrevistadora é Simone Muniz, a entrevistada é Sirlei Gomes Silvestre, esta entrevista se trata de uma pesquisa de Mestrado, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Católica de Pernambuco sobre a política de assistência estudantil na UFRPE.

Sirlei, muito obrigada por você me dar a entrevista sobre assistência estudantil e de início, Sirlei, eu gostaria que tu me contasses um pouco sobre a sua chegada para trabalhar na Rural.

Entrevistado: A princípio, eu fui estudante aqui da Universidade, de Economia Doméstica e fui bolsista também da Pró-reitoria de Planejamento, há muitos anos. Então, ao concluir o curso, abriu inscrições para aproveitamento de todos os bolsistas da Universidade, não foi um concurso público, porque isso foi em 1981. Então houve essa solicitação, uma solicitação da

Universidade que foi atendida pelo MEC (Ministério da Educação), então selecionaram várias bolsistas como também servidores que estavam como “recibados”, na época, juntou um grupo para formar um grupo uniforme, então eu me submeti, fui selecionada e em julho de 82 eu entrei, fui chamada para assumir aqui na Universidade. E já assumi como agente Administrativo. Depois de alguns anos passou para Técnico Administrativo que é até hoje, mais em seguida, teve uma nova avaliação para aproveitamento do pessoal que era nível médio para nível superior. Aí foi quando eu me inscrevi, me submeti a seleção geral e passei, fiquei como cargo de Economista Doméstico. E aí desde o princípio fui lotada no Departamento de Assistência Estudantil, antigo DAE. E fui relocada para o restaurante.

Entrevistadora: Nessa época do Restaurante, como era o trabalho, sua função?

Entrevistado: A minha função no Restaurante era uma auxiliar da Nutricionista, eu ficava responsável pelo recebimento do gênero e repassar para a cozinha, no caso, existia um cozinheiro chefe da manhã e um cozinheiro chefe para noite, então eu repassava tudo que eles precisavam e nos intervalos auxiliava a Nutricionista, na parte de verificar a questão de limpeza, o desempenho do pessoal na cozinha, também eu colaborava com eles para não ficar muito ociosa, e na distribuição também dos alimentos, na produção e distribuição.

Entrevistadora: Tu lembra quem era a Diretora da época?

Entrevistado: A Diretora era Jonilda Accioly, ela era diretora do DAE e também no restaurante era vinculado ao DAE, então ela era Diretora do DAE.

Entrevistadora: Certo! E a equipe de trabalho,

Entrevistado: No R.U, na época era muita gente, tinha dois turnos, eu acho que tinha aproximadamente umas quarenta pessoas; vinte em cada turno. Porque eles pegavam de 5h, iam até aproximadamente 14h, porque terminava de 13h, eles almoçavam e iam embora, e de 12h chegava outro turno que ia até às 20h, que encerra às 19h e ficava uma hora para limpeza e recolhimento.

Com o passar do tempo, o pessoal foi se aposentando e foram substituídas por pessoas da terceirizada, que era por tempo determinado, houve uma troca muito grande de servidores e você não conseguia organizar uma rotina.

Entrevistadora: Eram as três refeições?

Entrevistado: Eram três refeições; café da manhã, almoço e janta. Aí com o passar do tempo ficou só almoço e janta.

Entrevistadora: E os funcionários do R.U, eles eram da Universidade ou eles eram contratados?

Entrevistado: Em 82 eram todos da Universidade, servidores da Universidade, e a medida que eles foram se aposentando a função foi deixando de existir. Aí foi quando foi contratando, renovando com contrato.

Entrevistadora: Entendo. A gestão dos recursos do R.U, a quem cabia gerir e qual a fonte?

Entrevistado: Os recursos vinham todo da Universidade, todos da União e era tudo através de concorrência, era concorrência pública mesmo, todo gênero. E administrado pela contabilidade.

Entrevistadora: Vocês lá no DAE não tinham gerência sobre esses recursos?

Entrevistado: Tem, porque a verba quando vem, a verba vinha determinada, né, tinha a rubrica que a gente chamava de rubrica. A rubrica do Restaurante, para o Restaurante. Então aquele valor vinha para o Restaurante. Então, tinha que se planejar bem porque o volume de alimentação era maior, aí o que acontecia; quando chegava no fim do semestre ficava bem apertado. Bem apertado mesmo. Mas se administrava.

Entrevistadora: A administração do recurso só a contabilidade que fazia ou vocês também assessoravam?

Entrevistado: Não, aqui o DAE informava o que precisava, fazia um documento solicitando os quantitativos, mensal, semestral e anual e através desse (documento) se fazia a licitação, dependendo a verba que estava disponível, pegava na rubrica e aí ia fazendo o controle, até zerar para fazer outra licitação. Antes, né; isso era para alimento e para gás. Gás e combustível porque tinha a caldeira.

Entrevistadora: Ôh, Sirlei, tu ficasses no R.U desde 82 até que ano?

Entrevistado: Eu fiquei de 82 até 92, eu acho. Eu fiquei onze anos aproximadamente. Porque logo no começo eu fiquei com Enailde, a profª Enailde, o tempo que a ela ficou como Nutricionista, eu fiquei acompanhando ela, como assistente, né. Aí foi o tempo que teve que encerrar, por conta de verba que não tinha para manutenção. Os servidores foram se aposentando, aí começou a regredir. Eu não lembro nem quem foi nem o presidente da época.

Entrevistadora: Então aí fechou o Restaurante?

Entrevistada: Fechou, ficou exclusivo só para residente.

Entrevistada: Antes de fechar e ficar exclusivo para os residentes, eles faziam as refeições gratuitamente. Quando eles entravam na residência eles já recebiam já a carteirinha de residência, com essa carteirinha eles tinham livre acesso.

Entrevistadora: Antes e depois, né?!

Entrevistada: As três refeições.

Entrevistadora: E como foi que aconteceu, quando ficou só para os residentes? Teve manifestações?

Entrevistada: Muitas, teve. Teve muitas greves, reivindicações. Mas só que não adiantou muito. Ocupações também, ocuparam a reitoria. Foi muita coisa, mas só que a questão era a verba ministerial que não tinha. Porque tinha a rubrica e foi determinado que não se poderia tirar dinheiro de um setor para o outro. Porque anterior podia, vamos supor, o Restaurante zerou, mas no Departamento de Biologia tinha um averba sobrando, então juntava aquela verba, transferia. O Almojarifado tinha verba sobrando, aí transferia. Só que depois encerrou, não podia mais fazer, era inconstitucional, tinha que utilizar o que foi determinado, e o recurso reduzido, bem reduzido. Não dava mais para todo mundo. Aí se fazia uma seleção também, houve um período que houve uma seleção para o aluno carente, aí via os alunos mais necessitados, mas era muito complicado, muito complicado porque muitas vezes eles burlavam o processo e a gente não tinha como ir atrás, e o mais necessitado terminava sendo prejudicado.

Entrevistadora: Quando fechou o Restaurante, tu fosses para que setor?

Entrevistada: Quando fechou eu continuei no DAE, agora só que como Diretora da Divisão de Residência. Tinha uma divisão só para residência. Aí ficava administrando, verificando a manutenção da casa, sempre tinha Icinho, que me ajudava, que é Severino Santana, ele ficava responsável de passar todos os dias na casa, via o que estava precisando; uma torneira pingando, um cano estourado, esgoto entupido, sempre ele ficava observando... falta de limpeza, aí ele me avisava e eu já acionava a pessoa para ir lá para fazer, porque tinha um grupo que era da residência, eu já acionava “dê prioridade primeiro a tal casa porque tá necessitando de uma limpeza mais severa!”... Uma limpeza mais pesada, aí eu sempre acionava. E questão também de verificar o rendimento de cada estudante, eu tinha o cadastro deles todos e ficava observando, todo final de semestre, quem passou por média, fazia um “controlzinho”; quem passou por média, quem ficou na final e o porquê? Muitos alunos não iam para casa, que às vezes ofereciam, né, dinheiro, um valor para passagem, para eles irem para casa passar o fim de ano e eles não queriam e não iam....

Entrevistadora: O DAE, que oferecia?

Entrevistada: Tinha, tinha uma verba que eles colaboravam. Porque tinham alunos que não iam porque não se sentiam bem em casa, tinham problemas em casa e preferiam não ir. Então eles passavam o tempo todinho; passavam quatro, cinco anos aqui na residência, às vezes se formava e ficava escondido...[RISOS]

Entrevistadora: [RISOS]

Entrevistada: Ficava escondido até arrumar um emprego para não voltar para casa. Agora, aí eu encaminhava para a Psicóloga que era a Dr^a Jacira, Dr^a Ada, que ficava acompanhando ele nesse sentido né, para dar um apoio, que eles não tinham lá com a família.

Entrevistadora: Tinha alguma legislação que previa que ele tinha que ter bom desempenho acadêmico?

Entrevistada: Não, tinha uma normativa, na Universidade tinha uma normativa, porque o aluno não poderia ficar na Universidade ocupando uma residência sem ter rendimento, porque ele está aqui só para estudar; tinha alimentação; tinha cesso à saúde, que tinha o posto médico. E quando era uma coisa assim mais grave, muitas vezes mesmo eu comprei medicamentos para eles, que não tinha fácil e eles não podiam comprar, eu comprava o Diretor ajudava, as meninas também ajudavam e aí a gente comprava para eles. O mínimo, o retorno deles era passar.

Entrevistadora: Eles não tinham bolsa vinculada à residência, não?

Entrevistada: Na época não. A bolsa veio depois quando encerrou o refeitório, porque eles tinham alimentação até no sábado. Aí depois reivindicou aí veio uma bolsa que era a alimentação aos domingos, que eles não tinham. E a “ajuda de custo” cada um conseguia por si, um aluno que tinha bom desempenho, um aluno que se interessava por determinadas disciplinas, trabalho em laboratório, então quando surgia uma oportunidade de selecionar, dava preferência para eles.

Entrevistadora: O mérito deles.

Entrevistada: É! Porque se eu estudo Química, moro aqui na residência, eu tenho mais probabilidade e ficar em um setor de química, de passar mais tempo, de me preparar para ser um monitor. Aí, sempre os professores davam, assim, preferência, faziam a seleção e davam preferência, vamos supor; quatro vagas, uma era para residência. Entendeu? Não era todos, quem tivesse desempenho melhor, ficava.

Entrevistadora: Sim. Sim! Mas era vocês do DAE que entrava em contato ou era as Pró-reitorias que ofereciam?

Entrevistada: Não, não, eram os próprios professores que faziam essas seleções, a gente ficava sabendo porque depois deles falavam para gente, que foi selecionado. Eles diziam “- vou fazer seleção e são três vagas, uma vai ser para residência, para um residente”

Entrevistadora: Entendi. Tinham quantas residências?

Entrevistada: Quatro! Tinham as duas maiores, a 01 e 02(casa), que eram 44 alunos; a 03 foi menor, 24 alunos e 04, que era a feminina, eram 22 estudantes.

Entrevistadora: O que você me falou que a Divisão fazia é bem parecido com a o que a Coordenação de Residência faz hoje?

Entrevistada: É porque mudou, depois passou para ações afirmativas.

Entrevistadora: Essa é outra coordenação, quando virou Progest. Você ficou no DAE até quando?

Entrevistada: Foi até 2012.

Entrevistadora: Você participou também da transição do DAE para Pró-reitoria?

Entrevistada: Tava, porque eu fiquei como secretária de uma das cadeiras das ações afirmativas.

Entrevistadora: CAAP, né? Durante a transição, houve muita diferença do DAE para Progest?

Entrevistada: Olhe em termos de trabalho, não! Agora, surgiu porque a pessoa que assumiu mudou todo mundo. Então, a gente já estava habituada naquela rotina e já tinha hábito dos colegas, de estar ali com aqueles colegas e de repente mudou tudo; quem estava em um setor foi para outro, quem fazia isso foi para outro, foi uma verdadeira “salada”.

Entrevistadora: Vocês não participaram das decisões?

Entrevistada: Não, a gente recebeu o convite já para mudar, já chegou o cronograma pronto. A entrevista foi; “preciso conversar com vocês! Fulano tal hora, tal hora e tal hora”. Pronto, naquela hora você já recebia o comunicado para onde ia. Sem direito a recusa.

Entrevistadora: E quando Restaurante foi reaberto? Ele passou os anos 90 todo fechado, foi?

Entrevistada: Ele fechou por causa de infraestrutura; ele fechou por conta de muito vazamento, esgoto.... Muita chuva, o esgoto fechou, invadiu o Restaurante, foi um caos, um caos! Ele já estava fechado, mas aí o que foi que fez para não deixar os estudantes sem assistência; na Associação dos professores tinha uma pessoa que oferecia alimentos, tinha um restaurante lá, então, se conversou com essa pessoa, essa pessoa tinha “Firma” idônea, registrada, tudo direitinho, então se contratou, foi um contrato não foi nem licitação, foi um contrato, teve três firmas, e ela ofereceu o menor preço e a gente já conhecia o trabalho dela aqui, era uma senhora, já conhecia que ela era aqui da Associação dos professores, então ela passou a servir alimentação só para os residentes, ali por trás do prédio de apoio, que ali era uma cantina e hoje é um depósito. Então ela ficou administrando essa cantina, que na época também estava fechada, só para os residentes. Era almoço e janta de segunda a domingo, aí passou a servir no domingo também.

Entrevistadora: Então os residentes nunca ficaram desamparados, né?

Entrevistada: Mudanças, né, teve muitas mudanças, mas eles (residentes) não Afeta assim porque eles sempre estiveram acostumados naquele setor tudo direitinho, com aquela rotina e de repente muda para outra. Mas eles nunca ficaram sem assistência não, que eu saiba, não.

Entrevistadora: Além da divisão de residência, qual a outra que tinha lá?

Entrevistada: Tinha uma de bolsa, que era até Ricardo quem ficava lá. Agora eu não lembro o nome da pasta, eram duas divisões que tinham lá. Tinha essa que eu ficava que era de residência e tinha outra que era de bolsa. E ainda continua, né? Uma é CAAP e tem outra, né? Que é Ricardo, parece, que continua lá ainda.

Entrevistadora: Não, Ricardo está no Restaurante.

Entrevistada: Que era Ricardo que ficava na outra Divisão, começou com Marcílio, pois passou para Mauro aí depois ficou Ricardo, nessa Divisão.

Entrevistadora: Era bolsa e tu lembra se tinha outras coisas?

Entrevistado: Era bolsa, mais eu não me envolvia muito não. Mas tinha outras atividades, porque ele organizava, ele mexia com os estudantes e mais exclusivo com os residentes também; ele organizava campeonatos, competições esportivas com o pessoal...

Entrevistadora: Atividades mais para a diversão.

Entrevistada: Além das bolsas tinha essa questão de lazer. Teve um período que abriram a piscina para eles no final de semana, essa piscina aqui para eles treinarem, com uma pessoa acompanhando.

Entrevistadora: Da época que passasses no DAE qual eram as principais reivindicações dos estudantes, tanto dos residentes quanto dos estudantes de modo geral?

Entrevistada: Geralmente era alimentação gratuita! [Risos] e também eles reivindicavam.... Porque a gente acompanhava as festas que tinha aqui, as calouradas, as jornadas culturais. Pronto, Ricardo também participava, era da área de Ricardo; jornada cultural, organizava as festas com os alunos; ali quem sabia cantar cantava, quem sabia tocar tocava, quem sabia declamar declamava. Cada um expôs, né! Fazia uma relação lá e eles faziam.

Entrevistadora: Essa parte cultural, do antigo DAE, era muito forte, outros entrevistados falaram, Rui falou bastante.

Entrevistada: Rui também, Rui corria muito.

Entrevistadora: E hoje a parte cultural depois que virou Progest não existe.

Entrevistada: Eu acho que perdeu muito, porque as pessoas não gostam quando os alunos se reúnem, porque diz que vai, né, fazer coisas erradas, ilícitas, usar coisas ilícitas, mas não é bem por aí não. Era um momento tão bom. Se descobriu tantos talentos aqui, que nem imaginava e hoje estão por aí, vibrando. E também é uma maneira dos grupos se unirem, porque eu acho hoje em dia os estudantes muito afastados, os estudantes muito seletivos, aqui no Departamento (Biologia) mesmo eu vejo isso. De vez em quando a professora, aqui do Departamento, faz alguma coisinha lá embaixo (no térreo do prédio); uma tarde cultural, aí os meninos adoram porque uns cantam, uns declamam, outros dão uma de comediante. Cada um solta o que sabe, né, o que tem vontade. E ali, leva todo mundo numa boa sem ignorar nada.

Entrevistadora: Você acha que o perfil do estudante mudou?

Entrevistada: Aqui mudou, mudou muito, a turma não é mais receptiva como era antes, são mais seletivos, é um pessoal assim mais... sei lá, não olham muito para o próximo, e querem

tudo na mão, ninguém quer correr atrás do seu objetivo, quer que a gente entregue pronto. E que a Universidade se adeque a eles, não eles a Universidade. Porque se você estuda e tem um horário de aula, por que um aluno liga para o professor e diz “- eu só posso chegar de 14h, se a aula é de 13h?”

Entrevistadora: Você está dizendo que eles colocam as particularidades acima da coletividade?

Entrevistada: É isso que eu também senti, tô sentindo uma diferença muito grande. Eu estou aqui na coordenação (de Lic. Biológicas) e muitas vezes eu recebo esses tipos de telefonema e eu mesmo tenho a liberdade de dizer; “-Meu filho, a Universidade está aqui presente, mas você se matriculou de 13h, então a aula é de 13h, se o professor vem ou não vem, se vai botar falta em você ou não, eu não vou passar seu recado para o professor não, mas não vou mesmo! Você tem que se adequar ao seu horário, se você tem seu compromisso, marque para mais tarde, saia mais cedo”. E outras vezes eles ligam “- Olha avisa ao professor que eu vou chegar tarde porque eu vou almoçar”. [Risos]. Tu achas que eu vou dar um recado desse ao professor? Vou não. Eu sou secretária da coordenação.

Entrevistadora: [risos]... Da época do DAE, qual um período difícil?

Entrevistada: Foi um período que começaram a diminuir as verbas, que os alunos começaram a fazer greve. E também mexer com os servidores, né, o salário; os salários congelados.

Entrevistadora: O arroxó?

Entrevistado: O arroxó salarial e aí começou a vir as greves, por reivindicações, por melhorias de ensino, melhoria de salário, aí esse período foi “parada”, porque a Universidade passou quase quatro meses parada mesmo. A gente vinha porque tinha uma rotina a cumprir e tinha um compromisso com os alunos formandos.

Entrevistadora: Nessa época você estava no DAE ou no Restaurante?

Entrevistada: No DAE, no Restaurante a gente não pegou não, nenhuma greve não. Pegava assim, os levantes que eles sempre faziam que isso era normal, toda vez que aumentava 10 centavos, 20 centavos na alimentação, era uma fortuna, eles calculavam em percentual e era uma coisa séria; R\$1,00 para R\$ 1,50 era 50% de aumento. Aí pronto! [Risos].

Entrevistadora: Aí danou-se, né[risos]. E a fase boa, a melhor fase do DAE?

Entrevistada: A melhor fase para mim eram as festas, as festas que a gente fazia para eles; natal e são João, era praxe já, era certeza.

Entrevistadora: Todos os servidores do DAE se envolviam nas festas?

Entrevistada: Todos! Todos no começo, meio e fim, e no bolso também.

Entrevistadora: No bolso também? E como era o recurso do DAE?

Entrevistado: O recurso do DAE, eles (estudantes) abriam mão de uma janta para a gente fazer festa, porque a janta era a festa. A gente combinava tudinho, eles abriam mão da janta porque a comida que ia para janta ia para festa. Porque, geralmente, marcava o quê? Santo Antônio. A Universidade já teve tradição, o Santo Antônio casamenteiro da Rural, uma festa tradicional, todo dia de Santo Antônio tinha festa e era uma festa grande, que era uma festa dentro do Restaurante, esse São João.

Entrevistadora: Era para todos os estudantes?

Entrevistada: Era para todos os estudantes, dentro do Restaurante porque era o único lugar. Eles tiravam tudo e ficava um salão só, um conjunto, dois.

Entrevistadora: O DAE tinha um recurso próprio, ou era só o do Restaurante?

Entrevistada: Não, era só o do Restaurante, tirava do Restaurante, eu posso até estar falando errado, estar falando demais, mas era verdade.

Entrevistadora: O Departamento então não tinha um recurso?

Entrevistado: Não, tinha não. Eles faziam um “livro de ouro” para pagar uma banda, às vezes nem precisava pagar a banda porque tinha muitos músicos aqui na Universidade, estudantes, eles mesmos; tinha um grupo aqui que tinha uma banda. Tinha uma banda de forró e uma banda normal de baile. Então eles liberavam o ônibus e traziam eles para cá e eles faziam a festa aqui com a gente, tudo é questão de colaboração.

Entrevistadora: Poxa vida, era muito difícil não ter um recurso!

Entrevistada: Não tinha. A gente pegava... muitas vezes eles abriam mão, porque a reitoria não permitia, o reitor às vezes não permitia porque não tinha verba para isso. Mas a gente não vai tirar verba; tira a verba da instituição, mas é um direito deles, todos abriram mão do jantar para ir para lá, então o que a gente fazia; pedia o Restaurante para preparar um jantar só com comida de milho. Canjica, pamonha, milho cozido, bolo e em vez de servir aqui, a gente servia lá na Associação dos professores, naquele salão, a gente fazia ali.

Aí eles faziam um “livro de ouro” porque aí alguns professores iam, porque eles colaboravam, davam uma doação bem generosa, e também fazia questão de vir. Antes de fazer o Natal, novembro... “-E aí vai fazer o natal? Como é que vai ser? ” E quando recebia o dinheiro, já passava para eles. Porque a gente sempre deixava um estudante responsável, aí eles sempre faziam as reuniões deles, aí deixava um líder, e esse menino era o encarregado, ele recolhia o dinheiro, corria atrás de banda.... Agora, bebida alcoólica não podia, só suco e refrigerante. As cachaças eles tomavam depois, escondia o “suco” para tomar onde eles quisessem, mas lá dentro não. Lá era só suco e refrigerante. E as comidas, tinha professores também que

mandavam, era muito bom, porque tinham muitos professores que ajudavam muito, muito mesmo, nas festas.

Entrevistadora: Como a Universidade via o DAE, de uma maneira geral, a reitoria, os outros Departamentos?

Entrevistada: Pelo menos no meu tempo, a reitoria sempre deu apoio, muito apoio! Davam e dão, acho, que até hoje. Muda a Gestão, mas o Departamento continua, muda de nome, mas a ação é a mesma. Muda os componentes, mas a ação é a mesma, uns tem mais responsabilidades, outros não têm essa responsabilidade, é só isso, isso mesmo não vai mais a fundo. Continua do mesmo jeito.

Entrevistadora: Então sempre teve essa atenção?

Entrevistada: Sempre teve atenção da reitoria, da Pró-reitoria de Administração porque as verbas, praticamente, lá que é feita a distribuição das verbas, planejamento das verbas.

Entrevistadora: Atenção para as casas (de estudante) ...

Entrevistado: A casa anterior tinha o departamento de serviços gerais, aí sempre eles priorizavam os serviços das casas e quando a gente pedia, eles não deixavam de atender não.

Entrevistadora: E como era a tua relação como era tua relação com os estudantes?

Entrevistada: Eu nunca tive problema com os estudantes não, visse. Nunca tive. Até hoje, estou aqui há 30 anos e nunca tive. Um atrito ou outro que eu tive com estudante, mas depois ele veio pedir desculpa que estava errado.

Entrevistadora: Uhum!

Entrevistada: Ele viu que estava errado, agora chegou um momento que depois ele voltou;

“ – Olhe me desculpe que eu fui muito grosso com a senhora, eu disse umas coisas porque estava de cabeça quente, não sei o quê...não sei o quê...” E eu disse “ É, mas quando você voltar tome um banho para esfriar a cabeça e a gente conversar”. [Risos]

Entrevistadora: [risos]. Ainda brincasse?!

Entrevistada: E aqui mesmo chega um mais “exaltadozinho” e eu digo. “ Fica aqui fora nessa cadeira, tome um copo d’água e agora vamos conversar”. [Risos]

Entrevistadora: [risos] depois melhora. Oh Sirlei, quando tu estavas na Progesti tu trabalhavas no recebimento dos documentos, de inscrição, de bolsa, essas coisas?

Entrevistada: Recebia, recebia porque eu ajudava, a gente ajudava um ao outro.

Entrevistadora: Porque depois de Progesti teve muita bolsa da própria Pró-reitoria, não é?

Entrevistada: É! Quando eu fiquei na Progesti eu fazia o..... Mandava os bolsistas para a gente, a relação e eu fazia o controle do pagamento.

Entrevistadora: Tu eras secretária da coordenação de pagamento?

Entrevistada: CAAP, eu ficava com a prof. ^a Lúcia, na época.

Entrevistadora: É verdade, prof. ^a Lúcia! Tinha essas bolsas antes, no DAE?

Entrevistada: Não, tinha não. Depois que mudou, saiu da pasta de Ricardo, era outra pasta. Ter tinha, mas era quando Ricardo ficava, era DAE. Aí depois houve a mudança aí bolsa ficou para um lado, e depois a outra divisão não sei mais o que foi feito. Porque como Pró-reitoria eu fiquei pouco tempo. Não cheguei a ficar nem um ano.

Entrevistadora: A prof. ^a Lúcia era de onde?

Entrevistada: Zootecnia.

Entrevistadora: Eu entrei em 2008 e trabalhava em Garanhuns e lembro que era Lúcia Maia aqui.

Entrevistada: É porque você era de outra Unidade.

Entrevistadora: Eu vim para cá (SEDE/Dois Irmãos), trabalhar com Karla no final de 2009. Era tudo novo.

Entrevistada: Foi, foi uma mudança bem brusca, mais brusca ainda porque quando você faz uma mudança e muda todo mundo dos setores, a gente começou do zero.

Entrevistadora: Vocês foram sendo distribuídos assim aleatoriamente? Porque você era da Divisão de Residência, então o coerente era continuar lá.

Entrevistada: Passei para bolsa.

Entrevistadora: O correto era você continuar lá!

Entrevistada: Eu acho que era, mas quem assumiu achou que não era.

Entrevistadora: Chegaram pessoas novas?

Entrevistada: Não! Só o Pró-reitor e a vice, porque prof^a Lúcia era da CAAP e a substituta eventual.

Entrevistadora: Sentisse que as pessoas ficaram chateadas?

Entrevistada: A gente ficou assim, todos ficaram chocados, né, porque foi uma mudança muito brusca.

Entrevistadora: Isso nunca tinha acontecido?

Entrevistado: Não, entra Pró-reitor, saía Pró-reitor e eles diziam “ Não se mexe em time que está ganhando”. Cada um botava sua explanação, sua maneira administrativa, de como queria que a coisa funcionasse, dividia tarefas porque às vezes achava eu uma pessoa era mais carregada que a outra, dividia o turno, porque ficava assim, uma coisa mais administrativa. Mas....

Entrevistadora: Foi o impacto maior que vocês tiveram com a gestão?

Entrevistada: Demais, demais!

Entrevistadora: Elizama (secretária do primeiro Pró-reitor da Progest) já trabalhava com você também?

Entrevistada: Já, já.

Entrevistadora: Então vocês não trabalhavam, é isso?

Entrevistada: Não, ela era secretária do Departamento e eu era de uma divisão. Então, a gente era; bom dia! Boa tarde! Mas ela não sabia da minha rotina e nem eu sabia da rotina dela, a gente não compartilhava, só em casos assim, que era necessário; pedia algum levantamento de material, pedia algum levantamento de residência, para conserto, para a reforma, aí normalmente a gente fazia juntas depois que ela ia lançar o documento final, não é, a gente fazia junta, mas para trabalhar o dia a dia, para compartilhar, dividir tarefa... ela não tinha nada a ver com bolsa e nem eu. Foi do zero, foi mais um desafio, né!

Entrevistadora: E vocês nem ficaram sabendo o porquê e como foi essa distribuição?

Entrevistada: Não, ninguém sabe! Porque quando eu soube eu saí de lá. [Risos]

Entrevistadora: [risos]. Está bom! Deixa quieto! Sirlei, tu tens algum registro fotográfico do DAE daquela época?

Entrevistada: Tenho não! Eu tinha umas fotos do Restaurante e aí eu dei para professora Flávia (Coordenadora do R.U de 2016 a 2021) entregar para o professor Júnior (atual Pró-reitor). Foi umas fotos da época da reforma que fizeram. Acho que deve estar lá no arquivo da Progesti. Eu tinha também umas fotos que era das festas que tinha lá, eu tinha várias, mas teve um problema porque eu tinha deixado com os meninos na caldeira, aí teve um incêndio na caldeira e queimou tudinho, aqui no Restaurante, um dia de sábado à noite.

Entrevistadora: Assistência estudantil tem isso de trabalhar fim de semana, não é? Na residência, por exemplo.

Entrevistada: Também, porque às vezes o aluno adoecia, precisava de hospital e muitas vezes eu saía de casa... “Está no hospital tal” e eu ia atrás, para não deixar ele só, mas isso era uma questão minha, como um filho mesmo. Aí eu ia para ficar com ele e quando era caso mais grave a própria Universidade, o Diretor junto com a reitoria se encarregava de pegar um carro e buscar um familiar para dar acompanhamento. E quando a pessoa não tinha recurso, quando era mulher, muitas vezes ficava até na residência estudantil, porque não tinha recurso, a Universidade não tinha como apoiar, para descansar, um dia ou não. Porque as meninas, os meninos sempre ajudavam, teve vários casos de alunos que teve problemas e ficar internado, mais de um dia, semana.

Entrevistadora: E quando está dentro da Universidade a responsabilidade é da Universidade.

Entrevistada: E quando recuperava, aí que a Universidade mandava um carro para deixar ele em casa e dava um jeito para ele não perder o semestre, fazer um trancamento extemporâneo.

Entrevistadora: Acho que ainda tem.

Entrevistada: É tem, porque doença não deixa de existir, é porque há alguns anos atrás a gente tinha muito problema de aluno com alcoolismo, era muito grande o alcoolismo.

Entrevistadora: Dentro da casa.

Entrevistada: Dentro da casa! Era mais alcoolismo do que droga, apesar de álcool também ser uma droga, mas tinha, quando ia ver era questão de família mesmo.

Entrevistadora: Sirlei, tinha muito “penetra” dentro da residência?

Entrevistada: Só tinha!

Entrevistadora: Tu achas que com o tempo o controle foi melhorando?

Entrevistada: Foi... foi! Com o passar do tempo a gente pensa que foi, né. Eu acho que foi, mas os alunos têm suas artimanhas[risos]. Eu vejo assim; os vigilantes, não vai botar os vigilantes aí chega um aluno de madrugada, amigo de um da Universidade, um primo, aí o vigilante vai botar para fora. Bota nada! Eu não botava.

Entrevistadora: A relação dos estudantes do DAE para Progest ficou diferente?

Entrevistada: ficou, ficou mais distanciado. Mas assim, porque a gente ficou dividido em dois núcleos, né. Acho que o problema foi esse, a divisão lá e cá.

Entrevistadora: Na época do DAE o Diretor ficava lá?

Entrevistado: Era todo mundo lá, não existia isso aqui não (atual local da Pró-reitoria no prédio administrativo), era tudo lá. Aí depois ficou a divisão, aí ficou a briga, porque como eles eram mais acostumados comigo (residentes), aí corria tudo para mim e eu mandava para lá. “Não, meu filho você tem que ir para lá”... “Não, mas a senhora tem que dar um jeitinho, veja, faça isso por mim”. Eu dizia “ – As dificuldades que vocês tiverem agora tem que levar para lá (anexo da Progest), meu negócio agora é só bolsa, brigue para ser bolsista, faça por onde, aí tenha certeza que seu pagamento não vai atrasar. Só se o dinheiro não chegar, mas se ele chegar não atrasa não. ”

Entrevistadora: Como eram resolvidos os problemas com os residentes, era você que tomava a decisão ou tinha alguma comissão que se reunia para decidir? Como por exemplo se ele colocasse um “penetra” na casa?

Entrevistada: Rapaz, o Diretor era quem tomava a frente, eu passava para ele aí ele ia e conversava, encaminhava para a Psicóloga, na época Dr^a Jacira era bem rígida. Aí Dr^a Jacira ficava acompanhando. E se fosse caso mais sério, porque teve caso que teve que recorrer a um especialista, Psiquiatra, aí ela encaminhava e a Divisão Médica (DQV) ficava de fazer os

encaminhamentos. A gente facilitava a vida dele, mandava um carro para levar, pra ir buscar, às vezes eu ia junto... “vou fazer companhia a você hoje, vamos simhora!”

Entrevistadora: Tinha mais de uma Psicóloga?

Entrevistada: Tinha! Dr^a Jacira e tinha Ada. E a noite tinha professor João, ele era psicólogo também, aí ele dava aula e completava os horários dele lá a noite, tinha uns dias que ele ia.

Entrevistadora: Ele fazia atendimento individual ou coletivo?

Entrevistada: Individual, agora Jacira não, fazia individual e fazia coletivo também. Tinha dias que ela ia nas casas e conversava com todo mundo. Porque às vezes na residência havia desentendimento muito grosseiro, por besteira, as meninas se desentendiam e ficava aquela confusão, aí ela fazia até duas vezes, fazia dois atendimentos no mês; uma semana ela ia na casa 01;02;03 e casa 04. Aí quando a coisa estava tranquila, aí ela já ia de 15 em 15 dias em uma casa, depois na outra. Eles também já pegavam confiança e procuravam, porque muitas vezes eles estavam com dificuldade, a gente sentia mesmo que eles chegavam lá, queriam conversar, eu digo “ – oh, meu filho eu estou aqui para escutar, mas eu não sou Psicóloga”..., “mas eu não sou doido” (estudante) “Eu não estou dizendo que você é doido, você precisa de uma pessoa que lhe escute e que lhe direcione para o seu bem, não é para o bem do seu colega não, é para o seu bem! Então, o Psicólogo é a pessoa ideal para isso. Não desabafe comigo não, que eu tenho a língua solta, posso soltar, Psicólogo não vai soltar para ninguém e nem desabafe com seus amigos porque seus amigos só vão lhe encaminhar para o lado errado”. Aí ficava! Ficava, ficava, aperreava tanto e terminava ele.... Eu mostrava para ela (Psicóloga) quem era, aí na reunião ela direcionava mais para ele, direcionava mais pra ele; um ou dois que tinha lá eu mostrava pra ela, eu tinha as fotos, aí eu mostrava as fotos pra Jacira. “Estão com problemas esses meninos”.

Entrevistadora: Como era a seleção de residência, para entrar na casa?

Entrevistada: Era socioeconômica, só não tinha visita, logo no começo não tinha visita não, tinha que confiar no que estava escrito, no que eles traziam.

Entrevistadora: Tinha entrevista?

Entrevistada: A entrevista passava pela Psicóloga e tinha uma Assistente Social, não lembro na época. Na primeira semana de aula tinha um período de inscrição.

Entrevistadora: Tinha Edital?

Entrevistado: Tinha Edital! Aí no edital eles preenchiam todos os requisitos do Edital então o pessoal selecionava; no caso, o Psicólogo, o Diretor, tinha eu. E determinava mais dois ou três professores que eram convidados para participar.

Entrevistadora: Não era só o pessoal do DAE não?

Entrevistada: Não, não! Tinham outras pessoas que participavam também para selecionar. E o Diretor dava o veredito final. Aí depois de muito tempo foi que o professor Inaldo, que acho que foi ele, passou 8 anos, disse que o bom mesmo era fazer uma visita. Ele viajava muito pelo interior, tinha gente que ele sabia que estava na residência, mas tinha burlado alguma coisa e não tinha como provar, só vendo. Não tinha como provar o contrário, nem tinha como botar a pessoa para fora porque achava. Aí foi quando começou a fazer essas visitas. Agora, tinha alunos que morava muito longe, aí foi quando começou a parceria, com alguém da localidade, uma escola técnica, uma escola estadual, uma escola de nível médio. Então, em contato com essa pessoa, essa pessoa tentava localizar o aluno que era bem distante.

Entrevistadora: Ele entrava em contato com a pessoa lá?

Entrevistado: Ele via mais ou menos a localidade que a pessoa morava, a propriedade que a pessoa morava, se era dele se não era, porque ali, não tem informante melhor do que o vizinho não. Tinha lugar que era muito longe, muito difícil o acesso, então as pessoas de lá que tinham acesso a essas localidades, então ficava mais fácil.

Entrevistadora: A Universidade apoiava essas visitas, com recurso, com carro?

Entrevistado: Apoiava! Com carro e diárias. Aí ia a Assistente Social. A princípio era o professor e Ricardo que ia.

Entrevistadora: Tu não ias?

Entrevistado: Não, nunca. Me convidaram, mas eu não aceitei.

Entrevistadora: Por quê?

Entrevistado: Não porque era uma viagem muito árdua, eu sempre fui uma pessoa que sempre fui muito alérgica, eu sempre tive problema de saúde. Eles não iam daqui para o cabo não, eles “simbora”, faziam um roteiro; ia por aqui (gesticulando), Sertânia, iam até Ibimirim. Aí depois voltava pelo outro lado, fazia um roteiro, aí passava dois, três dias, aí depois já ia para outro roteiro, outro local.

Aí eles faziam o relatório todinho, Ricardo fazia o relatório com o professor, dali eles já pegavam a listagem deles, porque na época não tinha computador, era papel, já iam no papel fazendo a listagem socioeconômica, decrescente, crescente, sei lá!

Entrevistadora: Só os dois que faziam, ou eles te chamavam também para fazer?

Entrevistado: Não, a gente fazia em conjunto, que era muita coisa, era tudo manual; fazia uns “quadradinhos”; quantos membros da família, renda, propriedade casa própria, não....

Entrevistadora: E essas informações da prática, de como fazer, vocês pegavam onde?

Entrevistado: Pelo Fórum (FONAPRACE), porque tem um Fórum de Assistência Estudantil.

Entrevistadora: O Fonaprace!

Entrevistado: Do Fonaprace eu participei de umas quatro reuniões. Eles fazem lá, nas outras universidades e foi adequando aqui também.

Entrevistadora: Então Inaldo também pegava essas informações no Fonaprace?

Entrevistada: É, tinha muita coisa no Fonaprace.

Entrevistadora: E quem era a Assistente Social da época?

Entrevistada: Eu não lembro quem era. É o tipo de pessoa que eu não lembro, eu não tenho nem lembrança dessa pessoa porque eu acho que eu nunca vi também. A assistente Social não era no DAE, era em outro local. Não sei se ficava na Divisão Médica. Assistente Social não tinha, não tinha assim, como vocês tem agora, uma sala, não tinha.

Psicólogo mesmo era só na Divisão Médica, já trouxe para o DAE, duas, porque havia uma certa rejeição dos alunos de ir para o Departamento médico; existia uma certa relação de rejeição de eles irem para o departamento médico e também dos colegas que viam eles saindo do gabinete da Psicóloga, já ficavam brincando, chamando de doente, de doido, aí pronto, os “meninos endoidavam”.

Entrevistadora: Sofriam “Bullying”

Entrevistada: Exatamente! Aí colocaram as duas (Psicólogas) e tinha o professor que ficava a noite. Esse professor ficou um monte de tempo, um bom tempo, depois tentou se aposentar, deu problema na aposentadoria e ele teve que ficar mais um ano, ele ficou lá com a gente, aí esse último ano ele ficou integral esse último ano dele. Ficava com os meninos e os meninos adoravam porque ele fazia muitas atividades com eles. Ele ia para residência. Às vezes juntava todas as casas em um local só.

Entrevistadora: Quando você saiu do DAE sentisse muita diferença?

Entrevistada: Não, muito! Porque foi um outro desafio na minha vida, porque eu cheguei aqui zerada.

Entrevistadora: Aprender outras coisas....

Entrevistado: Outras coisas! Porque a Coordenação é totalmente diferente do que tem lá no DAE, aliás, com aluno é a mesma coisa, mas o problema aqui é o encaminhamento; dispensa de disciplina, aproveitamento de disciplina, acolhimento também, tem muito aluno que chega sem saber das coisas e chega aqui, a gente tem que tratar bem, conversar, mostrar como é para fazer, até hoje é assim, porque eles querem fazer do jeito que eles querem. Eu digo “- Não, minha gente! Tem que seguir, existe requerimento padrão, então eu não vou aceitar isso”. Eu estou aqui com um monte de processos aqui, esses que estão em vermelho (entrevistada aponta documentos) tudo eu pedi para eles vim aqui fazer o padrão comigo porque eles dizem “- Eu

não sei onde encontrar! ”. Eu digo “ sabe! Pare de olhar o WhatsApp [risos] e olhe no site da Universidade que você acha”. [Risos].

Entrevistadora: Lá o Pró-reitor fala parecido[risos].

Entrevistada: Hoje já veio uma de manhã.

Entrevistadora: Fazendo um balanço do período que você passou no DAE, o que você pode falar?

Entrevistada: Minha trajetória foi boa, foi só aprendizado mesmo, porque quando eu entrei logo lá, em 82, quando eu assumi e fiquei lá como Técnica Administrativa com a Nutricionista, a gente tinha muito recurso, tinha muito recurso, tantos funcionários que era da casa e verba para fazer as coisas, com o passar do tempo foi diminuindo, diminuindo, diminuindo, ficando escasso, ficando escasso, ao ponto de não ter verba; tinha verba para manutenção, mas não tinha verba para a alimentação. Não tinha mais o que fazer, foi fechar mesmo, começou a desabar mesmo; um local onde se fazia mil e poucas refeições para o almoço, setecentas para o jantar, de manhã era uma faixa de uns trezentos, depois corta manhã e fica só tarde e noite, teve um período que cortou a noite para os usuários e ficou só para residência, ficou só almoço, para poder atender, atender o pessoal, mas chegou um ponto que não tinha mais o que fazer, foi só residência mesmo. Não adiantou fazer resistência, não adiantou nada porque o dinheiro é ministerial, é aquilo, aquilo mesmo. Tem que saber administrar e seguir em frente.

E agora, graças a Deus, deu um anova estruturação no Restaurante, um anova visão, tudo, tudo é inovado. Graças a Deus que a gente está com um padrão excelente, não é nem bom, é excelente. O Restaurante daqui, atualmente, está excelente! Todas as pessoas que vêm, que passam por aqui elogiam. Eu digo aos meninos que isso é motivo de orgulho porque há um tempo não tinha.

Entrevistadora: Você viu o tempo bom, o tempo ruim e o tempo bom voltar.

Entrevistada: Exatamente, porque naquela época, antiga, era bom e não tinha quantidade de alunos que tem agora, tem isso também. A demanda de aluno aumentou muito e os cursos também; hoje são vinte e poucos cursos e anteriormente não chegava nem dez.

Entrevistadora: Não tinha as Unidades Acadêmicas que os visitantes (discente) são autorizados a comer aqui também.

Entrevistada: Ainda hoje eu estava conversando com a professora e a professora falando, o Restaurante às vezes você programa uma coisa e de repente foge um pouquinho, por isso tem que deixar uma margem, eu concordei, porque tem os meninos que vem das Unidades, eles são assistidos lá, então eles vêm vão passar duas ou três semanas, nada mais justo que a Instituição liberar pelo menos o almoço. Porque eles vêm com ajuda de custo para um “localzinho”, se

tivesse um local, eu sempre achei que aqui na Universidade deveria ter um local, como aquela casa que está ali.

Entrevistadora: De hospedagem?

Entrevistado: Para fazer uma espécie de hospedagem para esses meninos que vem de fora para fazer curso, não para ficar morando, mas para fazer curso, ter um apoio. A gente sempre brigou, sempre quando eu tinha algum trabalho eu sempre botava, era isso e um auditório grande para fazer a colação de grau, um galpão grande para fazer a colação de grau aqui para não ter que sair para fora. Antes era na quadra, foi aumentando, aumentando e passou para o salão nobre, mas no salão nobre tinha vez que era cinco colações de grau, cansava! Já houve período que tinha uma colação de grau aqui, outra no Centro de Convenções no palco pequeno porque não tinha reserva para o grande e outra lá no Instituto de açúcar, porque geralmente o pessoal de Agronomia corria para lá. Ficava muito dispendioso dividir o pessoal.

Entrevistadora: E os funcionários, não é?

Entrevistada: Sim, para dar assistência, porque querendo ou não envolve muita coisa.

Entrevistadora: Está certo Sirlei, muito obrigada.

Entrevistada: Nada! A gente esquece umas coisas, mas lembra de outras[risos].

1ª Entrevista : Sessão I – 11/03/2022

Nome do entrevistado: Helina(utilizar nome fictício caso precise citar)

Nome da entrevistadora: Simone Muniz da Silva

Local da entrevista: Sala da Pedagogia/Progesti anexo(antigo DAE)UFRPE

Projeto de pesquisa: A Política de assistência estudantil da Universidade Federal Rural de Pernambuco: uma análise de 1990 a 2005..

Entrevistadora: Recife, 23 de março de 2022, a entrevistadora é Simone Muniz, a entrevistada é Helina. Essa entrevista trata do Projeto de pesquisa “A Política de assistência estudantil da Universidade Federal Rural de Pernambuco: uma análise de 1990 a 2005”, do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Católica de Pernambuco. Maria, como foi o início do teu trabalho aqui na Rural?

Entrevistada: Na Rural, quando eu entrei aqui em 84, eu fui lá para o R.U, aí depois com o tempo, na época era a Profª Célia (Marinho), também não era Progesti, era DAE – Departamento de Assistência Estudantil. Aí eu vim trabalhar aqui, com a secretária, que a secretária na época era Isabel e eu fazia os serviços burocráticos dela., ajudava ela a fazer os serviços burocráticos. Pronto! Na época era a professora Célia, a diretora, eu fazia só o serviço burocrático, documentos; receber e enviar. Na época era assim.

Entrevistadora: Na época que você entrou em 84, o setor foi...

Entrevistada: Eu fui para o R.U, agora não lembro o tempo que eu passei no R.U, aí depois do R.U eu vim para aqui, para o DAE.

Entrevistadora: Quais as atividades que tu desenvolvias no R.U?

Entrevistada: No R.U eu fazia tudo; eu lavava copo, lavava bandeja, cortava verdura, escolhia feijão, eu fazia tudo isso e na hora da refeição eu ia para o balcão ficar também servindo suco para os estudantes na época.

Entrevistadora: Bem parecido com as atividades das outras pessoas que entrevistei da mesma época. Quando você entrou na Rural, você foi convidada, alguém te indicou, alguém te disse “- Olha, tem vaga lá na Rural para você trabalhar! ”

Entrevistada: Na época, né, porque naquela época era bem mais fácil entrar, não era através de concurso, aí eu fui, falei com o reitor, na época era o Prof^o Valdecy Pinto, meu cunhado era motorista do reitor. Aí eu vim, fui falar com o reitor, aí eu vim fui lá no DP (Departamento Pessoal), porque na época tinha umas quatro, mais de quatro pessoas que entraram igual comigo aqui na Rural. Entreguei os documentos, a documentação, e eles depois me chamaram para começar a trabalhar no R.U.

Entrevistadora: Como era o vínculo, recibada ou Carteira assinada?

Entrevistada: Não, foi recibada não, foi Carteira já, porque quando eu entrei como Auxiliar de Agropecuária, eu recebia como Auxiliar de Agropecuária, não foi recibo não, foi direto já. Porque foi bem mais avançado do que quando a outra turma entrou.

Entrevistadora: Aí tu entrasses, fazendo essas atividades...

Entrevistada: Estudando, eu terminei aqui no “Lions”(Colégio), terminei meu segundo grau.

Entrevistadora: Você trabalhava e estudava. Já moravas aqui?

Entrevistada: Já! Eu cheguei em 84 para morar aqui.

Entrevistadora: Tu lembras da equipe daquela época?

Entrevistada: Isabel, secretária da Prof^a Célia Marinho; ficava onde era a sala hoje de Maria Pedrosa, e entrando por lá era a sala da Prof^a Célia Marinho; eu; Rui; Ricardo; Maria Pedrosa; quem mais da época?! [pensando] aí depois.... Tinha outra menina, que como era o nome...deixa eu ver....Sueli, que agora já está aposentada. Aí depois, a prof^a Célia passou um tempo, aí começou e veio o professor Edmar, Edmar Lira que foi também, era Diretor do DAE, continuava sendo o DAE, aí quando começou o professor....Edmar aí veio também o secretário dele que era Ademir, depois Isabel saiu, não lembro para onde ela foi, e veio Ademir. Aumentou mais um na equipe do DAE. Eu sei que ele redigia, tudo...tudo para ele (Edimar), fazia as coisas para ele.

Entrevistadora: Nessa época o DAE era responsável pelo restaurante?

Entrevistada: era responsável pelo restaurante e pela residência também. Agora quem cuidava lá do restaurante, com o subchefe era Cláudio Ubirajara, na época de Célia. E tinha Zuleide, Zuleide trabalhava aqui no DAE, depois ela saiu quando Edmar chegou, depois ela saiu e veio trabalhar com as Psicólogas. Tinha três Psicólogas!

Entrevistadora: Como era o atendimento, era igual ao de Pedro (Psicólogo atual)?

Entrevistada: Era assim, os estudantes chegavam, marcava, logo tinha a secretária que era Zuleide, aí marcava, né. Aí quando a Psicóloga chegava, passava para elas os horários, e depois elas ficavam marcando.

Entrevistadora: Atendimento de Consultório mesmo?

Entrevistada: Era, de 45 minutos, de cada atendimento.

Entrevistadora: Mas vocês não envolviam não, era Zuleide e as Psicólogas?

Entrevistada: Sim... Sim.

Entrevistadora: Tu sabes dizer como era a organização do DAE, que tinha o Departamento e as divisões, Rui, por exemplo, era de uma Divisão Sociocultural... Tu sabes as outras divisões?

Entrevistada: (movimento de negativo com a cabeça).

Entrevistadora: Ninguém soube me dizer isso.

Entrevistada: Tinha a de Rui, aí depois Ricardo veio e começou a trabalhar com esporte, era. E tinha a divisão da Psicologia.

Entrevistadora: Tu sabes dizer se tem algum documento?

Entrevistada: Eu acho que tinha... agora tem que procurar, visse. Eu sei que tem tudo. Tem quem era o responsável, chefe. Agora eu vou procurar... Vou até procurar no meu pendrive, talvez tenha alguma coisa.

Entrevistadora: Se tu conseguir vai ser ótimo. Aí, voltando... teu trabalho era esse burocrático?

Entrevistada: Era, aí depois, com o tempo eu sai daquela secretaria e depois que Zuleide se aposentou aí eu vim ser secretária da Psicologia.

Entrevistadora: E porque saísse da secretaria da Psicologia?

Entrevistada: Por que ali era muito parado e eu não gosto, eu gosto de movimento, ficar falando com um e com outro, ficava muito presa. Aí eu falei com Jacira, aí ela falou “- Mas Maricota não faça isso não, fique aqui.” Aí eu fiquei um tempinho lá, mas depois eu tive que estudar, fazer um monte de coisa. Aí depois eu vim para cá (secretaria da CGR) que eu pegava no computador e fazia um monte de coisa.

Entrevistadora: E tu viesse para cá depois e Pró-reitoria?

Entrevistada: Deixa eu ver...[pensando]. Foi! Foi!

Entrevistadora: Com Valberes?

Entrevistada: Não, antes de Valberes. Eu acho que eu vim para cá quando foi Progest. De Valberes para cá, aí eu fiquei aqui.

Entrevistadora: E além do restaurante e da casa, quais outras atividades?

Entrevistada: Na época era Inaldo, iam visitar as residências, não era as Assistentes Sociais que iam, era Inaldo, Ricardo e Rui, que ia fazer as visitas, tirava fotos, tudo isso.

Entrevistadora: Só eles que iam?

Entrevistada: Com a professora Célia eu lembro muito como era. Dos outros eu não lembro.

Entrevistadora: Depois de Edmar...

Entrevistada: Foi Prof^a Célia, Edmar, teve vários, depois de Edmar foi Péricles....

Entrevistadora: Porque faz muito tempo, né Maria?

Entrevistada: É...

Entrevistadora: Maria, aí tinha a casa, o restaurante e as outras coisas? Tinha bolsa?

Entrevistada: Tinha...tinha bolsa, tinha festas também das residências, né

Entrevistadora: A bolsa que tinha, tu sabes?

Entrevistada: A bolsa era Rui e Ricardo que mexia com essa bolsa, eu sei que a bolsa eles vinham (estudantes) assinavam a frequência.

Entrevistadora: Tu sabes dizer se os residentes tinham uma bolsa por serem residentes?

Entrevistada: Eu sei que... na época não sei, não lembro, tu me pegou. Eu sei que no final de semana eles recebiam alimentação.

Entrevistadora: E a relação com os estudantes?

Entrevistada: Era muito diferente de agora, eles eram mais comunicativos, eles chegavam aqui, conversavam. Antes os estudantes vinham muito aqui. Rui e Ricardo conversavam muito com eles, aí ficava mais fácil, porque não era mulher. Totalmente diferente a comunicação entre eles.

Entrevistadora: Um dos eventos eram as festas, tu podes falar um pouquinho sobre isso?

Entrevistada: Quando era a professora Célia, a festa era aqui no Coreto, aqui na praça, tinha uma cobertura.... Tu chegaste a ver?

Entrevistadora: Não!

Entrevistada: A prof^a Célia adorava festa, agora na época quem lidava mais com essa festa, organizava a festa era Sirlei, eu só sabia assim, tal dia era a festa. Agora eu me lembro que eu já servi acarajé; fiz acarajé, fritei acarajé com Mery, tinha Mery Felix também. Era daqui também. Vendia e o dinheiro arrecadava para pagar as coisas da festa também.

Entrevistadora: Mas o recurso para você fazer as coisas era do DAE?

Entrevistada: Eu sei que o arrecadado entregava ao DAE.

Entrevistadora: As festas eram para os residentes ou para todo mundo?

Entrevistada: Quando era ali (praça) era para todo mundo, quem passasse, mas quando fazia assim, no restaurante, nas casas, na Associação dos professores, era para os residentes. Era exclusivo dos residentes e a gente que trabalhava.

Espera! Agora eu me lembro, eu falei que o arrecadado do acarajé era para o DAE, não! Ela comprava e o dinheiro ficava para ela. Não era outra coisa não. Veio agora na mente.

Entrevistadora: E os colegas de trabalho, como foi sempre a relação.

Entrevistada: Não, tudo bem, tudo bem... que até hoje Rui quer casar comigo. [Risos]

Entrevistadora: [risos]...E as chefias?

Entrevistada: As chefias também eu me dei bem com todos, todas.

Entrevistadora: Teve algum período ruim no DAE, difícil?

Entrevistada: Não, eu não me lembro não. Simone, eu não lembro uma época ruim.

Entrevistadora: E as partes boas?

Entrevistada: As boas são as festas, né. As festas que era bem diferente da época de agora, agora não quase festa. Os diretores que passaram também foram legal.

Entrevistadora: As festas se acabaram depois da Progesti?

Entrevistada: Não, até o DAE tinha, no final do DAE tinha mais foi se acabando. Aí depois não tinha mais verba para comprar as coisas. Na Progesti foi que se acabou mesmo, depois que virou Pró-reitoria.

Entrevistadora: E por que tu achas que acabou.

Entrevistada: Eu acho que o Pró-reitor, na época, não teve mais iniciativa para continuar, alguma coisa. Eu acho.

Entrevistadora: Os estudantes cobraram depois?

Entrevistada: Sabe que não lembro, se eles cobraram. Assim, eles queriam, mas aí não tinha como.

Entrevistadora: Dinheiro!

Entrevistada: Dinheiro para comprar as coisas, como na época anterior.

Entrevistadora: Você trabalha com a secretaria da casa do estudante, né. Desde a época do DAE?

Entrevistada: Não, porque na época do DAE era lá, era só os serviços, eu não lidava muito com os residentes.

Entrevistadora: Aqui, no DAE cada um tinha uma atividade específica?

Entrevistada: Tinha, Rui lidava com lazer, Ricardo com aquela outra parte, eu com a secretaria, Maria Pedrosa era no R.U. E tinha Zuleide, Zuleide era secretária de Cláudio, ela também mexia com alguma coisa da parte do R.U.

Entrevistadora: E tu sentes saudades de alguma coisa específica do DAE?

Entrevistada: Não, eu sinto saudades do meu chefe, prof. Inaldo.

Entrevistadora: Todos vocês falam com muito carinho dele.

Entrevistada: Ele lidava diferente desses Pró-reitores.

Entrevistadora: Até porque ele foi o anterior a pró-reitoria, ele passou muito tempo?

Entrevistada: Passou, ele passou um bocado de tempo. Da época, foi o melhor que teve até agora. Inaldo Galdino.

Entrevistadora: Quando vocês estavam no DAE, vocês se envolviam em outros eventos que não fosse do DAE?

Entrevistada: Não, eu não! Eu só do DAE.

Entrevistadora: A formatura, você não participava?

Entrevistada: ah, sim! Esqueci esse detalhe, formatura também era com a gente. Formatura começava quando os estudantes vinham pegar as batas, as becas! Ia pegava e ia para o Centro de Convenções. E agente confirmava, professor, coordenador e convidados, os estudantes ficavam lá embaixo.

Entrevistadora: Você acha que mudou muito a Universidade, por exemplo quando mudou do DAE para Pró-reitoria?

Entrevistada: Completamente! Porque quando era DAE o estudante vinha para aqui, eu acho que era mais fácil para resolver as coisas, entre o DAE e o residente e a reitoria. Agora com Pró-reitoria ficou totalmente diferente.

Entrevistadora: Tu lembra da época que fechou o restaurante?

Entrevistada: Lembro, agora não sei a data. Porque eu não ficava lá, ficava aqui.

Entrevistadora: Quais eram as principais reivindicações dos residentes?

Entrevistada: Na época? Quase tudo que eles pediam, eles conseguiam. Mas época de festa eles vinham, para falar quando ia ter São João, porque eles gostavam muito do São João. O São João e Natal. Só, mas só isso.

Entrevistadora: Reinvindicações como Lâmpada queimada?!

Entrevistada: Mas isso sempre teve, mas não tinha condomínio; era aqui a casa 04; a casa 01 que ficava atrás da Agronomia; a casa 02 que é essa que é agora, Samyr, e a casa 03 ficava na biblioteca. Os alunos da biblioteca eram super educados, a gente não recebia nenhuma reclamação, não vinham cobrar as coisas, às vezes eles mesmos faziam as coisas, é não vinha reclamar muita coisa não. A turma da casa 03 eram selecionados. Era diferente... casa 01 era perigoso, assim, bagunçado, Casa 02 também era um pouco bagunçado, assim, entre eles.

Entrevistadora: Sobre os recursos, o pessoal reclamava que não tinha dinheiro?

Entrevistada: Quando era o DAE sim, sempre, prof. Inaldo sempre ia atrás da reitora, era reitora?! Era reitora ou reitor, não lembro! Ia pedir ajuda para fazer a festa, na época pedia ajuda a eles para fazer a festa dos residentes.

Entrevistadora: Só festa ou outras coisas?

Entrevistada: Festas.... O que mais fazia? Era mais festa.

Entrevistadora: Tu achas que dependia da relação como reitor para fazer as coisas?

Entrevistada: Uma parte sim outra não, porque o Prof. Inaldo era assim, mas às vezes queria, mas não tinha, tinha menos verba para ajudar. Agora está tudo mais fácil porque tem mais verba.

Entrevistadora: Teve algum Diretor que não tinha uma boa relação com o reitor?

Entrevistada: Não, não eu acho que todos eram.

Entrevistadora: Então o problema quando não tinha as coisas era por conta do orçamento?

Entrevistada: Orçamento.

Entrevistadora: O que tu achas mais de diferente?

Entrevistada: Diferente, eu acho que virou Pró-reitoria aí ficou diferente, totalmente diferente.

Entrevistadora: O que foi mais impactante?

Entrevistada: Porque quando não era pró-reitoria era tudo aqui, aí eu acho que era mais unido, tu entendeu?! Quando era DAE, mas depois quando passou para Pró-reitoria parece que o Pró-reitor ficou excluído, aí ficou lá! A Pró-reitoria e a gente ficou aqui, os excluídos.

Entrevistadora: Porque aqui ficou u anexo, né? Tu sentias alguma discriminação do resto da Universidade por causa do DAE?

Entrevistada: Na época eu nem....

Entrevistadora: Tu achas que mudou muito o perfil do estudante que entra na casa?

Entrevistada: Mudou, eu acho que antes entrava quem precisava, e agora eu acho que entra, alguns que realmente precisa, mas tem outros que não precisa.

Entrevistadora: Tu percebes.

Entrevistada: É, mas a gente não pode falar nada porque é a parte da seleção.

Entrevistadora: E você acha que aumentou os estudantes que são selecionados?

Entrevistada: É, mas na época também tinha muita gente.

Entrevistadora: Quem fazia seleção era Rui, Ricardo e Inaldo.

Entrevistada: Na época! Eles iam de casa em casa, tirava foto, fazia tudo.

Entrevistadora: Tu achas que hoje tem estudante que não precisa?

Entrevistada: É, como tem estudante que eles entram e depois ele sai

Entrevistadora: E na época também não tinha isso não?

Entrevistada: Tinha, mas na época não era tanto como agora.

Entrevistadora: Entendi.

Entrevistada: Porque naquela época não era muito, assim, divulgado, assim entra na residência, naquela época não era. Tinha uns tinha, mas agora todo mundo sabe que a Universidade Rural tem residência.

Entrevistadora: E o DCE tinha alguma parceira com o DAE?

Entrevistada: Sempre teve, eu sei que depois de Inaldo, o DCE também fazia parte, né. Não com a chefia, com a seleção da residência, com agora, agora também não faz parte.

Entrevistadora: Teve alguma chateação, por parte dos funcionários, quando virou Pró-reitoria?

Entrevistada: Não, eu acho que não. Porque a gente ficou assim um pouco; “nossa agora é Pró-reitoria!”

Entrevistadora: Mas por quê?

Entrevistada: Não porque a gente estava acostumada a ser DAE, não ter um lá outro aqui, que é o anexo.

Entrevistadora: O fato de ser Pró-reitoria, o que foi que vocês ficaram assim, meio....

Entrevistada: Eu acho que a gente ficou um pouco escanteada mesmo, eles ficaram lá e a gente ficou aqui, escanteada mesmo.

Entrevistadora: Mudava muito, quando mudava as chefias?

Entrevistada: mudava muito não.

Entrevistadora: Está bom, era isso. Muito obrigada!

Entrevistada: Está, qualquer coisa. Se quiser mais alguma coisa.

Entrevistadora: Não, está bom, muito obrigada!

3ª Entrevista : Sessão I – 17/03/2022

Nome do entrevistado: Maria Francisca Pedrosa

Nome da entrevistadora: Simone Muniz da Silva

Local da entrevista: Sala da Pedagogia/Prédio Anexo da Progesti(Antigo DAE)

Projeto de pesquisa: A Política de assistência estudantil da Universidade Federal Rural de Pernambuco: uma análise de 1990 a 2005..

ENTREVISTADORA: Recife, 17 de março de 2022, a entrevistadora é Simone Muniz e a entrevistada é Maria Francisca Pedrosa, ela ocupa o cargo de Auxiliar de Nutrição e Dietética, ela trabalha na Progesti e também foi funcionário quando a Progesti era o antigo DAE, eu vou conversar com ela sobre justamente aquele período no DAE.

Maria, obrigada, por você me dar a entrevista e ajudar no meu trabalho.

ENTREVISTADA: Nada, tudo bem.

ENTREVISTADORA: Pronto, Maria! Eu queria saber um pouquinho do início da tua vida profissional aqui, quando você começou, quando foi que você veio trabalhar aqui na Rural.

ENTREVISTADA: Assim.... Eu vim trabalhar na Rural, é.... Foi por uma colega minha que era funcionária, aí teve um...um evento, aí veio um monte de gente de fora, aí estavam precisando de 10 pessoas.

ENTREVISTADORA: Uhum.

ENTREVISTADA: Para trabalhar 8 dias. 8 dias trabalhei, comecei na segunda feira[pensando] quando foi na sexta feira encerrou. Aí chegou o chefe de cozinha e disse: “- entre essas 10 pessoas termina hoje e tem 2 escolhidos...vou dizer agora o nome para vocês ficarem atentos”. Tudo bem! Aí ele disse: “- Um é Maria Pedrosa outro é Antônio”, Antônio sei lá de quê, que até faleceu esse menino, trabalhou até, parece, que foi 5 anos e depois faleceu. Depois bem! Aí eu fiquei, eu fazia todos os serviços, fiz todos, todo serviço ali eu fiz; eu trabalhei em tudo, em tudo me botaram para me provar, acho que pra mim provar da minha capacidade, né.

ENTREVISTADORA: Capacidade!

ENTREVISTADA: Né isso?! E Graças a Deus eu me dei bem.

ENTREVISTADORA: Ôh Maria, nessa época que eu viesse, nessa semana que eu viesse trabalhar já foi no restaurante?

ENTREVISTADA: Foi no restaurante; eu fui direto para o restaurante, justamente foi lá que veio o povo de fora e tinha acesso para a comida.

ENTREVISTADORA: então você já começou no restaurante?

ENTREVISTADA: Já comecei, meu primeiro dia de trabalho aqui, que foi no dia 1º de julho de 1982.

ENTREVISTADORA: Na época já era o DAE que tomava conta do restaurante?

ENTREVISTADA: Era o DAE, já era o DAE.

ENTREVISTADORA: Quem era o teu chefe na época? Era o Diretor do DAE ou era uma outra pessoa da Universidade?

ENTREVISTADA: Era uma outra pessoa, minha chefe de lá.... Foi quem? Olha, entrou tantas que eu não me recordo direito, sei que uma foi Sirlei.

ENTREVISTADORA: Uma das né?

ENTREVISTADA: Sirlei foi uma das, a outra ...foi...[pensando] que era chefe do restaurante...Zilda, uma menina que trabalhou lá, foi chefe também. Teve uma mais que eu não estou lembrada agora. Então, meu serviço era esse, a cozinha; fiz de tudo na cozinha, trabalhei até no frigorífico trabalhei, trabalhei na dispensa eu trabalhei, bandejas que era lavada na máquina eu trabalhei nela, só quem trabalhava só era homem, mas...tudo bem!

ENTREVISTADORA: Você veio para desmitificar. Que bom, Maria!

ENTREVISTADA: Aí depois, disso tudinho aí eu vim para o DAE, mas ficava.... Hora de almoço eu ia para lá, subia (para o restaurante), ficava aqui, mas subia. Era, fiquei carimbando senhas, que era por senha lá para o restaurante. Nós tínhamos um monte senhas, várias senhas; café, almoço e jantar....

ENTREVISTADORA: As três refeições, né.

ENTREVISTADA: É! E eu era quem carimbava essas senhas, aí depois passei, me tiraram da cozinha, e passei para a portaria.

ENTREVISTADORA: A entrada!

ENTREVISTADA: Na portaria. É, recebendo as senhas e botando o povo para fora. Nessa época eles tinham uma carteirinha, essas carteirinhas davam o maior trabalho na vida porque quem preparava também essas carteirinhas era agente daqui (DAE).

ENTREVISTADORA: Daqui?

ENTREVISTADA: A gente pegava as senhas, eles mostravam a carteirinha, eles entravam; se eles não viessem com a carteira, eles não entravam.

ENTREVISTADORA: Uhum.

ENTREVISTADA: E isso a gente parava até a fila, muitos que ficavam ali....

ENTREVISTADORA: oh meu Deus!

ENTREVISTADA: A gente botava o pé na catraca e eles não entravam.

ENTREVISTADORA: Um trabalho meio árduo, né Maria?

ENTREVISTADA: É, foi muita dor de cabeça. Olhe, o estudante quando ele quer ser bem bonzinho ele é, mas tem uns que não entende o trabalho da gente, não entendia o trabalho da gente. Entendeu? Que a gente estava recebendo ordem.

ENTREVISTADORA: Uhum, entendo.

ENTREVISTADA: E que a gente tinha que ir naquele trabalho. Eu sempre gostei de trabalhar certo, não é porque eu seja melhor de que os outros, mas eu faço o meu, cada um que faça o seu. Então tinha esse problema. A catraca a gente sempre teve, é como Icinho.... Icinho sempre teve trabalho na catraca. Então eu fazia esse tipo de serviço. Os estudantes comiam no salão grande, é.....os professores não podiam comer no salão grande, tinha que ir para o “opcional”

ENTREVISTADORA: Tinha um reservado?

ENTREVISTADA: tinha.

ENTREVISTADORA: Eles pagavam o valor cheio, era?

ENTREVISTADA: Eu não sei se eles pagavam, eu não estou lembrada se eles pagavam, mas me parece que eles pagavam X, não estou bem lembrada disso.

ENTREVISTADORA: Certo.

ENTREVISTADA: Mas era separado no “opcional”. E às vezes eu até arrumava confusão com alguns professores, que eles queriam entrar para conversar, eu entendia eles, para conversar com algum aluno, almoçar com eles, só que não podia.

ENTREVISTADORA: Tinha que ser um lado aluno e o outro público do outro lado?

ENTREVISTADA: Aqui, nessa época, era Célia Marinho, que era a chefe daqui, né, restaurante...pega tudo. Era ela. Então era a ordem que eu recebia, não pode de jeito nenhum.

ENTREVISTADORA: Ôh Maria, quando tu fala da carteirinha, eram todos os estudantes que tinham que ter ou era só o residente? Para poder almoçar, jantar...?

ENTREVISTADA: Todos...todos...todos tinha a carteira de R.U. Aqueles que entravam já vinha, se não tivesse a carteirinha também não entrava, vinha para cá para pegar a carteirinha que a carteirinha era distribuída aqui e era a gente mesmo que fazia, plastificava, tudo. Eu plastificava.

ENTREVISTADORA: Ôh Maria, tu passou quantos anos lá no restaurante direto?

ENTREVISTADA: [pensando]...olhe, eu acho que eu não lembro não, mas eu trabalhei...Eu tenho o quê, eu tenho....

ENTREVISTADORA: Por que teve um momento que o restaurante fechou, não foi?

ENTREVISTADA: Foi! Pronto, fechou aí a gente veio para cá, aí quando abriu a gente subiu de novo e lá vai. A gente nunca saiu do restaurante. Aí de uns anos para cá foi que eu vim direto, sai e que não quis mais restaurante e vim direto para cá (DAE). Aí fiquei direto aqui, Icinho ficou ainda lá em cima, mas eu vim direto para cá. Mas o meio tempo meu foi restaurante, meio tempo meu foi só restaurante.

ENTREVISTADORA: E dessa época do restaurante, os residentes faziam a refeição como é hoje, totalmente gratuito ou não, tu sabes disso?

ENTREVISTADA: Sempre eles pagavam uma taxazinha, sempre eles pagavam....

ENTREVISTADORA: Os residentes?

ENTREVISTADA: Os residentes? [pensando]..... Agora tu me pegou.

ENTREVISTADORA: Uhum.... Mas tem problema não, se você não lembrar.

ENTREVISTADA: Eu não recordo que eles pagavam uma “taxazinha”, eu não recordo. Sei que os outros era sempre meio, né, sempre o valor diminuído. Agora não tenho certeza, não recordo se eles (residentes) pagavam uma “taxazinha” ou era gratuito, eu não recordo isso.

ENTREVISTADORA: E nessa época, você era exclusiva do restaurante, pelo o que eu entendi, né? Mas tinha outros eventos, atividades da Universidade, nessa época aí, anos 80, anos 90 que você dava um apoio, auxiliava?

ENTREVISTADA: Não, naquela época eu só ficava no restaurante. Só era mesmo o restaurante. Agora, depois que eu passei para cá (DAE) foi que eu comecei a lidar com becas, dos estudantes que era eu que distribuía quando precisava.

ENTREVISTADORA: Quando eu cheguei aqui (Progesti) você ainda distribuía, que era tudo arrumadinho ali na sala, tudo organizado.

ENTREVISTADA: Tudo, tudo ali era eu.

ENTREVISTADORA: Aham!

ENTREVISTADA: Eu é quem era responsável pelas becas dos estudantes e dos professores.

ENTREVISTADORA: Tu começasses a fazer isso quando fechou o restaurante foi?

ENTREVISTADA: Foi... a gente começou aquela atividade mais que era eu, Rui, Sirlei, Icinho.... Para quem.... a parte de formatura.

ENTREVISTADORA: Tu me explicas Maria, como era essa questão da beca?

ENTREVISTADA: A beca era o seguinte: eles iam se formar, tinha aquela data para ele vim pegar as becas, ele vinha, tinha um formulário, não sei nem se eu tenho algum formulário ainda aí, mas tinha um formulário, eles preenchiam, tudo direitinho, endereço, tudo... tudo. Levavam a beca, eu entregava a beca a ele, entregava uma via e ficava com a outra. Então.... Ele só recebia o diploma, lá em cima (reitoria) se levasse o “nada consta” assinado por mim, como devolveu a beca.

ENTREVISTADORA: Aham!

ENTREVISTADA: Eles tinham aquele cuidado e aquele tempo também determinado, para que eles viessem entregar a beca. Também se eles não viessem eles não recebiam o diploma. Ficava lá guardado, até eles vir entregar a beca. E a formatura, como todo ano tem formatura, a gente fazia formatura, sempre foi lá no..... Como é aquele danado lá?

ENTREVISTADORA: O de Olinda?

ENTREVISTADA: Sim... como é?

ENTREVISTADORA: Centro de Convenções?

ENTREVISTADA: Centro de Convenções! Sempre foi ali. Aí ali era muito serviço, a gente trabalhava, se esforçava, mas graças a Deus, eu ficava na parte com Sirlei arrumando as flores, ia arrumar flores aqui na Rural, tudo direitinho, a gente comprava flores, tudo...tudo!

ENTREVISTADORA: Essa parte da formatura era o DAE que fazia ou tinha outros setores que ajudavam? Só você que tinham que dar conta?

ENTREVISTADA: Era o DAE, só a gente que era os “responsável”, que tinha que dar conta da formatura, negócio de cadeira lá, essas coisas. Tudo ...tudo era a gente que preparava tudo.

ENTREVISTADORA: Todo mundo se envolvia do DAE, ou era assim, você e Sirlei?

ENTREVISTADA: Era eu, Sirlei, eh Ricardo...sempre foi o “conjuntuzinho” que ia, a gente sempre trabalhou para a formatura, aquele “conjuntuzinho”. Inaldo! Na época do prof. Inaldo, ele fazia as “formatura”, tudo, tudo muito bem organizado. Sempre foi bem organizado as “formatura” que a gente fazia.

ENTREVISTADORA: Das pessoas que eu conversei até agora, as pessoas falam muito das casas, do estudante; do restaurante; da formatura e Rui falou sobre algumas festas.....

ENTREVISTADA: Sim! Pronto! A gente.... Que você falou que...lá...você me perguntou e eu tinha esquecido desse detalhe, foi bom você...tocar. A gente fazia umas festas aqui para os estudantes, era o quê? São João....essas festas era com Rui.

ENTREVISTADORA: Uhum!

ENTREVISTADA: O responsável era Rui! A gente fazia aqui na praça (em frente ao antigo DAE), tinha um toldo enorme aqui, um chapéu bem grandão que tinha aí, e a gente botava, é.... como se diz? Não sei se era com a prefeitura, não sei com que era, sei que Rui arrumava aquelas bancas, aquelas coisas para botarem aí. E a gente arrumava gente para tocar, aquele negócio todo e era muito divertido,

ENTREVISTADORA: Divertido, né! Ele (Rui) falou até, que eu conversei com ele semana passada, que você ajudava muito ele, ele me disse “- Graças a Deus, Maria Pedrosa sempre me ajudou muito! ”

ENTREVISTADA: [riso]. É porque eu tenho um negócio comigo que, quando eu entrei aqui, eu entrei com vontade de trabalhar e vou me aposentar com vontade de trabalhar.

ENTREVISTADORA: Uhum!

ENTREVISTADA: Tá entendendo? Porque não adianta depois que a gente estar no serviço, a gente ficar queimando, a gente ficar aquela coisa, eu não gosto disso, eu gosto de trabalhar. Não quero ser melhor de que ninguém, cada um faça sua parte, agora a minha eu faço. Então, eu ajudava, eu, desses todinho eu era o mais que ficava com Rui.

ENTREVISTADORA: Ele falou. El lembrou de você.

ENTREVISTADA: Virada mesmo. Os estudantes adoravam aquelas festas, foi um apena.

ENTREVISTADORA: Foi se acabando....

ENTREVISTADA: Os residentes gostavam demais,

ENTREVISTADORA: Tu achas que porquê que se acabou isso?

ENTREVISTADA: olhe, eu não sei, eu não sei nem te explicar, o porquê se acabou. Eu não sei nem por que, porque a gente fazia é.... Bingo! Não sei ele falou isso com você, sei que a gente fazia uns “bingozinho” com os meninos, a gente fazia rifa, dava para os estudantes vender e

“recardar” para a gente comprar as coisas; bebidas, essas coisas para eles; comida. Sei que eles adoravam essa festa.

ENTREVISTADORA: E essas festas era para todos os alunos ou só para os residentes?

ENTREVISTADA: Geralmente foi para os residentes porque se a gente fosse fazer para todos, a gente não podia fazer para todos. A gente fazia para os residentes. Certo. A gente sempre fez para os residentes, essa festa aqui campal.

ENTREVISTADORA: uhum!

ENTREVISTADA: Como o prof. Inaldo fez na...na... umas duas ou foram três, não lembro.

ENTREVISTADORA: Então até a época de Inaldo se tinha, né?

ENTREVISTADA: Tinha, que a gente fez ali no....no.... lá na Agronomia, que tem?

ENTREVISTADORA: Associação?

ENTREVISTADA: Associação! A gente fez ali. Era! E os estudantes adoravam. Professor botava bifê, era muito bom!

ENTREVISTADORA: E aproximava vocês dos estudantes.

ENTREVISTADA: Era! Era porque esses estudantes... esses estudantes de antigamente, eu não sei, à época, porque eles eram tão unidos, tão humildes fazia com que a gente mesmo, gostava deles mesmo, eles gostavam da gente, eles ajudavam a gente, era aquilo que eles davam uma força. A gente dava uma força para eles e eles dava uma força para a gente.

ENTREVISTADORA: Uhum!

ENTREVISTADA: Como hoje em dia, não estou falando de hoje em dia; hoje em dia tem estudantes muitos bons, em uns que dá uma dorzinha de cabeça, mas isso é necessário. Não é verdade?

ENTREVISTADORA: É verdade.

ENTREVISTADA: Você sabe, isso ninguém pode nem....

ENTREVISTADORA: Em todo lugar, né? Até na família da gente tem gente assim.

ENTREVISTADA: Então os estudantes, eu não tenho o que dizer dos estudantes. Sempre trabalhei, minha cabeça nos cabelos brancos sempre foi com estudante.

ENTREVISTADORA: Desde lá no começo...

ENTREVISTADA: Comecei no restaurante até agora. Quando.... *pausa*aí veio a parte da...da... foi a professora Trabalhei com aquela japonesa, como é o nome dela?

ENTREVISTADORA: Shinohara!

ENTREVISTADA: Foi do restaurante também ela.

ENTREVISTADORA: Uhum! Quando reabriu o restaurante em 2009, 2010?

ENTREVISTADA: Foi, trabalhei também com ela.

ENTREVISTADORA: Eu lembro que você voltou, que você subia e....

ENTREVISTADA: Foi, trabalhei também com ela. E aqui, foi aquela menina, trabalhei também com ela, antes de Ana (Paula) era...[pensando]

ENTREVISTADORA: Maria Rita!

ENTREVISTADA: Maria Rita! E Maria Rita gostava muito de mim, como gosta ainda, quando me encontra, onde me encontra é aquela...

ENTREVISTADORA: Ela é ótima.

ENTREVISTADA: Aí foi quando eu comecei mais me aproximar da residência.

ENTREVISTADORA: Através de Maria Rita foi?

ENTREVISTADA: É porquê...é... não foi tanto, tanto, tanto assim, de eu ficar no Condomínio (Luiz Gonzaga), tomar a frente mesmo foi depois de Ana (Paula).

ENTREVISTADORA: Você veio deu uma força a Ana....

ENTREVISTADA: Mas com Rita (Maria Rita) sempre eu ia, via um gás, sempre, sempre, eu aqui, juntava com Maria (Carlos) e ia na casa. Antes também, lembrei! Eu ia nas casas toda semana, com um “protocolozinho” eles assinavam o que queria, o que não queria e tal. Está entendendo? Eu trazia e entregava, gás, uma coisa e outra...

ENTREVISTADORA: Então você também se envolvia, né, com a casa?

ENTREVISTADA: E depois de Ana (Paula) foi o seguinte, o prof. Júnior (atual Pró-reitor) falou o seguinte: -“ Maria, Maria Pedrosa! Você fica com Ana, tome conta de Ana e Ana vai tomar conta de você, fique com Ana na residência”. Aí foi quando eu vim me envolver mesmo assim. Sempre eu fui envolvida! Mas aí foi que eu fui me envolver mais, com Ana.

ENTREVISTADORA: Uhum.

-----pausa em decorrência da Interrupção de um colega de trabalho-----

--

ENTREVISTADA: Aí me envolvi mesmo na residência, até hoje, ainda tô. Pronto! Agora foi Camila (atual coordenadora de residência). Eu creio que seja uma coisa, para ela eu creio que seja, até porque ela começou agora, não é?! E eu já fazia tempo, tem coisas que ela não sabia de jeito nenhum porque não trabalhava aqui, com a gente aqui. E eu tô dando um apoio a ela, viu.

ENTREVISTADORA: Ôh, Maria, dessas atividades todas, assim, que você já passou né; casa, restaurante, eventos e tal.... Tem algum, assim, que você achou que foi mais difícil? Ter que lidar, ter que fazer? Que foi assim mais complicado?

ENTREVISTADA: Olhe! Mais complicado O mais complicado mesmo era a....a hora de distribuir as senhas para aqueles moços entrarem, ali (restaurante) sempre foi complicado!

ENTREVISTADORA: quando eles eram contrariados....

ENTREVISTADA: Sempre dava dor de cabeça, eles (estudantes) quando não gostavam de uma coisa, ou.... ele sempre fazia alvoroço dentro do restaurante. Eles batiam naquela bandeja, o restaurante cheio, para eles baterem o garfo tudinho de uma vez só, nas bandejas, eles passavam mais de cinco, dez minutos: pá! pá! pá! pá! pá! pá! pá! pá!

ENTREVISTADORA: Vocês lá dentro.

ENTREVISTADA: Lá dentro mesmo! A gente ficava ali parados!

ENTREVISTADORA: Eles faziam isso quando, quando a comida não tava boa, era?

ENTREVISTADA: Qualquer coisa que eles cismavam, tinha esse negócio do DCE, essas coisas né... sempre aí tinha aqueles “líder”, aquelas coisas.... Eles iam para lá e fechavam mesmo.

ENTREVISTADORA: Qual era a orientação, nessas horas para vocês?

ENTREVISTADA: Pra gente, a gente ia ficar calado, a gente não ia... Por mim podia bater o dia todinho.

ENTREVISTADORA: [risos]

ENTREVISTADA: Ninguém dizia nada, ninguém falava nada.

ENTREVISTADORA: E a orientação daqui (antigo DAE) era essa mesma?

ENTREVISTADA: É! Não tinha como a gente entrar ali e dizer > “não faça isso!” E não sei o quê Não tinha como! Não tinha como! Como hoje em dia se eles for fazer , a gente tem que ir ao chefe e o chefe é quem vai determinar o que vai fazer.

ENTREVISTADORA: Você me falou da relação com os estudantes já, né? Você me disse que era melhor por aqui na casa, na época das festas, no restaurante era mais complicado, por conta dessas coisas. E com os colegas de trabalho, tua relação com esses colegas de trabalho todos que tu já passasse?

ENTREVISTADA: Olhe. A minha relação com os colegas de trabalho, eu nunca tive problema nenhum com funcionário nenhum.

ENTREVISTADORA:: Uhum!

ENTREVISTADA: Nunca! Nunca! Nunca! Nunca! Eu sempre procurei fazer o meu. Certo?! Eu sempre procurei não prejudicar ninguém, nem ninguém tem quis me prejudicar. Os colegas de trabalho, graças a Deus! Sempre.... Eu não tenho o dizer dos meus colegas de trabalho.

ENTREVISTADORA: E com as chefias? Com os chefes?

ENTREVISTADA: Não! Também não. Nunca tive. Nunca tive. Eu só tive um problemzinho assim, foi até bobagem... que me parece que eu levei um dia de suspensão[risos]. Foi! Um dia de suspensão.....(pausa) Eu não lembro direito, faz tempo, faz tempo....

ENTREVISTADORA: Foi lá atrás, foi?

ENTREVISTADA: Foi! Só que eu não lembro direito, só que eu tive um dia de suspensão, só um dia, mas eu tive.

ENTREVISTADORA: Só essa questão.

ENTREVISTADA: E não sei nem como foi. Eu fiquei até, assim “meia” triste porque eu levei aquilo ali até sem merecer, né! Até sem merecer.

ENTREVISTADORA: Entendo!

ENTREVISTADA: Mas também, hoje em dia eu falo com quem me deu essa.... Esse, esse dia de suspensão e também nunca falei nada para ela, nem para ninguém, pronto e levei e está tudo bem.

ENTREVISTADORA: Ôh Maria, quando tu entrou aqui, tu entrou naquele sistema que Icinho entrou de “recibado”?

ENTREVISTADA: Recibado... Recibado! Inclusive quando completou, era recibado, quando completou um ano certinho assinaram minha carteira e eu não perdi nem um dia.

ENTREVISTADORA: Que bom!

ENTREVISTADA: Eu não perdi nenhum dia.

ENTREVISTADORA: Ele (Icinho) me contou que o dele foi assim também e como ele entrou quase na sua época....

ENTREVISTADA: É! Aí graças a Deus eu não perdi nem um dia, assinaram e eu não perdi.

ENTREVISTADORA: Você foi a única pessoa da sua família que trabalhou aqui na Rural?

ENTREVISTADA: Não! Meu pai foi vigilante daqui.

ENTREVISTADORA: Foi mesmo?

ENTREVISTADA: Meu pai se aposentou aqui, vigilante da Rural.

ENTREVISTADORA:EU lembro quando entrei na Progesti, ele ainda vinha, né... Ele vinha conversava com você. Eu lembro dele.

ENTREVISTADA: É! Meu velhinho. Muito.... Nunca levou uma falta! Nunca. Nunca...nunca!

ENTREVISTADORA: Você teve a quem puxar!

ENTREVISTADA: Tive um irmão também que trabalhou aqui, foi vigilante também.

ENTREVISTADORA: Eles entraram (na UFRPE) antes de você né?

ENTREVISTADA: Não! Meu pai foi antes e meu irmão foi depois, depois de mim. Vigilante também... faz o quê? Faz uns, acho que faz uns quinze anos, eu acho. Doze, treze, eu não recordo bem, que ele faleceu. Ele faleceu ainda estava na ativa.

ENTREVISTADORA: Antes era o DAE- Departamento de Assistência Estudantil, depois virou Pró-reitoria. Tu olhando, assim, mudou muita coisa, do DAE para a Progesti? No trabalho? No teu trabalho do dia a dia, quando teve essa mudança?

ENTREVISTADA: É[pensando] até porque a Progesti, vamos dizer, coisas novas! Veio muitas coisas novas, e como teve essas viagens, que antes eu não fazia, essas viagens que a gente sai, vai viajar com vocês, com o grupo, tal, passa dois dias, três, não tinha. Eu nunca fui.

ENTREVISTADORA: Que é aquele evento que a gente faz anual, né? Para discutir o planejamento estratégico e o relatório de gestão.

ENTREVISTADA: A gente já foi para um bocado de lugar já, né?

ENTREVISTADORA: Foi; Gravatá, Garanhuns...né!

ENTREVISTADA: Eu gosto muito daquilo, eu achei aquilo ali muito bom, pra Progesti.

ENTREVISTADORA: Uhum!

ENTREVISTADA: Pra Progesti! Porque aí é aquele negócio que, vocês, a gente tudo em conjunto, muita cabeça é melhor de que uma só.

ENTREVISTADORA: É verdade! É a oportunidade de um conversar com o outro.

ENTREVISTADA: É a oportunidade de conversar, de conhecer gente lá fora, eu achei muito bom. E eu acho que teve várias mudanças para o bom, para o bem.

ENTREVISTADORA: Quando mudou do DAE, porque vocês estavam acostumados com um tipo de dinâmica, com um tipo de chefia, quando mudou do DAE para Pró-reitoria, algumas pessoas sentiram mais, ficaram meio chateados. Porque virou Pró-reitoria.

ENTREVISTADA: Olhe...[pensando]

ENTREVISTADORA: não você, necessariamente.

ENTREVISTADA: Olhe, aqui a turma, eu não achei diferença não. A turma não achou diferença não. Se acharam foi para si e não...

ENTREVISTADORA: Não compartilharam.

ENTREVISTADA: Eu mesmo, para mim foi beleza, não tenho nada o que falar por que “ O DAE era melhor, a Progesti piorou”. Não! Não, melhorou! Melhorou! Porque cresceu, cresceu mais. Não tinha aquele condomínio (Luiz Gonzaga), que agora tem aquele prédio, aquele condomínio, só era a casa 02, casa 04 e agora tem essa multidão de gente, até isso, tudo melhorou. Essa gestão mesmo, eu não tenho o que dizer dessa gestão. Não tenho de jeito nenhum porque eles me tratam bem, faço meu serviço, creio que gostam, porque se não gostasse não me chamava para mim fazer parte de alguma coisa.

ENTREVISTADORA: Não tiravam você de casa.

ENTREVISTADA: É[risos], não me tiravam de casa, e eu estou aqui.

ENTREVISTADORA: E quando você olha para trás e pensa: “ Eita, essa época era boa! ” Qual a melhor época?

ENTREVISTADA: Pronto, essa época dessas festas, que a gente fazia festa junina, era muito bom, muito bom. Essas festas a gente se divertia muito, divertia os estudantes, os residentes, e se divertia também. Porque a gente trabalhava se divertindo, era uma coisa que a gente trabalhava se divertindo.

ENTREVISTADORA: uhumn!

ENTREVISTADA: A gente dava conta do serviço da gente, todo, desde o começo até o fim, a gente dava conta e por fim dava tudo certo. A gente não tinha depois porque ficar com dor de cabeça porque aconteceu isso, aconteceu aquilo. E era até na época de quem, meu Deus! [Pensando]....

Eita, eu não lembro agora de quem era essa época. [Pensando].....Eu não lembro! Mas era bom, a chefia tudo bem, tudo... tinha outra época também que eu gostava, que era a época de candidatura, né.

ENTREVISTADORA: hum!

ENTREVISTADA: Que tinha eleição para reitor! [Riso]

ENTREVISTADORA: A época turbulenta da eleição, né[risos] era bom também, né?

ENTREVISTADA: [risos] aquela época da eleição, eu gostava daquela época. Porque a gente corria atrás, a gente trabalhava, a gente corria, a gente se esforçava para o candidato que a gente queria, tava apoiando...E eu gostava muito. Eu gostava dessa época; a gente saía, ia pra...pra Camaragibe não, São Lourenço! Ia por aquelas bandas, por ali afora.

ENTREVISTADORA: E os candidatos ganhavam? Que vocês apoiavam?

ENTREVISTADA: Ganhava, sempre ganhavam! E a gente gostava muito. [Risos]... Dr. Batista, trabalhei muito para Dr. Batista aí veio.... Veio muitos, né! Depois de Dr. Batista, a gente apoiava e ganhava. Quando não ganhava a gente ficava triste, mas também é a....

ENTREVISTADORA: a democracia, né?!

ENTREVISTADA: a democracia, exatamente! Essas festas alegravam muita gente.

ENTREVISTADORA: Foi um período especial na tua memória, né?

ENTREVISTADA: Foi....foi... é porque é aquilo que a gente fazia os estudantes ter um lazer

ENTREVISTADORA: Uhum!

ENTREVISTADA: Está entendendo? Ter um lazer. Aqui o que falta, aqui... que eu sempre pensei nisso, é uma área de lazer para a gente que não tem, nunca teve nessa repartição. O sindicato faz, sindicato todo faz um “lazerzinho”, vai para uma granja, vai para um canto, vai para outro, mas a repartição mesmo, para dizer assim “ A repartição! ”, a gente não tem essa área de lazer, assim, que diga; a gente vai se divertir hoje, hoje é o dia da gente....

ENTREVISTADORA: Só um dia para se divertir, né!

ENTREVISTADA: Dia dos funcionários, dia 28 de outubro, né, parece, se não for o sindicato a gente passa batido.

ENTREVISTADORA: Então a Universidade tem essa dívida, né? Nunca teve Maria? Por exemplo, aqui no DAE?

ENTREVISTADA: Não! Agora festa, sempre...sempre a gente fazia. Inaldo, sempre foi Inaldo; grande chefe, um cara muito legal, um professor fora de série. A gente alugava, fazia uma cota e tal e alugava uma granja lá em Aldeia, e aí a gente fazia a festa da gente.

ENTREVISTADORA: Mas aí era vocês quem custeava!

ENTREVISTADA: Não era a repartição, era a gente quer...

ENTREVISTADORA: Não era a Universidade que promovia isso.

ENTREVISTADA: Não era a Universidade, para dizer assim; “É a Universidade que vai...” A Universidade o que fazia era Natal, aquelas festas que tinha papai Noel.

ENTREVISTADORA: Natal solidário, que era para comunidade toda!

ENTREVISTADA: Para a comunidade toda, não era dizer que era para os funcionários. Acho muito que a repartição deve isso aos funcionários.

ENTREVISTADORA: Falta isso, né.

ENTREVISTADA: Eu acho, o sindicato sempre ele.... Ou bom ou ruim... sempre ele faz, sempre fez.

ENTREVISTADORA: E algum período ruim da Universidade? Não necessariamente no DAE.

ENTREVISTADA: Olha, a Universidade sempre foi aquilo mesmo, o dia a dia da Universidade, entra reitor, sai reitor e tal. Sempre é aquilo que...eu não sei! Eu não tenho que dizer de período ruim de dizer; “foi péssimo e a gente ficou se escabelando, porque o reitor fez isso com a gente, um chefe fez isso com a gente”. Não! Eu não recordo, para mim não teve esse dia não. Tudo normal.

ENTREVISTADORA: Eu ia te perguntar da reabertura do R.U.

ENTREVISTADA: Eu não estou recordando nem quantos tempos ele... tá entendendo?

ENTREVISTADORA: Não, tudo bem!

ENTREVISTADA: Mas sempre quando reabria, a gente estava tudo em cima, quem era os chefes nas épocas sempre fez de tudo para que o restaurante funcionasse. Que desde da minha época, é aquele negócio; entra chefe e sai chefe e eu aqui. Eu entrei em 82 e é reitor e é chefe e tal, aquele negócio e sempre eu aqui, sempre na repartição. Então é aquele negócio, todos que passaram por aqui sempre se esforçaram muito com o restaurante. Que o restaurante, eu acho que é o coração da repartição! Assim, dos estudantes, o restaurante é aquele...

ENTREVISTADORA: Uma vez a Bibliotecária me disse que pode não ter aula, mas o restaurante tem que estar aberto, aí fica normal.

ENTREVISTADA: Fica tudo normal! Você quer ver achar ruim, fecha o restaurante dois dias, três dias, que eles ficam tudo.... Por isso que eu digo; que o restaurante é a chave da repartição, inclusive também essas casas de residentes que tem.

ENTREVISTADORA: Tu percebes algo de diferente dos residentes que entravam antes para os de agora?

ENTREVISTADA: Olhe, os residentes de antigamente, sei lá, eu acho que eles tinham mais aquela vontade de estudar, ser mais ligado, sei lá. Parece que eles se ligavam mais no estudo, assim de estar direto nos estudos e tal. Aí pouca coisa também, não era essas coisas todas, mas eu acho que tinha alguma “diferençazinha” deles. Besteira, mas teve.

ENTREVISTADORA: E era menos, né?! Uma quantidade menor, né!

ENTREVISTADA: Era menos! Era menos! E antigamente os residentes que se soubesse que ele estava trabalhando fora, ele era convidado para deixar a casa. Ele não podia ter, assim, comprar um carro, comprar moto, essas coisas. Se você é estudante e compra uma moto, então você tem uma renda, tem alguma coisa. Então deixa para aquele que não tem nada. Sempre aqui foi assim. No início, sempre foi assim. Os estudantes, soubesse que trabalhava, qualquer coisa, eles eram convidados a deixar a casa. E deixava a vaga para uma outra pessoa. Sempre foi assim.

ENTREVISTADORA: Tem essas diferenças também, né!

ENTREVISTADA: Tem essa diferença.

ENTREVISTADORA: Ok, Maria! Muito obrigada.

2ª Entrevista : Sessão I – 11/03/2022

Nome do entrevistado: Rui Ricardo de Almeida

Nome da entrevistadora: Simone Muniz da Silva

Local da entrevista: Sala do Serviço Social/Prédio da Progesti Anexo(antigo DAE)/UFRPE

Projeto de pesquisa: A POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL DA UFRPE: Uma análise de 1990 a 2005.

Entrevistadora: Recife, 11 de março de 2022, essa é a segunda entrevista do projeto de pesquisa “A POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL DA UFRPE: Uma análise de 1990 a 2005”, do Programa de Pós-graduação em história da UNICAP. Eu vou conversar com Rui Ricardo de

Almeida, atualmente aposentado e desempenhou o cargo de Assistente em Administração no antigo DAE, atualmente Progesti.

Rui, obrigada por você aceitar falar comigo.... E me diz aí Rui, como foi o início do teu trabalho na UFRPE?

Entrevistado: No DAE, né?

Entrevistadora: Não, na Universidade Rural, quando tu chegou aqui.

Entrevistado: Eu tive acesso logo no Departamento Pessoal da Universidade Rural, né, aí depois do Departamento Pessoal, eu fui para a comunicação, com Taciana que era a chefe, na época, aí depois eu fui transferido. Eu pedi para ser transferido à noite, trabalhava de tarde e de noite no DLCH; Departamento de Letras e Ciências Humanas. Trabalhei um ano e meio na secretaria do departamento, DLCH. Aí depois Roberto, que era funcionário daqui do DAE, falou com a professora Célia Marinho, a prof. ^a Célia Marinho estava a fim de uma pessoa que soubesse fazer festa, trabalhar com a cultura, com a.... botar o setor de festa, né. Que aqui no DAE tinha uma seção sociocultural que estava em aberto, esse setor de festas e eventos, aí Roberto me apresentou à prof. ^a Célia Marinho e eu fiquei aqui no DAE, entrei no DAE em 87.

Entrevistadora: No DAE em 87?

Entrevistado: É! Que era DAE antigamente; Departamento de Assistência Estudantil, que era aqui nesse mesmo local, sempre foi aqui, nesse mesmo local. Teve um acidente aqui, estava pra cair as paredes, a gente se mudou para o prédio do DLCH, a gente passou um tempo lá numas duas salas lá, no DLCH, depois a gente voltou, depois da reforma daqui....

Então eu fiquei trabalhando com a prof ^a Célia Marinho né, fiquei nessa chefia; “seção sociocultural”, que era uma chefia muito boa,

Entrevistadora: Era uma chefia?

Entrevistado: Era, uma chefia muito boa, muita gente tinha olho grande por essa chefia porque o valor dela era baixo, era de um salário mínimo, quando foi na isonomia em 87 que foi em abril ela passou para cinco salários mínimos. Aí até professor tentou me derrubar aqui, né. E a gente aqui também, né, querendo me derrubar. Mas graças a Deus eu fiquei e prof^a Célia continuou e disse “– Não, o homem é Rui, Rui é quem fica com a chefia, Rui é o homem das festas”. Aí eu fiquei fazendo as festas, Maria Pedrosa ficava me ajudando também nas festas, graças a Deus me ajudou muito. A gente fazia festa quase todo mês no DAE, no Departamento de Assistência Estudantil, com os D.As, né. Aí eu fiquei responsável também pelos DAs da Universidade e o DCE, né. Aí todo evento com DAs, que era os Diretórios Acadêmicos da Universidade, todos os cursos né, e o DCE a gente fazia festa com eles, né. Eventos.... Aí depois prof^a Célia inventou umas bolsas aí em convênio com o Estado de Pernambuco, a gente

descobriu, que bolsa foi essa que foi o maior sucesso aqui no DAE, né. A gente conseguiu mais de 200 bolsas em convênio de estágio com o governo do Estado de Pernambuco e por coincidência eu não sabia, de vez em quando eu encontro alguns estudantes; “- E aí tu estas aonde? ” Aí os estudantes “-Eu estou no Estado, não foi o senhor que me indicou para ser estagiário lá? E eu não fiquei no Estado”

Entrevistadora: Eita!

Entrevistado: Foi.... A gente chegou a colocar, assim 200, 300 pessoas no Estado, em convênio com o DAE, naquele tempo, né. E esse pessoal ficou, uma boa parte. Uns 100 ficaram como funcionário, foram contratado, né. Aproveitaram como estagiário e automaticamente foram contratados, não fizeram concurso, ficaram com esse convênio que a gente tinha do DAE.

Entrevistadora: Por que entraram antes de 88?

Entrevistado: É. Sim! O DAE também, quando eu cheguei aqui o DAE tinha uma bolsa de trabalho, essa bolsa para quem era residente, aí tinha essa bolsa trabalho; essa bolsa era para residente e era para o pessoal de fora também, estudante de fora que fazia curso aqui. Então essa bolsa trabalho, ainda me lembro que eu dei declaração também, servia para o pessoal ser estagiário aqui durante três, quatro horas na Universidade, né, em todos os departamentos, que no DAE a gente tinha também, e essa bolsa valia para aposentadoria e muita gente vinha aqui pegar declaração para aposentadoria, muita gente com 35, 40 anos, sabe?! Aí valia também. Era uma bolsa trabalho, valia para contar tempo de serviço. Aí muita gente também pegou aqui nessa época.

Entrevistadora: Rui, essa “bolsa trabalho”, os residentes podiam ter ela, era?

Entrevistado: Não, podia também, se não me engano, podia também. Foi logo quando eu cheguei aqui. Já tinha acabado esse negócio, mas a gente podia dar as declarações. O DAE, né. Estava no arquivo, a gente mandava eles para os arquivos e dava as declarações. Eles faziam lá o levantamento, o tempo deles e a gente dava. O DAE, né.

Então eu sempre trabalhei aqui no DAE, eu trabalhei com seleção de residência também, na comissão; eu, Marilene, Claudio Ubirajara Bastos, depois entrou Ademir Rosas de Assis, como Diretor da divisão também. Trabalhei muito tempo.

Entrevistadora: Como era essa seleção, Rui? Esse diretor Ademir, entrou no lugar de Célia Marinho?

Entrevistado: Não, ele entrou na divisão. Ele entrou no lugar de Marilene. Chamava ela, “a gorda”, né. Uma bem “altona”

Entrevistadora: Era tipo uma coordenação?

Entrevistado: Não, era diretor de divisão, era divisão. Prof^ª. Célia era a Diretora. Porque eu entrei com a prof^ª Célia Marinho, né.

Entrevistadora: Uhm.hum.

Entrevistado: Aí depois de Célia Marinho entrou Edmar Lira, que é o de Alagoas, professor de Alagoas; aí depois de Edmar Lira entrou um professor....deixar ver....[pensando] estou esquecido o nome dele, é até de Agronomia.... Aí depois desse professor.... meu Deus, como é o nome dele? Estou esquecido! Aí depois dele, deixa eu ver....Entrou Inaldo Galdino Menezes

Entrevistadora: foi antes do Prof. Valberes!

Entrevistado: E hoje o Pró-reitor, né, o prof. Júnior. Aí o DAE passou a ser Pró-reitoria com o professor Júnior.

Entrevistadora: Mas tu ias falar residência, da seleção....

Entrevistado: É, eu fazia parte da comissão, né. Eu era membro, então na época eu era do Conselho Universitário da Universidade Rural de Pernambuco, eu fui eleito para ser conselheiro da Universidade. Entrou quatro funcionários aqui na Rural, eu fui o quarto mais votado, né, dos quatro. Quase que eu não fico porque eu botei Marilene daqui do DAE para ser minha suplente, aí muita gente no sindicato não gostava de Marilene porque dizia que Marilene era de direita, não sei o quê.....Aí quase que eu não entro. Eu entrei por causa de um voto só na comissão. Fui eleito passando um voto a mais, mas eu entrei, graças a Deus. Então eu fiquei no conselho universitário da Universidade Rural e aqui, trabalhando aqui. Aí o conselho universitário.....de 15 em 15 dias a gente se reunia. E eu sou o autor dessa lei dos residentes da Universidade Rural, que os residentes só tinham um representante, no DAE. E o DAE tinha a maioria. O DAE tinha três da comissão e o Diretor do DAE também fazia parte da comissão

Entrevistadora: Uhm.hum.

Entrevistado: Aí eu fiz o projeto lá, foi aprovado no Conselho Universitário, para cada casa botar um residente como representante, ta entendendo? E além do representante do DCE.

Entrevistadora: Isso foi quando, Rui?

Entrevistado: Isso faz tempo, viu! Já faz uns 20 anos, quando eu era do Conselho Universitário da Universidade. Aí a gente mudou esse sistema, aí muita gente da Universidade, da diretoria, da direção da casa não gostou não, muitos professores não gostaram. Mas eu disse assim “- Qual o interesse que o DAE tem, né, o DAE tem

interesse em botar os residentes, para quê Universidade ter maioria? Aí cada casa tem um representante e o DCE tinha um representante também.

Entrevistadora: Quer dizer que antes era só o DAE mesmo que fazia a seleção para ir para as casas?

Entrevistado: Era.... Nós não tínhamos Assistente Social, depois entrou 2 Assistentes ou foi 3, se não me engano, e entrou 3 ou 4 psicólogos aqui no DAE, né. Nós não tínhamos, na época.

Entrevistadora: Uhumn.

Entrevistado: Aí depois entrou, né.... Aí com vocês, agora há pouco, com uns seis, sete anos para cá, vocês foi que assumiram a seleção da residência estudantil.

Entrevistadora: Mas me conta como era, a seleção.

Entrevistado: Não, eu fazia parte, né. Eu não era assim.... Eu era membro, membro

Entrevistadora: Aí a comissão era tu, Claudio Ubirajara, Marilene....

Entrevistado: Aí depois chegou Ademir, né. Ademir ficou no lugar de Marilene. Foi na época de Edmar Lira.

Entrevistado: Era o Diretor do Departamento?

Entrevistado: Não, O Diretor da Divisão, do Departamento não, era o Diretor da divisão que ficava comandando, era o presidente da comissão, né, de Residência.....Eu e Marilene. Às vezes ficava 3 ou 4, sim ...Isolda também, uma funcionária; Isolda Vila Nova Marinho, ela já faleceu, colega da gente daqui.

Entrevistadora: Aí vocês recebiam os residentes, recebiam documentos, como era, recebiam documentação também?

Entrevistado: Era, a gente recebia documentação e ia visitar os residentes, nas casas deles né.

Entrevistadora: Já tinha previsto (visita domiciliar)?

Entrevistado: Já. Às vezes a Universidade não tinha verba, era uma dificuldade para encontrar a verba para a gente viajar. Mas de vez em quando a gente viajava, na época o prof. Inaldo e Ricardo Rego.

Entrevistadora: Mas antes, dos outros?

Entrevistado: Não, dificilmente a gente viajava, tinha não, praticamente tinha não, tinha visita não, tinha não. Era muito complicado antigamente, né

Entrevistadora: Uhumn.

Entrevistado: Às vezes tinha estudante que falsificava, tinha gente que morava aqui em Recife também, que falsificava.

Entrevistadora: Que dizia era do interior....

Entrevistado: É. Não era uma seleção 100% perfeita, né. Era um pente, assim...60%, 70% do jeito que a gente fazia....aí depois foi melhorando, aperfeiçoando, na época da residência. Também tem...é...a prof^a Célia Marinho, na época dela, que o DAE com ela era muito desenvolvido. A mulher era danada ela. Prof^a Célia Marinho em um semestre só ela fazia 400, 500 memorandos, por aí você tira. De trabalho né. E ofício era 150, 200 ofícios, num semestre.

Então ela conseguiu no Rio Grande do Norte, na Universidade do Rio Grande do Norte um curso preparatório ao pré-vestibular, se não me engano a Universidade Rural foi a primeira em Pernambuco a inventar isso; curso preparatório em pré-vestibular. Então o coordenador era eu naquela época, ela me colocou eu como coordenador e todo sábado tinha aula aqui; os alunos formando da Universidade Rural de Biologia, Química, Física, Matemática, né, e outras coisas mais, eles ensinavam esse pessoal e era remunerado. A gente cobrava, vamos dizer, 10 reais, naquele tempo, né.

Entrevistadora: Aham.

Entrevistado: Aí os 10 reais, juntava naquele tempo. A gente chegou a ter 40, 50 alunos; todo sábado aqui na Universidade Federal Rural de Pernambuco. Aí esse dinheiro que o DAE arrecadava era para pagar esses alunos daqui da Rural, 3 ou 4 professores que dava aula aqui todo sábado.

Entrevistadora: A Universidade não cobria, não dava nada, uma bolsa?

Entrevistado: Não, a Universidade não cobria, que era um negócio que não era muito regularizado, né, era pelo DAE, né.

Entrevistadora: Uhm.

Entrevistado: Então todo sábado eu estava aqui, comandando o pessoal, ficando com o pessoal.

Entrevistadora: O DAE fazia muito coisa, né Rui, diferente da casa.... Né!?

Entrevistado: Fazia. Aí a Pró-reitoria de Ensino não gostou, a Pró-reitoria de Ensino disse: “-Não, isso é para a gente”, prof. Murilo, na época. Aí ficou né.... em cima, em cima até acabar, foi. Ele não gostou, mas a Pró-reitoria de Ensino não inventou, quem inventou foi a gente e deu certo. A prova é tão grande aí que você vê, hoje tem na universidade federal, tem na católica, em todo lugar tem curso preparatório ao pré-vestibular.

Entrevistadora: É

Entrevistado: Aqui, começou aqui, na Rural de Pernambuco.

Entrevistadora: Agora, tu falando assim, por que eu pensava que o DAE fazia só: residência, restaurante...mas tinha muito mais coisa...

Entrevistado: Tinha. O DAE, a gente tinha convênio com a comunidade também, daqui de Dois Irmãos, eu participei até aqui com a comunidade, a gente fazendo até aquele negócio de... a gente escolheu um professor de artesanato, ele vinha para cá, tinha essa sala aqui, essa salinha (atual Serviço Social) funcionava setor de artesanato, boneco de barro, boneco de pano, bola de pano, vinha muita gente da comunidade, e eu ficava coordenando aqui também. Nós tínhamos uma banda musical na Universidade Federal Rural de Pernambuco, seu Durval era quem tomava conta da banda de música na época de professora Célia

Entrevistadora: Também era vinculado ao DAE?

Entrevistado: Vinculado ao DAE, era uma banda de música, tinha.

Entrevistadora: Ôh, Rui, durante esse tempo todo tu sempre fosses dessa chefia?

Entrevistado: Fiquei muito tempo, fiquei até a época de prof. Inaldo com ela, passei uns 10 anos ou 12 com essa chefia, que a gente sempre desenvolvia o trabalho do DAE, a gente desenvolvia muito com festas, com eventos, sempre tinha direto, todos os eventos, então minha função era mais essa, né. Aí depois veio a tecnologia, um negócio de computador, aí caiu mais o movimento, né. Aí até prof. Inaldo ainda tinha umas festinhas, aí depois não foi acabando as festas, com os residentes, tudo. Aí eu fiquei sem a chefia.

Entrevistadora: Essas festas eram com os DAs, era?

Entrevistado: Era. Os DAs, eu arrumava banda de rock na época, banda popular. Tinha semana aqui que a gente tinha 5, 6 bandas quando tinha festa. Tudo contratado pelo DAE, mas você diz: "-Mas Rui e esse pessoal?" Esse pessoal vinha de graça às vezes, às vezes a gente tirava uma besteira né, as vezes prof^a Célia conseguia na Reitoria, né, uma ajuda de custo ou do restaurante; a gente levava eles para almoçar no restaurante grátis, né...eles jantar grátis lá, né. E nas barracas de bebida, a gente tirava assim, meia dúzia de cerveja nas barracas para ajudar os músicos, né, para eles beberem aqui, era muito bom! Dava mil pessoas, mil e quinhentas aqui de noite, muita gente mesmo.

Entrevistadora: Muita gente.

Entrevistado: O DAE era muito desenvolvido. A gente ficava até de madrugada aqui trabalhando.

Entrevistadora: Ôh, Rui, essa coisa dos residentes, porque hoje os residentes, eu só sei o que é hoje, né, os residentes ele entra na casa, ele pode fazer a refeição de graça no restaurante e ele ainda recebe um auxílio. Como era naquela época?

Entrevistado: É, antigamente não tinha o auxílio, né. Não tinha, mas a alimentação sempre teve.

Entrevistadora: De graça?

Entrevistado: De graça. Quando o restaurante fechava a gente entregava a alimentação residência. Na sexta para sábado e domingo.

Entrevistadora: Uhum.

Entrevistado: Naquele tempo eles não tinham computador, hoje já tem né, hoje melhorou. Tem essa bolsa deles né, hoje tem assistência odontológica, assistência médica. A situação melhorou muito, assim, para os residentes. Hoje tem aquelas máquinas modernas para lavar roupa, antigamente era no tanque, lavava na mão, era difícil, era uma situação muito difícil, eu visitava as residências.

Entrevistadora: Eram as três casas?

Entrevistado: Era, prof. Inaldo mandava eu visitar as residências. De vem em quando eu ia, eu não era o chefe das residências, mas ele mandava. Eu fui com Karla, que era Assistente Social daqui também, a gente foi também, fazer o trabalho com ela a noite, trabalho de orientação sexual com os residentes, né, eu sempre ia, acompanhava ela.

Entrevistadora: Karla me falou...Rui, sempre teve regra ou só veio quando você teve a ideia de fazer a lei para os residentes?

Entrevistado: De quê?

Entrevistadora: De convivência, sempre teve regra, assim: você vai entrar na residência, mas essa daqui é a legislação e você tem que seguir ou não, só foi depois com o tempo?

Entrevistado: Não, tinha aquela regra né, não podia ser de Recife, né, só podia ser do interior né.

Entrevistadora: Tinha isso registrado em algum lugar?

Entrevistado: Tinha, não podia ser do recife, tinha que ser do interior.

Entrevistadora: Uhum

Entrevistado: Aí também, na época do prof. Inaldo, não, do prof. Inaldo não, com a prof^a Célia também, a gente começou a fazer um trabalho com os residentes fazendo a festa para eles, a festa dos residentes, né. A gente sempre fazia, todo ano a festa dos residentes. Aí depois começou a fazer outras festas com os residentes também. A gente inventou uma rifa também, eu inventei uma rifa, na época do prof. Inaldo, que rifa foi essa era

para subsidiar as festas dos residentes e fazer viagem com os residentes também, fazia viagem também.

Entrevistadora: Eu estou percebendo que não era fácil de dinheiro, você sempre inventavam....

Entrevistado: Era péssimo de dinheiro, a gente que inventava. Eu sei que na época do prof^a. Célia Marinho o DAE conseguiu 50 bolsas, 50 ou era 70 bolsas

Entrevistadora: Era bolsa trabalho?

Entrevistado: Era...[pensativo] não, eu não sei se era bolsa trabalho ou era bolsa de pesquisa, era, aí pronto. A gente ficou coordenando esse trabalho também com essas bolsas, né. E eu procurava muito os estudantes, eu me lembro assim que hoje, as vezes dia de sexta feira de tarde, aparentava uma vaga, duas, três e não tinha o estudante, já era quase 17h da tarde, aí prof^a Célia dizia; “- Rui, a gente tem que descobrir um aluno assim, um aluno tal”. Ainda me lembro hoje, aí eu corri, tinha uma estudante, nós tínhamos uma estudante de Biologia que ela teve uma bolsa aqui antigamente, aí surgiu essa bolsa de pesquisa, CNPQ para ela, a gente conseguiu aqui no DAE, prof^a Célia Marinho na época, e eu sai correndo em todos os bares da Rural, eu sabia que ela gostava de beber, né.

Entrevistadora: [risos]

Entrevistado: Aí 18h eu encontrei a menina, aí graças a Deus eu fiz a inscrição dela, segunda feira ela começou a trabalhar com essa bolsa né, em convênio com bolsa de pesquisa.

Entrevistadora: As bolsas eram sempre assim, o estudante precisava trabalhar para receber?

Entrevistado: Era.... Tinha as bolsas do DAE, né. Tinha as bolsas de pesquisa que a prof^a Célia conseguia, né, nos Departamentos, então conseguiu para essa menina, ainda me lembro. Essa menina, ela agradece a mim até hoje, aí ela diz a mim “ – por causa de você eu sou professora da UFAL”, essa menina é professora da UFAL hoje. Aí ela diz “-por causa daquela bolsa do CNPQ”, que eu fui remunerada, graças a Deus sou professora por causa de você. Sempre quando ela me via aqui, ela agradece. Não sei o nome dela, se é Rozélia, sei lá, estou esquecido o nome dela.

Entrevistadora: Rui, e não tinha Edital não? Como é que vocês chegavam nesses estudantes?

Entrevistado: De quê, das bolsas?

Entrevistadora: Para poder oferecer as bolsas....

Entrevistado: Não, tinha Edital, tinha o convênio, a reitoria liberava, parece que a pró-reitoria, não sei se era a pró-reitoria de ensino liberava as bolsas.

Entrevistadora: E aí dizia o quê, no edital? Que tinha que se inscrever aqui?

Entrevistado: Era. O DAE ficava com uma parte, a pró-reitoria tinha, vamos dizer, 300 bolsas, aí dava 50, 70 bolsas a Célia Marinho, na época. Ela ficou dois mandatos aqui.

Entrevistadora: Aí só era vim aqui se inscrever ou tinha que apresentar algum documento, alguma coisa?

Entrevistado: Era, se inscrevia aqui também, a gente fazia a seleção.

Entrevistadora: Era como a casa?

Entrevistado: Não, não era feito a casa não. [Pensativo]... Seleção[pensativo]...era pelo currículo das pessoas, pelas notas deles. Eles eram classificados pela média de notas mesmo.

Entrevistadora: Uhm. Está certo! Ôh, Rui, e depois que mudou para Progesti, tu achas que teve muita mudança? Do DAE para Progesti?

Entrevistado: Não...não achei muito não. O DAE era como se fosse uma pró-reitoria antigamente, porque nós chegamos aqui a mais de 20 funcionários, que tinha mais de 20 aqui no DAE antigamente. O DAE era muito movimentado na época da profª Célia, do prof. Inaldo também era muito movimentado. A gente né, desenvolvia muitas coisas. Mas eu acho quesei não. O que mudou, assim, o que mudou na Pró-reitoria eu não sei porque eu já saí também, já faz um tempo que eu já saí daqui. Veio vocês, chegou vocês Assistentes Sociais, o número de bolsas aumentou, né. Que depois da Progesti, a Progesti tem 200 bolsas ou mais, sei lá. E mudou também o intercâmbio, né? Serra Talhada, Garanhuns...que na época do DAE nós não tínhamos isso, né.

Entrevistadora: Era só aqui (sede/Dois Irmãos).

Entrevistado: Era, hoje a Progesti cresceu assim, tem os intercâmbios, tem os funcionários também, aumentou. Deve ter o quê? Tem a área de Carpina, Serra, Garanhuns....

Entrevistadora: Ôh Rui, você mencionou que teve aqui, Psicólogo e Assistente Social, naquela época, foi?

Entrevistado: Tivemos. Não, teve não, o que teve foi Psicóloga mesmo; Drª Jacira....

Entrevistadora: Jacira eu conheci.

Entrevistado: Drª Ada Lúcia, Drª Gilda, que já faleceu, Dr. Francisco....E tinha uma galega que era bem simpática, ela, que ficou aqui e depois ficou em Economia Doméstica (no Departamento), uma galega bem simpática.

Entrevistadora: E esse povo saiu por que, Rui?

Entrevistado: Ada foi par ao Departamento médico (da Rural), não sei, saíram espalhando...Jacira pediu aposentadoria, antes do tempo, três ou quatro anos ela pediu, Dr. Francisco já estava para se aposentar e Gilda faleceu.

Entrevistadora: Aí saíram e não veio mais ninguém...

Entrevistado: Aí depois chegou vocês.

Entrevistadora: Uhum! O trabalho deles sempre foi aí, nessa salinha (ao lado)

Entrevistado: Era aqui, e de vez em quando iam para residência.

Entrevistadora: Tu sentes saudades de alguma coisa dessas épocas?

Entrevistado: Sinto, a gente sente, esse tempo todinho, eu fiquei aqui na Universidade Rural 35 anos, né, trabalhei 3 anos fora, 38 anos e meio. Sinto, principalmente aqui no DAE, minha base foi aqui, sinto saudades das festas, os colegas de trabalho, o desenvolvimento que a gente tinha, porque aqui era muito movimentado. A prof^a Célia era muito elétrica.

Entrevistadora: Por que tu achas que acabou esse setor de festas?

Entrevistado: [Pensativo].... Eu não sei...acho que os Diretores, os Pró-reitores não se interessaram mais. Foram deixando para lá, que era para ter, porque a Universidade Rural era muito envolvida. As festas eram muito boas aqui, viu, muito boa mesmo.

Entrevistadora: Eu percebi também, você falando agora, e Icinho também, que ontem eu conversei com Icinho, o DAE trabalhava em parceria com outros setores da Universidade.

Entrevistado: É exato!

Entrevistadora: Porque hoje a Progesti, é só assim, as bolsas da Progesti, a casa dos residentes, o restaurante, mas antes você já falou de uma bolsa, né, que tinha uma parceria coma pesquisa, bolsa trabalho, parceria com os DAs....

Entrevistado: Sim.... As bolsas de pesquisa também. Você vê, nos DAs, nas festas aqui, a gente chegou a vender 100 grades de cerveja, numa noite só. 100 grades de cerveja, cada grade tem 24 vasilhames, entendeu? E quem bancava era o DAE, era a gente. Saia aqui no nome do DAE, no meu nome e não sobrava cerveja nenhuma. E se sobrasse aqui cerveja “Antártica”, todo mundo aqui queria porque a cerveja “Antártica” aqui era muito procurada, a festa valia mesmo. Aí eu distribuía as cervejas, vamos dizer, cada barraca 10 grades de cerveja, 07, entendeu? Era muito bom, ninguém pagava nada não.

Entrevistadora: A reitoria não “empacava” não, porque era festa, o dinheiro que apurava?

Entrevistado: Não....não...porque o dinheiro era para os DAs mesmo, era para os estudantes mesmo da Universidade.

Entrevistadora: Como vocês faziam a distribuição depois desse lucro?

Entrevistado: Não, aí vendia, e o dinheiro era com eles.

Entrevistadora: O que vendia nas barracas?

Entrevistado: As barracas que vendiam mais era a Veterinária, Agronomia e as meninas aqui de Economia Doméstica também. Era muita famosa, as festas, Zootecnia. Aí depois foi se acabando essas festas aqui no DAE, aí começou a aparecer as festas nos DAs, né. Não fazia mais na praça, aí o DAE continuava dando assistência. Era aqui na praça (praça em frente ao antigo DAE). Tinha em Zootecnia (no Departamento), tinha festas em Zootecnia, o DAE ia, a gente ia para lá, tinha festa em Agronomia, a gente ia, em Biologia, Economia Doméstica, a gente ia dar apoio, sempre foi aqui central, aí depois descentralizou, aí depois foi acabando o movimento, né.

Tinha “um lance”, sim, o DAE também fazia carteira de estudante.

Entrevistadora: Era aqui?

Entrevistado: Sim, também, carteira de estudante em convênio com o DCE, mas era feita aqui com a gente as carteiras de estudante. Aí depois o DCE brigou com Edimar Lira em questão das carteiras de estudante, o DCE tomou as Carteiras de estudante da gente e levou lá para o DCE e ficou sendo feita lá no DCE. Que o DCE ganha né. Mas a gente não recebia nada, a gente fazia aqui, e o dinheiro, o pagamento era feito no DCE, O DCE era quem ficava com o dinheiro dessas carteiras de estudante, que hoje é o quê, uns 15 reais né uma carteira de estudante.

Entrevistadora: Tem algum período que tu consideras ruim, na Universidade?

Entrevistado: Eu acho que quando teve a mudança do DAE, que saíram quebrando tudo que foi por aqui e a gente foi para o DLCH, teve o arroxó salarial que a gente passou muito tempo sem aumento, né, na época de Fernando Henrique (presidente), negócio ficou apertado, teve as greves também. As greves a gente “pegou fogo” aqui, né. As greves começaram assim, em 87 quando...aí veio a isonomia, aí melhorou muito para a gente, né.

Entrevistadora: Uhumn

Entrevistado: Quem ganhava um salário, um salário e meio, passou a ganhar quatro...cinco salários, aí as coisas melhorou também, na época da isonomia.... Foi, hoje faz quantos anos? 87, hoje faz 34 anos que a gente não tem isonomia, não tem reclassificação, não tem nada, né. E você vê que o salário da gente está diminuindo, está baixando. E talvez não vai ter nada, de novo né.

Entrevistadora: É verdade.

Entrevistado: Tem uma proposta aí de 400,00 reais, não sei se vai ter ou não.

Entrevistadora: Tu achas que a fase ruim da Universidade foi essa mesmo? E no DAE

Entrevistado: O DAE teve o tempo bom, mas teve um período muito ruim, teve prof^a Célia brigava, fazia de tudo nessa época, com esse negócio dessas bolsas, de dinheiro, negócio de residente, era mais com a professora Célia. Outro prof. Também, que estou esquecido o nome dele, ele ficou pouco tempo aqui, ficou 1 anos e pouco.

Entrevistadora: uhm.

Entrevistado: Célia Marinho tinha mais prestígio, Prof. Inaldo bateu também, tinha um “prestiginho” para arrumar dinheiro, mas às vezes a crise era grande, na época dele era muito grande. Edimar ainda foi bom, porque o reitor dava apoio a ele direto, né. Teve a eleição, prof. Manoel Francisco, ele apoiou né, aí ele dava mais atenção.

Entrevistadora: Tu achas que dependia da relação do Diretor com a reitoria?

Entrevistado: É...dependia...porque tinha Diretor que não votou no reitor, né. No caso de Inaldo, né. Edimar votou em Manoel Francisco, já Inaldo talvez não votou em prof^a. Maria José, não sei, porque a Agronomia sempre estava candidato também, não tenho muita certeza, mas.... Tem isso também, né, a pessoa massacre, né! Infelizmente. A gente faz que faz oposição, você sabe que é difícil, né? A gente é discriminado!

E eu fui muito discriminado aqui também por causa do sindicato, Que a gente participou da direção do sindicato e a gente não é bem visto, quem é do sindicato não é bem visto não. O pessoal chama de preguiçoso, não quer nada com a vida, não sei o que, a gente está representando o povo daqui, né.

Entrevistadora: Uhumn. E a relação com os estudantes?

Entrevistado: Não, era boa, sempre foi boa, Garças a Deus! Eu só tive 2 brigas aqui com estudante, uma das brigas, a estudante depois veio me pedir desculpa, na formatura, foi ...eu tava distribuindo beca, não sei o que foi que ela ficou braba comigo, disse que a beca dela tava feia, não sei o quê. Eu disse “- Minha filha, você já chega essa hora, hoje dia da colação de grau e você vem dessa hora, então eu não sou irresponsável, irresponsável é você”. Aí ela não gostou, ficou braba, me esculhambou, aí quando veio me entregar a beca, me pediu desculpa, perdão, que disse que tinha acabado o namoro, não sei o quê, e estava aperreada porque o noivo não ia para a formatura dela. Aí ela pediu desculpa, mas.....graças a Deus sempre foi bom minha relação com os estudantes, os estudantes sempre gostaram de mim e eu também, né.

Trabalhei também no restaurante, né, fiquei um tempo lá, como funcionário e fiquei um tempo também como “subchefe” lá, com a japonesa né.

Entrevistadora: Tu fazias o quê lá no restaurante?

Entrevistado: Tinha vezes que eu ficava na parte da administração, né, e ficava também na parte da catraca, tomando conta do restaurante.

Entrevistadora: Era na época de Célia?

Entrevistado: Não, na época de Célia eu não trabalhei não, no restaurante. Na época de Célia os funcionários eram tudo do DAE, não era contratado não. Na época de Célia eu acho que a gente tinha mais de 30 funcionários.

Entrevistadora: Quem era o Diretor aqui quando tu fosses para o restaurante?

Entrevistado: Quando eu fui?...[pensando], com professor Inaldo, não.... Era com a japonesa mesmo, foi recente, era prof. Júnior mesmo.

Entrevistadora: Era não, era Valberes.

Entrevistado: Sim, prof. Valberes também que eu queria.... Que eu esqueci o nome dele.

Entrevistadora: Não era com Neide Shinohara?

Entrevistado: Sim ...aí eu fiquei um tempo lá, né. Eu era substituto da Japonesa _____ (*telefone do entrevista toca e ele desliga*) _____ eu era substituto da prof^a Neide Shinohara, então ela adoeceu um tempo, passou quase um mês afastada, eu fiquei como chefe do restaurante, eu passei um tempo na chefia, tomando conta lá até ela voltar.

Entrevistadora: Essa época já era Progesti, nessa época eu já estava aqui.

Entrevistado: É! Aí depois da japonesa entrou outra chefe do restaurante, né, que ela hoje trabalha no Departamento médico (DQV), meia radical, né. Não gostava muito dos funcionários, os funcionários ficavam brabos né. Ela brigava muito com os funcionários, eu briguei muito com ela, eu discuti muito com ela.... Karla, Karla não, como é mesmo o nome dela? Karla é Assistente Social. Eu estou esquecido o nome dela. É uma galeguinha. Ela é novata aqui, ela tem o quê? Seis, sete anos! Então ela brigava muito com os funcionários. Por sinal a comida dela era muito gostosa, a comida do restaurante foi aprovada nota 10 desde da época da japonesa, né. Com a professora, a reitora Prof^a Maria José, a comida daqui parece que era a 1^a ou 2^a do Brasil. E com ela também, muito boa a comida dela. Agora ela brigava, ela intrigava muito com o pessoal e o pessoal às vezes brigava com ela aí eu terminei brigando com ela, discutindo por causa dos servidores, discutindo, terminei entregando. Aí prof. Júnior “ – Mas Rui, não entregue não”, vou entregar prof. Vou trabalhar com ela mais não. Foi! Porque na época de greve, eu disse a ela “eu vou entrar de greve”, “- Seu Rui não faça isso! ”, Eu disse “eu vou entrar de greve, a partir de agosto”, ela disse “- Faça assim, não entre em agosto não, deixe para entrar em setembro”. Aí eu entrei em setembro, ela não gostou, começou me perseguindo, foi.

Entrevistadora: [riso] E a gente não levou falta, Rui.... Eu, tu e Karla!

Entrevistado: Que o companheiro Ricardo, né, botou falta na gente, não foi? Que não era para colocar, que não era para colocar, porque a legislação não aprovava botar falta na gente...E a reitora, prof^a Maria José, através do comando dos Pró-reitores, eles tinham assim, eles tinham um fechamento, em não botar, reitor nenhum botar falta em servidor nenhum. E aí botaram em mim, você e em quem mais?... Em Karla.

Entrevistadora: Nós três.

Entrevistado: Eu dei a Bixiga, denunciei no sindicato, foi a maior confusão, não foi?

Entrevistadora: A gente também foi lá.

Entrevistado: Aí depois retiraram, eu fui conversar com ele (pró-reitor) também, ele disse não, por mim não, jamais eu quero que ninguém bote falta. Aí eu fiquei revoltado e terminei saindo, do restaurante.

Entrevistadora: E a tua relação com os colegas, da época de lá de trás até hoje em dia?

Entrevistado: Não, sempre foi boa, da época de trás até hoje, graças a Deus não tenho inimigo não, só tenho amigos aqui, amigos e amigas.

Entrevistadora: E a relação com as chefias? Porque você foi chefe, você foi funcionário...

Entrevistado: Não, nunca tive problema não, a gente tem aquelas brigas né, com negócio de chefia, você sabe, né? Eu já briguei, já discuti com Ricardo umas duas ou três vezes... tem que discutir mesmo, né, feito marido e mulher, né. Sempre tem uma briga.

Entrevistadora: Todo dia aqui, né?

Entrevistado: Você passa dez anos com uma pessoa, né. Já discuti com secretária, né. A secretária era Isabel na época; a prof^a Célia me deu “carta branca” quando eu fazia as festas, faça tudo, pegue tudo que é daqui. Eu peguei o birô de Isabel, tirei as coisas, tirei para fazer mesa, festa de bar. Aí na segunda feira ela discutiu comigo, aí ela prof^a Célia disse “- Quem manda nas festas é Rui, eu dei Carta branca a ele, ele mexe em tudo que quiser aqui”. Foi! Eu briguei, mas é besteira.

Entrevistadora: Rui, desde que tu entrasses, foram passando esses Diretores todos, tu sabes dizer se o DAE recebia um recurso fixo, ou o Diretor tinha que ir lá todo ano pedir? Ou tinha, assim, esse recurso é do DAE?

Entrevistado: Não, o DAE tinha uma bolsa, né que era do restaurante, uma bolsa não, um orçamento que era do restaurante.

Entrevistadora: O restaurante era garantido?

Entrevistado: É... não sei, eu acredito que nesse orçamento se tirava um pouquinho para vim para o DAE, né. Para fazer isso, para fazer aquilo, mas sempre quem tinha assim era o restaurante, né. O restaurante que era o “carro chefe” do DAE era o restaurante

Entrevistadora: Tu lembra quando o restaurante fechou?

Entrevistado: Me lembro, eu dei entrevista na “Globo”, Marilene deu entrevista, Isolda também deu entrevista, ainda me lembro; teve uma votação, foi um negócio muito triste, foi lamentável.

Entrevistadora: Marilene, quem era?

Entrevistado: Marilene foi Diretora de divisão daqui.

Entrevistadora: Tu lembra o nome dela todo?

Entrevistado: Marilene Quirilos. Ela comandava as formaturas...sim, a gente tinha as formaturas também, que eu nem falei. Aí Marilene comandava as formaturas e eu trabalhava com as formaturas também. O DAE tomou muito tempo, muito tempo a gente fazia as formaturas aqui na quadra da Universidade Rural, no salão nobre, depois passou para quadra e depois passou para o Centro de Convenções, né. O DAE que começou a fazer as formaturas, Marilene era a responsável pela formatura.

Entrevistadora: E o restaurante fechou por que, Rui?

Entrevistado: Acho que foi questão de verba e político e a discriminação contra os estudantes, né. Que a gente não paga os impostos, né? Mas inventaram isso em todo Brasil, foram fechando os restaurantes e reabrindo, né...como empresa, né.

Entrevistadora: Tu lembra que época que era?

Entrevistado: Rapaz... não me lembro mais não, eu entrei aqui em 87 e o restaurante funcionava ainda. Eu acho que ele fechou em 90, 92, por aí assim. Mas era muito bom o restaurante né, o restaurante chegou a servir 2.000, 2500 almoços, né! 600, 800 jantares a noite. E prof^a Célia sempre me dizia assim, na época dela “ – Seu Rui, quando subir para o restaurante...” Sim, nós tínhamos um restaurante “opcional” e o “comum”; o “comum” era o povão, né, era o estudante com alguns funcionários, quem tinha chefia era “opcional”, eu almoçava no “opcional”, eu não gostava, achava muito chato porque era uma discriminação.

Entrevistadora: Tinha uma divisão, era?

Entrevistado: Era, quem era chefe, né, e professor só comia no “opcional”, no geral e eu comia no “opcional” porque tinha chefia, mas às vezes eu comia no “povão” também. Então era muito bom...

Entrevistadora: Vocês comiam gratuitamente?

Entrevistado: Comia gratuitamente, a gente do DAE comia gratuitamente, aí depois, só o pessoal, parece, que tinha chefia que podia comer. E a prof^a Célia Marinha dizia “ - Se tive

alguém pedindo um prato de comida pode dar, para experimentar a comida do DAE, para saber que a comida da gente é boa”, ela sempre dizia isso. Enquanto isso alguns Diretores que passava aqui não gostava disso. Que a gente desse um prato de comida, dois, ficavam falando da gente. Mas..... é assim a vida, né.

Entrevistadora: Esse “opcional” os professores pagavam, né??

Entrevistado: Pagavam, professores e os funcionários, quem comia mais no opcional era quem tinha assim cargo de chefia, né, ou quem tinha dinheiro para pagar bem.

Entrevistadora: Os estudantes eram todos no comum?

Entrevistado: Era! Falar em estudante, teve uma época que teve uma greve dos estudantes contra o restaurante, os estudantes tomaram o restaurante e assumiram o comando, foi.

Entrevistadora: Foi mesmo?

Entrevistado: Eu não sei quem era o Diretor nessa época, não sei se era Célia Marinho, ou era Edimar Lira, parece que era Edimar Lira. Aí Edimar Lira “-Está bom, eles tomaram, então deixa ele se assumir agora”. Aí eles tomaram e começaram a administrar...a cozinhar, a fazer tudo as comidas, foi.

Entrevistadora: O que?

Entrevistado: Passaram 8 dias ou mais, 8 a 10 dias. Aí começaram a se queimar, começaram a errar as coisas, né. Aí terminaram devolvendo o restaurante. Mas eles chegaram a tomar o restaurante. Não sei eles tomaram 100% , mas que tomaram ... tomaram. Assumiram o restaurante.

Entrevistadora: E por que eles fizeram isso?

Entrevistado: É porque dizia que a comida estava ruim, era um protesto contra o DAE ou contra a Universidade, né.

Entrevistadora: Tu achas que era Edmar, era?

Entrevistado: É talvez era na época de Edmar Lira. Acho que sim. É..... Tenho muita certeza. Se foi com Célia ou Edmar.

Entrevistadora: Tu achas que isso foi notícia de jornal?

Entrevistado: Ah, foi! Notícia de jornal. Repercutiu muito.

Entrevistadora: Com o fechamento, tu desses entrevista, foi, do R.U?

Entrevistado: Foi também, foi muito triste a rede Globo veio para cá no fechamento, eu não sei.... foi. Parece que foi feita uma eleição ou pesquisa se fecha ou não. Eu sei que nesse dia a gente ficou na reitoria, a gente botou uns birôs na frente da reitoria e ficou lá atendendo né. A briga foi feia!

Entrevistadora: E os estudantes não se manifestaram não?

Entrevistado: Aff, se manifestaram! Se eu não me engano o almoço era aquela pratinha de 5 centavos, a prata caía no chão e ninguém nem queria pegar, era o almoço.

Entrevistadora: hum!

Entrevistado: Era! Aí vendia no talãozinho, né. Os funcionários, muita gente, os estudantes compravam, um talãozinho para 30 dias, 30 folhinhas, né. É! Teve a época também, que você falou da época boa do DAE que eu achei também, eu não vou mentir, tanto foi boa com a professora Célia, né. Foi boa também como prof. Inaldo. E professor Inaldo começou a fazer as festas para os residentes, né. Tinha as festas., mas poucas, depois aumentou. E a gente, tinha uma cooperação, não sei se você chegou, a gente fazia as festas final de ano do DAE, a gente ia para o sítio, lá em “Aldeia”, então a gente se cooperava muito e além do DAE, às vezes iam outros funcionários, amigos da gente, de outro Departamento. Todo ano assim, era festa do DAE numa sexta feira. Que a gente não trabalhava, ia todo mundo para “Aldeia” e era muito bom, os funcionários do DAE gostavam muito, falava muito nessas festas que a gente jogava, a gente tomava banho de piscina, né. Dançava, a gente comprava. A gente recebia presente, o Prof. Inaldo fazia cota de presente.

Sim... eu falei cota de presente, na época das festas dos residentes, prof. Inaldo, Prof.^a Célia autorizava e saía andando por aí nos Departamentos, na Universidade Rural pedindo auxílio, pedindo ajuda, presente e nas indústrias e nos restaurantes também... a gente conseguia muita coisa, até motel eu consegui. EU cheguei a conseguir seis motéis

Entrevistadora: [risos].

Entrevistado: E a gente tinha brinde para todo mundo. A gente tinha assim, 150, 200 brindes, às vezes sobrava até brinde porque tinha 130 residentes, sobrava e a gente fazia sorteio de novo. Era... era muito bom, nessa época.

Entrevistadora: Era sempre assim com parceria?

Entrevistado: Era.... Sempre tinha parceria. Eu passei muito tempo; a gente pegava o carro da Universidade e saía andando Recife todinho, levava as cartas, entregava, depois saía recebendo as respostas. Saía colhendo os brindes, né. Pegava comida também.

Entrevistadora: E dizia o que nessas cartas?

Entrevistado: Solicitando ajuda nas festas dos residentes, né. Aí a gente dizia que eles tinham um espaço também porque a gente fazia as festas na Associação dos professores, né. Que eles tinham um espaço para eles fazerem a propaganda deles, a gente botava, né. A gente enchia as paredes; “Restaurante tal”... “Empresa tal que deu o brinde”, a gente fazia a propaganda também deles, né. A gente mandava retrato para eles depois, né, das festas daqui. Teve até empresa que veio participar das festas daqui, ainda me lembro, teve uma empresa de computação que até

dinheiro eles deram, soltaram dinheiro, distribuíram dinheiro nas festas dos residentes, foi. Soltaram cursos, distribuíram cursos de inglês para eles, cursos de computação também, eu me lembro que esse dia foi muito bom, foi muita coisa, que a gente conseguiu. Era muito boa as festas.

Entrevistadora: Como era a distribuição desses brindes?

Entrevistado: Geralmente era sorteio né.... Fazia sorteio pelas casas, casa 01, casa 02, casa 03....casa 04.

Entrevistadora: E os residentes iam mesmo, né?

Entrevistado: Ia! Teve um ano que a casa 02 brigou com o prof. Inaldo, né, até a prof^a Maria José perguntou por que, eu disse questão de residência estudantil, aí eles boicotaram, a casa 02 a nossa festa dos residentes, só quem foi, foi a casa 01, 03 e 04. Aí depois a casa 02 fez a festa separada. De vez em quando tinha essas brigas, né.

Entrevistadora: Rompia.

Entrevistado: Rompia com o Diretor, rompia com a reitoria.

Entrevistadora: Quais era as principais “brincas”, assim dos residentes?

Entrevistado: A questão da alimentação melhor, de qualidade, uma bolsa de maior valor de dinheiro e a questão da estrutura da casa, uma casa mais bem equipada, né. É por isso que saiu depois essa outra casa, lá no Horto, essa grande, e foi desativada as outras.

Entrevistadora: Daqueles residentes que vocês selecionavam lá atrás para aqueles que a gente selecionou depois da Progesti, tu vê muita diferença?

Entrevistado: Eu vejo, né, assim, né.... Porque sempre a gente fazia com seriedade, a gente também, mas vocês hoje vocês têm a tecnologia, vocês são pessoas formadas, Assistentes Sociais, vocês são preparadas, né. E a tecnologia é outra né. Eu vejo a diferença é maior, né. E vocês detectam as coisas melhor. Vocês pegam, descobrem muitas coisas que a gente não descobria naquele tempo. Então a diferença eu acho muito grande hoje.

Entrevistadora: Você acha que a Universidade podia ter feito mais pela equipe, ter contratado mais profissionais na época?

Entrevistado: Quando eu entrei aqui podia sim... infelizmente o DAE sempre foi um Departamento discriminado, né.

Entrevistadora: Tu sentias isso?

Entrevistado: Que o DAE, o DAE, eu acho assim, que o DAE devia ser a maior potência dentro da universidade, porque o DAE tomava conta de quantos estudantes aqui, né. E a Universidade tem hoje quanto mil estudantes? 10 mil.... E residentes cento e tanto, tem homem e tem mulher, as meninas, a casa das meninas era aqui, né (casa ao lado do sindicato dos técnicos

administrativos), aqui pertinho do DAE, né. E tinha os meninos, então o DAE tinha aquelas bolsas, as bolsas começou a chegar depois. Eu acho que o maior Departamento da Universidade era para ser o DAE. Quem trabalha com estudante.... A Universidade trabalha com quem, quem é o produto da Universidade? São os estudantes, então o DAE era para ser a potência aqui dentro da Universidade, que infelizmente até hoje ainda não é, né. Precisa mais de verba, né, mais de gente, mais de tecnologia. Aos poucos está melhorando.

Entrevistadora: É verdade! Está certo Rui, eu acho que era isso, muito obrigada mais uma vez. Tem mais alguma coisa que tu queiras falar da época, assim? Da tua participação no sindicato, tu falasses pouco do sindicato.

Entrevistado: Eu fui diretor no sindicato, participei de umas quatro direções daí, né. A gente fez muita loucura; já viajei de avião que hoje eu tenho muito medo que nunca mais eu viajo.

Entrevistadora: E é?

Entrevistado: Viajei umas cinco vezes de avião, foi eleito, sempre a gente elegia 10, 12 funcionários para viajar, eu sempre fui eleito, nunca deixei de ser eleito. Tinha às vezes, chefe, Diretor, mas não daqui da Progesti, de outros Departamentos que eu passei que não gostava que eu viaçasse. A gente era muito sacrificado, a gente foi muito perseguido, na época que a gente entrou, em 87 quando teve as greves, né. Na comunicação, na comunicação nem tanto, eu trabalhei no patrimônio, a gente era perseguido demais no Patrimônio da universidade, por causa das greves, levei muita falta.

Entrevistadora: Foi mesmo, Rui?

Entrevistado: Levei umas 15 faltas. Mas graças a Deus as faltas que eu levei no governo Lula apagou tudinho.

Entrevistadora: Foi nos anos 90 ou 80?

Entrevistado: Foi 85, 86 aí a gente conquistou a isonomia, né.

Entrevistadora: Uhum!

Entrevistado: Mas tu dizes a perseguição era aqui mesmo (Progesti)?

Entrevistadora: Não, foi mais no Patrimônio, onde eu trabalhei!

Entrevistado: A gente começou a trabalhar aqui no Patrimônio, antigamente a perseguição era grande. Que quando eu cheguei aqui tinha militar também, como chefe, apesar de tudo eu nunca peguei um militar como chefe, mas a Universidade foi aos poucos né, porque era Estadual depois passou para Federal, aqui o pessoal sofria muito antigamente, né. Eu sofri pouco, né. Sofri mais nas greves essas faltas aí. Mas é a vida! Mas era quando eu trabalhava no Patrimônio.

Entrevistadora: E como é que tuas chefias via essa tua participação no sindicato?

Entrevistado: Ah! O sindicato não gostava não quando eu tinha chefia, a gente era tido como pelego, porque dizia que quando tinha chefia era aliado à reitoria, tinha nada a ver, eu nunca fui aliado a nada. A gente fazia, defendia o quê, as coisas certas, né, para o trabalhador, para os funcionários. Você passou uma parte aqui também, você é testemunha, até falta você, a gente levou. Foi triste!

Entrevistadora: [risos]. Eu na época não tinha nem cinco anos de Universidade.

Entrevistado: E a gente não podia levar falta e levou. Mas é a vida, e a história continua.

Entrevistadora: Tinha algum Diretor que achava ruim que tu ias para o sindicato?

Entrevistado: Não, daqui do DAE não, nem Diretor, nem Pró-reitor, não. Tinha não, nunca me perseguiu não. Só na época do Patrimônio que fui perseguido, muito perseguido, quando trabalhei no Patrimônio. Mas é a vida, a gente tem a história, que faz parte da história. Aqui foi de boa, no DAE, graças a Deus!

Entrevistadora: Teve alguma reitoria que era mais incisiva com os servidores?

Entrevistado: Não, para mim o melhor reitor que teve aqui foi prof. Valdecy. Eu cheguei aqui na época do reitor Naldo Holiday, que para mim ele foi um zero à esquerda, esse reitor. Valdecy foi muito bom, ele apoiava demais as greves da gente, o reitor Valdecy. Prof^a Maria José também foi boa para os servidores, muito boa reitora também, né. Assim, para mim foram os dois melhores que passaram aqui, Valdecy e prof^a Maria José.

Entrevistadora: Teve uma história aí, que você falou para mim uma vez que um reitor, teve uma confusão na Aduferpe, que um candidato ganhou e outro reitor assumiu.

Entrevistado: Ah, foi. Foi, o sindicato apoiou o prof. Arnóbio, não. Apoiou o prof. Chico.

Professor Chico Magalhães, então prof. Chico Magalhães foi o que ganhou na eleição direta, né, isso eu não sei, acho que foi nos anos 90, porque tinha que se escolher a lista tríplice, quatro, cinco candidatos a reitor, aí tinha que indicar três, então Chico foi o eleito por todo mundo, por toda comunidade, foi o mais votado, então o governo federal não indicou ele, de jeito nenhum. Alegaram o quê, porque o Chico era do PT, aí alegaram o quê, porque ele não tinha doutorado, conversa! Era porque ele era do PT. Aí indicaram o prof. Arnóbio, que era esposo de Dr^a Jacira, que era Psicóloga daqui do DAE. Porque prof. Arnóbio tinha doutorado, né. Então, aí... o governo na época de Marco Maciel, porque Marco Maciel era o ministro da Educação, aí deu uma carta à Arnóbio indicando ele como reitor. Trinta dias para ele se decidir, né. Aí o sindicato deu em cima de Arnóbio, os movimentos, que eu acho que foi a maior besteira na época, eu acho que a gente devia aceitar Arnóbio, porque Arnóbio era do time da gente, Arnóbio seria Pró-reitor de Chico também, se não me engano de Ensino. Aí prof. Arnóbio ficou muito chateado, o pessoal deu em cima dele para ele não assumir, ele era para ter assumido. Se ele

tivesse assumido, a história da Universidade hoje mudava, talvez nem a prof^a Maria José era reitora, talvez nem o prof. Que está aí, Marcelo era reitor. A história da Universidade rural mudava, com professor Arnóbio, mas ele não quis. Ele entregou o cargo, aí o Conselho Universitário, por debaixo dos panos, fez uma reunião a pulso, de última hora e indicaram o ex-reitor, Emídio, foi indicado, ficou como reitor indireto. Aí depois na segunda vez ele foi eleito nos votos.

Entrevistadora: Mas foi uma jogada política?

Entrevistador: Uma jogada política, foi. Que o sindicato e a turma de esquerda era para ter colocado prof. Arnóbio. E Chico ficava com vice dele ou Pró-reitor de Ensino e Chico na outra entrava como candidato e ganhar.

Entrevistadora: São as coisas da política da Universidade! Rui, por que tu achas que o DAE era escanteado?

Entrevistador: Porque o DAE era para ser considerado uma Pró-reitoria, né. Eu acho que sim. Porque o DAE era escanteado o quê, porque o DAE trabalhava com essa população toda, né, de estudante. A prata, qual é a prata da Universidade? A prata da casa qual é? Qual o interesse da universidade? São os alunos. Então, acho que desde daquele tempo o DAE era para ser uma Pró-reitoria. O DAE era escanteado porque não tinha orçamento para o DAE, não vinha orçamento, o DAE “pegava arrego” de outros Departamentos, orçamento de outros Departamentos, e o único orçamento que o DAE tinha era do Restaurante. Aí o DAE “beliscava”, o que? Um pedaço do dinheiro, não sei, não tenho prova, não tenho certeza, talvez beliscasse um pedaço do dinheiro do restaurante para botar o Departamento para funcionar, aqui, acolá tinha um convênio com outro Departamento, não sei o quê, mas o DAE era muito discriminado por causa disso. O DAE não tinha verba própria, infelizmente, a verba vinha de outros, da Pró-reitorias de outros Departamentos. Ainda hoje eu acho que é.

Entrevistadora: Está certo, Rui. Muito obrigada!

Entrevistador: Precisando disponha, estamos às ordens!

1ª Entrevista : Sessão I – 10/03/2022

Nome do entrevistado: Severino José de Santana

Nome da entrevistadora: Simone Muniz da Silva

Local da entrevista: Sala da Coordenação do curso de Lic. Biologia/Prédio de Biologia/UFRPE

Projeto de pesquisa: A POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL DA UFRPE: Uma análise de 1990 a 2005.

Entrevistadora: Recife, 10 de março de 2022, quatorze horas e vinte sete minutos, entrevista com Severino José de Santana, no prédio da Biologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco; primeira entrevista do projeto de pesquisa “A POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL DA UFRPE: Uma análise de 1990 a 2005”. Essa é uma pesquisa para o Programa de Pós-graduação em História da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Eu vou conversar com Severino José de Santana.

Severino José de Santana, também conhecido como “Icinho”, é Auxiliar de Nutrição e Dietética, tem graduação em Pedagogia. A entrevistadora é Simone Muniz da Silva.

Entrevistadora: Icinho, primeiro muito obrigada por você aceitar participar do meu trabalho.

Entrevistado: de nada!

Entrevistadora: Eu queria saber de você, há quanto tempo você trabalha aqui na Universidade Rural e como foi que você começou?

Entrevistado: Eu comecei com quinze anos. Quinze anos de idade eu trabalhava, naquela época os funcionários daqui da universidade faziam um serviço por fora, mas ele não podia receber, aí quem receber chamava outra pessoa, aí eu ia com a minha identidade e cpf e recebia. Aí isso aí foi passando, entrei no quadro de recibado e pronto, passei dez anos no recibado e aí o resto foi.

Entrevistadora: Foi mais ou menos em que época isso Icinho?

Entrevistado: foi em setenta em cinco, eu acho; setenta em cinco a setenta em seis, por aí.

Entrevistadora: Aí nessa época, quais os trabalhos que tu desenvolvias, lá atrás com quinze anos?

Entrevistado: Com quinze anos, lá atrás o que eu desenvolvia era limpar os matos, lavava umas panelas, eles mandavam eu lavar umas panelas, lavava bandeja, que não era prato era bandeja que tinha uns buraquinhos. Eu Recebia um trocadinho e o “cumê”!

Entrevistadora: Desde daquela época que tu trabalhas aqui na Rural?

Entrevistado: Desde daquela época. Estou com sessenta e um (anos), vai quarenta e poucos anos.

Entrevistadora: Quando tu começasses, como foi essa mudança, que tu deixasses de fazer esses serviços e fosse incorporado para a universidade mesmo?

Entrevistado: Foi assim; eu trabalhava no refeitório, fui contratado para ficar recibado, em vez de eu receber o dinheiro dos outros, eu que fazia o meu serviço e recebia o meu recibo com meu nome mesmo. Ali era meu mesmo, não era deles que eles faziam

que eu recebia para dar o dinheiro a eles. Era meu mesmo. Foi passando o tempo, eu saí do refeitório e me botaram lá para o “Parques e jardins” para limpar os matos, que não tinha quase ninguém, os outros “pessoal” estava tudo velho já, eu trabalhava aqui nesse campo da universidade, aqui na frente. O quê, era naquela época a formatura era dentro do campo. Aí a gente tinha que cortar o campo, limpar os matos tudinho, as quadras, pintar, lavar as arquibancadas.

Entrevistadora: Já era essa aqui da frente da reitoria, as arquibancadas?

Entrevistado: Essa daí, sempre foi essa daí. Agora não tinha esses postes, não tinha poste grande, não tinha refletor não. A formatura sempre era de tarde, para terminar cedo porque não tinha energia.

Dali passei, voltei para o refeitório de novo, a minha função foi lavar bandeja de novo e lavar panela e tirar feijão das panelas grandes para botar no balcão.

Entrevistadora: Certo. O refeitório que tu falas era já o restaurante, era?

Entrevistado: Era, já era o restaurante da universidade, não era terceirizado, era da universidade mesmo, tudo que estava dentro, era tudo funcionário.

Entrevistadora: Primeiro você trabalhava no restaurante, depois foi para o parques e jardins, então voltou para o restaurante?

Entrevistado: Foi, voltei para o restaurante. Passei um tempo no restaurante, me chamaram para trabalhar na contabilidade, porque não tinha ninguém. Naquela época você tinha que carregar um tipo de um cheque, para o reitor liberar aqueles dinheiros de viagens, dessas coisas, não era que nem agora não. Eu pegava uma “malazinha” e vinha, o reitor assinava, eu ficava esperando, o reitor assinava, eu descia e entregava lá (na contabilidade).

Foi passando o tempo, foi melhorando as coisas, computador chegando, essas coisas diferentes né. Eles me botaram para a comunicação; porque não tinha ninguém também. Eu fui para comunicação, trabalhei um tempo na comunicação pegando, carregando malote, pegando os documentos que tinha que levar para comunicação.

Pronto, daí eu sai dali me chamaram de novo; a professora Célia disse que estava precisando de mim, não ia me emprestar mais não. Que se emprestava ficava sem ninguém no restaurante, aí ela pegou me chamou de volta, pronto eu fui para lá e fiquei até hoje.

Entrevistadora: A professora Célia que tu falas era ela de onde?

Entrevistado: Era diretora do DAE.

Entrevistadora: Ah, já era do DAE, já tinha DAE?

Entrevistado: Já tinha DAE já naquela época. Ela era diretora, Sirlei era quem comandava aqui em cima e ela era Diretora geral. E Sirlei era só aqui do refeitório.

Entrevistadora: Quando tu fosse trabalhar no DAE, já era ela (Célia)?

Entrevistado: Já. Já era ela.

Entrevistadora: Ah! Então ela trabalhou um tempo né? Então era ela quem ficava te emprestando ?

Entrevistado: Ela que o pessoal vinha conversar com ela, ela chegava para mim e perguntava se eu queria: você quer ir? Eu dizia, não se não for fazer falta. Ela dizia não vai fazer falta agora não. Que agora está muito devagar, vai fazer falta não. Eu vou, tem problema não.

Entrevistadora: Nessa época no DAE, que você comentou que era devagar, o DAE era responsável pelo restaurante e mais o quê? Tu lembra?

Entrevistado: A casa dos estudantes, a residência.

Entrevistadora: era já a casa e o restaurante?

Entrevistado: Casa 1(um), casa 2(dois) e casa 3(três). Tinha, antigamente.

Entrevistadora: Já tinha a casa 3?

Entrevistado: A casa 3 era aqui onde fizeram a creche agora.

Entrevistadora: Aqui atrás (da Biblioteca Central)

Entrevistado: sim. A casa 2 é aquela que reformaram e a casa 1 é aquela que fizeram o prédio novo.

Entrevistadora: Eu lembro. Nessa época já tinha esses dois, né, casa do estudante e restaurante universitário?

Entrevistado: Era. Ela comandava (O DAE), era responsável por tudo.

Entrevistadora: Certo. Quando tu voltasses para o restaurante, ficou lá trabalhando, com a questão de lavar as panelas, as coisas e daí para a frente?

Entrevistado: Aí depois, chegou uma época que ia terceirizar.

Entrevistadora: O restaurante?

Entrevistado: Sim, não ia mais ser parte da universidade. Aí pegou esse resto de funcionários, alguns se aposentaram porque já tinha tempo de se aposentar, e o resto que estava faltando pouco tempo, e o meu estava faltando muito né, que eu era novo, eu fiquei e outro menino que morreu ali embaixo na saída. A gente ficou de lavar os banheiros das casas, das residências, lavar os banheiros, o salão de estudo, salão de televisão, pronto, era com a gente, os serviços.

A gente ficou assim nesse negócio, até quando terceirizou. Depois precisou de novo, voltei para lá no DAE quando entrou firma de limpeza não precisou mais da gente, a gente ficou ali sem fazer nada, só levando documento.

Entrevistadora: Quando terceirizou a limpeza, foi?

Entrevistado: A gente saiu, ficou lá no DAE só carregando alguns documentos que vinha, alguns processos, memorando, essas coisas; que antigamente não tinha esse negócio de online não, você tinha que assinar.

Entrevistadora: Tinha correio, não era?

Entrevistado: Era, tinha o correio lá embaixo, a gente tinha que levar as cartas dos correios, trazer umas cartas dos estudantes.

Entrevistadora: Essa época quem era que era o (a) chefe do DAE?

Entrevistado: Era Célia, depois era Edimar. Depois do prof. Edimar, Ricardo disse o nome dele [*pensando*].

Entrevistadora: Inaldo?

Entrevistado: Não, foi outro. Me esqueci o nome dele, ele era até lá de Agronomia. Não estou lembrado o nome dele não. Depois dele foi o prof. Inaldo e aí saiu até.

Entrevistadora: Me diz uma coisa, quando tu trabalhavas no RU, lá no começo, como era o funcionamento ali?

Entrevistado: O funcionamento do restaurante era assim; tinha a cozinha espaçosa, ficava uma senhora aqui, até que já morreu, tinha Dona Júlia, Dona Bete, parece que já morreu também, assim umas senhoras, era tudo, cada “cá” tinha sua parte, sua função.

Entrevistadora: Eram as cozinheiras do RU?

Entrevistado: Tinhas as cozinheiras, elas cozinhavam e elas preparavam as verduras também, era misturado, não tinha esse negócio daquela função certa delas fazer não.

Entrevistadora: Mas elas eram assim feito você, da universidade também? Não era terceirizada ainda não?

Entrevistado: Não. Era tudo da Rural. Tudo da rural, na época, que era da Rural mesmo, antes de terceirizar.

Tinha aquelas rampas, naquele buraco da rampa, aí naquelas rampas a gente botava a panela dentro, não é que nem agora tudo quentinho, a gente já vinha tirando do fogo e jogando na outra, nas panelas de alumínio, era assim. Carne, a carne já ficava pronta, agora ficava meio exposta né, não tinha esse negócio que tem agora, armazenar bem bonitinho, era diferente, agora era assim; assava uma carne e deixava numa coisa assim, você chegava só era arrastar com um negócio. O suco, o leite da noite, a padaria trazia

o pão, o pessoal de manhã abrindo o pão ia botando manteiga, ajeitava direitinho. Pão assado não, pão normal, e aquelas bolsas de leite “Cilpe”. Antigamente que a gente rasgava assim e que era um “panelão” bem grande que a gente saia botava nos caldeirões, sabe como é? [Risos].

Entrevistadora: [risos]. Sei! E me diz uma coisa, todo mundo podia comer no restaurante?

Entrevistado: Podia!

Entrevistadora: Tu lembra disso?

Entrevistado: Podia, podia. Você pagava no banco. Era assim, você pagava, o Bradesco recebia, o Bradesco tinha uma “casinha” ali que você comprava, você podia comprar um “mói” para você comer o mês todinho.

Entrevistadora: Era ticket?

Entrevistado: Era os ticket, você comprava tanto, você comprava trinta, passava assim, você comia o mês todinho.

Entrevistadora: Tu sabes dizer se nessa época os residentes comiam de graça, feito eles comem hoje ou eles compravam também feito os outros estudantes? Sabe dizer?

Entrevistado: Não, não me lembro não. Eu me lembro que mais de um tempo passado para cá eles começaram a comer de graça, quando as firmas foi, passou as firmas terceirizadas, que eu me lembro, que eu sei, de um tempo para trás não me lembro não, que eles comiam de graça, que na época que era aí, ficou muito meio fraca as coisas da Universidade ficaram meio fraca daí os estudantes não comiam, só quem comia era os estudantes residentes. Tinha o café da manhã para eles, o almoço e a janta.

Entrevistadora: Então eram três refeições.

Entrevistado: Era, café da manhã, almoço e janta.

Entrevistadora: E ficou fraco como? Ficou ruim?

Entrevistado: Assim, não. Acho que foi, sei lá, na época que acho que era falta de dinheiro, alguma coisa.

Entrevistadora: Da universidade?

Entrevistado: Sim. Aquela falta de dinheiro eu acho que caiu um bocado, mas tinha tempo, há uns tempos atrás tinha muita gente que a fila, a fila era que nem essa agora, ela dobrava. Ela dobrava na entrada, não tem a saída do restaurante?

Entrevistadora: Sim.

Entrevistado: Não tem a saída do restaurante que o pessoal termina de comer e sai? Ali é que era a entrada

Entrevistadora: Aí a fila ia lá no começo?

Entrevistado: Era uma fila no corredor, aquele corredor não era, não tinha grade, não tinha nada, ia “simbora” a fila até lá embaixo.

Entrevistadora: Tu lembra da época que fechou, o restaurante?

Entrevistado: Me lembro não, não guardo memória não.

Entrevistadora: Como era a tua relação com os estudantes, ao longo dos anos?

Entrevistado: Rapaz! A relação com os estudantes era boa, até uns tempos atrás, que foi o tempo que fechou, que a gente foi servir de para lavar o banheiro; teve uma confusão com os estudantes; os estudantes eram muito amigos da gente, meu, de “Raminho” (outro que a gente estava limpando), nesse dia teve um menino que é meio, né. Ele se abusou porque o rapaz foi “mijar” por trás da sala de estudo, um dos da gente, porque nessa casa 03, a gente não podia entrar na casa dos residentes, quem limpa é ele, a gente só podia limpar a sala de estudos e sala de televisão e a cozinha. E a gente tinha que deixar tudinho limpo, fogão e tudo.

Entrevistadora: Foi na casa 2, foi?

Entrevistado: Casa 03. Ali dentro. Aí o menino pegou e disse; vem cá, e eu vou urinar aonde? Aí ele disse – aí dentro da mata. Aí ele disse não! Vou entrar dentro dessa mata para urinar não e aqui detrás da casa tem um canal. Porque detrás da casa tinha um canal que quando a água vinha da mata caia dentro daquele canal para não cair nas casas. Aí o rapaz chegou, viu esse menino que era muito amigo da gente, foi falar com ele, ele virou as costas para a gente e falou que a gente estava errado. Aí de lá para cá eu fiquei meio, não fiquei muito confiado em estudante não.

Entrevistadora: por conta desse fato né?

Entrevistado: Por conta desse fato mesmo.

Entrevistadora: E com teus colegas de trabalho, no geral em todos esses lugares pelos quais você já trabalhou?

Entrevistado: Tive confusão, tive confusão, tive confusão com três; foi três, foi? Foi. Um foi um vigilante que eu briguei com ele e um foi dois colegas que trabalhava comigo mesmo, que meu menino mais novo, com nove meses tinha falecido na época, aí você fica triste!

Entrevistadora: Uhum!

Entrevistado: Cheguei para trabalhar, me sentei, que eu trabalhava no restaurante ainda, aí me sentei e fiquei de cabeça baixa, aí ele chegou com um melão podre, aí pá! nas

minhas costas, estourou, aí eu me levantei sai “abofetando” ele, a gente desceu, foi falar com a prof^a Célia, que mandaram a gente ir, ele sangrando, aí subiu. Pronto.

Aí o outro foi depois dentro do restaurante mesmo, aliás, quatro, foi quatro, pronto foi quatro, esse tal de “Raminho”, já morreu também. Por causa de uma faca, porque ele era “marchante” e eu trabalhava limpando panela, aí fui precisar da faca para raspar a panela, para sair o negócio de dentro. Aí quando eu peguei na faca ele me disse “– me dê a faca que a faca é minha”, aí eu falei vou dar não, aí ele puxou, quase que ela cortava (mostrou a mão), aí fui para cima dele dentro do restaurante mesmo, aí... Sirlei sabe dessa confusão que teve com ele. Aí pronto, de lá para cá não tive mais não.

Entrevistadora: E os chefes?

Entrevistado: Chefes? Olhe, até agora eu não tenho o que dizer de nenhum não. Nenhum. Sempre me tratou bem, eu sempre faço os que eles mandam.

Entrevistadora: E você já passou por muito, né?

Entrevistado: Muitos, não tenho o que dizer de nenhum.

Entrevistadora: uhum!

Entrevistado: Nenhum foi assim de me perseguir, não. Tudo que ele mandava eu fazer, eu fazia. Se eu chegava atrasado ele dizia nada, nem perguntava. Que ele sabia que o que ele mandava eu fazer eu fazia, ele dizia “- quando for sete horas você fica aqui porque fulano não vem hoje”. E pronto. Que nem o DAE ficava aberto até tal hora da noite, aí eu ficava no lugar de Rui, no lugar do pessoal que era para ficar, aí nunca tive....

Entrevistadora: O DAE sempre foi naquele prédio?

Entrevistado: Foi, desde da minha época, sempre foi lá, sempre foi naquele lugar, sempre foi ali.

Entrevistadora: Teve algum momento, você avaliando que você pensa; nessa época foi melhor?

Entrevistado: Lá na época do refeitório mesmo, lá atrás.... Dois né! Vou dizer só um não, vou dizer dois; “Parques e Jardins” e o refeitório. Porque “Parques e Jardins” era assim, você trabalhava, vamos dizer assim, tem uma formatura segunda feira, aí ele chegava na sexta feira e dizia “– olhe se você limpar isso aqui no sábado até tal hora, segunda feira você não vem trabalhar”. Pronto, é o tipo conta; você ganha esse dia.

Entrevistadora: Sei.

Entrevistado: pronto, foi um tempo bom.

Entrevistadora: No restaurante era bom....

Entrevistado: No restaurante era bom porque, eu sempre pegava de 10h ia até 7h da noite, até fechar. A hora que eu pegava de tardezinha era melhor, o serviço era menos corrido.

Entrevistadora: Uhum. E quando você lembra, qual foi a fase pior?

Entrevistado: Fase pior? Do meu trabalho teve não.

Entrevistadora: E da Universidade?

Entrevistado: Não, a fase ruim que a gente teve não foi nem da universidade, foi que todo mundo teve também, foi a fase de você, o dinheiro atrasar e você ter menino pequeno, faltava leite ninho, não sei se você se lembra, faltou leite ninho nos comércios que, quando aparecia você só podia levar 2 latas ou 1 lata, que antigamente era numa lata redondinha pequenininha. Pronto. O tempo ruim foi esse.

Entrevistadora: Tu lembra a época?

Entrevistado: Rapaz!...[*pensando*]. Essa menina minha na época tinha[*pensando*].

Entrevistadora: Atrasava o salário nessa época, era?

Entrevistado: Foi quando ficou, mudou de preço, ficou.... Falta verba pra pagar, o pagamento da gente sempre saia no dia tal. Sempre saia assim, vamos dizer assim, no fim do mês, aí atrasava entrava no outro mês, entrava mais dez dias depois.

Entrevistadora: Foi na época da tua filha, te atrapalhei, desculpa, tu ias falar.

Entrevistado: Foi. Ela agora tá com trinta e...[*pensando*] foi em oitenta e pouco, 85, foi 86.

Entrevistadora: Sarney?

Entrevistado: Foi, depois que ele começou a dar aumento, começou a dar aumento a gente acima da inflação, que eu mesmo pensava se ele continuar eu vou ficar rico. [Risos].

Entrevistadora: [risos].

Entrevistado: Que ele dava acima da inflação, se a inflação desse 30, ele dava 60 à gente. Foi.

Entrevistadora: E, fora do Parques e Jardins e do restaurante, quais os outros eventos da Universidade que você se envolvia?

Entrevistado: Calourada!

Entrevistadora: Como era isso?

Entrevistado: A calourada, eu tinha muito colega, muito estudante era amigo meu, aí dizia “– quer ganhar um dinheirinho extra?” Porque sempre a calourada era de noite.

Eu dizia: - quero!

“- Tu vai ficar aqui no DCE, tu vai dormir dentro, tomando conta dessas bebidas” que enchia de bebida. Que não tinha aquelas casinhas para os estudantes vender?!

Entrevistadora: Uhumn.

Entrevistado: Pronto! “- Aí tu vai ficar tomando conta dessas bebidas”. Eu dizia – Deixe comigo. Pronto, aí ficava, quando... ficava, dormia. De noite eu ia trabalhar, aí na outra noite era a festa, aí eles tiravam e eu trabalhava na festa também ali embaixo. Foi até na época que teve, como é... aquela banda famosa que tem dentro da Paraíba....esqueci o nome dela! Que ela é bem famosa[*pausa para pensar*]. “Magníficos”! Até magníficos veio parar aí.

Entrevistadora: Foi, mesmo?![riso]. Essas calouradas eram animadas! Eram dentro da Universidade?

Entrevistado: [Riso].... No campo, ao redor do campo eles botavam as barracas, no meio do campinho da barra.

Entrevistadora: A Universidade apoiava?

Entrevistado: Apoiava, naquele tempo apoiava! É... naquele tempo não tinha briga, não tinha nada, terminava normal. De um tempo para cá foi que foi mudando as coisas.

Entrevistadora: E fora esses eventos que você fazia extra, né. Eu lembro que quando eu entrei aqui em 2010, vocês saiam para, isso que falo é depois da Pró-reitoria, vocês iam para a Colação de grau. Existia isso aqui antes?

Entrevistado: O que você está falando é calourada ou formatura?

Entrevistadora: Da colação de grau.

Entrevistado: Sempre foi o DAE, antes do prof. Inaldo já era do DAE.

Entrevistadora: Vocês faziam o quê, na colação?

Entrevistado: O que fazia era ...era ajeitar as coisas, botar os letreiros, carregar cadeira, botar o nome dos cursos também e entregar as becas.

Entrevistadora: Era um apoio, não era?

Entrevistado: Era. Tipo apoio. Naquele tempo a gente não ganhava não, mas de um tempo para cá a gente foi ganhando um negocinho (dinheiro) pra.... Porque quando era aqui era de dia, quando passou pra lá de noite, e aí de noite né.

Entrevistadora: Lá que tu falas era onde?

Entrevistado: No Centro de Convenções. Porque saiu aumentando...antes era menos pessoas daí saiu aumentando, o grau de estudante saiu chegando mais e....

Entrevistadora: E desses anos todos o que tu sentes mais saudade, o que tu lembra e diz – Eita, essa época eu sinto saudade.

Entrevistado: No tempo de juventude quando eu comecei, quando se tinha mais, como se diz, mais energia. Lá no começo...agora não tenho mais aquela energia não. Vai deixar só saudade né, quando chegar a hora de se aposentar porque já tá em época já. Aí vai deixar saudade. Eu mesmo vou ficar com saudade.

Entrevistadora: Quando tu começasses a trabalhar aqui essa Universidade era esse tamanho, não?

Entrevistado: Não. Não tinha esse prédio aqui (Biologia); não tinha o CEGOE, não tinha o Ceagri I, Ceagri II, não tinha o prédio de apoio (administrativo), não tinha a Veterinária, porque a Veterinária era aqui onde é a EAD. Não tem esse prédio da EAD?

Entrevistadora: Uhum!

Entrevistado: Pronto, a veterinária era daquele tamanho. Porque quando eu comecei aqui com o tempo compraram um ônibus; só dois ônibus. Uma era de Agronomia que era amarelo, ôh! Azul e branco e o de Veterinária era verde e branco. Era os ônibus que a Universidade tinha daquela época.

Entrevistadora: E esses ônibus era para quê?

Entrevistado: Para carregar os estudantes daqueles cursos deles. De Agronomia e Veterinária.

Entrevistadora: Eles iam para as aulas práticas?

Entrevistado: [sinalização de positivo com a cabeça]. Só tinha eles dois, cada um tinha o seu.

Entrevistadora: O pessoal fala que aqui era ruim o acesso, nessa época de ônibus.

Entrevistado: É verdade, só tinha, vamos dizer assim, na minha época mesmo começou a CTU, ela fazia o retorno aqui, a CTU, que tinha aquele tal de monobloco maior, uns ônibus bem grande que chega se arrastava no chão quando fazia o retorno ali, em frente a Universidade (por fora).

Entrevistadora: Aqui mesmo (próximo a reitoria)?

Entrevistado: Não, ainda alcancei que eles passavam aqui, o menor passava aqui em cima, ele parava em frente a reitoria. Ele tinha uma parada, pegava os estudantes ali, ia “simbora” e pegava a estrada. Quando voltava a mesma coisa e saía pelo outro portão.

Entrevistadora: Só tinha esse ônibus?

Entrevistado: Era...era, não sei se me lembro.... Se era Rui Barbosa.... [Pausa], depois que foi aparecendo São Lourenço, mais o mais era Rui Barbosa.... Era mais Rui Barbosa

Entrevistadora: O mais tradicional.

Entrevistado: Era mais Rui Barbosa, depois foi aparecer o São Lourenço. [Pausa] Dois Irmãos/ Rui Barbosa que ele fazia o retorno aqui, na praça do Horto (Zoológico).

Entrevistadora: E os curso?

Entrevistado: Tinha outros cursos, mas bem dizer era assim fraco né, começaram a ficar forte desses tempos para cá. Mas na época era Veterinária e Agronomia era os mais fortes que tinham de tudinho. Só Veterinária e Agronomia, é tão provável que eles compraram só dois ônibus, porque naquela época não tinha muito estudante, Agronomia e Veterinária tinha mais.

Entrevistadora: E a população de estudante era mais masculina, quando você olhava via mais homem?

Entrevistado: Era sim.

Entrevistadora: Até nas casas, não era?

Entrevistado: Até nas casas, você tira por isso, que antigamente só tinha uma casa feminina e três masculina.

Entrevistadora: Uhumn.

Entrevistado: Que era casa 01; casa 02 e casa 03, a casa 04 era a das meninas lá, né. Só tinha aquela dali delas.

Entrevistadora: Dessa época do DAE, porque você sempre foi do DAE né? Porque quando fala que foi do restaurante, mesmo indo para outros setores como “Parques e Jardins”....

Entrevistado: Sempre fui do DAE.

Entrevistadora: Teus colegas que estão até hoje, quem são eles?

Entrevistado: Olhe, que trabalhou no refeitório, vivo só tem eu, tem uma senhora que está aposentada que mora em São Lourenço, só.... E Sirlei. Sirlei foi da mesma época.

Entrevistadora: Me diz uma coisa, antes era o DAE, né?

Entrevistado: Não tinha coordenação nenhuma, pronto, era o DAE e restaurante. E a residência também era lá, mas tudo era com ela (prof^a Célia). Não tinha coordenador para aquilo ali, aquilo ali não.

Entrevistadora: Era um diretor....

Entrevistado: Era ela mesma que era diretora que tomava conta de tudinho. E aqui em cima era Sirlei que cuidava do restaurante.

Entrevistadora: Como você viu a mudança, quando deixou de ser DAE e passou a ser Progest?

Entrevistado: [pausa].... Acho que o DAE era melhor. Aliás, de ter menos serviço

Entrevistadora: uhum.

Entrevistado: Era melhor do que agora, porque agora é mais corrido, mas antigamente não era tão corrido não, era bom.

Entrevistadora: Você sentiu por você e seus colegas quando se transformou em Progest? Já que você diz que agora é mais corrido? Eu entendo que tem mais coisa, mais gente trabalhando.... Tu sentisses que colegas sentiram muito a mudança?

Entrevistado: Foi assim, vou dizer assim, foi um negócio quase de surpresa. Porque quando a gente veio saber aí já estava perto de mudança já, já tinham chamado já o prof. Valberes, que a gente pensava que era o Diretor que estava no poder que era o prof. Inaldo...aí isso aí a gente ficou meio, né ...triste. Que não pode fazer nada, mas por dentro fica magoado.

Entrevistadora: Pronto Icinho, tem alguma coisa que você queira acrescentar, queira relatar da época?

Entrevistado: Da época eu só tenho saudade de que Deus levou, que me deu muita força, foi a prof^a[*pensando*].... Rapaz esqueci o nome dela! ...não me lembro o nome dela mais não.... Ela era do DSG. É uma gente boa.....que ficou doidinha que eu fui trabalhar.... Eu trabalhava aqui, mas aí quando eu fui trabalhar no Parques e Jardins quando ela estava lá, ela disse: “ – vou botar você para trabalhar com meu marido um mês na Federal”.

Entrevistadora: Na UFPE?

Entrevistado: Sim, eu fui trabalhar com o marido dela lá na federal e ele queria que eu ficasse lá na época. Ele disse “– não, a gente vai ajeitar o documento todinho e você fica aqui Federal”. Aí eu disse – não, eu sou acostumado lá e não me acostumo aqui não professor.

Entrevistadora: Tu sempre morasses aqui pertinho?

Entrevistado: Sempre, sempre! Nascido e criado aqui dentro desses matos.

Entrevistadora: você frequentava aqui a Universidade?

Entrevistado: O que eu vou dizer, ninguém vai gostar, né. Vê! Quando eu largava, vê! O negócio que você está trabalhando, está ganhando seu dinheirinho, eu vinha para cá, por ali por trás, não tem. Tem esses, essas coisas, cobogó tudinho grandão, atrás dele não tem vidro, quando eu olhava, não tinha ninguém, eu saía quebrando os vidros.

Entrevistadora: [risos].

Entrevistado: Que até hoje eu fico comigo mesmo, mas rapaz como é que eu trabalhando no canto, passava, dava uma de maloqueiro e quebrando o vidro? Quebrava um vidro, corria e ia me bora, no outro dia quebrava o vidro, corria e ia embora.

Entrevistadora: [risos]. Ôh, Icinho, quando foi que eles te chamaram e disseram “– Agora você é funcionário da Universidade?”

Entrevistado: Estava dentro do restaurante já, ele chegou (o Departamento Pessoal), aí saiu pegando o documento de todo mundo, mandou levar o documento e a gente levou. A gente trabalhava no restaurante, mas não tinha nada desse negócio de restaurante, o que a gente atendia era auxiliar de parques e jardins, o nome que a gente tinha, quando vinha no papel para a gente.... Aí quando veio que a gente, quando assinou a Carteira da gente que veio, que passou o primeiro contracheque veio Auxiliar de Nutrição e Dietética. Eu disse: – Oxe! O que é isso? [Risos].

Entrevistadora: [risos].

Entrevistado: Parques e Jardins eu sei que é limpar mato, mas aí eu saí perguntando. Tinha um senhor que trabalhava no Almojarifado, que o filho dele até trabalhava no DP, o nome dele era seu Hélio, eu perguntei: – oh seu Hélio, o que é Auxiliar de Nutrição e Dietética? Ele disse “- você trabalha aonde?” Eu disse no refeitório, ele disse “– então pronto; é quem trabalha com comida”. Eu disse, aí está certo. Me deram um cargo que eu nem sei o que é.

Entrevistadora: Aí na época era Carteira assinada, era?

Entrevistado: Quando a gente passou... naquela época era recibo, Carteira assinada era quando mandou a gente levar o documento, daí passou um mês e veio o contracheque; o contracheque tinha uma folha de carbono no meio.

Entrevistadora: Certo.

-----*Segunda parte (o entrevistado lembrou da época que trabalhou como vigilante)*-----

Entrevistado: No passado, o cargo de vigilante aqui, os “pessoal” de vigilante tinha muito pouco, aí foi um tempo de carnaval e festa do morro, aí não tinha como ficar aí...perguntaram a gente se dava para a gente ficar, três pessoas; era eu, outro colega meu que trabalhava no “Parques e jardins” e o outro que se aposentou, perguntou se dava para gente trabalhar e se dava e davam um negocinho (dinheiro) a mais à gente. A gente foi; trabalhei aqui em cima (próximo a reitoria); meu colega lá no lado da Veterinária e o outro lá na...como é o nome? Lá na Agronomia. Cada um num setor. Pronto! Aí a gente ficou de manhã até 10h da noite, quando chegou os outros que já

estava...[inaudível]. Esse tempo que a gente passou do carnaval, a gente trabalhou o carnaval todinho e a festa do morro. Que a festa do morro foi um dia só, né, sempre é dia 8.

Entrevistadora: E era um extra era?

Entrevistado: Era. Não botava no coisa da gente não, pagava em mãos. Aí foi bom, estava precisando, eu não gosto de carnaval, aí eu vou trabalhar, vou ganhar essa extra.

Entrevistadora: Só foi uma vez?

Entrevistado: Foi dois anos, nessa época, até eles fazerem concurso para vigilante.

Entrevistadora: Nessa época ainda tinha concurso para vigilante?

Entrevistado: Nessa época ainda tinha.

Entrevistadora: Tinha pouco funcionário?

Entrevistado: Era, os vigilantes que tinha, se tinha cinco tinha muito e já tavam tudo velho já. Já estava já andando a pulso. Aí botou a gente novinho, agora sem arma né, só de boca, só para gritar.

Entrevistadora: Para dar o susto.

Entrevistado: Naquele tempo se você se deitasse aí, ninguém vinha roubar aqui não, e era aberto. Não tinha muro não, só a mata mesmo, nem cerca tinha.

Entrevistadora: Essa comunidade que tem aqui de lado não tinha não, né?

Entrevistado: Tinha não, tinha mas era dez, quinze casas, vinte casa, uma aqui outra lá.... Uns trezentos metros de distância uma da outra, quatrocentos metros, quinhentos metros

Entrevistadora: Foi crescendo com o tempo?

Entrevistado: Foi crescendo com o tempo.

Entrevistadora: Ôh, Icinho, é verdade que a maioria das pessoas que moravam aqui nos arredores eram funcionários daqui ou isso é lenda?

Entrevistado: Não, é verdade. Depois que os funcionários foram vendendo o lugarzinho que estava e foram chegando gente de fora. Mas por aqui por dentro, por aqui tudo era funcionário. Funcionário era tudo pertinho da Universidade mesmo.

Entrevistadora: Além de você, alguém mais da sua família trabalhou aqui?

Entrevistado: Meu avô, que já morreu, meu pai, também já morreu, meu irmão e eu.

Entrevistadora: Foi teu pai quem te trouxe para cá?

Entrevistado: Não, quem me trouxe para cá foi meu tio, o irmão da minha mãe que era funcionário também. E quem trouxe meu irmão foi meu pai.

Entrevistadora: uhm!

Entrevistado: Meu irmão naquela época era cobrador da Progresso (empresa de ônibus).

Ele aproveitou o tempo de lá e se aposentou.

Entrevistadora: Está certo! É isso, Icinho. Muito obrigada mais uma vez.

Entrevistado: De nada, o que eu me lembrar do passado eu vou dizendo.

9.5. Modelo do Termo de cessão de direitos utilizado para os depoimentos orais

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL PARA SIMONE MUNIZ DA SILVA COM
O OBJETIVO DE UTILIZAÇÃO NO TRABALHO FINAL DO MESTRADO PROFISSIONAL EM
HISTÓRIA

1. Pelo presente documento,

_____;

RG _____; CPF _____;

Estado civil _____; profissão _____;

Domiciliado (a) em _____

Transfere neste ato, gratuitamente, em carácter universal e definitivo à pesquisadora
SIMONE MUNIZ DA SILVA a totalidade dos direitos patrimoniais de autor sobre o
depoimento oral prestado no dia _____, na
cidade _____ UF _____.

2. Na forma preconizada pela legislação e pelas convenções internacionais de que o Brasil é
signatário, o DEPOENTE, proprietário originário do depoimento de que trata este termo, terá
indefinidamente, o direito ao exercício pleno dos seus direitos morais sobre o referido
depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.
3. Fica, pois, SIMONE MUNIZ DA SILVA plenamente autorizada a utilizar o referido depoimento
no todo ou em parte em seu TRABALHO FINAL do mestrado profissional em História, editado
ou integral, inclusive utilizando-o também em artigo científico.
- Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam
o presente documento em 2(duas) vias de igual teor e para um só feito.

LOCAL

____/____/____

DATA

PESQUISADORA
SIMONE MUNIZ DA SILVA
CPF: 04242739427

CEDENTE
CPF